

Universidade de São Paulo
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
Curso: Pós-graduação / Doutorado em Arquitetura e Urbanismo
Área: História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo

Mapeando os lugares do esquecimento:

idéias e práticas na origem da preservação do patrimônio no Brasil

Assim: 1646573

Tese de doutoramento

Aluna: Cecília Helena Godoy Rodrigues dos Santos

Orientador: Prof. Dr. Carlos Alberto Cerqueira Lemos

Agosto de 2007



46227

Resumo

Situado no âmbito da preservação do patrimônio no Brasil, este trabalho se interessa em discutir as idéias e as práticas que estão na origem da organização do atual Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN (situadas entre as décadas de 1920 e 1960), a partir da estrutura e do conteúdo do seu texto fundador: o anteprojeto para o Serviço do Patrimônio Artístico, elaborado por Mario de Andrade em 1936.

Como hipótese principal consideramos que Mario de Andrade - autor do anteprojeto e grande interlocutor da Instituição até sua morte - e Rodrigo Melo Franco de Andrade - autor do texto do Decreto-lei n. 25 / 1937 que organiza legal e administrativamente o Serviço do patrimônio, dirigindo-o durante os primeiros 30 anos de existência - representam as duas faces solidárias da ação patrimonial do IPHAN no momento da sua criação, pensando e agindo de forma dialética e complementar, e de acordo com os princípios esboçados no anteprojeto.

Discutimos essa hipótese a partir de pesquisa bibliográfica retrospectiva e de investigação em arquivos técnicos e administrativos ligados a personagens e Instituições que participaram do debate para a criação do IPHAN. Ao orientar a pesquisa para a problematização e superação da dicotomia que tem restringido a discussão sobre patrimônio no Brasil à contraposição ideológica entre "pedra e cal" (o *material* contemplado no decreto) e "cultural" (o *imaterial* contemplado no anteprojeto), tornou-se fundamental historiar as noções que conformaram o campo da preservação do patrimônio, no Brasil e internacionalmente, situando-as no tempo e no espaço, bem como estabelecer os contornos desse campo do conhecimento.

PALAVRAS-CHAVE: preservação do patrimônio; patrimônio histórico e artístico nacional; patrimônio cultural e identidade; anteprojeto de criação do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional; o patrimônio de Mario de Andrade.

Abstract

Inserted into the heritage conservation field in Brazil this work aims to consider the ideas and practices found at the organization root of the existing IPHAN, - the Brazilian Cultural Heritage Institute (between the 1920s and the 1960s) -, commencing from the structure and content of its founding text: the preliminary proposal for the Cultural Heritage Service, as prepared by Mario de Andrade in 1936.

As the leading hypothesis we consider that the author of this preliminary proposal and also great interlocutor of the institution until his death - Mario de Andrade - along with Rodrigo Melo Franco de Andrade, author of the text of the Decree 25/1937 which legally and administratively organized the Heritage Service and who had run it during its first 30 years – these two men represent the cooperative faces of IPHAN's heritage task at the moment of its creation, since they pondered and acted in a dialectical and complementary approach, as well as consistent with the principles delineated in that preliminary proposal.

We have examined this hypothesis starting from the investigative and retrospective bibliographical analysis in technical and administrative archives, linked to individuals and institutions that were part of the careful thought prior to the establishment of IPHAN. In adjusting the research toward the problem-rendering and dichotomy-overcoming, which has confined the debates upon cultural heritage in Brasil to the ideological opposition between “stone and lime” (the tangible mentioned on that decree) and “cultural” (the intangible mentioned on that preliminary proposal) -, it became crucial to report the notions that would conform the heritage conservation field in Brasil and abroad, positioning them in time and space, as well as to establish the boundaries of this field of knowledge.

KEY-WORDS: heritage conservation; national artistic and historical heritage; cultural heritage and identity; preliminary proposal for the creation of the National Artistic and Historical Heritage Institute; Mario de Andrade's heritage.

Agradecimentos

Ao longo desse longo processo de busca e investigação, aprendi com a sábia lucidez de José Saramago que: "a ilha desconhecida não passa duma idéia da tua cabeça, os geógrafos do rei foram ver nos mapas e declararam que ilhas por conhecer é coisa que se acabou há muito tempo"; verdade principalmente quando se navega em águas da modernidade líquida. Mas continuei com a sábia certeza de Mario de Andrade, presente na última frase da sua última carta a Rodrigo Melo Franco de Andrade, escrita dias antes de morrer: "(...) diz ele que já fizera semelhante observação e até já falara comigo sobre. Paciência. É assim que minha feliz memória me permite descobrir e inventar muitas coisas à custa da inteligência alheia. Resta o prazer, quase físico, do descobrimento, que esse não se tira".

Obrigada Saramago. Obrigada Mario.

Comecei meu trabalho concordando com a voz comum quando afirma que uma tese de doutorado é um trabalho intelectual árduo e solitário. Gostaria de agradecer a todos colegas, familiares, amigos e amigas, que me ensinaram que esse imenso esforço intelectual é árduo e pessoal, mas não é solitário.

Devo agradecer especialmente, ao professor Lemos, pela generosa erudição, pelo brilho, e pela paciência. Depois a todos meus mestres, formais e informais, ao longo da vida. Obrigada.

Agradecer também às oportunidades profissionais que me foram oferecidas e que permitiram que eu sustentasse, também, minhas horas de pesquisa e reflexão. Obrigada.

Em seguida preciso agradecer a todos que foram presentes, presentes de apoio e gentilezas; agradecer pelos livros emprestados, pelas dicas fundamentais, pela receita de floral turbinado, pelo exercício de respiração que renova, por me fazer rir de mim, pela hospedagem e pelo café, pela crítica e pela bronca, pelo entusiasmo, pelo telefonema, pela cópia do documento inacessível, pelas aulas, pelo ouvido paciente, pelas palavras iluminadoras e iluminadas, pelas trocas de e-mails e informações, pelo caminho da meditação, pelos segredos do bosque encantado, pela massagem e pelo *reike*, pelo bolo e por tudo que foi doce, pela compreensão, pela palavra enérgica na hora certa, pelas longas reflexões ao pé de um bom *rouge*, pela louça

lavada e pela mesa posta, pela complacência (que pode não ser desastre), pela carta, pelo silêncio, pelo aroma de lavanda, pelas receitas, pela confiança. Obrigada.

Mesmo sabendo que não é "praxe", não posso deixar de agradecer também a todos que foram ausentes. A todos que esqueceram, que negaram, que não ouviram, que chegaram atrasados e que tiveram que sair antes, que duvidaram, que simplesmente não se interessaram, que deixaram para depois, que não tiveram tempo, que estiveram ocupados demais ou longe demais para entender, responder ou apenas ouvir. Sem esse desafio acho que não teria conseguido chegar ao fim. Obrigada.

E porque acredito que pensar o patrimônio - que tem o passado como seu principal objeto de estudo - significa trabalhar por um futuro melhor, ofereço esta esperança a meus filhos Clara e Miguel.

Dedico finalmente esse trabalho a dois grandes amigos que estão na sua origem. Eles provocaram, sugeriram, ajudaram, discutiram, insistiram até me convencer a aceitar o "desafio patrimonial" mas, infelizmente, não puderam esperar pelo resultado: a Antonio Luiz Dias de Andrade e Jean-Pierre Halevy - em memória.

Cecília Rodrigues dos Santos
inverno de 2007

Sumário

Introdução	07
 Capítulo I	
A abrangência do patrimônio cultural.....	13
Os suportes da memória	18
Cultura e nacionalidade	21
Cultura e folclore	25
Cultura e etnologia	30
 Capítulo II	
A especificidade do patrimônio histórico e artístico nacional	42
Arquitetura de ruínas	47
Arqueologia de museus	60
 Capítulo III	
A oficialização da memória no Brasil: proteção necessária	71
Idéias e práticas solidárias	76
Entre o patrimônio nacional e a cultura municipal	87
O Anteprojeto na prática	92
 Capítulo IV	
O estado da questão: origem e deenvolvimento da idéia de preservação dos legados do passado	100
Cronologia Histórica: século XVIII	112
Cronologia Histórica: século XIX	118
Cronologia Histórica: século XX.....	151
 Conclusão	 181
 Bibliografia	 183

Introdução

Discutir as idéias e as práticas que estão na origem da organização do atual Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN* foi a proposta inicial desse trabalho de pesquisa e reflexão. Na tentativa de criar contornos mais definidos para proposta tão ampla, tomamos como foco e eixo estrutural, o texto fundador do IPHAN, o Anteprojeto para criação do Serviço Histórico e Artístico Nacional, elaborado por Mario de Andrade em 1936.

O trabalho foi organizado a partir do próprio texto do Anteprojeto para o Serviço do Patrimônio, preterido em favor do Decreto-lei n. 25, mais enxuto e adequado à prática legislativa e à administração do trabalho patrimonial. Denso e polêmico, tanto nos detalhes como na abrangência, o Anteprojeto estabelece os objetivos da nova instituição, delimita um campo de discussão, levanta problemas, cria uma estrutura técnico-administrativa, nomeia interlocutores e opositores, enquanto define o que entende por "patrimônio artístico nacional" e como deve ser a sua preservação. Define a obra de arte patrimonial, classificando-a em oito categorias; define uma nova terminologia para nomear a proteção, o "tombamento" (diferente de "classificação", tradução literal do francês, adotada internacionalmente inclusive por Portugal); cria quatro livros de tomo e quatro museus nacionais a eles associados como instrumentos e lugares da preservação. Se a função do Anteprojeto era conformar a primeira tentativa efetiva de institucionalização do patrimônio no Brasil, servindo de base para o texto da legislação, ele acaba extrapolando, suas atribuições e criando polêmicas que persistem até os dias de hoje, como se acontecer com Mario de Andrade.

A decisão de tentar atualizar a discussão sobre a preservação do patrimônio no Brasil, significou uma operação de explicitar historicamente e trazer para o presente uma série de noções que estão na origem do pensamento desse campo do conhecimento - situadas na Europa Ocidental, no final do século XVIII - recuperando aspectos de sua longa história e tradição. O objetivo é apontar momentos de inflexão nessa seqüência de permanências e rupturas, que possam explicitar as formas com que as diferentes culturas se relacionam com o passado, como dele se apropriam para transformá-lo.

O pano de fundo da investigação é a crescente ampliação e abrangência da noção de patrimônio, que acaba sendo confundida com a concepção antropológica de cultura, e as dificuldades da preservação, considerada enquanto conjunto de práticas e idéias consolidadas em um campo do conhecimento específico, acompanhar esta expansão, legitimando-a com a necessária reflexão conceitual; justamente quando patrimônio é quase tudo, se não é tudo, e quase todos se consideram legitimamente investidos da competência de exercer a sua preservação, é que o debate e a reflexão são mais urgentes.

Com o passar dos anos não se tratava mais da preservação do "patrimônio histórico e artístico nacional" e sim do "patrimônio cultural", entendido como o conjunto de todos os objetos, edifícios, atividades, paisagens e até sonhos construídos pelo homem, reivindicado como um "direito" pelos cidadãos do mundo, indicado como um dos principais fatores de pertencimento e alteridade em um mundo globalizado. Porém, o patrimônio continuou, e continua, trabalhando com os mesmos "velhos" instrumentos que passam a não atender à tantas expectativas, recebendo críticas cada vez mais contundentes, muitas delas desmemoriadas em relação à própria ação de rememorar coletivamente tendo os vestígios das civilizações e culturas como suporte.

O atropelamento da reflexão pela urgência política das ações - em um quadro geral de velocidade cada vez maior da comunicação, impulsionada por interesses econômicos cada vez fortes - tem colaborado para colocar em risco não só a credibilidade das instituições de patrimônio e seu trabalho, como tem praticamente inviabilizado a preservação nas suas diferentes faces: a *institucional*, mais consolidada e, pelo menos legalmente, incontornável; a *acadêmica*, que chegou mais tarde, centrada em referências teóricas internacionais, às vezes injustamente desacreditada porque desvinculada da "prática tradicional", e a *face de mercado*, que vem se ampliando, e na maior parte das vezes não leva em conta a experiência e a reflexão das outras duas, justificando-se pela premência de prazos e resultados.

O processo de adjetivação do nome, "patrimônio", com qualificativos como "histórico", "artístico" e "nacional", recebeu atenção especial, assim como a definição do campo de conhecimento da preservação do patrimônio, objeto de outro capítulo que tenta identificar a solidariedade entre arqueologia, museus e restauração de edifícios no início da

história da preservação, e a pulverização em disciplinas concorrentes ao longo da transformação da noção de patrimônio e da prática da preservação.

Para refletir sobre a preservação do patrimônio no contexto acima esboçado, foi necessário construir um quadro de referências, nacionais e internacionais, que favorecesse os confrontos, relações e aproximações entre homens, idéias e fatos, consubstanciado em uma Cronologia Histórica. Pensada no início do trabalho apenas como um instrumento metodológico, a Cronologia cresceu e acabou se tornando o próprio estado da arte, merecendo extensa pesquisa paralela, complementar à pesquisa prevista inicialmente para o trabalho. Os parâmetros para a organização da Cronologia Histórica e as referências bibliográficas, bem como o quadro geral organizado ano a ano, estão localizados no final do volume, dada a sua extensão.

Para entender que referências nortearam tanto Mario de Andrade na elaboração do Anteprojeto, como Rodrigo Melo Franco de Andrade e todos os intelectuais que orbitavam em torno do Serviço responsáveis pela sua consolidação, e além da Cronologia, desenvolvemos dois capítulos que tentam situar a noção de patrimônio desde a sua origem na França do século XVIII, a sua transformação e consolidação durante o século XIX na Europa Ocidental, refletindo sobre a origem de conceitos e leis, sobre as formas de institucionalização e gestão, e sobre a construção de um campo de conhecimento que se colocava na confluência da arquitetura, com a arqueologia e com a história da arte. Avançamos até o ano 1931 quando acontece a primeira reunião internacional para discutir conceitos e critérios técnicos e éticos para a preservação e a restauração. A "Conferência de Atenas sobre a conservação artística e histórica dos monumentos", ocorrida neste ano, gerou a Carta de Atenas, a principal referência para os brasileiros que em 1936 organizavam o Serviço do Patrimônio. Ao lado do modelo padrão estatal francês (do qual se adota inclusive a terminologia) e da análise de diferentes legislações sobre patrimônio existentes. Importante ainda lembrar que o IPHAN foi criado em 1937, portanto às vésperas da eclosão da Segunda Guerra Mundial. Nos primeiros dez anos de trabalho a inteligência patrimonial brasileira se viu isolada do principal centro de debates sobre patrimônio, a Europa, onde se destruía em escala nunca antes vista, e onde se passou a reconstruir e restaurar em escala também nunca vista, no atropelo de teorias e a presença de novas questões.

Um dos principais pontos que distingue o Anteprojeto do Decreto, justificativa para uma possível dicotomia entre os dois textos, é a inclusão no Anteprojeto dos "monumentos da arte popular" entre aqueles bens que deveriam ser avaliados e eventualmente protegidos, que recebem, ao longo da literatura de Mario de Andrade e do próprio texto, denominações outras como folclore, etnografia ou arte / cultura popular. Um dos nossos objetivos no trabalho foi identificar, primeiro o lugar ocupado pela etnologia e pelo folclore no século XIX na Europa, no momento da definição da área patrimonial, e as possíveis relações, ou conflitos de interesse, das respectivas áreas. Depois procuramos identificar como essas noções se apresentavam nos anos 1930 no momento da construção do IPHAN e, ainda, como as mesmas noções poderiam se comportar ao serem "traduzidas" e transpostas da Europa para a América do Sul. Ou seja, se o objetivo da etnografia européia era a análise da alteridade do primitivo e do selvagem para melhor entender a sua própria sociedade, ficava a dúvida sobre como deveríamos nos comportar, nós "os primitivos", em relação à pesquisa etnográfica, que alteridade buscar.

A comparação entre o anteprojeto de Mario de Andrade e o texto do Decreto-lei n. 25/1937, aquele que irá organizar legal e administrativamente o então Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - SPHAN, de autoria do advogado mineiro Rodrigo Melo Franco de Andrade, levantou a principal hipótese para a pesquisa e o desenvolvimento do trabalho. Com base em leituras preliminares e na experiência profissional no âmbito do IPHAN, discordamos da crítica que, a partir do final dos anos 1980, têm se debruçado sobre a constituição do IPHAN para concluir que os dois textos citados seriam conceitual e ideologicamente antagônicos; o Decreto-lei n. 25 identificado com o poder político ao proteger preferencialmente a arquitetura religiosa e militar do Brasil colonial, teria preterido o Anteprojeto de Mario de Andrade, não conseguindo absorver sua proposta mais ampla e revolucionária de patrimônio, já na época identificado com a noção antropológica de cultura.

A idealização e conseqüente isolamento em que Mario de Andrade e seu Anteprojeto para o SPHAN acabou reforçando a proposta, consubstanciada em lei no Brasil, que dissocia patrimônio material e d patrimônio imaterial, investindo o primeiro de um caráter "elitista" e o segundo de um caráter "socializante redentor". Não se trata de negar a importância de Mario de Andrade, da sua atuação e das suas idéias, mas contemplar seu pensamento e sua ação na complexidade que lhe é intrínseca e com toda "humanidade" que

agradaria a ele, procurando situá-las nos embates e polêmicas do seu tempo e no confronto com a realidade do trabalho cotidiano que consolidou essa instituição cultural criada em meados dos anos 1930 no Brasil. Trabalhamos, portanto com a hipótese de que Mario de Andrade e Rodrigo Melo Franco de Andrade, representam as duas faces solidárias da ação patrimonial no Brasil: o “patrimônio de pedra e cal”, constituído pelos monumentos tombados, que teriam sido privilegiados pelo SPHAN no seu trabalho, e o patrimônio cultural que inclui o patrimônio imaterial ou intangível.

Lembrando que, entre os diferentes trabalhos conduzidos concomitantemente por Mario de Andrade entre os anos de 1935 e 1938, estava a criação e direção do Departamento de Cultura da Prefeitura e São Paulo, no seio do qual ele criou a Sociedade de Etnologia e Folclore. E lembrando ainda que o aspecto popular e etnológico dos bens a serem considerados em um instrumento de proteção foi pela primeira vez contemplado por Mario de Andrade em 1936 no âmbito do anteprojeto, tendo sido retomado por Aloísio Magalhães em 1975, quando à frente do Centro Nacional de Referência Cultural - CNRC, e depois pela Fundação Nacional Pró-Memória. Mais tarde foi fixado pela Constituição de 1988 nos artigos 215 e 216, e teve a sua proteção formalizada com a promulgação do Decreto n. 3551 de 04 / 08 / 2000, que institui o "Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial que constituem patrimônio cultural brasileiro"; dessa maneira Mario de Andrade nos conduz em linha reta dos anos 1930 ao âmago da discussão contemporânea sobre preservação do patrimônio, que culmina hoje na discutível dissociação entre materialidade e imaterialidade. Antes, portanto de procurar contrapor concepções de patrimônio antagônicas, procurou-se provar que os dois personagens fundadores do IPHAN teriam pensado e agido de forma dialética e complementar, sempre solidária, para construir uma Instituição que se preocupou, pelos enquanto esteve sob a direção de Rodrigo Melo Franco de Andrade, em conhecer e valorizar a cultura brasileira em todas as suas manifestações e suportes.

Para demonstrar, através do detalhamento dessa ação patrimonial abrangente, que a política de preservação e a ação do IPHAN no período estudado eram bastante amplas - não se restringia aos estudos de tombamento, à restauração dos bens tombados e até aos estudos e inventários que subsidiaram a eleição dos objetos a serem protegidos por tombamento - recorreremos à correspondências oficiais e pessoais, artigos e depoimentos. Ressaltando a importância de recuperar uma face pouco conhecida da história da Instituição: a memória do cotidiano e seus embates; a memória das obras de restauração; a

memória contida em trabalhos como pareceres, inventários, processos de tombamento, documentos guardados naqueles arquivos injustamente considerados “mortos”. As discussões e os debates gerados pelas diferentes decisões técnicas muitas vezes ficaram dispersos em documentos de trabalho ou correspondências trocadas, e outras vezes sequer foram documentadas, constituindo-se apenas a “memória oral dos mais velhos”, como em uma antiga corporação de ofícios.

O desenvolvimento do trabalho apoiou-se ainda em uma revisão bibliográfica retrospectiva, orientada em função de quatro eixos. O primeiro deles diz respeito à história e à teoria da preservação do patrimônio, e pretende orientar a discussão sobre as noções que constituem a base conceitual sobre a qual se apóia o trabalho, tendo como objetivo estabelecer um léxico básico de referência. O segundo eixo contemplado pela bibliografia é aquele que se propõe a estabelecer o estado da questão, ou seja, os dados sobre a origem e desenvolvimento da preservação, posturas e idéias. O terceiro eixo amplia a bibliografia estabelecida no eixo anterior, em função da inclusão de outros interlocutores, para além daqueles que se tornaram os protagonistas “oficiais” de uma história que tem se repetido com um caráter, até certo ponto, hegemônico. Essa bibliografia deve apoiar a ampliação do campo intelectual, sendo definida a partir da montagem de um quadro cronológico de relações entre pessoas (biografias), eventos, fatos históricos e publicações. Um quarto eixo da bibliografia, uma extensão à pesquisa em fontes primárias, inclui a consulta a sites da Internet que disponibilizam seus arquivos para pesquisa virtual - como é o caso do CPDOC da Fundação Getúlio Vargas do Rio de Janeiro, que conta com os arquivos de Rodrigo Melo Franco de Andrade e Gustavo Capanema - e a releitura de publicações que divulgam documentos de interesse para o trabalho como, por exemplo, as obras “Rodrigo e o SPHAN” (1987) e “Mario de Andrade: cartas de trabalho” (1981), ou as publicações sobre Mario de Andrade elaboradas a partir dos documentos sob a guarda do Instituto de Estudos Brasileiros - IEB. Os principais arquivos visitados foram o arquivo da 9ª SR do IPHAN - SP; Arquivo Central e Biblioteca Noronha Santos, IPHAN, Rio de Janeiro; Arquivos do IEB, USP - SP.

* Denominações do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN que serão encontradas nesse trabalho e na bibliografia:

S.P.A.N. - Serviço do Patrimônio Artístico Nacional (utilizado apenas por Mario de Andrade no ante-projeto de 1936); SPHAN - Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (1937 - 1946); DPHAN - Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (1946 - 1970); IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (1970 - 1979); SPHAN - Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (1979 - 1990); IBPC - Instituto Brasileiro do Patrimônio Cultural (1990 - 1994); IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (desde 1994). Nas correspondências aparece também PHAN - Patrimônio Artístico Nacional. Utilizaremos o nome correspondente à época que estaremos tratando.

Capítulo I

A abrangência do patrimônio cultural

A idéia de preservação de legados e de heranças do passado – ação que inclui operações de identificação, conservação, restauração, gestão, proteção legal – assume uma conotação cultural e inicia sua constituição enquanto campo específico do conhecimento em meados do século XVIII, desenvolvendo-se ao longo do século XIX, para se firmar definitivamente no século seguinte. Hoje, pode-se afirmar que a preservação do patrimônio constitui um campo de conhecimento autônomo e específico, constituído por legislações de proteção e jurisprudência; por um corpo teórico relativo ao restauro e à conservação de bens móveis e imóveis; por uma reflexão crítica sobre a abrangência e o significado da ação patrimonial; por uma tradição e uma metodologia de pesquisa e de inventário; por instituições organizadas, governamentais e não governamentais, com representatividade local, nacional e internacional, que firmam cartas de princípios quanto a normas técnicas e éticas de intervenção e proteção. Fatos que implicam ainda no reconhecimento de uma competência profissional e de uma formação específica, constituídas de várias especialidades que se completam. Como muito bem assinala Beatriz Kuhl, preceitos e princípios teóricos fundamentam esse novo campo, baseados em pelo menos dois séculos de trabalhos teóricos e experiências práticas relevantes, que afastam o empirismo e a arbitrariedade, conferindo ao campo legitimidade (1).

Quase todos os textos que se propõe a discutir a noção de patrimônio, começam por localizá-lo no seu momento histórico, e por estudar a origem, a etimologia e o significado da palavra (2). Retomando o mesmo percurso vamos confirmar que "patrimônio", desde a origem, remete à idéia daquilo que é sagrado, à herança de bens de família e à memória do indivíduo. Na França pós revolucionária, patrimônio passa a designar também um bem comum a um grupo social, definidor de sua identidade e enquanto tal merecedor de proteção significado intimamente vinculado àquele momento histórico preciso (3). O governo revolucionário herda um patrimônio imobiliário e artístico considerável, de enorme extensão e grande valor, composto pelos bens confiscados à Coroa, à nobreza que havia emigrado e ao clero (igrejas, seminários, abadias, catedrais); era

preciso determinar formas de gestão e de administração. O desafio ficou mais agudo com a febre patriótica destruidora que dominou o país, que só veio confirmar que "os monumentos e as obras de arte, em tempos de perturbação, sempre têm a sorte dos símbolos que veiculam" (4). Os movimentos populares se lançaram sobre os monumentos onde se inscrevia "o nome e a glória dos reis", saqueando e quebrando, destruindo igrejas, edifícios, palácios, portais e grupos escultóricos de catedrais. O Estado reage em nome de um prejuízo real, mas também anuncia justificativas morais, pedagógicas e de fruição estética para garantir a integridade de um patrimônio agora propriedade "do povo livre" e que deveria ser destinado ao seu lazer e educação (5).

Em um primeiro momento organiza o "Musée des antiquités et monuments français", no convento dos Petits Augustins, e o "Muséum Central des Arts", no Palácio do Louvre, onde são recolhidos e expostos organizadamente, esculturas, obras de artes, fragmentos de arquitetura, e todos os bens cuja integridade estivesse ameaçada. Em um segundo momento, reconhece-se a importância da conservação *in situ* da arquitetura e dos bens arqueológicos, sistematizando as operações de salvamento, conservação e restauro dos monumentos no próprio local onde se encontravam, fora dos espaços dos museus. Durante os acalorados debates que acompanham estas iniciativas vai se definindo uma prática preservacionista e uma terminologia - noções associadas a palavras como patrimônio, monumento, monumento histórico, vandalismo, inventário, "classificação", etc - , ao mesmo tempo que se organiza uma estrutura técnica, administrativa e legal, centralizada política e administrativamente, e voltada para a salvaguarda dessa herança material; começam a serem ensaiadas operações de inventário, seleção, conservação e restauro.

Em um estudo sobre a maneira como os bens materiais, "vetores da memória" e focos das ações de preservação, são hierarquizados, investidos de valores que extrapolam a sua materialidade, passando a agir como mediadores no processo de atribuição de significados e de rememoração, Krisztoff Pomian (6) nomeia os proprietários, guardiões e conservadores de monumentos e objetos protegidos, acervos de museus e sítios arqueológicos ao longo da história: primeiro o poder político-militar (detentor do saber profano) e o poder religioso (detentor do saber sagrado); a partir do Renascimento, os humanistas (que recuam as fronteiras do tempo através do estudo do passado), os cientistas (que ampliam as fronteiras do espaço através do estudo das coisas) e os artistas (cujas obras concretizam a perenidade e a

eternidade); e a partir do séculos XIX e XX, o poder do dinheiro (que transforma o patrimônio em mercadoria, ressemantizando-o como riqueza material).

Portanto, se ao longo da história a noção fundadora de patrimônio foi se solidarizando com a idéia de preservação apresentando-se como suporte da memória coletiva, era previsível que o significado inaugural da palavra se expandisse. Perdido de sua história e da sua precisão de origem, o patrimônio tem que ser adjetivado para que possa se explicitar ou pelo menos tentar acompanhar a sua expansão, quando se torna histórico, artístico, nacional, universal, cultural, imaterial, material, afetivo, moderno, industrial, etnológico, rural, arqueológico, genético, entre inúmeros outros. Mas os adjetivos revelam apenas que a noção perdeu a clareza conceitual e o referencial histórico, passando a ser desconstruída e reconstruída segundo diferentes enfoques disciplinares especializados, que negam "ligações e solidariedades" para demarcar rigidamente territórios científicos.

O século XIX (para onde se olha) também foi o momento da organização disciplinar no seio das universidades modernas, mas o século XXI globalizado (de onde se fala) é o momento em que mesmo as fronteiras dos campos disciplinares se tornaram porosas e em que os saberes se tornaram nômades; a história da ciência é contada como uma história de relações e trocas, de inter e transdisciplinaridade. Na primeira edição francesa (1992) de seu livro já clássico *A alegoria do patrimônio*, F. Choay afirma que a noção de patrimônio tornara-se, em função da sua diversidade e abrangência, um "conceito nômade"; hoje mais de quinze anos depois, poder-se-ia afirmar que patrimônio e preservação se solidarizaram para definir um campo de conhecimento, para a constituição do qual contribuem vários "conceitos nômades" e várias disciplinas em relação (7).

Confirma-se, portanto a colocação de Marc Bloch, sempre atual: "a nossa civilização ocidental, diferentemente de outros tipos de cultura, sempre esperou muito de sua memória (...) cada vez que nossas tristes sociedades, em perpétua crise de crescimento, põem-se a duvidar de si próprias, vemo-las se perguntarem se tiveram razão ao interrogar seu passado, ou se o interrogaram devidamente" (8). Os sucessivos questionamentos impulsionam a mudança, e o patrimônio se transforma. Deixa de ser simples herança, para ser organizado, estudado, discutido, compartilhado e até reivindicado. Ultrapassa a história, a antiguidade, a excepcionalidade, a autenticidade, e mesmo a materialidade, como critérios de valor e parâmetros de proteção, para abranger o vernacular, o cotidiano e mesmo a

imaterialidade; mantendo-se ainda, paralela, a ação de preservação dos objetos de arte e monumentos históricos. Com a compressão do passado e do presente pela aceleração do tempo nas ondas virtuais de comunicação, que cruzam velozmente o oceano da "modernidade líquida" (9), anuncia-se a concretização do vaticínio de William Faulkner: "o passado não está morto; ele nem mesmo é passado". Quando se acelera um processo de atribuição, quase "distribuição", de valor patrimonial que não contempla mais apenas os vestígios de um passado distante mas também a modernidade e a contemporaneidade, os processos, os sistemas de produção. Ainda, o patrimônio, considerado em toda essa nova amplitude e complexidade, começa a se impor como um dos itens estratégicos na afirmação das identidades de grupos e comunidades, transcendendo a idéia fundadora da nacionalidade em um contexto de globalização (10). Justamente quando o patrimônio passa a ser "quase tudo", senão tudo, e quando quase todos podem nomeá-lo e exercer o ofício da preservação, justamente nesse momento as referências conceituas se tornam mais urgentes, e paradoxalmente, mais raras.

A abrangência conquistada pela noção de patrimônio, tanto na sua definição como na sua área de ação, acaba por confundi-la com a própria definição antropológica da cultura que abarca "tudo o que caracteriza uma população humana" ou "o conjunto de modos de ser, viver, pensar e falar de uma dada formação social" (11), ou ainda "todo conhecimento que uma sociedade tem de si mesma, sobre outras sociedades, sobre o meio material em que vive e sobre sua própria existência" (12), inclusive as formas de expressão simbólica desse conhecimento através das idéias, da construção de objetos, das práticas rituais e artísticas. Nesse momento o conjunto de ações, doutrinas, métodos de pesquisa, que conformaram o campo da preservação do patrimônio deixa de ter propostas e respostas para esse universo quase ilimitado, tão abrangente quanto diverso e complexo. E quando a cultura finalmente é definida pela Unesco - "conjunto de características distintas, espirituais e materiais, intelectuais e afetivas, que caracterizam uma sociedade ou um grupo social e que engloba, além das artes e das letras, os modos de vida, as formas de viver junto, os sistemas de valor, as tradições e as crenças" (13) - constata-se que o patrimônio passa ser identificado com todos os bens, ou conjunto de bens, - culturais ou naturais, materiais ou imateriais - que uma coletividade, ou sua representação legalmente constituída, reconheça como portadores de valores comuns de testemunho, de história ou de identidade, justificando a necessidade de proteção, preservação e valorização com o objetivo de garantir sua transmissão às gerações futuras.

A questão que se coloca não é o inevitável distanciamento em relação à idéia de patrimônio e preservação fundada e desenvolvida no século XIX no âmbito dos museus e arquivos, dos sítios arqueológicos, das pranchetas e dos canteiros dos arquitetos restauradores e das pesquisas de historiadores e de historiadores da arte, voltadas ao objeto e ao monumento como suportes da memória coletiva, desenhando o perfil de nacionalidades que procuravam se consolidar. No Brasil, observa-se o distanciamento em relação à própria história do patrimônio e da preservação, a desvalorização do conhecimento produzido, e a dificuldade de conduzir uma reflexão teórica que consolidasse o campo. Ao contrário, núcleos disciplinares foram se especializando, conquistando autonomia, se dispersando, até se perder da sua origem e da sua história comuns, para então se voltar criticamente para a noção original, devidamente descontextualizada, redefinindo-a em novos campos na esperança de redimi-la com uma nova coerência.

Para exemplificar esse processo, são especialmente esclarecedores dois artigos recentes, entre tantos outros. O primeiro deles, que fala a partir da História (14) ao refletir sobre a restauração do Museu das Missões no Rio Grande do Sul, projeto de preservação de Lucio Costa para o SPHAN em 1938, afirma que o "campo do patrimônio cultural é campo da História", para explicar em seguida que "a preservação de remanescentes de outras épocas da trajetória histórica de determinados lugares, remete à questões que se referem, direta ou indiretamente, às formas de relação do homem com seu passado. Tempo transcorrido, salvo melhor juízo, sempre foi matéria-prima do ofício do historiador"; mesmo assim passa a analisar os projetos de arquitetura, restauro e museologia. Em outro artigo desenvolvido no âmbito da Antropologia (15) a autora chega a aceitar "uma certa interdisciplinaridade temática" do patrimônio cultural, para em seguida levá-lo para o campo da antropologia, onde recebe nova definição: "dada a sua origem (*do patrimônio*), que remonta aos primórdios da disciplina (*da antropologia*), podemos partir para uma definição da noção de patrimônio que possa situar esse conceito no âmbito da antropologia. Assim, o conceito de patrimônio, partindo de uma definição simples, pode ser entendido como um conjunto de bens, materiais ou não, direitos, ações, posse e tudo o mais que pertença a uma pessoa e seja suscetível de apreciação econômica"; em seguida vai procurar referências nos instrumentos de preservação, na história e na legislação do IPHAN, chegando até à Carta de Veneza e aos critérios para eleição dos bens para integrar a lista de Patrimônio da Humanidade da UNESCO. Os dois artigos negam a interdisciplinaridade, mas não se furtam do tratamento

das questões relativas à história e à teoria da preservação e da restauração, ficando devedores dos instrumentos que permitiriam uma maior precisão das questões do patrimônio, e um enriquecimento do debate.

Os suportes da memória

O entendimento da relação de cada sociedade com o tempo, continuamente em mutação, é o complexo ponto e partida para se tentar entender a necessidade de lembrar, a necessidade de patrimônio e de história que se coloca de maneira irreversível para a Europa ocidental a partir do século XIX e ainda hoje. Não é objetivo desse trabalho entrar na discussão sobre a memória e os processos de memorização, revendo as teorias de Henri Bergson, quando relaciona matéria e memória, de Maurice Halbwachs quando discorre sobre a importância da continuidade dos espaços e de sua estabilidade para a elaboração da memória e a construção da identidade do grupo, ou até as teorias psicanalíticas que tratam do assunto. As relações estabelecidas entre história e memória e seus suportes, por Paul Ricœur, em *La mémoire, l'histoire, l'oubli*, Jacques Le Goff, em *Histoire et Mémoire* e Pierre Nora, em *Les lieux de mémoire* nos aproximam mais do processo de construção do passado, e da permeabilidade de seus suportes materiais. Interessa, portanto recuperar um aspecto comum à operação da memória que é a necessidade de se referenciar a um lugar, a um objeto, a um monumento, para além de qualquer relação de sociabilidade (16).

Paul Ricœur cita um episódio relatado por Cícero, que teria se passado no ano 500 a.C., para lustrar um processo de memorização emprestado aos gregos e muito comum entre os romanos. Trata-se da associação de imagens a uma dada sucessão de lugares organizados rigorosamente como um sistema, na forma de uma casa, de uma praça, sempre espacializadas em um ambiente arquitetônico concreto construído mentalmente. As coisas a serem memorizadas são transformadas em imagens e colocadas em lugares sucessivos, compartimentos desse espaço construído mentalmente, e assim "a ordem dos lugares conserva a ordem das coisas; as imagens lembram as próprias coisas" (17). As "coisas" a serem lembradas por esse processo podem ser objetos, pessoas, acontecimentos e até palavras ou idéias.

A importância da memorização como parte do processo de conhecimento na Antigüidade clássica, quando pouquíssimos sabiam ler, fica clara na passagem mitológica utilizada por C. Ehm para iniciar um resumo sobre o papel da memória na produção do conhecimento ao longo da história do Ocidente: da união de Zeus, o deus grego todo poderoso, com Mnemosine, deusa da memória, nascem as nove musas protetoras da arte e da ciência, responsáveis pelo conhecimento (18). A memorização prevalece ainda até se efetuar de fato a passagem do manuscrito para o texto impresso com a invenção da imprensa em 1450, a até que a imprensa se desenvolvesse e o texto deixasse de depender da interpretação do copistas e as bibliotecas deixassem de ter o monopólio sobre os livros que guardavam, prevalece a memória oral dos fatos. "A memória é a sala do tesouro de todas as coisas", teria ouvido o rei Carlos Magno de um sábio no século VIII; a memória é, simbólica e literalmente, uma sala, um espaço físico bem delimitado (19).

A partir do século XV "o homem quer saber tudo", reconciliar todos os saberes, fundir todos os conhecimentos. Momento em que se elabora "sistemas mágicos de memorização" como "Théâtre de la mémoire", de Giulio Camillo que retoma o antigo método de associação com lugares, escolhendo como ambiente arquitetônico um teatro de composição clássica, sobre o qual estrutura o mecanismo de memorização. No livro *Chateau de la mémoire* (1562), William Fullwood discorre sobre a confecção de drogas para manter a memória, porém, mais do que recuperá-la, ele propõe exercícios para mantê-la ágil, ainda se utilizando da associação com edifícios e lugares. No final do século XVI, Giordano Bruno propõe um sistema complexo de memorização, constituído de imagens mágicas e de rodas de combinação, que "permitia ao espírito encontrar tudo o que existe no mundo, todas as artes e ciências conhecidas pelo homem" (20). Com o crescimento e vulgarização da imprensa, as chamadas "catedrais invisíveis da memória" vão perdendo o sentido, ao mesmo tempo que esculturas, vitrais, e elementos construtivos das verdadeiras catedrais perdem a sua "função pedagógica", a de "escrita de pedra". Quando os manuscritos eram reservados a uma elite de pessoas letradas, única forma de ensinar a Bíblia e a doutrina cristã ao conjunto dos cristãos analfabetos, era "imprimir" as mensagens simbolicamente na própria catedral: para Victor Hugo, desde o início dos tempos até o século XV a arquitetura foi "o grande livro da humanidade". Além de divulgar e multiplicar os textos, a imprensa assegurava a salvaguarda do conteúdo que veiculava, minimizando a importância da memória e seus exercícios espaciais no processo de conhecimento, cumprindo-se assim o vaticínio retrospectivo de Victor Hugo (21): Ceci tuera cela!

"Isso matará aquilo" ou "o livro matará a catedral" ou "o alfabeto matará as imagens", é a conclusão de Victor Hugo em 1831, vivendo numa Paris pré-hausmaniana e contemplando a Catedral de Notre-Dame antes da restauração de Lassus e Viollet-le-Duc. A história do corcunda de Notre-Dame se desenrola no um pouco depois da invenção da imprensa, e é partir dela que Victor Hugo prevê que a arquitetura deixará de ser a arte social, coletiva e dominante que havia sido na Idade Média: "a grande obra da humanidade não se construirá mais, ela será impressa" (22). Efetivamente, ao longo do Renascimento, as bibliotecas passam a não ter mais o monopólio dos livros que guardam e os mestres perdem o monopólio do saber. Mas logo não será mais a perda irreparável da Biblioteca de Alexandria o grande objeto de lamentação dos eruditos, e sim a impossibilidade de controlar o dilúvio de obras e o excesso de informação que circula (23). Nesse quadro tão convincente estabelecido por Victor Hugo, e discutido por Humberto Eco, estendido para a nossa realidade dominada pela memória virtual infinita, pergunta-se sobre as razões da permanência dos lugares, objetos e edifícios como suportes e referências para a memorização. Na Europa ocidental primeiro, e depois no mundo todo, a memória vai continuar se cristalizando e se refugiando nos objetos, nos monumentos, nos lugares identificados com o patrimônio a salvar, suportes de representações e materializações do passado.

Em meados do século XIX na Inglaterra, é John Ruskin, o teórico da anti-restauração, quem afirma: "Podemos viver sem a arquitetura, mas não podemos recordar sem ela" (24). Em 1950, Maurice Halbwachs afirma no seu livro *La mémoire collective* que "para lembrar temos necessidade dos outros" e que "as lembranças mais importantes são aquelas de lugares visitados junto, quando é estabelecida uma ligação entre memória e espaço" (25). Relendo Halbwachs e ouvindo as memórias de velhos, Ecléa Bosi concorda: "as lembranças se apóiam nas pedras da cidade" (26).

Cultura e nacionalidade

O nacionalismo romântico europeu foi caracterizado pela afirmação da arquitetura gótica, principalmente aquela "original", do século XII. Alemanha, França e Inglaterra, principalmente, reivindicam o reconhecimento dos respectivos territórios como o berço dessa arte investida de valores "nacionais", em contraposição ao padrão cultural clássico universal, greco-romano. Os ingleses chamam o gótico de "Early English", defendendo a origem inglesa da arte do período. Na edição de 1832 de *Notre-Dame de Paris*, Victor Hugo, referindo-se à arquitetura gótica como herança dos franceses, escreve: "o autor desenvolve uma opinião infelizmente muito refletida e muito arraigada no seu espírito, sobre a decadência atual da arquitetura (...) de qualquer forma, que os nossos jovens arquitetos resolvam um dia a questão da arte, e enquanto esperamos pelos novos monumentos, conservemos os antigos. Inspiremos à nação, se é possível, o amor da arquitetura nacional" (27). Os alemães concluem em 1880 a construção da Catedral de Colônia, considerada como o ápice da arquitetura gótica, transformando uma catedral no edifício mais alto do mundo.

Para o homem moderno em busca da sua própria história, os monumentos e monumentos históricos tornam-se importantes pontos de referência, sendo investidos de um forte sentimento de nacionalidade, independentemente do seu valor estético, do reconhecimento do seu significado histórico, e da proteção oficial por tombamento. Em 1912, o escritor Maurice Barrès (1862-1923) publica *La grande pitié des églises de France*, defendendo que "as igrejas são o canto da terra, a voz do tempo em que foram construídas e do povo que as desejou" (28) Afirmação que se junta ao discurso do historiador J. Michelet sobre a nação camponesa silenciosa; ao discurso de Montalembert contra a mediocridade triunfante (inclusive das restaurações arquitetônicas em curso nas grandes igrejas e catedrais), a favor das "humildes igrejas sem estilo talvez mas plenas de charme e de emocionantes recordações que formam a fisionomia arquitetônica, a figura física e moral da terra da França", e soma-se ainda à fundação da sociedade "Sauvegarde de l'art français", organismo de preservação dos pequenos santuários rurais, tão eficaz quanto discreta (29). E das inúmeras sociedades de eruditos, que aos poucos, presentes em praticamente todas as cidades até o final do século. É preciso lembrar que Igreja Católica, com suas rotas de peregrinação, seus

santuários, seus ritos e sua doutrina, foi a principal responsável pela definição do território da nação francesa.

Em 1882, escritor, filósofo e historiador francês Joseph Ernest Renan (1823-1892) profere um discurso na Sorbonne, que ficará muito conhecido, intitulado *O que é uma nação?*; enquanto os filósofos alemães definiam nação segundo critérios "objetivos" como raça, ou grupo étnico (povo) compartilhando características comuns, como a língua, Renan define nação como a vontade de viver junto. E encontra um lugar para a concretude da arquitetura no processo de afirmação da nacionalidade: "A arquitetura é o 'critérium' mais seguro da honestidade, do julgamento, da seriedade de uma nação" (30). A noção de patrimônio e as práticas de preservação, são formuladas e desenvolvidas ao longo do século XIX, que tem sido nomeado não só como o "século da história", a era clássica do liberalismo e do livre comércio, como também o século da "construção das nações". Eric Hobsbawm demorou-se no estudo da "questão nacional" a partir do "conceito de nação", tratando das mudanças e transformações ocorridas, primeiro entre os anos de 1830 e 1880, quando o princípio da nacionalidade mudou o mapa da Europa, e o equilíbrio de poder foi transformado, entre outras coisas, pela emergência de dois grandes poderes, a Itália e a Alemanha unificadas (31).

A definição de nação mais comumente adotada é: "uma comunidade humana estabelecida em um dado território, com unidade étnica, histórica, lingüística, religiosa, e /ou econômica". O Estado seria "o setor administrativo" da nação (32). Para Hobsbawm, nação é: "qualquer corpo de pessoas, suficientemente grande, cujos membros se consideram como membros de uma nação" (33); a característica básica da nação moderna, e de tudo a que ela está ligado, é sua *modernidade*, ou seja, a identificação nacional não é natural, não é permanente, não antecede a própria história (34). O conceito de nação seria, portanto uma "construção da história" (35).

A discussão estava centrada sobre etnicidade, língua, religião, território e lembranças históricas, fatores considerados como necessários para estabelecer os Estados-nação: "a etnicidade e a língua tornaram-se o critério central, crescentemente decisivo e mesmo único, para a existência de uma nação potencial"(36). Bastava um grupo de pessoas se considerar uma "nação" para demandar o direito à auto-determinação e se constituir enquanto Estado independente, gerando a multiplicação das "nações não históricas". Para re-

definir o conceito de nação, o autor começa por rever os pressupostos anteriores porque, apesar de "ambíguos e mutáveis", de certa forma foram eles que acabaram por prevalecer na definição da idéia de nacionalidade, seja na associação "língua e território comum e traços culturais comuns e passado histórico comum", ou seja na "consciência de pertencimento" (critério austro-marxista). Em contrapartida, Hobsbawm irá estabelecer alguns princípios que nos informam porque certos grupos se tornam "nações" e outros não: o nacionalismo moderno é distinto de outras formas de identificação grupal ou nacional; o nacionalismo precede as nações - as nações não formam os Estados e os nacionalismos, e sim o contrário, não fazendo sentido discutir nação e nacionalidade fora da relação Estado-nação; as nações, e seus fenômenos associados, devem ser analisadas em termos de condições econômicas, administrativas, técnicas, políticas entre outras; a identificação nacional não exclui nem é superior ao conjunto das identificações que constituem o ser social; a identificação nacional pode mudar e se deslocar no tempo (37).

No início do século XIX a palavra nação - cujo primeiro significado indica "origem" e "descendência" - era associada ao "agregado de habitantes de uma província, de um país ou de um reino", identificada como "pátria", ou "tierra", significando apenas o lugar ou território de origem, a terra onde se nascia, a província natal, a ligação de um conjunto de homens a um território; a palavra nação não era associada a um Estado. Somente a partir do ano de 1884, o *Dicionário da Real da Academia Espanhola*, incluiu a terminologia nação definido-a como: "Estado ou corpo político que reconhece um governo comum", ou "território constituído por esse Estado e seus habitantes", ou "conjunto de habitantes regidos por um mesmo governo" (38).

A equação "nação = Estado = povo" vinculou a nação ao território, pois a estrutura e a definição dos Estados passam a ser, a partir do final do século XVIII, essencialmente territoriais (39). Ao tomar como parâmetros os termos étnicos, lingüísticos ou outros que permitam ao grupo o reconhecimento coletivo de pertencimento, o autor vai concluir que o corpo de cidadãos de um Estado não é homogêneo, não pode ser igualado a uma nação. De fato, em nenhum momento é colocada em dúvida a real multi-nacionalidade ou multi-linguagem ou multi-etnicidade, ou seja a heterogeneidade, mesmo dos mais antigos Estados-nação europeus, como a Grã-Bretanha e a França, por exemplo (40). Fica claro que: "é o Estado que faz a nação e não a nação que faz o Estado" (41) que a

nacionalidade é uma importante questão política, e foi argumento na disputa por territórios na Europa (42) que a constituição das unidades nacionais teve um importante papel econômico, coincidindo com a era clássica do livre comércio e do liberalismo (43); que língua e povo não coincidem, necessariamente, no seio do Estado-nação e que a 'língua comum' é muito mais um projeto de unificação perseguido (44) que a etnicidade não tem relação histórica com a formação do Estado-nação, considerando-se que a base de um grupo étnico, como forma de organização social, é a cultura (e não a genética como quis o eugenismo) (45).

A nação moderna poderia ser definida, como o fez P. Ricoeur, como uma comunidade imaginada, preenchendo o vazio emocional deixado pelo declínio ou desintegração ou inexistência das redes de relações das comunidades reais. Enquanto que o "proto-nacionalismo popular" seria "a descoberta dos sentimentos das pessoas não alfabetizadas que formavam a maioria absoluta da população mundial antes do século XX" (46). Na época anterior à expansão da educação primária não havia, nenhuma língua "nacional" falada; a língua não era elemento central na formação do proto-nacionalismo, mas se tornou indiretamente um elemento central à moderna definição de nacionalidade (47). As línguas nacionais são, portanto, o oposto daquilo que o nacionalismo pretende que elas sejam, ou seja, a base fundamental da cultura nacional: "Em 1789, 50% dos franceses não falavam francês e apenas de 12 a 13% o falavam corretamente e mesmo assim o francês foi fundamental na construção da nação francesa pós revolucionária; a única base para a unificação italiana foi a língua italiana, que unia a elite instruída da península, ainda que no momento da unificação, em 1860, apenas 2,5% da população usavam essa língua para fins cotidianos; a Alemanha do séc XVIII era um conceito puramente cultural que administrava a diferença geral que dividia pequenos Estados e reinados através da língua comum" (48).

Mesmo a idéia de "cultura", desenvolve-se no século XIX cada vez mais ligada ao conceito de "nação": a cultura vem da alma, do gênio de um povo, nesse sentido a nação cultural poderia preceder a nação política. A cultura aparece como um conjunto de conquistas artísticas, intelectuais, e morais que constituem o patrimônio de uma nação, considerado como adquirido definitivamente, e fundador de sua unidade (49). Dessa maneira estão introduzidos os lugares culturais, elementos constitutivos da discussão sobre a nacionalidade e suas origens, que foram se definindo e se articulando ao longo do século XIX. Primeiro o campo de interesse da preservação do patrimônio, que inclui as pesquisas arqueológicas sobre as origens da nacionalidade e a definição e restauração dos monumentos

da arte e da história nacionais. Paralelamente, trazidos para o âmbito desse trabalho pelo Anteprojeto de Mario de Andrade para o IPHAN, estão as pesquisas sobre as origens culturais consubstanciadas na definição de cultura popular e folclore, e no estudo das culturas primitivas pela etnografia e pela etnologia, a afirmação da nacionalidade através do reconhecimento do "outro", do "diferente", do "selvagem".

Cultura e folclore

Um das discussões centrais que envolve a criação do SPHAN - espelhada inclusive no nome com que vai ser batizado - é o resultado da intersecção de duas noções: cultura (nas diferentes formas que vai assumir de meados do século XIX até hoje) e nacionalidade, também uma noção central e determinante para o nascimento do patrimônio no começo do século XIX. Pode-se dizer que as duas idéias, cultura e nacionalidade, fundem-se hoje na noção de identidade, mais complexa e abrangente. Ou pode-se concordar com Z. Bauman, e argumentar que identidade é uma idéia ambígua e polêmica, cuja construção assumiu a forma de uma experimentação individual infundável, no seio de um ambiente social fragmentado, indefinido, indeterminado, imprevisível, incontrolável, onde prevalece o descarte e a falta de vínculos, ou seja, pode-se assumir que a idéia de identidade hoje, está na absoluta contramão dos pressupostos básicos de definição de patrimônio, que nasceu e se fez nacional: a continuidade na tradição de valores culturais compartilhados (50)

O significado de cultura para a filosofia é explicado por Marilena Chauí (51) desde a origem etimológica da palavra, derivada do verbo latino *colere* que significa cultivar, criar, tomar conta e cuidar. Ou seja, cultura significa, na origem, o cuidado do homem com a natureza (agricultura), com os deuses (culto) e com o próprio homem (puericultura, cultivo ou educação do espírito das crianças para que se tornarem membros virtuosos da sociedade). Segundo as narrativas míticas da Antiguidade, os homens teriam passado do estado natural ao estado propriamente humano graças ao manejo do fogo (ou trabalho) e à invenção da linguagem (ou sociabilidade).

A cultura ganha um novo sentido a partir do século XVIII, "passando a significar *os resultados* da formação ou educação dos seres humanos, de seu trabalho e de sua

sociabilidade, resultados expressos em obras, feitos, ações e instituições: as artes, as ciências, a filosofia, os ofícios, a religião e o Estado (...). Cultura torna-se sinônimo de *vita civile*, ou seja, de civilização, enquanto expressão dos costumes e das instituições, enquanto efeitos da formação e da educação dos indivíduos, do trabalho e da sociabilidade" (52). A separação e depois oposição entre natureza e cultura, tem início apenas em meados do século XVIII quando "a partir de Kant, os pensadores consideram que há entre homem e natureza uma diferença essencial: esta opera mecanicamente de acordo com leis necessárias de causa e efeito, mas aquele é dotado de liberdade e razão, agindo por escolha, de acordo com valores e fins (...). A natureza é o reino da necessidade causal, do determinismo (...) e a cultura é o reino das escolhas voluntárias e racionais, dos valores, da distinção entre o bem e o mal a cultura passou a significar" (53). Conforme essa distinção entre cultura e natureza vai ficando mais clara, e a cultura passa a significar as obras humanas, e a relação estabelecida entre homens socialmente organizados, variando de acordo com as condições temporais, "a cultura torna-se sinônimo de história". (54). Entendida como civilização, a cultura passa a significar o aprimoramento e aperfeiçoamento da humanidade. Entendida como história, introduz a idéia de progresso, e assim o Iluminismo "retoma a distinção antiga entre cultos e bárbaros e define graus e estágios de civilização para classificar culturas atrasadas e avançadas, classificação que terá um peso ideológico decisivo no momento em que a antropologia social, sob o signo do etnocentrismo e do colonialismo, distinguir as culturas em primitivas e modernas" (55).

Ainda segundo Marilena Chauí, agora analisando a cultura enquanto objeto de estudo da antropologia, a preocupação desse ramo da ciência sempre foi determinar em que momento, e de que maneira, o homem se distanciou e se distinguiu da natureza, momento este que daria origem ao "mundo cultural". A passagem, e depois a separação clara entre humano e natural estaria marcada por três aspectos principais: a criação da ordem simbólica das *leis*, ou sistemas de atribuição de valor à coisas e acontecimentos; a criação da ordem simbólica da *linguagem* e do *trabalho*; o conjunto de *práticas* e *comportamentos* através dos quais os homens passam a se relacionar entre si e com a natureza, que funda a organização social e sua transmissão de geração a geração; a cultura é então definida como: "a maneira pela qual os humanos se humanizam e, pelo trabalho, desnaturalizam a natureza por meio de práticas que criam a existência social, econômica, religiosa, intelectual e artística" (56)

Ao estudar os antecedentes históricos do conceito de cultura, o antropólogo Roque de Barros Laraia (57) focaliza a passagem do século XVIII para o XIX, quando o termo germânico *kultur* era utilizado para designar "todos os aspectos espirituais (ciência, arte, filosofia e religião) de uma comunidade", termo usado pela burguesia alemã para se afirmar em relação à aristocracia enquanto que a palavra francesa *civilization*, referia-se especialmente "às realizações materiais de um povo", um processo de melhoria das instituições, da legislação e da educação; e *culture*, nos dicionários franceses da época, referia-se principalmente a progressos e aquisições pessoais (58). O etnólogo britânico Sir Edward Tylor (1832-1917) foi responsável - principalmente a partir de suas observações de campo na América Central e das obras *Primitive culture* (1871) e *Anthropology* (1881) - pela fusão das duas idéias no vocábulo inglês *culture* que definiu, considerando-o no "seu amplo sentido etnográfico", como sendo "este todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade" (59). Esta definição abrange todas as realizações humanas, além de acentuar o caráter de aprendizagem da cultura, em oposição à idéia de aquisição inata, natural, ainda que Tylor buscasse apoio para suas idéias nas ciências naturais evolucionistas, explicando a diversidade encontrada na humanidade como o resultado da desigualdade de estágios no processo de evolução humana. O processo iniciado pelo naturalista sueco Carl Linnaeus (1707-1778), que situara o homem na ordem da natureza, destituindo-o de sua superioridade (60), vai ser continuado por Tylor que distancia cada vez mais o domínio cultural do natural. E os fatores responsáveis por esse afastamento, mais uma vez, seriam: a capacidade humana de se comunicar oralmente, de convencionar normas, de fabricar instrumentos, além da capacidade de abstrair e gerar símbolos.

De maneira cada vez mais marcada, os autores românticos alemães opõem a cultura, expressão da alma profunda de um povo, à civilização, definida a partir de então pelo progresso material ligado ao desenvolvimento econômico e técnico, de origem francesa. O conceito francês - que assume uma dimensão coletiva e não se refere mais somente ao desenvolvimento intelectual do indivíduo - continua marcado pela idéia de unidade do gênero humano mas ganha um sentido vasto e meio impreciso. Entre os séculos XVIII e XIX na França, observa-se a continuidade do pensamento coletivo e universalista, surgido na Revolução, em que a cultura é considerada como "cultura da humanidade", acompanhando a concepção eletiva da definição de E. Renan: pertencem à nação francesa todos os que se reconhecem nela, quaisquer que sejam suas origens (61). Os alemães, ao contrário, possuem

uma noção particularista de cultura, delimitando e consolidando as diferenças nacionais; a unidade nacional se dará antes no plano da cultura do que no plano político. Johann Gottfried von Herder (1744-1803), poeta prussiano e filósofo crítico do Iluminismo, um dos fundadores do relativismo cultural, admite a diversidade de culturas como componentes do gênio nacional de cada povo. Para ele a nação não é uma idéia abstrata, e sim uma comunidade de homens compartilhando uma mesma cultura: o povo, cujo elemento primordial é a língua. As idéias de Herder e dos irmãos Grimm foram responsáveis pelo movimento de recuperação de descoberta e valorização da cultura popular, considerada como um dos fatores primordiais de unidade nacional da Alemanha (62).

No final do século XVIII e início do século XIX - quando a cultura popular tradicional sofria a ameaça da facilidade de transporte e comunicação representada pela ferrovia, do serviço militar obrigatório e da propaganda governamental que procurava converter províncias com cultura própria em regiões, integrantes de nações - nesse momento o "povo" (*folk*) vai se converter em tema de interesse para os intelectuais europeus. A descoberta da cultura popular vai ter um impacto considerável nas artes, porém, até 1850, não havia um interesse maior pela arte popular e os artefatos culturais, talvez porque não tivessem sido de fato ameaçados pela produção em massa (63). Na Grã-Bretanha, o interesse pela preservação do artesanato e do saber fazer popular será manifesto no movimento "Arts and Crafts", que tem como um de seus líderes William Morris, presidente também da "Society for the Protection of Ancient Buildings - SPAB", sociedade militante pela proteção e contra a restauração dos monumentos; importante notar que se tratava de duas instâncias bem distintas - patrimônio e "saberes e fazeres" - , cada uma com suas idéias e suas práticas.

Para Peter Burke cultura é "um sistema de significados, atitudes e valores partilhados e as formas simbólicas (apresentações, objetos artesanais) em que eles são expressos ou encarnados. A cultura nesta acepção faz parte de todo um modo de vida, mas não é idêntica a ele", e cultura popular é "aquela que não é da elite, não oficial", definida em cada época (64). No estudo, situado na Europa entre 1500 e 1800, o autor identifica a "não elite" com os camponeses e artesãos, estudados pelos folcloristas (e não pelos etnólogos).

Um dos sintomas mais interessantes da nova atitude de valorização das expressões da cultura popular que ocorre naquele momento, é o movimento de viajantes e

eruditos que passam a dividir a atenção até então voltada exclusivamente para o estudo arqueológico das antiguidades, de caráter erudito, para ir em busca de modos de vida distintos e de costumes, preferindo os mais simples e "incultos". Segundo P. Burke, já no início dos anos 1770, o padre italiano Alberto Fortis visitou a Dalmácia, e dedicou um capítulo inteiro de sua obra ao modo de vida dos *morlacchi*, sua religião e, "superstições", suas canções, danças e festas. Samuel Johnson e James Boswell percorreram as ilhas ocidentais da Escócia "para especular", segundo relata Johnson, "sobre os resquícios da vida pastoril, para procurar 'costumes primitivos', para entrar nas choupanas dos pastores, ouvir a gaita de foles e encontrar gente que ainda não falava inglês e usava a capa escocesa". Boswell observou que "era quase a mesma coisa que estar numa tribo de índios", pois os aldeões "eram tão escuros e de aparência tão rústica quanto qualquer selvagem americano" (65).

No ano de 1846, a revista "The Atheneun", de Londres, publica uma carta do arqueólogo inglês William John Thoms (1803-1885), escrevendo sob o pseudônimo de Ambrose Merton, propondo a criação da palavra *Folk* (povo) - *lore* (saber), folclore, para designar "as antiguidades literárias, a literatura popular, os estudos dos usos, costumes, cerimônias, crenças, romances, refrões, superstições, etc.", o saber do povo que conhecia a escrita, ou seja, o europeu. No início desses estudos, o objeto de interesse, tanto na Grã-Bretanha quanto na Alemanha, era a cultura espiritual (mitos, lendas, romances, cações) dos grupos étnicos nacionais, distinguindo-se da etnologia que ficava com o estudo da tradição dos outros povos; a inclusão dos fatos materiais no universo de pesquisa popular, só ampliou o campo de interesse do folclore (na Grã-Bretanha isso só ocorreu em 1944) (66).

O objeto do folclore ou etnografia, confundidos, é a tradição para os italianos, onde quer que se mostre ou se faça presente, mas principalmente no meio de pastores e camponeses; compreende tanto a cultura espiritual quanto a material. Em 1886, o francês Paul Sébillot define folclore como "uma espécie de enciclopédia de tradições, crenças, costumes das classes populares ou de nações pouco avançadas em evolução", reunindo o folclore às artes populares. Em Portugal, Jorge Dias define o folclore como "um aspecto da etnografia, da etnologia e de antropologia cultural", mesma posição de Franz Boas, norte-americano, que define folclore como "um aspecto da etnologia, que estuda a literatura tradicional dos povos de qualquer cultura" (67). Em Paris, etnografia e folclore (que logo passa a ser tratado como arte popular), foram objeto de estudos e exposição em espaços próprios e autônomos. O "Musée National des Arts et Traditions Populaires" foi criado

somente em 1937 como "o museu da identidade nacional", por Georges-Henri Rivière, a partir de coleções da seção francesa do "Musée d'ethnographie du Trocadéro", e do resultado de uma ampla pesquisa e coleta realizadas pelo território francês em busca de informações e de objetos; essa coleta possibilitou, segundo os organizadores, que as artes populares "saíssem do folclore se constituíssem enquanto objeto científico". Assim como os museus de etnografia não se misturaram aos museus de arte, tidos como laboratórios onde se estudava a evolução e o progresso da humanidade, partindo do estágio primitivo (povos indígenas e selvagens) até a civilização e progresso europeus. As expedições arqueológicas e etnográficas tinham como objetivo comum investigar a própria origem longínqua dos povos da Europa, através dos objetos da antiguidade escavados, e dos "objetos da alteridade" recolhidos durante as expedições de estudo e observação; os civilizados recuavam na história e viam nos primitivos os estágio de onde haviam partido e os "progressos" alcançados.

Cultura e etnologia

Em 1787, Alexandre de Chavannes cria o termo "etnologia" que ele define como a disciplina que estuda a "história dos progressos dos povos em direção à civilização" (68). A etnografia é definida em 1831 na obra *Sur le but d'une collection ethnographique* de Edme-François Jomard (1777-1862) - geógrafo da expedição de Napoleão ao Egito e arquivista da "Bibliothèque Royale" - como: "o conhecimento exato e positivo do grau de civilização dos povos pouco avançados na escala social, iluminando o estado de sua arte e de sua economia doméstica, assim como a natureza de suas idéias morais e religiosas" (69). Para Levi-Strauss, etnografia consiste na observação e na análise dos grupos humanos considerados em sua particularidade e visando a reconstituição, tão fiel quanto possível, da vida de cada um deles. E a etnologia utiliza modo comparativo os documentos apresentados pelo etnógrafo (70). A partir dessas definições, ainda segundo Levi-Strauss, a etnografia tem o mesmo sentido em todos os países; a etnologia corresponde aproximadamente ao que se entende, nos países anglo saxões, por antropologia social e cultural: a antropologia social consagrando-se sobretudo ao estudo das instituições consideradas como sistemas de representações, e a antropologia cultural ao estudo das técnicas, e, eventualmente, também das instituições, consideradas como técnicas a serviço da vida social. O fato é que nos anos

1920, essas ciências sociais apenas começavam a se estruturar com métodos próprios, textos e cátedras universitárias.

Interessante trazer ainda, como contraponto, a definição de "atitude etnográfica" cunhada por um autor contemporâneo, James Clifford, ao observar a maneira como os artistas vanguardistas, após a I Guerra Mundial, particularmente os surrealistas, se apropriam das imagens e dos métodos da "ciência branca", para subvertê-los: diferentemente do etnógrafo tradicional, trabalhando no campo, que tenta tornar compreensível aquilo que não lhe é familiar, os surrealistas querem tornar estranho o que é familiar, retirando os objetos de seus contextos funcionais (como também o faziam os etnógrafos aliás) para lhes conferir novos sentidos. A etnografia para Clifford é uma técnica de pesquisa empírica das ciências humanas, que na França é associada à etnologia, na Inglaterra recebe o nome de antropologia social, e nos EUA antropologia cultural. O rótulo etnográfico sugere uma atitude característica de observação participante dos artefatos de uma realidade cultural tornada estranha (71). A relação dos europeus com os povos primitivos remonta do final do século XV: "A descoberta da África e das Américas se deu sem que o Ocidente estivesse preparado a fazê-las entrar na sua história. O olhar lançado sobre os objetos seria o mesmo olhar lançado aos homens: sempre curioso, as vezes maravilhado, freqüentemente pesado de preconceitos" (72). Desta forma M. Degli e M. Mauze iniciam a história da constituição das coleções etnográficas na Europa Ocidental, particularmente na França, que têm início com as viagens de descoberta da África, das Américas e da Oceania, empreendidas pelos navegadores e exploradores europeus .

Além de registros iconográficos e relatos textuais, científicos e literários, viajantes e aventureiros vão se lançar na empresa de recolher os testemunhos materiais das novas culturas, tendo como principais critérios a estranheza, a preciosidade e o valor (ocidental) dos materiais com que eram confeccionados; os objetos de culto, ou religiosos, "a expressão do diabo" e do "paganismo primitivo", serão sistematicamente julgados e desprezados, quando não condenados à destruição. Os objetos recolhidos entram na Europa pela porta dos "Gabinetes de Curiosidade", tentando reconstruir a amplidão e a estranheza desse mundo novo numa escala passível de dominação. No século XIX as expedições mudam de caráter incluindo estudiosos e eruditos, encarregados de reunir dados precisos sobre todas as áreas do conhecimento. Os naturalistas, que passam a acompanhar os navegadores com a função de observar, registrar e coletar, vão classificar e estudar os objetos

etnográficos fazendo uso dos mesmo parâmetros utilizados para as espécies da natureza; a classificação de acordo com a origem étnica ainda é rara" (73). Os objetos coletados são assim encaminhados aos museus, esses estabelecimentos públicos com vocação pedagógica que se multiplicam durante todo o século XIX, onde são tratados não mais como curiosidades ou "merveilles", mas como objetos de interesse científico. Desde o início fica claro, que arte e antiguidade, não se devia misturar à etnografia e às ciências naturais e etnografia; metade por preconceito, metade por questões de coerência científica.

"Passar do século XVIII ao XIX, é trocar o Selvagem pelo Primitivo", observam com acuidade M. Degli e M. Mauze para esclarecer como os objetos curiosos colecionados, passam a ser considerados como "espécimes etnográficos", testemunhos das diferentes culturas não ocidentais, estudados ainda segundo a visão evolucionista: as diferentes sociedades e os seus testemunhos materiais caminham necessariamente do simples ao complexo. A maior parte dos museus etnográficos europeus são criados a partir da segunda metade do século XIX, na Alemanha, na Rússia e na Dinamarca, contemporâneos das obras que fundam o evolucionismo na Europa. O Museu das Colônias, da Dinamarca, é o primeiro museu etnográfico organizado na Europa, em 1839, e foi durante muito tempo o maior da Europa (atual Museu Etnográfico Dinamarquês). Na mesma época organizam-se também as sociedades de etnografia, grande estimuladoras e as vezes mantenedoras estes museus: França (1838), Grã-Bretanha (1843), Alemanha (1851) e Estados Unidos (1842) (74).

Na França o "Musée d' Ethnographie du Trocadero" é fundado em Paris 1878, por Ernest Théodore Hamy (1842-1908), reunindo coleções etnográficas antes dispersas entre o Louvre, Museu de História Natural e várias bibliotecas, além de herdar o acervo que começara a ser reunido e organizado no "Musée de Marine et d' Ethnographie" (1827), ou "Musée Dauphin", que se instalara nas galerias do Louvre. A fundação desse novo museu era cogitada desde 1870, quando as autoridades começaram a se questionar sobre a pertinência de reunir no Louvre, afinal um "Musée des Beaux-Arts", objetos fabricados por "selvagens". O próprio ministro Jules Ferry "que estabelecia uma distinção radical entre raças superiores e inferiores, estimava que se deveria separar o domínio da arte do domínio da história dos 'usos e costumes' " (75). Um pouco antes, em 1862, um decreto de Napoleão III criara no castelo de Saint-Germain-en-Laye, o "Musée d'antiquités celtiques et gallo-romaines" (aberto à visitação em 1867), que deveria reunir "as peças indicativas da história nacional" (76) depois "Musée des Antiquités nationales", hoje "Musée d'archéologie nationale" "mais ou menos

na mesma época, Paris é dotada de um museu da sua própria pré-história e de um museu das sociedades ditas sem história" (77). No caso de sociedades que não conheciam a escrita, seu grau de desenvolvimento só poderia ser avaliado a partir da produção material, daí a necessidade de organizar as coleções em espaços apropriados, onde pudessem ser estudadas e mostradas. A classificação dos objetos obedecia a critérios de uso e destinação, e não a critérios geográficos, para facilitar a comparação entre os diferentes povos. O objeto é considerado como testemunho material e fornece informações sobre o grau de evolução de uma sociedade. Comparativamente, ele irá ajudar na compreensão dos objetos da antiguidade e da pré-história europeia. Nos museus os objetos eram quase sempre reagrupados em séries para ilustrar uma gama completa de formas, de funções e de técnicas. (p. 65). Vai demorar ainda para que cada cultura seja estudada isoladamente, e seus objetos ilustrem e ensinem sobre sua tecnologia, a cultura material, suas crenças e seus ritos. A museografia, até o início do século XX, não se preocupa em assinalar as qualidades estéticas dos objetos que seleciona para expor.

Os museus etnográficos contam com a expansão colonial dos países europeus para alimentar seus acervos, como a "Mission ethnographique et linguistique Dakar-Djibouti" organizada em 1931 pelo "Instituto de Etnologia da Universidade de Paris" e "Museu Nacional de História Natural", composta de arquivistas, musicólogos, linguistas, etnólogos (Marcel Mauss entre eles) com o objetivo de conhecer melhor as línguas, as religiões, e o contexto social dos povos indígenas das colônias; foram recolhidos objetos, fotografias e gravações sonoras para o "Museu de Etnografia do Trocadero", de P. Rivet, além da produção textual que ficam sob a guarda da Biblioteca Nacional. Países como a Alemanha ou a Itália, que não tinham um império colonial nas proporções do inglês ou do francês, partiam para a América, do Sul principalmente, nas suas missões científicas exploratórias (78).

As exposições universais também tinha um papel importante nesse processo de alimentação de museus e exibição cultural; nesse caso porém, a colônia era trazida e exposta na capital. Também no ano de 1931 em Paris, é inaugurada a "Exposition coloniale internationale", no Bois de Vincennes, em Paris, com o objetivo de "dar aos franceses a consciência de seu império". De enormes proporções, contava com reconstituições de templos e aldeias, espetáculos de canto e dança, exposição de objetos e venda de alimentos. As apresentações tinham intenções pedagógicas, mas a palavra "cultura" nunca era

pronunciada. O conjunto de peças expostas foram constituir o acervo do "Musée des Arts Africains et Océaniens". Também na ocasião foi aberto o "Musée de la Parole et du Geste" da Universidade de Paris, citado como exemplo por Mario de Andrade, com o propósito de "aproveitar a reunião de um grande número de indígenas das colônias para fixar em discos as músicas e as falas coloniais" ; o conjunto de gravações e fotos assim constituído formou a coleção "anthologie musicale de l'exposition coloniale" (79).

A antropologia nasce a partir da observação dos etnólogos e etnógrafos, que elegem como tarefa principal estabelecer uma "escala de civilização", colocando as nações européias em um extremo e os "povos primitivos" no outro. A formação da antropologia como disciplina esteve fortemente associada aos museus bem como às atividades de etnólogos e das sociedades de etnografia, que ensaiaram os primeiros trabalhos de campo - observação, coleta e análise - "o selo identificador da antropologia"(80) No início das pesquisas nestes museus , os objetos eram "pensados em função de macro-esquemas de evolução e difusão", teorias que predominavam entre etnólogos e antropólogos no século XIX, "esquecendo-se de perguntar, como faria Franz Boas em 1898, pelas funções e significados dos traços culturais e dos objetos que identificavam e colecionavam, no contexto específico da sociedade e da cultura onde tinham sido produzidos e usados" (81).Somente a partir dos anos 1920 / 1930 os museus deixaram de desempenhar o papel de espaços de pesquisa científica, e a antropologia foi transferida para a universidade, coincidindo com o momento em que as teorias antropológicas transferiram seu foco de discussão do objetos, para as relações sociais e seus significados.

A apreensão do objeto etnográfico das sociedades não ocidentais como obras de arte é quase inexistente. O estatuto destes objetos começa a mudar nas primeiras décadas do século XX graças principalmente aos artistas fauvistas, cubistas e depois aos surrealistas. Ernst Grosse, em 1897, coloca que a produção dos povos sem escrita só podem ser apreendidas no contexto das formas e da cultura onde aparecem : "os etnólogos vêem o objeto nas suas relações com outros objetos de mesma natureza no seio de uma mesma sociedade, sua interpretação não podendo ser separada da sua função simbólica e/ou de sua uso prático: claramente, o sentido prevalece sobre a forma. Inversamente, os apreciadores da arte primitiva apreendem o objeto de uma só vez como "obra de arte", devido às suas qualidades plásticas, o que acaba por transformá-las em peças de um museu universal, igual a qualquer

outra obra prima, de qualquer origem: considerações sobre forma são livres de qualquer consideração sobre o sentido" (82).

Interessante observar no capítulo Cronologia Histórica a sucessão efervescente de sociedades e museus voltados para os estudos etnológicos e etnográficos, logo separadas das sociedades de arqueologia e nunca confundidas com os trabalhos da preservação do patrimônio. Com uma curiosidade que vale a pena citar. Na Grã-Bretanha, onde a preservação do patrimônio se organizou a partir de iniciativas de sociedades independentes, a primeiro gesto governamental a favor da preservação - iniciativa do antropólogo e parlamentar John Lubbock, que em 1882 encaminha a promulgação do "Ancient Monuments Protection Act" - nomeou como primeiro "Inspector of Ancient Monuments" o general Augustus Pitt-Rivers, etnólogo e arqueólogo de grande projeção em seu país, autor do livro *On the Evolution of Culture* e do "Rural Museum", particular, organizado com objetos coletados por ele. Sua missão principal foi estabelecer um catálogo de sítios arqueológicos, e até o ano de 1890, já havia relacionado 43 monumentos, quase todos sítios de interesse pré-histórico localizados na Escócia e na Inglaterra, devidamente protegidos (83).

Ainda vale a pena ressaltar alguns fatos da Cronologia, por esclarecem contatos estabelecidos com Mario de Andrade por intermédio de Dyna Levi-Strauss. Que antes de vir ao Brasil trabalhava com Paul Rivet. Em 1925, é criado o "Institut d'ethnologie de l'Université de Paris", pelos etnólogos Paul Rivet (1876-1958) e Marcel Mauss (1872-1950), e pelo antropólogo Lucien Lévy (1857-1939), com o objetivo de treinar e formar pesquisadores de campo profissionais e publicar estudos etnográficos; a oficialização, por Paul Rivet, da ligação do "Musée d'Ethnographie" à sua cadeira de antropologia do Museu de História Natural batizada de "Ethnologie des hommes actuels et des hommes fossiles", com o objetivo de desenvolver uma ciência de síntese entre os estudos das características físicas dos povos, ou antropologia, o estudo das características materiais das civilizações pré-históricas (pré-história, arqueologia, etnografia) e o estudo dos fenômenos sociais ou sociológicos, incluindo o estudo dos caracteres lingüísticos. Em colaboração com Georges-Henri Rivière (1897-1985) melhora a infra-estrutura de pesquisa do Museu e organiza missões de coleta, com o objetivo de mudar a imagem do etnólogo, visto como cúmplice da empresa colonial, para a imagem do etnólogo salvador dos testemunhos culturais em vias de desaparecimento. O "Musée de l'Homme" reabre em novas instalações no "Palais de Chaillot", no ano de 1938 (mesmo ano de partida da Missão Artística e Folclórica patrocinada

pelo Departamento de Cultura de São Paulo), incorporando ao acervo as coleções de antropologia e pré-história do Museu de História Natural de Paris, e reafirmando o perfil voltado para a educação, pesquisa e ensino.

Notas

(1) KUHL, Beatriz. "História e Ética na Conservação e na Restauração de Monumentos Históricos". Universidade de São Paulo, *Revista CPC* n.1, nov 2005 / abril 2006.

Consultado em:

http://www.usp.br/cpc/v1/php/wf07_revista_interna.php?id_revista=2&id_conteudo=6&tipo=5

(2) Mesmo recorrendo ao dicionário, textos clássicos e fundamentais como o de F. Choay e A. Chastel não acharam necessário explicar porque a França, diferentemente de outros países, não adotou o termo francês *Héritage* (herança) para designar "o despertar das tarefas da memória", na brilhante frase-síntese de J. Starobinski (*Heritage*, no países anglofônicos; *Herencia*, nos países hispânicos). A razão pode ser óbvia, mas não para um "estrangeiro", que herdou essa terminologia. Assim, consultamos o *Dictionnaire de la langue française - Petit Robert* (Paris, LE ROBERT, 1986) sobre o significado de *Héritage* (de *hériter*, do latim *hereditare*: patrimoine laissé par une personne décédée et transmis par succession); *Patrimoine* (do latim *patromonium*, "herança do pai - *pater*": biens de famille, biens qu'on a hérité de ses ascendants), que nos levou também à palavra *Patrie* (do latim *patria*, "país do pai - *pater*": **nation, communauté à laquelle on a le sentiment d'appartenir**), para entender que a escolha da palavra *Patrimoine* poderia ter como intenção afastar possíveis associações com um caráter individual do legado, vinculando-o mais do que "heritage" à idéia de nação que se afirmava.

(3) Ver: BABELON, Jean-Pierre e CHASTEL, André, *La notion de patrimoine*, Paris, Liana Levi, 1994.

(4) BABELON, J.P., CHASTEL A. Op. Cit., p.58.

(5) Ver: BABELON, J.P., CHASTEL A. Op. Cit.; CHOAY, Françoise. *L'allégorie du patrimoine*. Paris, Seuil, 1992; SIRE, Maie-Anne. *La France du Patrimoine - Les choix de la mémoire*. Paris, Gallimard/ Caisse Nationale des Monuments et des Sites, 1996.

(6) Considerações à partir de: POMIAN, Krisztoff. "Entre le visible et l'invisible", *Lire*, n.3, 1987, retomadas por Marilena Chauí (CHAUÍ, Marilena. *Cidadania cultural - o direito à cultura*. São Paulo, Fundação Perseu Abramo, 2006, pp. 117 e 118, e comparadas com: POMIAN, Krisztoff. "Coleção". Enciclopédia Einaudi, vol.1 - Memória-História. Gabinete Editorial, 1997, pp. 51 a 86.

(7) F. Choay, na introdução do seu livro *A alegoria do patrimônio*, quando se refere a "conceito nômade", cita como referência o livro de Isabelle Stengers, *D'une science à l'autre. Des concepts nomades*. O trabalho da professora Dra. Marialva Barbosa, "Comunicação: a consolidação de uma interdisciplina como paradigma de construção do campo comunicacional" (consultado

em: www.eca.usp.br/alaic/chile2000/17%20GT%202000Teorias%20e%20Metodologias/MarialvaBarbosa.doc) foi-nos bastante esclarecedor em relação à menção F. Choay, servindo de base às considerações que se seguem. A autora começa por definir *disciplina*, a partir de Edgar Morin, como uma categoria que organiza o próprio conhecimento científico, instituindo a divisão e a especialização do trabalho; uma disciplina tende naturalmente à autonomia pela delimitação de suas fronteiras, pela linguagem na qual se constitui, pelas técnicas elaboradas no seu interior ou utilizadas pelas teorias que lhe são próprias. A organização da ciência em disciplinas tem início no século XIX, e se desenvolve no século seguinte a partir do crescimento da pesquisa. A fronteira disciplinar - sua linguagem e seus conceitos próprios - isolam não só uma disciplina das outras como dos problemas que lhes são comuns. Mas a constituição e a proliferação de disciplinas é também a história de ruptura das fronteiras

disciplinares, de circulação de conceitos, de formação de disciplinas híbridas e, sobretudo, é a história de formação de novas disciplinas, mais complexas, que se agregam e se aglutinam. A história da ciência seria assim para a autora, "a história da inter, da trans, da polidisciplinaridade".

A *polidisciplinaridade* (ou *multidisciplinaridade* ou *pluridisciplinaridade*) é a divisão do conhecimento em diferentes áreas, em diferentes disciplinas que apenas se sobrepõem, ou a associação parcial de disciplinas específicas a partir de um projeto ou um objeto comum; é o saber em seu estado tradicional.

A *interdisciplinaridade* significa articulação de conteúdos e métodos de diferentes disciplinas, sem que cada uma delas deixe de ter um lugar próprio; vai além da segmentação do conhecimento promovida pela multidisciplinaridade tradicional.

A *transdisciplinaridade* supõe a integração de disciplinas, o abandono de pontos de vista particulares de cada uma para produzir um saber novo e autônomo, que resulta em novos objetos e novos métodos; é a consequência de uma síntese interdisciplinar. Com a transdisciplinaridade alarga-se a reflexão para além do domínio do próprio saber considerado, empreendendo-se uma análise em que se considera a inserção deste saber num período e numa cultura.

Ver também: SILVA, Maciel Henrique, SILVA, Kalina Vanderlei. *Dicionário de conceitos históricos*. São Paulo, Contexto, 2005, p.238; e DUMAS, Brigitte. "Les savoirs nomades". *Sociologie et sociétés*, vol. XXXI, n. 1, 1999, este último esclarecendo especialmente a noção dos conceitos elásticos - aqueles que podem se deslocar entre teorias e entre disciplinas - para introduzir a discussão sobre a possibilidade de interdisciplinaridade pelas vias da metodologia e da teoria. Consultado em :

<http://www.erudit.org/revue/socsoc/1999/v31/n1/001214ar.html>

(8) BLOCH, Marc. Apologia da História. Rio de Janeiro, ZAHAR, 2002, p. 42.

(9) Ver: BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro, Zahar, 2001. Neste livro sociólogo Z. Bauman dá continuidade à sua reflexão sobre a vida contemporânea nas sociedades ocidentais no âmbito de um mundo globalizado, discutindo os principais fatores que caracterizariam a "liquidez" da nossa modernidade em contraposição à "solidez" da modernidade inaugural: extrema mobilidade e conseqüente perda de referências territoriais e culturais; incerteza e insegurança; precariedade de vínculos, inclusive os afetivos, uma vez que as relações e as ambições passam a ser preferencialmente temporárias; predominância do consumo sobre a produção; troca da segurança representada pela permanência, pela euforia da escolha permanente; excesso de informação; desequilíbrio entre a liberdade de direito e as garantias individuais. Para Bauman a construção da comunidade do futuro - entendida como a unidade resultante da negociação e da reconciliação e não da supressão das diferenças - é a promessa de "um porto seguro para os navegantes perdidos no mar turbulento da mudança constante, confusa e imprevisível".

(10) Ver: FONSECA, Maria Cecília Londres, *O patrimônio em processo: trajetória da política federal de preservação no Brasil*, Rio de Janeiro, UFRJ/IPHAN, 1997, ps. 72 a 79. e SANTOS, Cecília Rodrigues dos. "Novas fronteiras e novos pactos para o patrimônio cultural". *Revista São Paulo em Perspectiva*, vol.15, 2, abr/jun 2001.

(11) SANTOS, José Luiz dos, *O que é cultura*, São Paulo, Brasiliense, 1999.

(12) BOSI, Alfredo, *Dialética da Colonização*, São Paulo, Companhia das Letras, 1993.

(13) Apesar de todas as discussões conduzidas em nível internacional, somente após a "Conférence mondiale sur les politiques culturelles (MONDIACULT, Mexico, 1982), a reunião da "Commission mondiale de la culture et du développement" (Notre diversité créatrice, 1995) e da "Conférence intergouvernementale sur les politiques culturelles pour le développement" (Stockholm, 1998) a UNESCO aprovou essa definição de cultura, mais abrangente, referendada no ano de 2001, durante a "31ème session de la Conférence

générale", no documento "Déclaration universelle de l'UNESCO sur la diversité culturelle". Consultado em:

http://portal.unesco.org/culture/fr/ev.phpURL_ID=13066&URL_DO=DO_TOPIC&URL_SECTION=201.html

(14)BAUER, Letícia. "O arquiteto e o zelador:patrimônio cultural, História e Memória".

Número 7 - 2007, Nuevo Mundo Mundos Nuevos, consultado em:

<http://nuevomundo.revues.org/document3807.html>

(15)CANINE, Aline S. K. B. "Herança, Sacralidade e poder: sobre as diferentes categorias do patrimônio histórico e cultural no Brasil". *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 11, n. 23, jan/jun 2005.

(16) Ver: BOSI, Ecléa *Memória e Sociedade*, São Paulo, T.A. Queiroz Editor, 1979;

LE GOFF, Jacques, *Histoire et mémoire*, Paris, Gallimard, 1981;

RICCEUR, Paul. *La mémoire, l'histoire, l'oubli*. Paris, Seuil, 2000.

(17) Ricceur cita nessa passagem a obra de Frances A. Yates, que ele considera um clássico no tratamento da memória, - *The Arts of memory*, Londres, Pimlico, 1966. In: RICCEUR, Paul. Op. cit., p.74.

(18) EHM, Christine. *L'ABCdaire de tous les Savoirs du monde*. Paris, Flammarion, 1997, p.94.

(19) EHM, C. Op. Cit.

(20) Ver: EHM, C. Op. cit; RICCEUR, P. Op. Cit.

(21) HUGO, Victor. *Nossa Senhora de Paris*. Porto, Lelo&Irmãos, s.d., pp.218 a 255. Ver

ainda: EHM, Christine. Op. cit. ; "Magie et Mémoire". Consultado em :

http://www.dunod.com/pres_detail/49417/2100494171_TDM.pdf ;

ECO, Humberto. "From Internet to Gutenberg". Consultado em:

<http://www.hf.ntnu.no/anv/Finnbo/tekster/Eco/Internet.htm>, 15/set/2003 ;

a lecture presented at The Italian Academy for Advanced Studies in America, 1996 ;

http://www.giulio.camillo.org/txt_1.htm ;

(22) HUGO, Victor. Op. cit.

(23) EHM, C. Op. Cit.

(24) RUSKIN, John. *Las siete lampadas de la arquitectura*. Buenos Aires, Ateneo, 1956, in:

A lâmpada da memória .

(25) Citado por RICCEUR, P. Op. cit., p. 146.

(26) BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade*. São Paulo, Queiroz Editor, 1979, p. 369.

(27) HUGO, V. Op. cit.

(28) BABELON, J.P., CHASTEL A. Op. Cit., p. 84.

(29) Idem, p. 85.

(30) CUCHE, Denys. *A noção de cultura nas ciências sociais*. São Paulo, EDUSC, 2003, pp.

28 a 31; Esta citação de Renan foi escolhida por Le Corbusier para abrir o seu "Almanach

d'Architecture Moderne" (Paris, Editions G. CRES, 1925) publicado por ocasião da construção do Pavilhão do Esprit Nouveau.

(31) HOBBSAWM, Eric J. *Nações e Nacionalismo*. São Paulo, Paz e Terra, 1990.

(32) SILVA, Maciel Henrique, SILVA, Kalina Vanderlei. *Dicionário de conceitos históricos*.

São Paulo, Contexto, 2005, p. 308.

(33) HOBBSAWM, E. Op. cit. , pp.11, 12 e 18.

(34) Idem, pp.18 e 27.

(35) Ao discutir as transformações da idéia de nação, referindo-se particularmente ao "mundo ibérico", Hobsbawn cita a definição da "recente *Enciclopédia Brasileira Mérito*", São Paulo-Rio-Porto Alegre, 1958-1964, vol.13, p.581, que achamos por bem reproduzir: "nação é a comunidade de cidadãos de um Estado, vivendo sob o mesmo regime ou governo e tendo uma comunhão de interesses; a coletividade de habitantes de um território com tradições,

aspirações e interesses comuns, subordinados a um poder central que se encarrega de manter a unidade do grupo; o povo de um Estado, excluindo o poder governamental". In: Hobsbawm, E., Op.cit., pp.27 e 57 .

(36) Idem, p. 126.

(37) Ibidem, pp. 18 a 22.

(38) HOBBSAWM, E.Op. cit. p. 28.

(39) Idem, p. 32.

(40) Ibidem, p. 46.

(41) HOBBSAWM, E.Op. cit. p. 66;

(42) Idem, p. 118;

(43) Ibidem, ps. 37 e 40;

(44) HOBBSAWM, E.Op. cit. p. 74;

(45) Idem, p. 79. Sobre a noção de "eugenismo", ela designa uma busca de melhoria sistemática das "raças mais dotadas", considerando que as qualidades humanas eram hereditárias. Assim, para se elevar o nível de determinada população, seria preciso proceder como os criadores: favorecer a reprodução dos "bons" indivíduos e estancar ou diminuir a reprodução dos "maus". No final do século XIX e no início do XX, o programa geral do eugenismo teve grande sucesso, com a criação, na Europa e na América, de muitas sociedades eugenistas. In: JUPIASSU, Hilton. "Alcances e limites da predisposição biológica: da noção de raça ao eugenismo". Cadernos de Pesquisa Cebrap n. 2, julho 1994. Consultado em: www.cebrap.org.br/imagens/Arquivos/o_que_e_raca.PDF.

(46) RICCEUR, P, Op. cit., p.65.

(47) Idem, pp.65 a 75.

(48) Ibidem, p.77.

(49) Cf. CUCHE, D. Op. cit.,

(50) BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*. Rio de Janeiro, Zahar, 2005.

(51) CHAUI, Marilena. *Cidadania cultural - O direito à cultura*. São Paulo, Fundação Perseu Abramo, 2006.

(52) Cf. CHAUI, M. Op. cit., p. 106.

(53) Idem, p. 117.

(54) Ibidem, p. 117.

(55) Cf. CHAUI, M. Op. cit., p. 115.

(56) Idem, p.113.

(57) LARAIA, Roque de Barros. *Cultura, um conceito antropológico*. Rio de Janeiro, Zahar, 2002, pp. 25 a 37.

(58) Cf. CUCHE, D. Op. cit. pp. 17 a 29.

(59) LARAIA, R. B.Op. cit., p.25, citação de : TYLOR, Edward. *Primitive Culture*. New York, Harper, Torchbooks, 1958, cap. 1, p. 1.

Sobre o etnólogo Sir Edward Burnett Tylor (1832–1917), ele foi o responsável pela definição - em duas de suas obras, *Primitive culture* (1871) e *Anthropology* (1881) - das bases científicas da antropologia, tomando o evolucionismo de C. Darwin como referência. Para se tratar de um problema de saúde viaja pela América Central no ano de 1855, observa e estuda, passando a se interessar pelo desenvolvimento das sociedades e das religiões. Eleito "fellow" da Royal Society (1871), indicado como conservador do "University Museum at Oxford" (1883), foi o primeiro "reader" em Antropologia (1884) e primeiro professor de antropologia em Oxford (1896); referência teórica para o antropólogo escocês Sir James George Frazer (1854-1941), que desenvolveu importantes estudos sobre mitologia e religiões comparadas.

(60) Carl Linnaeus (1707-1778), naturalista sueco, considerado o pai da classificação moderna e da nomenclatura botânica binomial - *Fundamenta Botanica* (1736) e *Classes*

- Plantarum* (1738) - e da nomenclatura zoológica - *Systema Naturae* (1758). A "TheLinnean Society of London" foi fundada em 1788, e ainda hoje guardar as coleções de botânica e zoologia do cientista, bem como sua biblioteca. Ver:
<http://www.linnean.org/index.php?id=147>
- (61) CUCHE, D. Op. cit., pp. 28 a 31.
- (62) Cf.: BURKE, Peter *Cultura popular na Idade Moderna*. São Paulo, Companhia das Letras, 1978.
- (63) Idem p.18.
- (64) Ibidem, p. 25.
- (65) BURKE, P., Op. cit., p.19.
- (66) Cf. LIMA, Rossini Tavares de. *ABECÊ do Folclore*. São Paulo, Riocordi, s.d. (3ª edição), pp. 11 a 17.
- (67) Idem
- (68) CUCHE, P. Op. cit., p.23.
- (69) DEGLI, M., MAUZE, M., Op. cit., p.56.
- (70) LEVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia Estrutural*. Rio de Janeiro, Edições Tempo Brasileiro, 1975, pp. 13 a 15.
- (71) CLIFFORD, James. *A experiência etnográfica*. Rio de Janeiro, UFRJ, 2002, pp. 135 e 136.
- (72) DEGLI, Marine; MAUZE, Marie. *Arts premiers - Le temps de la reconnaissance*. Paris, Gallimard, 2000, p.13.
- (72) Idem, pp. 13 a 51.
- (74) Cf.: DEGLI, M., MAUZE, M., Op. cit.,
- (75) Idem, p. 59.
- (76) A restauração do castelo, em mal estado, é confiada a um aluno de Viollet-le-Duc, arquiteto Eugène Millet (1819-1879), que apresenta dois projetos: conservar o castelo com todos os anexos limitando-se a consolidar as partes em mau estado, ou suprimir os anexos (pesados pavilhões de ângulo) e restituir o castelo ao estado em que se encontrava no reinado de François I ; o último projeto é escolhido.
- (77) DEGLI, M., MAUZE, M., Op. cit., p. 59.
- (78) Idem.
- (79) Ibidem.
- (80) GONÇALVES, José Reginaldo Santos. "O templo e o fórum - Reflexões sobre museus, antropologia e cultura". In: *A invenção do patrimônio*. Rio de Janeiro, MinC - IPHAN, 1995, pp. 55 a 66.
- (81) Idem.
- (82) DEGLI, M., MAUZE, M., Op. cit., p. 114. A discussão que começa a ser anunciada atinge seu ápice no momento em que na França, por uma determinação do presidente da república, organiza-se um novo museu, Museu des Arts premiers, dedicado às artes e civilizações dos povos "outros", desejo do presidente Jacques Chirac que deveria contar no seu acervo com elementos do Museu do Homem (museu de etnografia inaugurado em Paris em 1938, para substituir o museu do Trocadero) e do Museu das Artes da África e da Oceania, criado com esse nome por André Malraux em 1962, a partir do acervo do Museu d'Outre Mer, antes Museu das Colônias, ocupando edifício construído para a exposição colonial que acontece em Paris em 1931.
- (83) "History of ethnographic collections in Europe"; "Nineteenth century anthropology and its effects on Pitt Rivers" . Consultado em:
<http://sapir.ukc.ac.uk/PRM/prmroot/misc/histcov.html>

Capítulo II

A especificidade do patrimônio histórico e artístico nacional

A análise do Anteprojeto fundador do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional de autoria de Mario de Andrade, sugere novos enfoques e levanta perguntas que reabrem a discussão sobre a história da proteção do patrimônio no Brasil. Além de contribuir para o entendimento da noção alargada de patrimônio, oferecendo uma nova inserção à Instituição no campo da discussão intelectual de seu tempo e no campo da preservação do patrimônio que foi construído na Europa ocidental desde o final do século XVIII.

A partir da operação de historiar a noção de patrimônio, procuramos avançar a hipótese de que a preservação do patrimônio foi se constituindo, a partir do século XVIII, enquanto campo específico de conhecimento, organizado em torno de: legislações de proteção e sua jurisprudência; de um corpo teórico relativo ao restauro e à conservação de bens móveis e imóveis; de uma reflexão crítica sobre a abrangência e o significado da ação patrimonial; de uma tradição e uma metodologia de pesquisa e de inventário; de instituições organizadas, governamentais e não governamentais, com representatividade local, nacional e internacional, que firmam cartas de princípios quanto à normas técnicas e éticas de intervenção e proteção.

Não é possível compreender a consolidação desse campo de conhecimento - que se vale de métodos, abordagens e conceitos próprios - sem recorrer à trajetória histórica da constituição do próprio campo, assim como aos debates, dissidências e adesões, ocorridos ao longo desse percurso, concordando com Babelon e Chastel quando afirmam, refletindo sobre o próprio trabalho de definir a "noção de patrimônio", que os conceitos "são histórica, social e localmente enraizados e, portanto devem ser explicados em termos destas realidades"(1).

O olhar interessado e criativo em direção ao passado acompanha a história, mas é re-inaugurado na Itália no século XVI com força renovada, quando faz renascer a

curiosidade pelos monumentos e pela cultura da Antiguidade clássica: "os eruditos (*savants*) europeus, chamados de antiquários (*antiquaires*) se apaixonam pelas informações fornecidas pelos edifícios antigos que eles entesourizam sob a forma de descrições e desenhos" (2).

Mas o interesse ainda está concentrado no próprio conhecimento, histórico e estético; raramente existe a preocupação com a conservação e, principalmente, com a restauração dos monumentos estudados. As estátuas mutiladas e fragmentos de mármore com ornamentos e inscrições que passarão a enriquecer os Gabinetes de colecionadores por toda a Europa, logo começam a passar por operações de "reintegração estética". Quanto às ruínas dos monumentos, o melhor exemplo da maneira dúbia como será encarada a sua preservação é o Coliseu de Roma, talvez o edifício da Antiguidade mais estudado durante o Renascimento, tendo sugerido temas de reflexão e normas de linguagem tão importantes como a seqüência de arcos e ordens combinados, e a sobreposição das ordens. Pois o Coliseu foi tratado durante o Renascimento como uma simples carreira de pedras, servindo inclusive para abastecer o canteiro de obras da Basílica de São Pedro (que recebeu também o cobre do Panteon para confecção dos adornos do baldaquino de Bernini). Sem ser objeto de nenhuma intervenção que lhe conferisse novo uso, fracassadas as tentativas de transformá-lo em templo dos mártires ou em igreja (destino de vários monumentos "pagãos, uma forma de redimi-los pelos martírios dos cristãos), sacudido e danificado por vários tremores de terra ocorridos em Roma, somente no ano de 1744 foi alvo de uma medida de proteção tomada pelo Papa Bento XIV, que proibiu a retirada de pedras e mármore. Mas teve ainda que esperar até o ano de 1806 para, na iminência de desabar, ser consolidado como ruína por Raffaele Stern (1774-1820), e passar a ser de fato defendido de futuros desmontes (3)

A Revolução Industrial, que tem início na Grã-Bretanha no século XVIII, vai ser responsável por mudanças rápidas e radicais em toda Europa ocidental. Não só mudam as relações de produção e as relações sociais, como muda a forma do homem se relacionar com seu ambiente, por sua vez destruído, transformado, renovado; o êxodo rural e o inchamento das cidades torna-se um processo irreversível, acentuado pelo assentamento dos primeiros trilhos das ferrovias. A aceleração do tempo é quase palpável assim com a sensação de perda e desenraizamento. O passado é visto como sinônimo de perdas irreparáveis, a vida é sacudida por violentas rupturas, por mortes sucessivas: "de repente, torna-se imperioso preservar os valores gnosiológicos e artísticos dos quais a antiguidade é suporte, suporte que recebe o nome de monumento histórico e passa a ser objeto de uma proteção generalizada"(4).

Conforme esclarece também Viollet-le-Duc no verbete "Restauração", da sua obra monumental *Dictionnaire Raisonée de l'Architecture Française du XIe au XVIe siècle* (1854):

"O nosso tempo, e somente o nosso tempo, desde o começo dos séculos históricos, tomou, em face do passado, uma atitude inusitada. Quis analisá-lo, compará-lo, classificá-lo e formar uma verdadeira história, guiando passo a passo a marcha, os progressos, as transformações da humanidade (...) Cuvier, através de seus trabalhos sobre anatomia comparada, de suas pesquisas geológicas, descortina, de repente, aos olhos de seus contemporâneos, a história do mundo antes do reino do homem. As imaginações o seguem com ardor nessa nova via. Filólogos, depois dele, descobrem as origens das línguas européias, todas originadas de uma mesma fonte. Etnólogos direcionam seus trabalhos para o estudo das raças e de suas aptidões. Depois, por fim, vêm os arqueólogos, que desde a Índia até o Egito e a Europa, comparam, discutem, separam as produções artísticas, desmascaram suas origens, suas filiações e chegam pouco a pouco pelo método analítico, a coordená-las segundo certas leis (...) Todos esses trabalhos se encadeiam e se auxiliam mutuamente. Se o europeu chegou a essa fase do espírito humano, caminhando em passos acelerados em direção aos destinos do porvir, e talvez por caminhar depressa, sente a necessidade de compilar todo seu passado, assim como se forma uma numerosa biblioteca, para preparar labores futuros, é razoável acusá-lo de se deixar levar por um capricho, por uma fantasia efêmera? (...) Se o nosso século só tivesse que transmitir aos séculos futuros esse novo método de estudar as coisas do passado, tanto no plano material como no plano moral, bem mereceria a posteridade" (5).

Caberá à memória a tarefa de tentar redimir a morte e, nesse sentido, orientar o século XIX para a construção de novos campos do conhecimento, dando assim a partida para uma interminável "busca do tempo perdido" (6).

A discussão sobre o estudo e a preservação do patrimônio constituído por edifícios, ruínas, objetos e fragmentos - suportes materiais, vale ressaltar - nasce tributária do Iluminismo na França, e se define a partir dos elementos que desenham o campo da preservação ainda hoje. Trata-se do momento em que Diderot lança sua grande epopéia, a *"Encyclopédie ou Dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers"*, esforço de registro e organização dos saberes do mundo que ele define como: "dicionário, porque se propõe a apresentar e analisar todas as ciências e todas as artes; enciclopédia porque esclarece a ordenação e o encadeamento de todos os conhecimentos" (7); momento em que se começa a classificar e analisar as coleções de antiguidades e "merveilles" fazendo-as acervos de instituições chamadas de museus, por sua vez palco e laboratório para a construção da história e da crítica da arte, da etnologia, das ciências humanas e naturais; momento em que a história inicia sua busca positiva da objetividade, recorrendo à memória escrita dos documentos, organizando arquivos e bibliotecas; momento em que a arqueologia se exercita nos sítios, particularmente em Herculano e Pompéia, criando métodos, caminhando da

simples escavação e coleta para o salvamento e a interpretação, constituindo-se numa disciplina auxiliar da história; momento de descoberta da cultura popular européia - a primitiva e a folclórica - inserida no mesmo quadro de valorização do primitivismo cultural distante. Momento ainda em que as ruínas dos monumentos, a parte mais considerável do espólio material da Antiguidade - durante tantos séculos inspiradoras de devaneios ou de apreciações eruditas, estudadas apenas "na superfície" (e não superficialmente) para a construção das teorias e dos modelos da arte moderna do Renascimento, tocadas apenas para serem consolidadas ou adaptadas pragmaticamente a novos usos, nesse momento as ruínas começam a ser reconstituídas idealmente nas mesas de desenho dos arquitetos, e os arquitetos são despertados de seu "sonhar tranqüilo" diante dos fragmentos para antecipar, no desenho, as operações de restauro completo dos monumentos que não tardarão.

Às vésperas da Revolução Francesa, no ano de 1787, o "Journal de Paris" antecipa uma outra "revolução" na maneira de tratar monumentos do passado, inclusive anunciando sua inclusão no tratamento de tecidos urbanos. O jornal faz-se a voz do clamor popular contra a intenção de destruir a "fontaine des Innocents" (1559), publicando uma carta do arqueólogo e acadêmico Quatremère de Quincy que terminava sua defesa da fonte perguntando "(...) o que será da história da arte se os edifícios depositários do gênio de cada século, em vez de envelhecerem adquirindo a veneração pública que os torna sagrados, forem condenados como as produções efêmeras da moda, que aparecem um dia e já cedem lugar àquelas do dia seguinte?" A fonte não foi destruída, apenas cedeu lugar ao projeto de remanejamento do bairro em que se encontrava, sendo desmontada e remontada perto do local de origem, em meio à uma área comercial, futuro mercado do Halles. O patrimônio iniciava sua afirmação, enquanto patrimônio histórico e artístico, com respaldo erudito e popular, objeto de uma moderna campanha da imprensa (8).

O século XIX, como bem colocam Babelon e Chastel, vai se dividir entre a nostalgia poética da simples conservação e contemplação das ruínas patéticas ou pitorescas, e a exaltação do presente representada pelo monumento triunfante restaurado. Ou, entre os monumentos "vivos", aqueles que deveriam sofrer intervenções para adequá-los às novas necessidades, e os monumentos "mortos", que podiam prescindir dessa intervenção e, no máximo consolidados, permanecer como testemunho histórico, mantendo seu estado de degradação, conforme recomendou textualmente o "Congresso Internacional de arquitetos americanos" ocorrido em Madrid em 1904, idéia adotada e debatida depois

internacionalmente (9). Ao discorrer sobre a melancolia das ruínas, para compor um dos capítulos do seu instigante quadro cultural do século XVIII, Jean Starobinski acaba por traçar as grandes linhas do século seguinte, ou seja, a negação de uma certa "qualidade dilacerante das coisas perdidas" e "do tempo que passou", em favor do entendimento, do registro científico, da organização do conhecimento sobre épocas desaparecidas, através da escrita da história:

"A poética da ruína é sempre um devaneio diante da invasão do esquecimento. Já se observou que para que uma ruína seja bela é preciso que a destruição seja bastante longínqua e que se tenha esquecido das suas circunstâncias precisas; a partir daí pode-se atribuí-la a um poder anônimo, a uma transcendência sem rosto: a História, o Destino. Ninguém sonha tranqüilamente diante de ruínas recentes que fazem sentir o massacre: elas são logo desentulhadas para reconstruir (...). A poesia da ruína é a poesia do que sobreviveu parcialmente à destruição, mas permaneceu imerso na ausência; é preciso que ninguém tenha conservado a imagem do edifício intacto. A ruína por excelência marca um culto desertado, um deus negligenciado (...). O monumento antigo era um memorial (...), ele perpetuava uma lembrança. Mas a lembrança inicial foi perdida e uma segunda significação a sucedeu, passando a anunciar o desaparecimento da lembrança que o construtor pretendia perpetuar na pedra. A melancolia (da ruína) reside no fato de ela ter se tornado um monumento da significação perdida. Sonhar nas ruínas é sentir que nossa existência cessa de nos pertencer e se une ao imenso esquecimento (...). Mas tomar consciência desse esquecimento é já despertar para as tarefas da memória. Diante das pedras adormecidas, diante dos templos em que vagueiam as cabras, o devaneio reaparece e se torna uma questão; a questão inaugura um inventário metódico; as ruínas são trazidas de volta às suas coordenadas de espaço e tempo. Sabe-se que algumas vocações de historiadores foram decididas durante a contemplação das ruínas (...); os "antiquários", os eruditos, os arqueólogos do século XVIII esforçaram-se por interrogar os vestígios e por reconstruir uma imagem verossímil do passado. Até mesmo o devaneio monumental de Piranese se faz passar por um levantamento sistemático; o sonho adquire ares de ciência. Quando se chega a decifrar os nomes dos deuses esquecidos, a desenterrar as taças enterradas, chega-se ao final da equívoca poesia das ruínas e da ignorância comovida que era sua condição. O sacrilégio, aos olhos daqueles que permanecem ligados a essa emoção, é querer *datar* o que deve ser sentido como *imemorial*. O sentimento das ruínas do século XVIII sofreu a concorrência do despertar do pensamento histórico moderno, que despoetizou os documentos do passado à medida que sua pesquisa se tornava mais metódica (...) como escrevia um amigo de Goethe, o que é alcançado para a erudição fica perdido para a imaginação (10).

A arquitetura das ruínas

A estadia como pensionistas na Academia da França em Roma (*Academie de France*) significava o prêmio maior aos alunos da Academia francesa (*Grand Prix de Rome*), o coroamento de um concurso anual que escolhia entre os melhores alunos os dois melhores trabalhos de pintores, escultores e arquitetos (mais tarde também de gravadores e músicos) proporcionando-lhes o privilégio de estudar "sur place" os monumentos da Antigüidade romana. Por mais de dois séculos, o Prêmio de Roma significou não só uma especial distinção acadêmica como também, e sobretudo, uma garantia de destaque na hierarquia profissional, a promessa de um futuro promissor à serviço, do rei e da nobreza, e depois da burguesia. Criada em 1666 por Colbert, o poderoso ministro de Luis XIV, suprimida em 1793 e restituída dois anos depois juntamente com todas as academias francesas, a Academia da França em Roma ocupará vários endereços até se instalar na Villa Medicis em 1803, onde permanece até hoje, acolhendo os pensionistas nas suas viagens de estudo subvencionadas e regulamentadas por Paris (11).

O Grande Prêmio de Roma é instituído no seio da Academia de Arquitetura como coroamento de seu programa de ensino baseado na emulação, parte integrante de um sistema pedagógico que se manterá por mais de 150 anos, mesmo quando enfraquecido, como no período de 1795 a 1816 por ocasião do debate sobre o estatuto do arquiteto (artista ou engenheiro?); perde suas características pedagógicas ao longo do século XIX para passar a ser uma láurea com peso apenas na concorrência profissional (2). Porém, se é indiscutível que a França passa por radicais mudanças e transformações durante o período revolucionário (principalmente entre 1789 e 1799), forçoso é reconhecer que as Academias, apesar dos atos e decretos extinguindo-as e depois restituindo-as, atravessam esse período conturbado praticamente incólumes do ponto de vista organizacional e doutrinário. No ano de 1831 - ano em que Victor Hugo publica o romance de sucesso *Notre-Dame de Paris*, plataforma de sua luta pelo reconhecimento e proteção da arte da Idade Média; ano em que é fundada a "Société Française d'Archeologie" e em que seu criador, o arqueólogo Arcisse de Caumont, líder na Normandia de um movimento crescente de reconhecimento da arquitetura gótica, inicia a publicação do seu *Cours d'Antiquités Monumentales*; ano em que o geógrafo e egiptólogo Edme-François Jomard (1777-1862) publica seu estudo *Sur le but d'une collection*

ethnographique; ano em que L. Vitet começa a organizar o “service de Conservation des Monuments Historiques” e envia seu primeiro relatório como “Inspecteur” ao Ministro do Interior - pois neste mesmo ano o tema proposto para os alunos da Academia de Arquitetura para que desenvolvessem os projetos que participariam do concurso para o Prêmio de Roma será “Etablissement d’eaux thermales” (edifício para termas), projeto com programa idêntico ao do concurso de 1774, que reafirmava a antiguidade clássica como modelo, com o respaldo teórico de Quatremère de Quincy (Antoine Chrysostome Quatremère, 1755-1849) (13). Nesse mesmo ano, Eugène Emmanuel Viollet-le-Duc (1814-1879), que terá papel fundador na organização da prática e da teoria da restauração arquitetônica, depois de rejeitar a formação acadêmica e se iniciar na arquitetura na prática do ateliê de Jean-Jacques Huvé e Achille Leclère, parte para a sua primeira viagem de reconhecimento da França e da sua “arquitetura nacional”, ou viagem de descoberta da arquitetura medieval (14).

Durante a estadia de mais ou menos quatro anos em Roma, os pensionistas arquitetos deveriam desenvolver estudos e levantamentos métricos (*relevés*) dos monumentos romanos e elaborar um trabalho final (*envois*) com os desenhos completos de “Restauração” de um monumento romano da antiguidade; estes trabalhos seriam expostos em Roma e Paris, vindo depois a constituir um fundo de pesquisa e consulta da Academia de Arquitetura (15), atualizando a obra de referência de A. Desgodetz, *Edifices antiques de Rome, mesurés et dessinés très exactement sur les lieux*, publicado em 1682 (16). Esse trabalho final, chamado alternativamente de “Restauração” ou de “Restituição”, era composto pelo desenho de levantamento métrico completo e fiel das ruínas de um monumento, seguido da “Reconstituição” do mesmo monumento da maneira como “teria sido”, tomando como base os estudos dos edifícios, o conhecimento das regras de linguagem e composição da arquitetura clássica. Tratava-se de exercícios gráficos, já que os arquitetos nunca haviam experimentado exercícios reais de reconstituição ou restauração de ruínas, nem sonhavam em restaurar um monumento do passado da maneira como vão passar a experimentar e teorizar na França, em meados do século XIX. Em 1786, críticas começam a ser levantadas aos trabalhos enviados a partir da Villa Medicis dentro da própria Academia. As reconstituições de templos eram consideradas “fáceis demais” pois as “formas e detalhes são quase sempre os mesmos”, e “impossíveis” para os outros monumentos, “se não houvesse a possibilidade de se recorrer à ciência de um ‘antiquário’” (17), referência importante ao trabalho integrado de arquitetos e arqueólogos no estudo dos vestígios da Antiguidade.

Referiam-se os acadêmicos, ao movimento dos "antiquários" (*antiquaires*), homens eruditos, muitos deles dedicados às práticas da escavação e estudo de objetos arqueológicos, ou, de acordo com a primeira edição do "Dictionnaire de l'Académie française", citado por F. Choay, "especialista no conhecimento de objetos de arte antiga e curioso deles". Os antiquários começam a atuar na Inglaterra no século XVII, mas vão se organizar de fato a partir de 1707 com a criação da "Society of Antiquaires of London" (até hoje ativa). As "sociétés savantes" não desempenharam na França papel tão importante na organização da preservação do patrimônio como na Grã-Bretanha, que, em relação à preservação do patrimônio, nunca seguiu o modelo Estatal centralizado francês. Mas sempre foram muito atuantes, multiplicando-se por todo território, dedicando-se à "conservação e à descrição dos monumentos históricos", ou seja, pesquisando, salvando, escavando, desempenhando atividades confundidas do arqueólogo, do arquiteto, do historiador, do museólogo e até do simples colecionador diletante, como foi característico nesse século XIX. Dissolvidas em 1793, renascem no Primeiro Império e se multiplicam sob a Monarquia de julho, em um contexto de rivalidade entre o poder local e a administração centralizadora parisiense. Assim como as "societys of antiquaires", tinham como objetivo fazer escavações e/ou estudar e/ou publicar boletins e livros e/ou promover restaurações e/ou colecionar, como a própria "Society of Antiquaires of London"; a "Society of Antiquaires of Scotland" (1780); a "Académie celtique", depois "Société royale des antiquaires de France" (1805-1813); a "Société Archeologique du Midi de la France" (1831); a "Société des antiquaires de Zurich" (1832), entre inúmeras outras. A mais respeitada e conhecida dentre as associações francesas foi a "Société des Antiquaires de Normandie" criada em 1824 por Arcisse de Caumont (1801-1873) e Auguste Le Prévost (1789-1857), dedicada a estudos históricos e arqueológicos e à preservação; Caumont foi um dos primeiros arqueólogos a analisar e estudar a arquitetura da Idade Média na França (18).

Em 1798, um novo regulamento para a Academie des Beaux-Arts, encerra a discussão sobre o conteúdo do trabalho dos alunos de arquitetura laureados com o "Grand Prix de Rome"; a "Restauração" é reabilitada como o trabalho final dos pensionistas, e ganha normas e regras precisas, como o aprofundamento de um trabalho prévio de estudo e conhecimento do objeto, incluindo também um memorial histórico justificativo. Segundo os responsáveis pela organização da Academia em Paris, os pensionistas perdiam tempo demais na elaboração do trabalho final exigido pelo estágio em Roma (*envoi*) - que correspondia ao projeto completo de um monumento - ficando impedidos de se dedicar, como conviria, ao

estudo das Antiguidades. O trabalho final deveria, portanto incluir, a partir daquele momento, um desenho primoroso, resultado do diagnóstico detalhado do estado em que se encontrava o monumento escolhido (*état actuel*), composto a partir de pesquisas de caráter praticamente "arqueológico" e do levantamento métrico arquitetônico preciso (*relevé*) do monumento, seguido de um exercício de reconstituição do mesmo como "teria sido" que é chamado de "Restauração" (*Restauration*). Os desenhos deveriam ainda ser acompanhados de um memorial (*mémoire*) contendo o histórico detalhado do edifício e da sua construção. Quatremère de Quincy terá papel relevante na orientação pedagógica, principalmente durante o período em que ocupa o posto de "Secrétaire Pépétuel" (1816-1839) da Academia; seria de sua autoria o artigo 17 do regulamento de 1810 (uma dos inúmeros ajustes e adaptações por que passa regulamento de 1798) o qual descreve o trabalho a ser executado pelos pensionistas em Roma: "durante o quarto ano eles (os pensionistas) farão o desenho geométrico de um monumento antigo da Itália de sua escolha, e com a aprovação do Diretor; estes desenhos serão executados depois do levantamento métrico reproduzindo o monumento no estado em que se encontrar; o pensionista deverá acrescentar os desenhos da 'restauration' do monumento que ele conceber, e um texto histórico sobre sua antiguidade e sua construção" (19). Uma primeira lista de monumentos da Antiguidade romana, aqueles considerados mais importantes para constituir uma coleção, é estabelecida em 1790, passando por diversos ajustes e alterações ao longo do século XIX, conforme crescia o acervo de desenhos.

Importante entender o significado da noção de "Restauração" nesse momento na Academia (para não confundir com a concepção atual, indicarei "Restauração" sempre entre aspas). Primeiro, deve-se atentar para ao fato de que as obras de arte da Antiguidade - fragmentos, mas principalmente esculturas e estatuária que desde o século XV eram chamadas na França de "marbres de fouille" - eram sistematicamente "restauradas", o que queria dizer, refeitas e completadas com as partes que faltavam, sendo inclusive utilizadas nestas operações fragmentos de outras esculturas, ou mármore proveniente de outras peças mais danificadas; um verdadeiro trabalho de colagem que visava eliminar não só qualquer marca de "sofrimento imposto pelo tempo", como tornar invisível a interferência do "restaurador".

Em meados do século XVIII, as escavações em Herculano e Pompéia, a atividade dos antiquários e a criação dos primeiros museus, aumentam o mercado para os "marbres de fouille". E as "Restaurações", que no início eram atribuição de artistas

renomados, passam a ser executas por ateliês de artesãos que se multiplicam na Itália, com prejuízo ainda maior para as peças. Mesmo o arqueólogo e teórico J. J. Winckelmann - que através da observação e da análise crítica das obras de arte da antiguidade, objetos e monumentos, estabelece os fundamentos da nova arqueologia e da moderna história da arte, contribuindo para estabelecer a distinção entre "original" e "cópia" - foi ambíguo ao tecer considerações sobre a impressionante coleção de antiguidades de seu protetor, cardeal Albani: por uma lado admira o fato das esculturas adquirem "a flor da primeira idade" antes de entrarem para a coleção, e por outro observa que a reparação que as peças "parecem exigir" no final faz com que elas "percam sempre e não ganhem nada" (20). Marco na avaliação do significado dessas intervenções nas esculturas e estatuária da Antiguidade, que obedeciam a mesma regra há séculos, foi o episódio dos "Elgins marbles", particularmente o momento em que Antonio Canova (1757-1822) - reconhecido escultor neoclássico, "Inspetore delle Belle Arti" no Estado Papal desde 1802, com grande prestígio junto a Napoleão - recusa o convite de Lord Elgin para restaurar o grupo escultórico de Fídias que ele havia retirado do Partenon de Atenas e transportado para a Inglaterra, optando assim pela "grandeza insubstituível da beleza mutilada" (21).

Quando se trata dos monumentos arquitetônicos, a melhor fonte para a definição de "Restauração", aquela que ajuda a esclarecer o debate ocorrido no início do século XIX no seio da Academia, é o volume *Architecture*, da *Encyclopédie méthodique* (1795-1825) de Charles-Joseph Panckoucke, de responsabilidade de Quatremère de Quincy (22): "*Restauração* - trata-se, no sentido mesmo da palavra, do restabelecimento que se faz das partes de um edifício, mais ou menos degradado, para recuperar-lhe um bom estado. Restauração se diz, em arquitetura, num sentido materialmente menos mecânico, do trabalho realizado pelo artista e que consiste em encontrar, a partir dos fragmentos, vestígios ou inscrições de um monumento, seu antigo conjunto, e o complemento de suas medidas, de suas proporções e de seus detalhes. Sabemos que é suficiente, freqüentemente, alguns fragmentos de coluna e de capitéis de uma arquitetura grega para recuperar pelo menos a ordem de um templo" (...) *Restituição* - há uma distinção importante a se fazer entre a idéia, o trabalho ou a operação que designa essa palavra (*restitution*), e a operação que comporta as palavras precedentes, restaurar (*restaurer*) e restauração (*restauration*): restaura-se a obra de arte ou o monumento degradado ou destruído em parte, a partir dos fragmentos que dele de fato subsistiram e que oferecem mais ou menos a idéia da repetição do que falta; restitui-se a obra ou monumento que desapareceu completamente, a partir da autoridade das descrições

encontradas, ou, às vezes a partir de indicações que as obras do mesmo gênero nos podem fornecer".

As considerações de Quatremère de Quincy, evidentemente, referem-se à arquitetura clássica: através do domínio de sua gramática, de sua linguagem e de suas regras de composição poderia ser possível, a partir de um capitel, da medida da base de uma coluna ou do entercolúnio de um templo, recompô-lo, na sua estrutura, a partir da "idéia de repetição do que falta", cabendo à imaginação e à erudição do artista, se lhe fosse pedido, "completar os detalhes" (23). Mas também é claro que se está a discutir exercícios gráficos, desenhos de um estado idealizado sem intenção de realização, executados à partir do necessário domínio da arquitetura clássica, do levantamento de medidas e do estudo dos vestígios do monumento. O fato é que, no que diz respeito às ruínas da Antigüidade clássica, exercitava-se na Academia vários tipos de projeto, desde a dita "Restauração" idealizada a partir de vestígios, ruínas, e documentos, até a "Restituição", que recompunha um monumento desaparecido completamente, com base apenas em fontes escritas e às vezes, estudos comparativos. Estamos, portanto nos distanciando da definição de "Restauração" encontrada na *Encyclopédie ou Dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers* (1765), que define "Restauração" como o "refazimento de todas as partes de um edifício degradado", sem se referir à uma forma primitiva ou ideal. Ao passo que o verbete "restaurar" da mesma *Encyclopédie*, refere-se à maneira de restaurar as esculturas e a estatuária romanas descrita acima, quando fala de reconduzir uma figura mutilada ao seu "primeiro estado", e continua: "a maior parte das estátuas antigas foram restauradas (...) estas restaurações foram feitas por escultores hábeis" (24).

No ano de 1824, os membros da seção de Arquitetura da "Ecole des Beaux-Arts" (arquitetos A.L.T. Vaudoyer, P.J. Delespine, N. Hyot, J.T. Thibault, Ch. Percier) traduzem esse debate para os pensionistas arquitetos: "O que é uma Restauração? É a conjectura mais provável (grifo nosso), apoiada na autoridade da forma, da figura e das proporções de um monumento hoje em ruínas, e do que ele possa ter sido no tempo do seu esplendor; cabe às pesquisas, aos estudos, à sagacidade do artista, aproximá-lo ao máximo da verdade. Trata-se do tipo de trabalho que revela se o arquiteto aproveitou seus estudos sobre os monumentos antigos"(25). Estamos, portanto, diante de um exercício gráfico de abstração, que apela ao conhecimento de história e teoria da arquitetura clássica e à capacidade de pesquisa, ao domínio do desenho como expressão técnica e artística, à cultura

histórica e, também, à imaginação e criatividade do arquiteto, portanto, um exercício de projeto de arquitetura, especificamente projeto de restauração de edifícios, da maneira como é, ou pode ser, concebido hoje.

Os "envois de Rome" (e depois de Pompéia e de Atenas), tal como foram descritos acima, ou seja, exercícios sobre a arquitetura da Antiguidade, seguem este padrão por mais de um século. E precedem de quase um século as primeiras restaurações executadas em canteiro, dessas vezes intervenções na arquitetura da Idade Média. Com certeza, esses trabalhos marcaram profundamente a formação dos arquitetos na França (em todas as academias, no mundo, que a tomaram como modelo) e tiveram seu papel na composição da doutrina francesa de restauro de edifícios, o restauro estilístico, que tem em Viollet-le-Duc seu principal teórico e realizador. A viagem do arquiteto francês para a Itália (1836-1837) deve ser vista como parte de um roteiro obrigatório, percorrido desde o século XVII por todos os artistas e intelectuais europeus, e até por eruditos diletantes, que procuravam complementar e aperfeiçoar *in loco* seus conhecimentos sobre a cultura clássica; viagem que às vezes podia assumir um caráter "iniciático" como foi o caso do "Grand Tour" na Inglaterra. Para Viollet-le-Duc, que rejeitara a formação na Ecole des Beaux-Arts - definida por ele como "um moinho de arquitetos; eles saem dela praticamente iguais" (26) - a viagem à Itália apresentava-se ainda como um "ritual de formação" que ele cumpre dominado pelo "desejo de ver e de saber", como assinala em sua correspondência. Ao percorrer o extenso roteiro que se inicia em Gênova, e passa por Nápoles, Sicília (visita Pompéia e Paestum), Livorno, Pisa, Florença, Siena, Roma, Assis, Pádua e Veneza, Viollet-le-Duc demora-se estudando e desenhando a arquitetura de todas as épocas, aperfeiçoando-se na técnica do desenho, nos estudos técnicos, históricos e estéticos, para constituir um conjunto de mais de 450 desenhos em diferentes técnicas reproduzindo edifícios, ruínas, paisagens, levantamentos métricos cotados com precisão, fragmentos diversos, estatuária e escultura, bronzes, mosaicos, pintura mural, costumes - nada escapava ao ávido observador decidido a "verificar tudo, e reter o que é bom".

Na extensa documentação disponível sobre essa viagem (27) é possível encontrar um jovem Viollet-le-Duc "estupefato" (expressão sua) com os monumentos da Antiguidade romana - "as concepções colossais da antiguidade me deixam perplexo; eu me pergunto, eu tento descobrir quem foi o gênio que pôde inspirar aos artistas antigos esta beleza de proporções, essa pureza de formas, esse vigor de execução presente em seus

monumentos, e eu não sei onde encontrar essa fonte (...) o Coliseu é o centro dos meus afetos"(28) -, encantado com a cidade de Roma - "já estou arrependido de ter deixado Roma e sua simplicidade tão calma e tão bela. Fico triste por não poder ver a todo momento essas belas ruínas, tão poéticas, no meio das quais nos encontrávamos sempre (...) Por mais que Florença me pareça bela, ela não é Roma" (29) -, e crítico em relação à doutrina clássica que dominava os ateliês dos arquitetos parisienses - "cheguei à Itália com a memória repleta de Palladio, com o qual nos alimentaram nos ateliês. Impossível dizer quão grande foi meu desapontamento quando vi a arquitetura desse mestre (...) talvez para minha vergonha, vou afirmar que acho Palladio, Sansovino, Vignola, muito aborrecidos; suas arquiteturas, são, na minha opinião, uma mistura de antigo e de rococó. Tudo frio e sem caráter" (30). A chegada à Veneza, considerada por Viollet-le-Duc como o ápice da viagem de descoberta, é saudada com entusiasmo - "nunca uma arquitetura me impressionou tanto" - mas a dimensão da admiração, consubstanciada na apreciação de um dos mais importantes monumentos da cidade, o Palácio dos Doges, procura um parâmetro clássico para expressar sua eloquência: "Eis aqui o Partenon da Idade Média" (31).

Entre os desenhos que Viollet-le-Duc traz da Itália vamos encontrar uma "Restauração", ou "Restituição", acadêmica, que também poderiam ser reconhecidos como exercícios de amadurecimento de uma metodologia que ele viria a desenvolver em seus trabalhos de restauração. Refiro-me especialmente a um desenho reproduzido no catálogo *Le Voyage d'Italie d'Eugène Viollet-le-Duc 1836-1837*, intitulado "Taormine. Vue restaurée du théâtre" (32), que reproduz o teatro romano à cores de guache e aquarela, reconstituído nas minúcias de detalhes construtivos e decorativos, durante um espetáculo. Nem mesmo as personagens, público e atores, são esquecidas, numa antecipação das "Restaurações" enviadas pelos pensionistas que passaram a viajar para Pompéia, consideradas por Georges Vallet (33) mais como "Restituições" - uma "restitution d'ambiance", evocação literária e histórica - do que "Restaurações" acadêmica, aquelas que não podiam prescindir das referências e estudos da Antiguidade. Como esclarece o próprio Viollet-le-Duc em sua correspondência, ao observar criticamente que os pensionistas eram "enviados a Roma para aprender a modelar um capitel ou uma base de coluna pelo procedimento mais longo e mais frio que os homens conseguiram inventar, quando o capitel e esta base estão gravados, moldados e copiados em todo o lugar, e já foram desenhados e moldados tão penosamente por vinte alunos (...) Mas o espírito das obras de antiguidade, a vida antiga, seu sopro, sua alma, quem se ocupa delas na Villa Médicis?"(34).

Momento em que talvez se pudesse inferir que o verdadeiro desafio colocado a Viollet-le-Duc desde o enfrentamento de sua primeira obra de restauração arquitetônica - a igreja de Sainte-Madeleine de Vézelay, em 1840 - seria não ter podido contar com a normativa, as regras gramaticais e a teoria da arquitetura clássica, e ter tido que enfrentar a criatividade e variedade da arquitetura da Idade Média; para concluir que a necessária unidade estilística da obra restaurada, só poderia mesmo ser encontrada na forma idealizada que, com muita probabilidade, "nunca teria existido". Porém idealizada a partir de exaustivos estudos sobre as formas de construir nos canteiros das corporações, sobre os sofisticados sistemas estruturais, enfim, trabalhando dentro do mesmo rigor acadêmico. Assim é que Viollet-le-Duc se lança nas atividades de investigação, teorização e publicação, juntando-se a toda uma série de historiadores, cientistas e artistas que, desde o início do século XIX, se empenharam em recuperar a memória da Idade Média e o sentido da nacionalidade francesa. No ano de 1854 inicia a edição dos dez volumes do *Dictionnaire Raisonée de l'Architecture Française du XIe au XVIe siècles* (publicados até 1868), onde encontramos no verbete Restauro, a sua conhecida definição de Restauro, que começa deixando claro que esta atividade era, na época, "moderna", talvez moderna no sentido de que acabara de deixar as mesas de desenho e as referências da Antiguidade clássica, para se concretizar no canteiro de igrejas românicas e de catedrais que deveriam, num sentido bastante prático, ser colocadas em ordem para continuar abrigando sua função original: **"A palavra e o assunto são modernos. Restaurar um edifício não é mantê-lo, repará-lo ou refazê-lo, é restabelecê-lo em um estado completo que pode não ter existido nunca em um dado momento"**(35).

No verbete Restauração, da sua *Encyclopédie*, Viollet-le-Duc cita ainda Ludovic Vitet (1802 -1873) - primeiro "Inspecteur général des Monuments Historiques" (36) - a partir do texto do seu relatório de visita às províncias do Norte da França em 1831 quando, tocado pela imponentia das ruínas do castelo medieval de Coucy, faz considerações sobre o monumento que se propõe a "tentar restaurar", referindo-se claramente aos exercícios acadêmicos ao explicar o significado da restauração para ele naquele momento (o mesmo que restituição, reconstrução, revitalização):

"(...) na verdade é uma restauração para a qual não será necessário nem pedras, nem cimento, mas somente folhas de papel. Reconstruir, ou antes, restituir em seu conjunto e em seus mínimos detalhes uma fortaleza da Idade Média, reproduzir sua decoração interior até seu mobiliário; em uma palavra, devolver sua forma, sua cor e, se ousar dizer, sua vida primitiva,

tal é o projeto que me veio primeiro à mente ao entrar na muralha do castelo de Coucy. As torres imensas, o torreão colossal, parecem, sob certos aspectos, construídos ontem, E, em suas partes degradadas, quantos vestígios de pintura, de escultura, de distribuições interiores! Quantos documentos para a imaginação! Quantas indicações para guiá-la com certeza à descoberta do passado (...) Até agora esse gênero de trabalho foi aplicado somente aos monumentos da Antiguidade. Creio que, no âmbito da Idade Média, poderia conduzir a resultados ainda mais úteis; pois as indicações tendo por base fatos mais recentes e monumentos mais inteiros o que, em se tratando da Antiguidade são somente conjecturas, se tornaria quase certeza quando se tratasse da Idade Média". E Viollet-le-Duc, no mesmo verbete, encerra a citação de Vitet reconhecendo essa "filiação" da operação de restaurar, com a seguinte conclusão: "esse programa tão vivamente traçado (...) há trinta e quatro anos, nós o vemos realizado hoje, não no papel, não através de desenhos fugidios, mas em pedra, em madeira e em ferro para um castelo não menos interessante, o de Pierrefonds" (37).

Viollet-le-Duc se lança na realização de amplos e exaustivos estudos para recuperar a lacuna de conhecimento sobre a arte da Idade Média, sobre a arquitetura que se apresentava para o restauro efetivo. Estuda o objeto no canteiro com precisão arqueológica, para depois, com base no íntimo conhecimento de cada objeto, "criar" seus projetos. E reconhece que cada objeto arquitetônico passa a ter a sua "especificidade na unidade", alargando a idéia de "modelo" ou "tipo". Ou seja, o arquiteto continuava seguindo o sistema Beaux-Arts ao tratar "os vestígios como documentos para a imaginação" na busca da "conjectura mais provável", apenas adaptando-a ao novo desafio do momento, o de restaurar as construções do passado, atividade até então ignorada na sua dimensão real e cultural. E talvez esteja aí a grande lição metodológica e criativa do arquiteto: conseguir dar a volta ao sistema, sem descartar o conhecimento acumulado. Fato que poderia ser levado em conta quando se trata de tomá-lo como parâmetro para analisar ou para criticar as primeiras obras de restauro realizadas no Brasil pelo IPHAN, refletindo para além da real "destruição da estratificação histórica em busca da unidade estilística", ou seja, contextualizando seu trabalho. Para se refletir, no afinal, Viollet-le-Duc não seria às vezes tomado tão "ao pé da letra" do resultado final das suas obras de restauro, tanto por seguidores como pelos críticos, que se perderia a dimensão dos seus estudos e considerações teóricas, como ilustra Antonio Luiz Dias de Andrade ao recuperar o histórico dos excessos perpetrados em seu nome na restauração de monumentos arquitetônicos, a partir de meados do século XIX na Europa e no Brasil (38). Lembrando que Viollet-le-Duc passou para a história da arquitetura não só como o arquiteto restaurador dos edifícios e fundador de uma doutrina (diria "menos por essa razão") mas também como um dos pioneiros do funcionalismo. Com ele a história da arquitetura se fez disciplina: na crítica ao classicismo acadêmico, conectando-se às posturas racionalistas francesas de Blondel, Ledoux e Durand, e "buscando a razão de todas as

formas, porque cada forma tem uma razão". A beleza não é fórmula, é resultado de trabalho e de investigação (39). E a restauração não é reparação, como deixa claro no verbete, e sim projeto, um projeto que leva em conta um profundo conhecimento do edifício.

O trabalho de restauração científica iniciado por Viollet-le-Duc terá continuidade na obra de arquitetos franceses como Anatole de Baudot, tido como seu "discípulo preferido", que acompanhou a execução de seus projetos de restauração para o Châteaux de Vincennes, para a Catedral de Notre-Dame-de-l'Assomption, de Clermont-Ferrand, e para a igreja de Saint-Sernin, além de elaborar projetos próprios de restauração. Ou Paul Abadie que, particularmente nos projetos de restauração das igrejas de Montmoreau, no Perigord, na catedral de Angoulême e na igreja de Sainte-Croix, em Bordeaux, ousou reconstituições ignorando vestígios e documentos, em favor da unidade estilística, da simetria e da criação da obra de arte (40). A postura de Abadie ou de Baudot não foram isoladas, somando-se a de outros arquitetos seus contemporâneos, principalmente os diocesanos, e não só franceses, e às restaurações mais radicais do mestre - a cidade fortificada de Carcassone (1852-79) e o Castelo de Pierrefond (1858-70).

A forte personalidade e a grande influência pessoal de Viollet-le-Duc, não impediram que fosse veementemente criticado por praticar intervenções pesadas, que desrespeitavam a história do edifício, por vários intelectuais e artistas seus contemporâneos, como demonstra o livro *Pierre Nozière* (1899), de Anatole France (Jacques Anatole François Thibault - 1844-1924), no qual defende a tese de que pedras e edifícios representam a memória de um povo: "De fato, há pedras novas demais em Pierrefonds. Eu estou convencido de que a restauração iniciada em 1858 por Viollet-le-Duc e terminada de acordo com seu projeto, foi suficientemente estudada. Estou persuadido de que o torreão, o castelo e todas as defesas externas recuperaram seu aspecto primitivo. Mas, enfim, as velhas pedras, os velhos testemunhos, não estão mais lá, não é mais o castelo de Louis d'Orleans; trata-se da representação em relevo e em escala natural dessa mansão. E as ruínas foram destruídas, o que é uma forma de vandalismo"(41). Ou, já em 1914, na passagem da obra do escultor Auguste Rodin (1840-1926), *Les Cathédrales de France*: "As catedrais são a França (...) a síntese do país (...) o pacto de civilização (...) Ninguém defende nossas catedrais. O peso da velhice as acabrunha e, a pretexto de curá-las, de "restaurar", o arquiteto, que deveria apenas dar a elas sustentação, muda-lhes a face (...) não podemos rezar diante dessas abjetas pedras

repostas. Substitui-se as pedras vivas, por coisas mortas (...) Uma arte que tem vida não restaura as obras do passado, mas dá a elas continuidade" (42).

Viollet-le-Duc restaurava igrejas e catedrais para que delas se pudesse continuar fazendo bom uso, uma das condições para a conservação dos monumentos, segundo o arquiteto. Essa atitude encontraria ecos mais amistosos na Grã-Bretanha onde a campanha anti-restauração de John Ruskin e Willian Morris, direcionada aos arquitetos restauradores britânicos, dificultava bastante a vida dos religiosos, como fica claro nesta queixa do Dean de Canterbury, publicada no "The Times" em 1877: "A Sociedade de Mr. Morris olha para a nossa catedral como um lugar para pesquisa de antiquários ou para ensinar arquitetos. Nós precisamos dela para os serviços diários de Deus" (43). Discutia-se a base das intervenções retrospectivas de restauro, criticava-se a "santa aliança dos neo-góticos com o neo-católicos" que via na "arquitetura ogival" a única alternativa contemporânea para construir igrejas de acordo com o clima e com a cultura nacionais (44). Isolados num certo ostracismo de especialistas restauradores, os arquitetos acabam se afastando cada vez mais dos arqueólogos, por sua vez defendidos por trincheiras conceituais cada vez mais especializadas. O diálogo é difícil, como bem demonstra Abadie: "A ciência da arqueologia parece não ter outra missão além de censurar, acusar de ignorância, de barbárie, de vandalismo ... O arqueólogo não faz nada, não produz nada. Ele se contenta em dar seu *veto* a toda idéia produtiva"(45).

Na verdade, a tensão entre a arquitetos e a arqueólogos já era antiga, mesmo que suas atividades estivessem desde sempre confundidas na busca, estudo e valorização dos vestígios da Antiguidade clássica. Os arquitetos da Ecole des Beaux-Arts, tanto nas estadias em Roma como em Atenas (para onde viajam a partir de 1845), demonstravam extremo rigor e boa vontade na execução do trabalho final de "Restauração", como provam as pesquisas de campo necessárias à execução dos projetos, registradas em verdadeiros "carnets de feuille" arqueológicos, e nos detalhados desenhos de levantamento métrico. Para compor os memoriais (*mémoires*) realizavam extensas pesquisas históricas, alimentadas pelos livros de viajantes e especialistas já publicados, pelas inscrições antigas, bem como pela leitura de clássicos como Pausânias e Plutarco, ou de teóricos como J. J. Winckelmann e o mestre Quatremère de Quincy (46). Mesmo com toda essa seriedade, os arqueólogos vão colocar em dúvida o que eles chamavam de "périlleux état restauré", os "arriscados" exercícios gráficos de "Restauração" ao qual se lançavam os pensionistas arquitetos, acusados de trabalhar com

suposições a partir de indícios. De fato, em algum momento da elaboração do projeto gráfico de "Restauração", os arquitetos tinham que apelar para a suposição e à imaginação criativa, que muito provavelmente os conduzia a soluções duvidosas e inaceitáveis do ponto de vista dos arqueólogos. Mas assumiam a tarefa acadêmica de executar uma "Restauração" gráfica nessas condições, sem dissimular a parcela de hipóteses inerente ao exercício arquitetônico, conscientes da necessidade de chegar a uma conciliação entre " as exigências divergentes da arte e da arqueologia, esta última uma disciplina auxiliar da história, portanto necessariamente ligada aos problemas de cronologia" (47).

Uma outra característica da relação de arqueólogos, arquitetos e historiadores da arte na França do século XIX com seu patrimônio nacional é assinalada por J. Schlosser: "a partir do Império (...) aumentou o trabalho digno de menção da 'Archéologie' no sentido francês, que não está dirigida tanto para a pesquisa da Antiguidade clássica, como a concebemos nós os alemães, e sim ao mencionado passado nacional do próprio povo, a partir da época galo-romana, como preâmbulo daquela Idade Média na qual o espírito francês (...) elevou seu 'gótico' como modelo internacional" (48). Estas considerações vão introduzir um problema de definição de fronteiras do campo de atuação e conhecimento da preservação do patrimônio e, conseqüentemente, das especializações e atribuições profissionais, principalmente quando se passou a aceitar a existência de uma variante da restauração arquitetônica, que seria atribuição de arqueólogos, o "restauro arqueológico"; direcionada a monumentos em estado de ruína, deve buscar apenas a conservação dos remanescentes, com mínima intervenção. O debate hoje gira em torno da definição do exato ponto de degradação de um monumento, aquele marco a partir do qual ele deixa de ser edifício, objeto de trabalho de arquitetos, e passa a ser ruína, objeto de trabalho de arqueólogos. A arqueologia histórica, um ramo de especialização da arqueologia que se aproxima da antropologia, se propõe a fazer "uma leitura arqueológica do edifício ", sugerindo a preservação da sua "informação histórica", que pode colocar dilemas insolúveis para os arquitetos restauradores; a divisão de trabalho normalmente proposta para conciliar os dois profissionais em um meso canteiro, mal aceita pelos dois, atribuiria ao arqueólogo apenas o estudo do sub-solo, cuidando o arquiteto do conjunto, ruína ou edificação (49).

Nesse ponto é importante voltar ao início da atividade de restauração na França, lembrando da solidariedade que unia arquitetos e arqueólogos. Em 1835, Grille de Beuzelin descreve as atividades e os penhores exigidos dos Inspectores que realizavam o

inventário pelo interior, esclarecendo que a metodologia de trabalho e a base teórica deveriam ser buscadas na arqueologia e na história da arte: "Cada um dos inspetores deveria poder medir e montar plantas como um arquiteto, desenhar os fragmentos como um pintor, ler os antigos mapas como se fosse um arquivista, correr á cavalo e a pé e ainda, para conseguir uma unidade, tudo deveria seguir os mesmos princípios em arqueologia, o mesmo sistema em história da arte". Também, como consequência do "Concordat", é promulgada em 1802 uma lei sobre os cultos, determinando que o Estado deveria devolver aos bispos os locais próprios aos cultos (igrejas e catedrais), para a residência (palácios episcopais) e para a formação dos padres da diocese (seminários), edifícios que ficariam sob a dupla tutela de bispos e "préfets" (poder local), e sob o controle e administração do "service des Bâtiments civils". Para cada uma das igrejas menos representativas, foram criados "conseils de fabrique", encarregados de zelar pela conservação do edifício. Portanto, quando Mérimée escreve a Arcisse de Caumont, um dos primeiros arqueólogos a analisar e estudar a arquitetura da Idade Média na França e se lançar na defesa dos seus monumentos, dizendo: "O senhor sabe melhor do que ninguém a quantos inimigos nossas antiguidades estão expostas. Os reparadores são talvez tão perigosos quanto os destruidores" (50) ele certamente não está se referindo aos "restauradores" comandadas pelo Serviço, encarregados das obras nas igrejas românicas e catedrais, mas aos "reparadores" responsáveis pelas inúmeras obras de manutenção e até de reconstrução que se multiplicaram pelo território francês desde então. E quanto a isso estão de acordo.

A apologia dos museus

O objetivo não é recuperar a história dos museus desde o seu aparecimento, mas tentar entender como as coleções diletantes se abrem ao público durante o século XIX, e se fazem local de pesquisa e ensino, de preservação de legados do passado. Nesse sentido é importante assinalar que, desde o século XVI, os objetos provenientes do "Novo Mundo", testemunhos da cultura material dos seus habitantes, as "raridades exóticas", vão alimentar os Gabinetes de Curiosidades europeus de reis, nobres e "antiquaires", ocupando a "chambre des merveilles", local especial destinado às "bizarrices da natureza e das sociedades humanas", aos objetos que recebiam adjetivos como insólito, grotesco, monstruoso,

rudimentar, primitivo, selvagem, ou simplesmente estranho. A função inicial dos Gabinetes, montados como modelos reduzidos do universo que se ampliava e diversificava naquele momento, era "instruir, divertir e maravilhar". Reunia a *naturalia* - composta de animais naturalizados, conchas, minerais, plantas - e a *artificialia* ou *mirabilia* - composta de antiguidades, medalhas, moedas, instrumentos de música, armas ou outros instrumentos de trabalho - coleções que, ao serem "Iluminadas", começarão também a ser também a ser estudados e classificadas (51). Interessa ainda para esse trabalho, identificar que as "merveilles" nos Gabinetes, eram separadas fisicamente das "antiguidades", que mais tarde deveriam permanecer como objeto de estudo das "societés savantes" tomando depois o rumo dos museus de arte. Quanto às "merveilles", elas irão se organizar enquanto coleções etnográficas e de história natural, compondo acervos de museus específicos onde serão classificadas e estudadas definindo ramos da ciência como a zoologia, botânica, mineralogia, etnologia e etnografia, antropologia.

Na França pós-revolucionária, os museus se associam ao patrimônio na tarefa de preservação, e da afirmação da nacionalidade: o acesso aos museus é considerado um direito legítimo de todos os cidadãos, diferentemente do que acontece em outros países europeus como a Itália, Alemanha e Grã-Bretanha. Os acervos vão somar os bens confiscados da nobreza e do clero com as antigas coleções reais, constituindo um legado "regenerado pela liberdade devendo suscitar a emulação entre os artistas, instruir o povo e transmitir novas lições para a posteridade (52). No ano de 1793, decretos sucessivos da Convenção Nacional determinam uma série de modificações em instituições do governo, que espelham bem a reorganização dos saberes: por sugestão do pintor David, todas as Academias são extintas; a Grande Galeria do Louvre é aberta ao público com o nome de "Muséum Central des Arts", criado no ano anterior; é extinta a "Comission des Monuments", substituída pela "Comission Témoraire des Arts", destinada a "inventariar os objetos pertencentes à Nação"; abertura à visitação do acervo recolhido, organizado e instalado no convento dos Petits Augustins por Alexandre Lenoir, composto de "monumentos transportáveis que tivessem interesse artístico e histórico para a Nação"; criação do "Conservatoire des Arts et Métiers" que abrirá suas portas no ano seguinte como uma instituição de ensino voltada à ciência, e ao "emprego das ferramentas e máquinas úteis às artes e metiês"; transformação do "Jardin royal des plantes médicinales" ou "Jardin du Roi", em uma prestigiosa instituição de ensino e pesquisa que será o "Muséum national d'histoire naturelle" (53). A preocupação com a preservação e o estudo dos vestígios do passado não

teria sido portanto, historicamente, apenas assunto de arqueólogos e arquitetos; ela também pertence aos novos museus, que se querem públicos e pedagógicos, por iniciativa do Estado voltados para a pesquisa e à produção de conhecimento, e para a preservação dos artefatos culturais e obras de arte colecionados.

Também não foi muito aceita a decisão de fazer dos museus depósitos de obras em detrimento dos sítios, dos conjuntos e das próprias cidades. Sucedem-se, durante o século XIX, episódios de transferência de objetos de sítios arqueológicos da Grécia e da própria Itália para os recém organizados museus que disputavam peças para constituir suas coleções, sem citar por enquanto os objetos etnográficos levados das colônias na África, América e Oceania para os museus europeus. A transferência dos "mármore de Elgin", para Londres foi um marco, como vimos acima, mas não foi o único. Lord Elgin, embaixador da Grã-Bretanha na Grécia, obtém em 1801 a autorização para retirar um grupo escultórico do Paternon - parte importante do friso - e outras fragmentos de edifícios da Acrópole, e levá-los para Londres, convencido de estar "salvando a arte da barbárie turca". Essas peças são compradas pelo governo britânico e incorporadas ao acervo do British Museum em 1816. Se a observação das esculturas de Fídias - com seu realismo acentuado pela proximidade do observador - causou enorme impacto entre escultores, estudiosos e antiquários, também gerou protestos locais e internacionais como o de Lord Byron, presente no seu poema "Childe Harold's Pilgrimage" de grande repercussão (54).

Em Paris, logo em 1790, em meio à onda de destruição que sucedeu à revolução, a "Comission Temporaire des Arts", através do pintor de história Gabriel-François Doyen (1726-1806), escolheu o convento dos Petits-Augustins como o mais importante dos nove depósitos destinados a acolher e conservar os objetos de arte confiscados pela Revolução assim como para guardar aqueles que vinham sendo alvo da fúria revolucionária. Alexandre Lenoir (1761-1839) é nomeado zelador (*garde*) do "Dépot des Petits-Augustin", e encarregado do inventário das pinturas, esculturas e fragmentos ali recolhidos; seis anos depois ele passa de "garde" a "conservateur" e o Dépot é rebatizado de "Musée des antiquités et monuments français". Exaltado por alguns - como o historiador Jules Michelet que o considerava local de inspiração para historiadores e estudiosos de seu tempo - e criticado por outros - como Quatremère de Quincy - o Musée de Lenoir foi fundamental para salvaguarda de obras de arte naqueles momentos de tumulto e exaltação. No mesmo ano de 1796, Quatremère de Quincy publica *Lettres sur les préjudices qu'occasionnerait aux arts et*

à la science le déplacement des monuments de l'art de l'Italie ou *Lettres à Miranda*, em que combate os deslocamentos de peças de arte e fragmentos de monumentos dos sítios originais, tanto do interior do França como do estrangeiro (Roma especialmente), para serem remontados "arbitrariamente" em museus. Para ele, as obras de arte deveriam ser mantidas nos sítios originais que lhes conferia vida e sentido (55). Se a circulação de antiguidades é observada em toda Europa ocidental, o sentimento de Quatremère de Quincy também é compartilhado por outros intelectuais, como o poeta alemão J. Herder (1744-1803), que já no início do século XIX se lamenta ": "Tudo é silêncio, estou neste deserto para encontrar-te, amada Roma? Todas aquelas figuras que uma vez, em outro lugar, eu prazerosamente cumprimentava (...) aqui um fragmento de estátua, ali um busto, pernas cruelmente desmembradas - tudo amontoado nesta lúgubre sala: em um museu! Medo e tristeza me perseguem" (56).

Com a derrota de Napoleão em 1815 na batalha de Waterloo, Quatremère de Quincy vai se empenhar pela devolução de objetos de arte saqueados durante as guerras por ordem do imperador e depositados no "Musée Napoleon" (Louvre) sob a guarda de Jean-Dominique Vivant Denon; a maior parte das obras de arte é devolvida porém, ironicamente, segue junto como espólio de guerra, parte importante da coleção egípcia coletada durante a ocupação francesa (1798-1799), graças ao trabalho de mais de 150 cientistas, artistas e "savants" franceses; inclusive a pedra da Rosetta. Nomeado "Intendant général des arts et monuments publics", Quatremère de Quincy continua criticando Lenoir abertamente, agora na sua obra *Considérations morales sur la destination des ouvrages de l'art, ou de l'influence de leur emploi sur le génie et le goût de ceux qui les produisent ou qui les jugent*, e acaba conseguindo que os objetos e fragmentos de arquitetura franceses depositados no Museu dos Monumentos desde a sua criação, fossem devolvidos aos locais e edifícios de origem (57). Encerra-se assim a tentativa de preservar a arquitetura - fragmentada e descontextualizada, valorizada principalmente pelo seu aspecto escultórico - no interior dos museus. Preservada *in situ*, no início ainda será tratada, do ponto de vista da preservação e restauração, como uma obra de arte isolada do contexto, para aos poucos conquistar a relação com seu entorno que passa a ser condição determinante de monumentalidade. Fato que não priva os museus do seu papel fundamental na urbanização, na prática e na conceituação da preservação. Apenas, depois de inchar e se diversificar, começam por criar departamentos especializados, ou se subdividir em museus menores. No começo do século XX, criticados principalmente pela

museografia, fazem tentativas de reformulação, que ocasionaram muitos descartes e muitas perdas.

No ano de 1931, o "Institut de coopération intellectuelle", da "Société des Nations", organiza em Atenas, com o apoio do "Office International des musées", a primeira conferência internacional sobre conservação "artística e histórica dos monumentos", que irá produzir o documento conclusivo "La Conservation des monuments d'art et d'histoire", conhecido como a Carta de Atenas de restauro, que traz, entre as suas resoluções, uma recomendação expressa para que haja colaboração e entre arquiteto e arqueólogos. Os 118 participantes, todos europeus, eram arqueólogos, arquitetos, conservadores de museus, historiadores da arte, técnicos e funcionários encarregados da preservação do patrimônio (58). Esse conjunto de competências e especialidades vem confirmar o desenho do campo da preservação do patrimônio que tentamos esboçar, apesar das dificuldades, discussões e disputas. No momento da configuração do primeiro documento internacional que trata da preservação, estão ainda unidas (talvez pela última vez ...) as instâncias do conhecimento que nasceram e se consolidaram durante o século XIX, pensando sobre a preservação do passado no âmbito da afirmação das nações européias: a história da arte como parte da história; a arquitetura da preservação e da restauração das edificações; a organização dos museus com suas atividades conservativas, científicas e didáticas; o desenvolvimento científico e autonomia da arqueologia. O campo da preservação do patrimônio define-se assim como um lugar de convergência e difusão de saberes.

A Carta de Atenas de restauro, sobre a conservação dos monumentos de arte e história, será a principal referência para o IPHAN que começava a se organizar e iniciava suas atividades; o próximo encontro internacional só se daria em Veneza, 34 anos depois.

Notas

- (1) BABELON, Jean-Pierre e CHASTEL, André., *La notion de patrimoine*. Paris, Liana Levi, 1994, p.18.
- (2) CHOAY, Françoise. "Patrimoine et mondialisation". Texte de conférence, Université Cadi Ayad, Marrakech, 2004. Consultado em:
www.ambafrance-ma.org/cjb/Textes_en_ligne/CONF/CONF_CHOAY_Pat.pdf -
- (3) Ver: JOKILEHTO, Jukka. *A History os Architecture Conservation*. Kent, Butterworth Heinemann, 1999, pp. 32 a 34 , e 77 a 87.
- (4) CHOAY, F. Op. cit.
- (5) VIOLLET-LE-DUC, Eugène Emmanuel. *Restauração*. São Paulo, Artes&Ofícios, 2000, pp. 33 e 34.
- (6) Marcel Proust obtivera a permissão de John Ruskin de quem era grande admirador (cuja obra foi fundamental para iniciar a reflexão sobre a preservação e a restauração no século XIX, contrapondo-se a uma forte corrente preservacionista francesa liderada por E. E. Vilollet-le-Duc) para traduzir seu livro *La Bible d'Amiens*. A edição francesa sai em 1904, com um longo prefácio e várias notas; seu objetivo era permitir que o leitor francês conhecesse a visão inglesa de uma catedral francesa. Obra consultada em:
<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k80148w/f19.table>.
 Sobre a tradução de Proust, e a relação do escritor com Ruskin ver os artigos do Bulletin Marcel Proust 2004 (consultados em:
http://perso.orange.fr/marcelproust/litterature_architecture.htm): Emily EELLS, "Nos pères nous ont dit : Proust et La Bible d'Amiens de Ruskin", e Cynthia GAMBLE, "Adrien Proust et John Ruskin : la mort inspiratrice du travail proustien".
- (7) EHM, Christine. *L'ABCdaire de tous les Savoirs du monde*. Paris, Flammarion, 1997, p.68.
- (8) BABELON, J.P., CHASTEL, A. Op. Cit., Annexe 6, "Une campagne de presse en 1787", p. 136.
- (9) Cf. JOKILEHTO, Jukka. *A History of Architecture Conservation*. Kent, Butterworth Heinemann, 1999, p. 250. Ver também, sobre a discussão contemporânea sobre "monumentos vivos e monumentos mortos" no que diz respeito à resturação: MORI, Victor Hugo. " Arqueologia e Restauração: anotações para o debate". In: Mori, V.H, SOUZA, M.C., BASTOS, R.L., GALLO. H.(org.). *PATRIMÔNIO: atualizando o debate*. São Paulo, IPHAN, 2007.
- (10) STAROBINSKI, Jean. *A invenção da liberdade*. São Paulo, UNESP, 1994 , pp. 202; 203 e 205.
- (11) Ver: ARIZZOLI-CLEMENTEL, Pierre. "L'Académie de France à Rome". *Revue Monuments Historiques*, 123, 1982, pp. 46 a 48. Colbert também foi responsável pela criação das academias reais de pintura e escultura (1648, com viagens à Roma a partir de 1666) e de arquitetura (1671, com viagens a Roma a partir de 1720). Pensadas como um meio para liberar os artistas do jugo das corporações, as Academias exercem o importante papel no ensino das artes desde a seu aparecimento; especialmente para a arquitetura , o ensino significou "a necessidade de ancorar a instituição dos arquitetos na ciência e na doutrina e de envolver sua prática em prestígio e dignidade", mesmo a Academia de Arquitetura, diferentemente daquela de Escultura e Pintura, ter tido sua liberdade restringida ao ficar sob a tutela da "adminstration des bâtiments", e controle direto do rei, conforme: EPRON, Jean-Pierre. " De l'enseiment de l'art à la distinction de l'artiste", *Revue Monuments Historiques*, 123, 1982, pp.49 a 59)
- (12) EPRON, op. cit.

(13) JARRASSÉ, Dominique. "1831 ou la spéculation sur l'architecture pure". *Revue Monuments Historiques*, 123, 1982, pp.72 a 76).

(14) KUHL, Beatriz Mugayar. "Viollet-le-Duc e o Verbete Restauração". In: VIOLLET-LE-DUC, Eugène Emmanuel. *Restauração*. São Paulo, Artes&Ofícios, 2000, p. 10.

(15) Segundo os organizadores da exposição *Paris - Rome - Athenes - le voyage en Grèce des architectes français aux XIX et XX siècles* (Paris, Ecole Nationale Supérieure des Beaux-Arts) ocorrida em Paris em 1982, esta exposição fechava um ciclo que a Ecole des Beaux-Arts dedicara à discussão do papel da Antiguidade na formação dos arquitetos nos séculos XIX e XX - as outras duas exposições foram *Le Voyage d'Italie d'Eugène Viollet-le-Duc*, e *Pompéi- Travaux et envois des architectes français au XIX siècle* -, através de precioso acervo de documentos e desenhos da Ecole, pela primeira vez organizados e analisados exaustivamente em forma de exposições e catálogos. Os três catálogos, incluindo a extensa iconografia e documentos textuais que reproduzem, foram fonte especial de consulta para o desenvolvimento desse capítulo.

(16) PINON, Pierre. "Les leçons de Rome". *Revue Monuments Historiques*, 123, 1982, pp. 18 a 24.

(17) PINON, Pierre. Op. cit.

(18) Ver: sítio da "Société des antiquaires de Normandie": http://www.antiquaires-de-normandie.org/article.php3?id_article=135.

No ano XIII da república é criada a "Académie Celtique", que se torna a "Société des Antiquaires de France". Em 1824 o arqueólogo normando Arcisse de Caumont funda a "Société des antiquaires de Normandie" que servirá de modelo à inúmeras outras por todo o país. Ele também será responsável pela criação, em 1834, da "Société pour la conservation des monuments" que se tornará "Société française d'archéologie", cujo objetivo era federalizar as sociedades provinciais; muito bem organizada, ela contava com um diretor, um comitê permanente e uma rede de correspondentes/inspetores. Em meados do século XIX, quase todos os departamentos da França contavam com sua "société savante"; elas publicavam artigos sobre escavações, descobertas arqueológicas e sobre arquitetura. Os membros dessas sociedades passaram também a ser os correspondentes locais da "Commission des monuments historiques", e interlocutores privilegiados de Mérimée.

Segundo informações do sítio: http://www.merimee.culture.fr/fr/html/mh/mh_1_6.html

(19) PINON, Pierre. "Les 'Envois de Rome' ". *Pompéi- Travaux et envois des architectes français au XIX siècle* , Paris, Ecole Nationale Supérieure des Beaux-Arts, 1981, p. 57.

(20) Ver: VALLET, Fausto. "Les 'Restaurations'". *Pompéi- Travaux et envois des architectes français au XIX siècle* , Paris, Ecole Nationale Supérieure des Beaux-Arts, 1981, pp. 67 a 78.

(21) VALLET, Fausto. Op. cit. A criação dos grandes museus europeus, Museu Pio Clementino (1771), British Museum (1753), Museu Napoléon, Louvre, (1803), Glyptothèque de Munich (1830) acirram a disputa pelas obras da Antiguidade, com transferências de um número importante de obras da Grécia para estes acervos. Ver: MARIJISSEN, R. H. "Les marbres de lord Elgin". *Revue NUANCES*, 24, juin 2000. Consultado em : <http://aripa.free.fr/Nuances24.pdf>. Ver: ETIENNE, Roland. "Quand les premiers archéologues découvrirent la Grèce". *CLIO*, juillet 2002. Consultado em : www.clio.fr/BIBLIOTHEQUE/quand_les_premiers_archeologues_decouvrirent_la_grece.asp

(22) **Type** : texte imprimé, monographie

Auteur(s) : Quatremère de Quincy, Antoine (1755-1849)

Titre(s) : Encyclopédie méthodique. Architecture [Texte imprimé], par M. Quatremere de Quincy, dédiée et présentée a monseigneur de Lamoignon, garde des sceaux de France, &c. Tome premier [-troisième]

Lien au titre d'ensemble : Encyclopédie méthodique

Publication : A Paris, chez Panckoucke, libraire, hôtel de Thou, rue des Poitevins. A Liège, chez Plomteux, imprimeur des Etats. M. DCC. LXXXVIII. Avec approbation, et privilège du Roi - A Paris, chez Henri Agasse, imprimeur-libraire, rue des Poitevins, n° 18. An IX. - A Paris, chez Mme veuve Agasse, imprimeur-libraire, rue des Poitevins, n° 6. M. DCCCXXV

Éditeur : Panckoucke, Charles-Joseph (1736-1798)

Plomteux, Clément (17..-179.? ; imprimeur-libraire)

Agasse, Henri (1752-1813)

Agasse, Veuve d'Henri (1769-1843)

Description matérielle : 3 t. ([4]-VIII-730 ; [4]-744 ; [4]-664 p., [1] f.) ; in-4

Comprend : T. 1, [Abajour-Coloris des fleurs] ; T. 2, [Colossal-Mutules] ; T. 3, [Nacelle-Zothea]

Note(s) : Faux titre en tête du t. I : "Encyclopédie méthodique, ou par ordre de matières ; par une société de gens de lettres, de savans et d'artistes ; précédée d'un Vocabulaire universel, servant de table pour tout l'ouvrage, ornée des portraits de MM. Diderot & d'Alembert, premiers éditeurs de l'Encyclopédie". Même faux titre avec variantes possibles dans la ponctuation et l'accentuation en tête des t. suivants. - La dédicace à Lamoignon ne figure pas au titre des tomes 1 et 2. - D'après Laurent Baridon, par Quatremère de Quincy avec la collaboration de Jean-Baptiste Rondelet jusqu'en 1801 puis de Nicolas Huyot et de Antoine-Laurent Castellan. Le t. 3 est entièrement ou presque de Quatremère de Quincy. - Chaque t. est paru en 2 parties : le t. 1 en 1788 (p. 1-320) puis 1790 (p. 321-730) ; le t. 2 en 1801 (p. 1-358) puis 1820 (p. 361-744) ; le t. 3 en 1825 (p. 1-344) puis 1828 (p. 345-664). - Pour le t. 2, il existe un autre état du faux titre et de la p. de titre. Celle-ci porte l'adresse suivante : "A Paris, chez Mme veuve Agasse, imprimeur-libraire, rue des Poitevins, n° 6. M.DCCCI-M.DCCCXX". Un avis au verso du faux titre justifie l'impression de cette nouvelle p. de titre faite en 1820 au moment de la parution de la 2e partie du t. 2. - Erreur de pagination : les p. 359-360 ont été sautées dans la pagination du t. 2. Le t. 3 contient 1 f. impr. d' "Avis", relié selon les ex. catalogués, soit après la p. de titre, soit au début de la 2e livraison (i. e. entre les p. 344 et 345). - Ornement gr. sur bois au titre des t. 2 et 3, ornement typogr. au titre du t. 1 ; d'après l' "Avis", les pl. n'ont pas été publiées. - "Le dictionnaire d'architecture de Quatremère de Quincy : codifier le néoclassicisme" / Laurent Baridon, dans "L'Encyclopédie méthodique (1782-1832) : des Lumières au positivisme" / éd. par Claude Blanckaert et Michel Porret, Genève, 2006

Réf. bibl. : CG, CXLIV, 349

Autre(s) auteur(s) : Huyot, Jean-Nicolas (1780-1840). Collaborateur

Rondelet, Jean (1743-1829). Collaborateur

Castellan, Antoine-Laurent (1772-1838). Collaborateur

Sujet(s) : Architecture -- Encyclopédies

Notice n° : FRBNF40964313

Cote : NUMM-85720

<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k85720c.notice>

VERBETES: "Restauration" e "Restitution"

pp. 286 a 289

<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/CadresFenetre?O=NUMM-85720&M=notice>

(23)Atentar para o fato de que, desde a publicação em 1800 do livro *Leçons d'anatomie comparée*, as teorias de Georges Cuvier (1769-1832) começam a ter grande repercussão que culmina por ocasião da publicação de *Recherches sur les ossemens fossiles de quadrupèdes, où l'on rétablit les caractères de plusieurs espèces d'animaux que les révolutions du globe paroissent avoir détruites*, em 1812, onde Cuvier estabelece a "loi de corrélation des formes" um novo paradigma na ciência que terá repercussões em várias áreas do conhecimento,

- inclusive nas teorias da restauração; Cuvier é citado por Viollet-le-Duc no verbete Restauro da sua *Encyclopédie* e era seu amigo pessoal;
- (24) Em VALLET, Fausto. Op. cit., ver as definições constantes da *Encyclopédie*, de Diderot, 1765, no trecho citado na nota (6) acima.
- (25) "Rapport ... de l'Institut sur les ouvrages envoyés par les Architectes Pensionnaires de l'Academie de France à Rome", citado por : VALLET, Fausto. Op. cit., p. 75.
- (26) *Le Voyage d'Italie d'Eugène Viollet-le-Duc 1836-1837*. Paris, Ecole Nationale Supérieure des Beaux-Arts, 1987, p. 26.
- (27) Documentação em grande parte reproduzida, tanto a iconografia como a correspondência e outros documentos textuais, em *Le Voyage d'Italie d'Eugène Viollet-le-Duc 1836-1837*. Paris, Ecole Nationale Supérieure des Beaux-Arts, 1987.
- (28) Correspondência de Viollet-le-Duc com a família em Paris, em: *Le Voyage d'Italie d'Eugène Viollet-le-Duc 1836-1837*, p.17.
- (29) Idem, p. 19.
- (30) Ibidem, p. 20. Interessante observar a concordância da crítica à arquitetura de Palladio elaborada por Viollet-le-Duc, com aquela de J. Ruskin no seu livro *As Pedras de Veneza*, publicado originalmente em 1853. No anexo "Index vénitien" inserido na edição de 1880 (RUSKIN, John. *Les pierres de Venise*. Paris, Hermann, 1983, p. 219) notar particularmente as considerações sobre a Igreja de San Giorgio Maggiore: "é difícil conceber uma planta mais bárbara, mais grosseira, uma concepção mais infantil, um plágio mais servil, um resultado mais insípido e um conjunto mais desprezível de todos os pontos de vista", quando se adquire a certeza de que a arquitetura de Palladio só é citada no roteiro de Ruskin como suporte das "preciosas pinturas de Tintoretto" que ele descreve e analisa demoradamente.
- (31) Correspondência de Viollet-le-Duc com a família em Paris, em: *Le Voyage d'Italie d'Eugène Viollet-le-Duc 1836-1837*, p.28.
- (32) Desenho reproduzido em: *Le Voyage d'Italie d'Eugène Viollet-le-Duc 1836-1837*. Paris, Ecole Nationale Supérieure des Beaux-Arts, 1987, p.123. Na mesma publicação são reproduzidos dois comentários sobre este desenho que confrontam as noções de "Restauração" e "Restituição" ambos de 1840. Para Claude Sauvageot tratava-se de uma "restitution" admirável "(...) reproduzindo exatamente, no conjunto restituído, o sítio tão bem recuperado (...) um arquiteto erudito a par dos princípios e das formas da Antiguidade (...) mesmo admirando a arquitetura antiga de nosso país, Viollet-le-Duc não ficou insensível às belezas da arquitetura da Antiguidade (...)" . Já César Daly (1811-1894), editor da "Revue Générale de l'Architecture et des Travaux Publics" observa : "resta-nos examinar o teatro de Taormnia, na Sicília, "restauré" pelo Sr. Viollet-le-Duc. O estado atual destas ruínas foi reproduzido pelo autor com um talento incomum. (...) aquarela vigorosa (...) mas como "restauration" é possível fazer várias críticas ao trabalho (...)".
- (33) VALLET, Fausto, Op. Cit., pp. 76 e 77.
- (34) Correspondência de Viollet-le-Duc com a família em Paris, em: *Le Voyage d'Italie d'Eugène Viollet-le-Duc 1836-1837*, p.29.
- (35) VIOLLET-LE-DUC, Eugène E. *Restauração*. São Paulo, Ateliê Editorial, 2000, p. 29.
- (36) No ano de 1830, François Guizot em relatório ao então Ministro do Interior, propõe a criação da "Inspection générale des monuments historiques", e o posto de "Inspecteur général des Monuments Historiques", que será ocupado por Ludovic Vitet (1802 -1873), historiador e crítico de arte, cuja função principal deveria ser "constatar a existência e fazer a descrição crítica de todos os edifícios do reino que, seja pela data, seja pelo caráter de sua arquitetura, seja pelos acontecimentos dos quais foi testemunho, mereçam a atenção do arqueólogo, do historiador; esta é a primeira etapa do trabalho que me foi confiado; em segundo lugar , eu devo zelar pela conservação desses edifícios indicando ao Governo e às

autoridades locais os meios seja para prevenir, seja para interromper sua degradação" (segundo: http://www.merimee.culture.fr/fr/html/mh/mh_1_4.html) e ainda elaborar "um catálogo exato e completo dos edifícios ou monumentos isolados que merecessem uma atenção séria por parte do Governo"; os elementos deste catálogo deveriam ser "*classés et consultés au besoin*" (classificados e consultados conforme a necessidade). Trata-se do primeiro significado da palavra "*classement*" que, com a promulgação de legislação específica (1887), passará a significar proteção ("*classement*" como proteção, é traduzido no Brasil pela palavra "tombamento", diferentemente de Portugal onde se usa a palavra "classificação"). Vitet inicia uma série de viagens de reconhecimento pela França para organizar o que foi chamado de "inventário da memória nacional". Na sua correspondência, reclama da falta de estrutura jurídica e administrativa, e preconiza a criação de "socités savantes" pelo interior, à exemplo da iniciativa de A. de Caumont na Normandia, para servir de apoio ao seu trabalho. Ver: BABELON, Jean-Pierre, CHASTEL, André. *La notion de patrimoine*. Paris, Ed. Liana Levi, 1994, pp. 73 a 78; SIRE, Marie-Anne. *La France du Patrimoine – Les choix de la mémoire*. Paris, Gallimard, 1996, pp. 33 a 52; <http://www.mediatheque-patrimoine.culture.gouv.fr/fr/historique.html#2>

(37) VIOLLET-LE-DUC, E. E., pp. 40 a 42.

(38) ANDRADE, Antonio Luiz Dias. *Um estado completo que pode jamais ter existido*. Tese de doutorado, FAU USP, 1993, pp. 86 a 96.

(39) DE FUSCO, Renato. *La Idea de Arquitectura*. Barcelona, Gustavo Gili, 1976, pp. 12 e 15.

(40) **Anatole de Baudot** (1834-1915), que conseguiu a empresa de conciliar a escola de Belas Artes de Paris (Grand Prix de Roma) e a "Comission des monuments Historiques". Foi vice presidente da "Commission des monuments historiques", primeiro titular da cadeira de arquitetura francesa criada em 1887 no Museu do Trocadero, responsável por várias obras de restauração e projetos de arquitetura que faziam uso de estrutura metálica, concreto armado. Responsável pela restauração das igrejas d'Aubazine ; de Saint-Pierre; de Beaulieu-sur-Dordogne; de Saint-Martin de Brive-la-Gaillarde ; de Saint-Pierre d'Uzerche; de Saint-Nicolas-Saint-Laumer em Blois; de Notre-Dame de Nanteuil em Montrichard; de Notre-Dame-la-Blanche em Selles-sur-Cher; de Saint-Amant-de-Boixe; de Preuilley-sur-Claise e da. Consultado em: http://www.mediatheque-patrimoine.culture.gouv.fr/fr/biographies/ baudot_anatole_de.html ;

e: LENIAUD, Jean-Michel. "Répertoire des architectes diocésains du XIXe siècle", anexo do livro do mesmo autor *Les Cathédrales aux XIXe siècle*, (Economica, 1993), disponibilizado em versão eletrônica pela Éditions en ligne de l'École des chartes, no endereço:

<http://elec.enc.sorbonne.fr/architectes/dico31.php>

Paulo Abadie (1812-1884), estuda na "Ecole des Beaux-Arts" de Paris (1835 a 1839), recebendo o "Grand Prix de Rome". Em 1844 é nomeado "attaché" a "Commission des monuments historiques", iniciando seus projetos de restauração, e em 1845 segundo inspetor dos trabalhos de restauração da Igreja de Notre-Dame de Paris, trabalhando com Jean-Baptiste Lassus e Eugène Viollet-le-Duc. Em 1849, com a criação do "service des édifices diocésains", Abadie é nomeado arquiteto das dioceses de Périgueux, Angoulême e Cahors, fazendo carreira no serviço (em 1874 substitui Viollet-le-Duc, demissionário, como "architecte diocésain de Paris"). Realiza vários projetos de restauração, a maioria controvertidos, bem como projetos de igrejas e edifícios.

Consultado em: <http://mapage.noos.fr/shv2/abadie-bio.htm>, e consultado em:

<http://elec.enc.sorbonne.fr/architectes/dico1.php>, referente à: LENIAUD, Jean-Michel.

"Répertoire des architectes diocésains du XIXe siècle", anexo do livro do mesmo autor *Les Cathédrales aux XIXe siècle*, (Economica, 1993), disponibilizado em versão eletrônica pela Éditions en ligne de l'École des chartes, no endereço: <http://elec.enc.sorbonne.fr/>

- (41) FRANCE, Anatole. *Pierre Nozière*. Consultado em Free eBook : <http://manybooks.net/titles/francean1016010160-8.html>
- (42) RODIN, Auguste. *Grandes Catedrais*. São Paulo, Martins Fontes, 2002.
- (43) "The William Morris Internet Archive" : <http://www.marxists.org/archive/morris/works/index.htm>.
- (44) Artigo publicado no *National*, 27/11/1849, reproduzido in: BABELON, J.P., CHASTEL, A. Op. cit., Annexe 9, pp. 139 e 140.
- (45) BABELON, J.P., CHASTEL, A. Op. Cit., pp. 81 e 82.
- (46) Ver: HELLMANN, Marie-Christine. "Envois de Rome et archéologie grecque". *Paris - Rome - Athenes - le voyage en Grèce des architectes français aux XIX et XX siècles*. Paris, Ecole Nationale Supérieure des Beaux-Arts, 1982, pp. 39 a 47.
- (47) Idem. O catálogo *Paris - Rome - Athenes - le voyage en Grèce des architectes français aux XIX et XX siècles* traz como anexo (pp. 351 a 404), organizado por M-C. HELLMANN, uma seleção de "mémoires explicatives" dos trabalhos de pensionistas da Ecole des Beaux-Arts em sua viagem a Atenas, que demonstram com clareza as questões que permeavam a elaboração desse trabalho: 1845 - Aléxis Paccard (Restauration du Parthenon); 1852 - Charles Garnier (Restauration du temple de Jupiter Panhellénien à Egine); 1854-Victor Luvet (Restauration de l'Acropole de Sunium). Um segundo anexo (pp. 405 a 409), "Index raisonné des mémoires non publiés dans le catalogue", apresenta uma seleção de trechos retirados dos memoriais explicativos dos arquitetos, material muito interessante, que esclarece sobre metodologia de trabalho e procedimentos, conceitos, fontes de pesquisa.
- (48) SCHLOSSER, J. *La storia dell'arte nelle esperienze e nei ricordi di un suo cultore*, Bari, Laterza, 1936, citado por Renato De Fusco, op. cit., p. 18.
- (49) Sobre essa discussão, ver: MORI, Victor Hugo. " Arqueologia e Restauração: anotações para o debate". In: Mori, V.H, SOUZA, M.C., BASTOS, R.L., GALLO. H.(org.). *PATRIMÔNIO: atualizando o debate*. São Paulo, IPHAN, 2007.
- (50) LEBEL, Aube, TAYEB, Martine, FONNYI, Antonia (org.). Prosper Mérimée, l'inspecteur des Monuments Historiques. França, Ministère da la Culture et de la Communication. Consultado em : <http://www.merimee.culture.fr/fr/html/annexes/credits.html>
- (51) Ver: SIRE, Marie-Anne. *La France du Patrimoine – Les choix de la mémoire*. Paris, Gallimard, 1996, e EHM, Christine (org.). *l'ABCdaire de tous les Savoirs du monde*. Paris, Flammarion, 1997, pp. 53 a 55 .
- (52) Citado na introdução de: POULOT, Dominique. *Une histoire politique des musées*. Paris, Editions de la Découverte, 2005. Consultado em : <http://www.lahic.cnrs.fr/spip.php?article202> .
- (53) Ver: BABELON, J-P, CHASTEL, A. Op. cit.; SIRE, Marie-Anne. *La France du Patrimoine – Les choix de la mémoire*. Paris, Gallimard, 1996; EHM, Christine (org.). *l'ABCdaire de tous les Savoirs du monde*. Paris, Flammarion, 1997.
- (54) Ver: MARIJISSEN, R. H. " Les marbres de lord Elgin". *Revue NUANCES*, 24, juin 2000. Consultado em : <http://aripa.free.fr/Nuances24.pdf>. Ver: ETIENNE, Roland. "Quand les premiers archéologues découvrirent la Grèce". *CLIO*, juillet 2002. Consultado em : www.clio.fr/BIBLIOTHEQUE/quand_les_premiers_archeologues_decouvrirent_la_grece.asp
- (55) Ver: BABELON, J-P, CHASTEL, A. Op. cit.; CHOAY, Françoise. *A alegoria do patrimônio*. São Paulo, UNESP, 2001.
- (56) Citado por: SUANO, Marlene. *O que é museu*. São Paulo, Brasiliense, 1986, p.36.
- (57) Ver: BABELON, J-P, CHASTEL, A. Op. cit.; CHOAY, Françoise. *A alegoria do patrimônio*. São Paulo, UNESP, 2001; SIRE, Marie-Anne. *La France du Patrimoine – Les choix de la mémoire*. Paris, Gallimard, 1996.
- (58) *La Conférence d' Athènes* (CHOAY, Françoise, org.). Paris, Les éditions de l'imprimeur, 2002.

Capítulo III

A oficialização da memória no Brasil: proteção necessária

A análise do anteprojeto fundador do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN (1), de autoria de Mario de Andrade, eixo estrutural desse trabalho, comparado ao Decreto-Lei n. 25 de 1937 que cria o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - SPHAN, sugere novos enfoques e levanta perguntas que reabrem a discussão sobre a história da proteção do patrimônio no Brasil, oferecendo uma nova inserção à Instituição no campo da discussão intelectual de seu tempo(2).

As propostas de Mario de Andrade e de Rodrigo Melo Franco de Andrade, elaboradas entre os anos de 1936 e 1937, tinham na origem o mesmo objetivo: organizar o primeiro Serviço de Proteção ao Patrimônio Histórico e Artístico do Brasil. Segundo a compreensão da maior parte dos trabalhos acadêmicos e institucionais que, a partir do final dos anos 1980, têm se debruçado sobre a constituição do SPHAN e sua história esses dois textos seriam conceitual e ideologicamente antagônicos. Além disso, o texto do Decreto-lei n. 25 que prevaleceu, teria gerado uma ação patrimonial que já foi chamada de “elitista” ou até “classista”, porque protegeria preferencialmente a arquitetura religiosa e militar do Brasil colonial; esses monumentos passam a ser reunidos em uma categoria alcunhada de “patrimônio de pedra e cal”, recorte ideológico que toma a *parte*, técnica construtiva, pelo *todo*, edifício. O chamado “patrimônio cultural” entendido num sentido mais amplo, o mesmo definido pela primeira vez por Mario de Andrade em 1936, ainda de acordo com esses trabalhos, teria sido preterido pelo SPHAN que se formava, só sendo retomado oficialmente em suas idéias centrais quase 40 anos mais tarde (3).

Na origem dessa interpretação apreende-se, primeiro, uma identificação mecânica e sem nuances do serviço público em pauta com o governo sob o qual ele foi criado, fato que, conforme Antonio Luiz Dias de Andrade, acaba por marcar o SPHAN com “o estigma de um órgão constituído sob a égide do Estado Novo, circunstância que com freqüência tem sido avocada com o propósito de desmerecer o produto da sua ação, limitada, segundo vozes correntes, ao cultivo das obras excepcionais, fruto do gosto e da iniciativa das

elites dirigentes. A pecha estadonovista que geralmente costuma freqüentar a crítica sobre a atuação do órgão não deixa de causar incômodos, contra-argumentando seus defensores que o anteprojeto de lei elaborado pela isenta figura de Mario de Andrade havia percorrido todos os trâmites do Congresso Nacional quando foi surpreendido pelo golpe de Estado de 1937” (4). Também, as analogias com períodos da história recente do Brasil colaboram para reforçar essa leitura ao desconsiderar a especificidade da Instituição a favor de um recorte político-ideológico, como deixa claro Ítalo Campofiorito: “o julgamento desconfiado de um SPHAN nascido na revolução de 30 e começando a vida no Estado Novo resulta de olhar-se 1930, 35 e 37 através de analogia descabida com o golpe de 1964 (...) Através, agora, de tantas informações revividas percebe-se melhor que não foram o SPHAN e os ‘modernos’ (embora funcionários) que se refestelaram na ditadura. Foi Getulio Vargas quem serviu-se do prestígio internacional da arte moderna (5).

Mais freqüente ainda hoje do que supunha Campofiorito há mais de vinte anos, essa interpretação da história do IPHAN nos seus primeiros anos de funcionamento tem prevalecido de forma quase hegemônica, privilegiada num enfoque sociológico ou antropológico por um olhar externo à especificidade da atribuição e do trabalho da Instituição. Não se considera nem a área da preservação do patrimônio na sua particularidade - que vem se afirmando internacionalmente desde o século XIX através de discussões teóricas e obras de restauro e conservação de edifícios e obras de arte - nem a extensa documentação de trabalho já produzida no Brasil. As fontes internas de pesquisa do SPHAN - compostas de cadernos de obra, inventários, pareceres, correspondências, mapas, fotografias, entre outros - são janelas privilegiadas que propiciam um novo olhar sobre o Serviço, “um olhar desde o lugar do Outro”, nas palavras de Stuart Hall, ou um olhar que desvenda nuances da mesma paisagem focando-a a partir de dentro. Leituras exógenas acabam por se restringir à superfície da face pública mais difundida do SPHAN. Pesquisas elaboradas com o objetivo de interpretar as políticas de atuação e até as práticas institucionais, acabam por privilegiar fontes documentais como atas do Conselho Consultivo, listagens de bens tombados ou relação de títulos de artigos da Revista do Patrimônio, escolha que acaba por omitir uma importante dimensão do trabalho do SPHAN - a prática - reduzindo assim sua reflexão aos textos publicados, e a sua ação institucional ao ato do tombamento.

Para que possamos dialogar com esses trabalhos, procuramos identificá-los entre teses e publicações mais recentes. Ao interpretar as concepções de Mario de Andrade

em sua tese de doutoramento em história, Antonio G. R. Nogueira tenta redefinir um instrumento de trabalho específico da área da preservação, o inventário, defendendo a necessidade de ampliar a discussão sobre critérios de tombamento através da elaboração de um “inventário dos sentidos” como forma de preservação do patrimônio cultural imaterial, argumentando que “a proposta totalizante de cultura embutida na noção de patrimônio de Mario de Andrade encontrou resistência entre os vários grupos que lidavam pragmaticamente com o chamado patrimônio cultural dedicando-se às práticas de colecionar, restaurar e preservar objetos com o propósito de colocá-los à mostra segundo as funções didáticas ou políticas que lhes eram atribuídas”. Mais adiante coloca que a política federal de preservação “funciona como um mecanismo ideológico legitimador da própria política nacional do Estado” para concluir que “o bem a ser preservado não deve ser produto ou do usufruto exclusivo de uma determinada classe ou grupo social como foi a sacralização da memória em pedra e cal da primeira fase do SPHAN e a eleição de uma etnia, dita civilizada, em detrimento de outras à margem do processo”(6).

No artigo da socióloga Silvana Rubino, a análise da atuação o SPHAN é identificada com a leitura do “mapa do país tombado”. A partir da classificação da listagem dos 689 bens tombados durante a gestão de Rodrigo Melo Franco de Andrade em diferentes grupos, segundo critérios como a tipologia das edificações, as datas das construções, a localização nos Estados da União, a autora conclui que “o conjunto dos bens tombados desenha um mapa de densidades discrepantes nas diversas regiões, períodos e tipos de bens, formando conjuntos fechados e finitos” que revelariam “o desejo por um país passado, com quatro séculos de história, extremamente católico, guardado por canhões, patriarcal, latifundiário, ordenado por intendências e casas de cadeia, e habitado por personagens ilustres, que caminham entre pontes e chafarizes” (7).

Trabalhando a partir do conceito de formação discursiva, a também socióloga Mariza Veloso Motta Santos identifica o SPHAN como uma Academia, a “institucionalização de um lugar da fala”, partindo mais uma vez do princípio de que “toda atividade do SPHAN girava em torno do tombamento”, quando privilegia as atas do Conselho Consultivo -criado em 1938 para deliberar sobre tombamentos - como fonte de pesquisa para propor a interpretação do tombamento como atividade central, um rito social “através do qual se supõe a transferência geracional dos valores históricos e estéticos, que o grupo selecionou como expressivos da nação”(8).

Quando analisa os primeiros cinco números da Revista do Patrimônio, Lauro Cavalcanti ressalta o “perfil de um Patrimônio que privilegia os bens de pedra e cal, sobretudo religiosos, de Minas e Rio de Janeiro”, conclusão baseada, entre outros fatores, nos dados percentuais sobre a recorrência dos temas tratados e dos títulos dos índices das Revistas: “predominam artigos sobre arquitetura, arte e história (84%), sendo os restantes 16% dedicados, nessa ordem, à etnografia, museologia e história natural. Mais da metade (68%) dos artigos de arquitetura, arte e história abordam temas religiosos, 58% tratam da Região Sudeste – Minas Gerais e Rio; 23% do Nordeste; 13%, da Região Sul; e 6%, da Amazônia” (9). Cabe contrapor aqui a preocupação com a presença da arquitetura vernacular e da arte popular, ou folclore, nas publicações, desde o primeiro número. “E folclore (cic)? já pode entrar na revista?”, perguntava Mario de Andrade a Rodrigo Melo Franco em junho de 1937, a propósito da pauta do primeiro número da Revista do SPHAN, recebendo do interlocutor a seguinte resposta: “A propósito do folk-lore (cic) desconfio que não haverá por enquanto lugar para ele na revista, atendendo-se às atribuições atuais do Serviço. Entretanto, assim que for promulgada a lei nova (...) penso que devemos introduzi-lo, compreendido no conceito de arte popular”(10).

Também, o fato de prevalecerem profissionais-arquitetos nos quadros funcionais do SPHAN, apóia Lauro Cavalcanti na sua conclusão de que teria havido uma preferência pela proteção dos “bens de pedra e cal, com ênfase na arquitetura setecentista mineira” (11) criticando, a partir dessa constatação, a priorização “elitista” da arquitetura como suporte da memória e da técnica construtiva da pedra e cal como critério de identificação, hierarquização e proteção. Argumento com o qual concorda Mariza V. Motta Santos quando afirma que “a predominância desses profissionais (arquitetos) no quadro geral da instituição vai permanecer até a década de 70, quando, senão em número de técnicos, mas pelo menos em termos de idéias, o discurso antropológico adquire hegemonia”(12), uma hegemonia vista pelos autores como “redentora”; citação que localiza e conforma o corpo das idéias com as quais interessa dialogar aqui.

A perspectiva colocada pelos trabalhos citados - entre tantos outros, inclusive alguns considerados clássicos da literatura sobre o tema, que analisam o IPHAN preferencialmente a partir da sua ação de tombamento dos edifícios religiosos barrocos, ou seja, nas palavras de Maria Cecília Londres da Fonseca, focam o conjunto dos objetos que

constituem o patrimônio ou os discursos que o legitimam mas não os processos ou práticas de construção desse patrimônio; acrescentaria para além das práticas sociais inclusive - concorreram para que predominasse um julgamento ideológico excludente sobre as origens da preservação no Brasil: o anteprojeto para o SPHAN elaborado por Mario de Andrade seria “revolucionário” por contemplar uma visão abrangente de cultura, antropológica *avant la lettre*, que privilegiava tanto expressões da cultura erudita como da cultura popular, pretendendo ainda que todo este universo fosse não só tratado como protegido, leia-se tombado, pelo Serviço de Patrimônio nascente. Proposta que teria sido revista pelo “conservador” Rodrigo Melo Franco de Andrade, responsável pela construção do Decreto finalmente promulgado em 1937. Compromissado com a política do Estado Novo, ele teria deixado de lado a abrangência das considerações de Mario de Andrade a favor de um instrumento legal restritivo, montado para defender um “patrimônio de classe”. Concluindo com a crítica de que a ação desenvolvida pelo SPHAN, amparada pelo Decreto lei n. 25, estaria voltada preferencialmente ao tombamento dos monumentos mais representativos da história e da arte brasileiras, mas trabalhava segundo critérios de atribuição de valor inseridos na tradição européia. Os patrimônios nacionais europeus, construídos a partir de categorias da história e da arte, legitimariam um desenho de um Brasil elitista; o limite do “vanguardismo” do SPHAN estaria na adoção dos conceitos para a área dos Monumentos Históricos expressos na Carta de Atenas de 1931. Concluindo e resumindo: “Valioso, trata-se, porém, de um patrimônio pesado e mudo. Pesado não só por sua monumentalidade, pela solidez dos materiais e pelo lugar que ocupa no espaço público. Pesado porque mudo, na medida em que, ao funcionar apenas como símbolo abstrato e distante da nacionalidade, em que um grupo muito reduzido se reconhece, e referido a valores estranhos ao imaginário da grande maioria da população brasileira, o ônus de sua proteção e conservação acaba sendo considerado como um fardo por mentes mais pragmáticas”(13).

Idéias e práticas solidárias

A revisão sistemática da correspondência entre Mario de Andrade e Rodrigo Melo Franco de Andrade e a releitura de textos produzidos na época foram o ponto de partida para ampliar o campo de debate e problematizar as análises como aquelas resumidas acima. A primeira conclusão propiciada por essa volta às fontes é que o anteprojeto tinha, para o seu autor, o caráter de uma proposta aberta a ajustes e complementação, que de fato ocorreram no texto final e no cotidiano de trabalho: “Meu caro Rodrigo, Li seu projeto de lei que achei, pelos meus conhecimentos apenas, ótimo. Aliás, preliminarmente é preciso que eu lhe diga com toda a lealdade que dado o anteprojeto a Capanema, eu bem sabia que tudo não passava de anteprojeto. Vocês ajudem com todas as luzes possíveis a organização definitiva, façam e desfaçam à vontade, modifiquem e principalmente acomodem às circunstâncias, o que fiz e não tomou em conta muitas circunstâncias porque não as conhecia. Não sou nem turrão nem vaidoso de me ver criador de coisas perfeitas. Assim não tema por mudanças ou acomodações feitas no meu anteprojeto”(14).

Da mesma forma, essa correspondência esclarece as circunstâncias que teriam levado à reestruturação do anteprojeto encomendado a Mario de Andrade, circunstâncias de ordem jurídica e operativa mais do que propriamente de ordem política-ideológica: “Mário, Não há lei nenhuma, por enquanto, instituindo o Serviço do Patrimônio Histórico Nacional. O que há é apenas uma exposição de Capanema ao presidente da república (...) e a autorização de Getúlio para se iniciar o serviço na conformidade do plano que Você traçara (grifo nosso) (...) Entretanto, na reforma do Ministério que se acha em terceira discussão na Câmara, ou melhor, no respectivo projeto foi incluída uma disposição criando definitivamente o SPHAN (...) E, ao mesmo tempo, aquele anteprojeto que elaborei, baseado no seu trabalho, deverá ser também submetido em breve à Câmara “(13). Argumento confirmado pela palestra noticiada no jornal Diário da Noite do dia 19 de maio de 1936, onde Rodrigo Melo Franco define os contornos e atribuições, amplos como queria Mario de Andrade, do recém criado serviço de defesa “do patrimônio histórico e artístico dos brasileiros”: “Nosso trabalho compreenderá, de acordo com o projeto, aliás já divulgado na imprensa, arqueologia, etnografia e arte popular, iniciando-se, antes de tudo, o tombamento para se saber e avaliar o que existe. As bases para

realizá-lo exigem um estudo atento, porque logo ressaltam a sua complexidade, a sua extensão e profundidade”(16).

Ainda com base nessa documentação, é possível concluir que as diferenças conceituais que se poderia identificar nos textos do anteprojeto e do Decreto foram sendo resolvidas na prática cotidiana da Instituição através de uma ação conjunta e abrangente que incluía muita discussão e muito estudo, indispensáveis à consolidação de um campo de conhecimento e de trabalho novos no país. O IPHAN chegou a ser chamado de “Academia SPHAN” pelo fato de contar com um ativo corpo técnico de colaboradores inseridos com destaque nos embates culturais do seu tempo, a maior parte deles defendendo posições artísticas de vanguarda. Em torno do órgão público que se organizava e de Rodrigo Melo Franco de Andrade, seu diretor, orbitavam funcionários, interlocutores e amigos, correspondentes assíduos ou freqüentadores de cursos especialmente organizados, de debates e até das reuniões de final de tarde promovidas na Repartição, entre eles Mario de Andrade, Gilberto Freire, Prudente de Moraes Neto, Afonso Arinos de Melo Franco, Manuel Bandeira, Joaquim Cardoso, Carlos Drummond de Andrade, além dos arquitetos Lucio Costa, Oscar Niemeyer, Carlos Leão, Luiz Saia, Ayrton Carvalho, Sylvio de Vasconcellos, José de Souza Reis, Paulo Thedim Barreto, Renato Soeiro, Alcides da Rocha Miranda.

Reconhecidamente, no SPHAN trabalhava-se produzindo conhecimento, seja nos canteiros de obra e nas oficinas, seja pesquisando e inventariando, seja teorizando sobre esse trabalho. Mas não exatamente nos moldes de uma Academia, principalmente se ela for entendida da maneira colocada por Mariza V. Motta Santos, como uma comunidade fechada e dogmática, uma corporação de ofícios na forma de transmissão da sua herança e na formação de “*discípulos*” que viessem a constituir “pequenas linhagens” cultuando “os mesmos totens, ou seja, as mesmas concepções sobre as mesmas categorias simbólicas” (17). O SPHAN, desde a sua criação, começa a ensaiar uma metodologia de trabalho essencialmente dialética, em que as pesquisas, os estudos e os inventários se combinavam à execução de obras de conservação e restauração para criar novos instrumentos operativos, formuladores dos conceitos que iriam realimentar a prática da Instituição, como de resto vinha sendo caracterizado o processo cíclico de produção de conhecimento no campo da preservação em nível internacional (18). Segundo essa tradição, o trabalho de campo, a prática, adquire uma dimensão particular: “Somos de um estamento diferente. Se eu estivesse numa universidade, continuaria fazendo a minha pesquisa, publicaria meu livro e daria

minhas aulas, eu poderia especular sobre o que eu quisesse. No nosso caso dependemos do Estado para viabilizar nossa experiência, porque a nossa produção intelectual é em cima de uma prática, nós precisamos ter uma prática, para podermos elaborar e teorizar sobre ela. A condição da nossa sobrevivência produtiva é a existência de uma prática para trabalhar; sem ela, não produzimos.”(19). Na dinâmica dessa relação, prática e teoria estavam tão intimamente associadas que, no ano de 1949, o arquiteto Lucio Costa chegou a propor a paralisação da Divisão de Estudos de Tombamento - tanto das obras de restauração e consolidação em andamento como dos estudos de tombamento - para que se pudesse realimentar a Divisão de informações e re-elaborar os fundamentos sobre os quais deveriam se assentar as iniciativas do SPHAN (20).

Por outro lado, relendo textos, atas, correspondências, memorandos e pareceres, procuramos os dados da ação cotidiana do SPHAN para compreender que ela extrapolava o campo do patrimônio histórico e artístico, ultrapassava largamente a ação de tombamento, para abranger praticamente todo o universo cultural, sendo entendida de maneira ampla por aqueles que dela participavam como uma ação política, que se poderia até reconhecer como “ministerial”; seria como se o SPHAN respondesse pela área cultural na estrutura do Ministério da Educação e Cultura ao qual estava vinculado. Não é difícil compreender porque Mario de Andrade teria pensado um serviço federal de proteção ao patrimônio com perfil conceitual e operativo tão abrangente, quase de um Ministério da Cultura, aquele que de resto só foi criado no Brasil 50 anos depois: no momento da elaboração do anteprojeto, seu autor estava visceralmente envolvido na definição do que seria o campo da cultura e suas políticas públicas, à frente do Departamento de Cultura recém criado em São Paulo, investigando, a partir de São Paulo, os aspectos formadores de uma “identidade nacional” (21). Não é também de se estranhar que o advogado Rodrigo Melo Franco de Andrade compreendesse imediatamente que seria oportuna “uma restrição ligada ao interesse público nas suas atribuições funcionais, principalmente à vista das graves implicações jurídicas que fatalmente surgiriam no tocante ao direito de propriedade relativo aos bens móveis que, com certeza, iriam sobrepujar sobremaneira em quantidade os bens imóveis” (22). Ademais, como a proteção legal só poderia incidir sobre “coisas”, bens móveis ou imóveis, ficou evidente que o instrumento do tombamento não era adequado para proteger manifestações da cultura popular “intangíveis” como lendas, danças, rituais, entre outras, como de resto sempre esteve claro no texto do anteprojeto como tentaremos mostrar a seguir. E, como era previsível que o tombamento encontrasse resistências por se contrapor a

interesses econômicos (mesmo respeitando o direito de propriedade, ele o restringia) , era necessário que toda a ação do SPHAN fosse baseada em critérios reconhecidos, bem fundamentados na história e na teoria da arte e do restauro, “juridicamente defensáveis e socialmente aceitáveis” (23). Importante é compreender como essas categorias e todas as restrições advindas da situação política e econômica foram sendo re-elaboradas no interior do órgão para ampliar o horizonte de trabalho e de reflexão.

Esta presença preponderante do SPHAN no quadro cultural brasileiro de sua época é confirmado, a partir de meados dos anos 1940, por políticos e intelectuais brasileiros e de além fronteiras. Rodrigo Melo Franco e seus colaboradores passam a ser solicitados para apoiar pesquisas e publicações sobre arquitetura e arte brasileiras realizadas por iniciativas internacionais, ampliando assim a rede de interlocução do SPHAN. A análise do conteúdo destas publicações, e sua comparação com a orientação seguida pelo Serviço, reforça a impressão de que as decisões de pauta, roteiro e tratamento nos quais nos deteremos a seguir, saíram de uma das mesas de reuniões do SPHAN.

O livro “Brazil Builds – Architecture new and old 1652 – 1942”, obra de grande repercussão internacional conhecida principalmente por ter mostrado ao mundo a força de uma arquitetura moderna que vinha sendo produzida no Brasil, foi uma publicação organizada para acompanhar a exposição de fotografias de G. E. Kidder Smith organizada por Philip L. Goodwin em 1943 no Museu de Arte Moderna de Nova Iorque. Em plena Segunda Guerra Mundial, os Estados Unidos se manifestavam “ansiosos por travar relações com o Brasil” e eram movidos pelo “desejo agudo de conhecer melhor a arquitetura brasileira” (24). O recorte editorial adotado, ou seja, a decisão de contrapor “new and old” em uma obra de divulgação da arquitetura contemporânea brasileira mais representativa, e contrapor exatamente aquela seleção de exemplares da arquitetura histórica presentes na primeira parte da publicação, pode ser considerado como um espelho dos princípios que norteavam os trabalhos do SPHAN de Rodrigo Melo Franco de Andrade e dos critérios de valorização da arquitetura, tanto a antiga como a moderna; quase todos os autores dos edifícios modernos publicados na segunda parte do livro eram, senão colaboradores e funcionários, pelo menos amigos próximos do SPHAN. Deve-se assinalar ainda o que poderia ser um argumento contra o presumido elitismo excludente dos critérios de trabalho do SPHAN: entre as obras da arquitetura antiga selecionadas para compor este livro nota-se, ao lado do esplendor das igrejas barrocas, das mansões senhoriais ou das fortificações - os

monumentos tombados construídos em pedra e cal – toda uma série de edificações “modestas”, “singelas”, como os anexos da Fazenda Boa União no Rio de Janeiro; ou as “filas de casas cobertas de telha” que levam ao topo de uma colina onde se ergue, em segundo plano, a Igreja de Santa Efigênia de Ouro Preto; as fotos do casario no centro de Recife ; as palhoças de pescadores cobertas de folhas de palmeira perto de Olinda ou uma antiga e banal casa brasileira com balcão na mesma cidade (25).

Se a pauta sugere a participação ativa do SPHAN, a colaboração nos roteiros de reconhecimento e o apoio das regionais aos deslocamentos não deixa a menor dúvida: “entre os que seguiram in loco este estudo da arquitetura brasileira (...) acha-se Gustavo Capanema, Ministro da Educação e Saúde Pública do Brasil. Não queremos esquecer também F. P. Assis Figueiredo, do D.I.P., Rodrigo Melo Franco de Andrade, do SPHAN (...) tanto o D.I.P. como o SPHAM abriram-nos caminho para duas grandes cidades (...) em Recife Ayrton Carvalho, Benício Whatley Dias e Antonio Bezerra Balthar puseram à nossa disposição o seu tempo, a sua gasolina e os seus conhecimentos”. Goodwin agradece também a Paulo Duarte, amigo e colaborador de Mario de Andrade, aliás, exilado em Nova Iorque pelo mesmo governo que o apoiava no Brasil, pelas “traduções para o português e muitas excelentes sugestões” (26).

Devem ser citadas também as duas obras de autoria do historiador da arte francês e curador do Museu do Louvre Germain Bazin (1901 – 1990). A primeira, organizada em dois volumes, “L’Architecture religieuse baroque au Brésil”, escrita entre 1945 e 1955, e a segunda “Alejandrinho et la sculpture baroque au Brésil”, publicada em 1963. German Bazin vem ao Brasil pela primeira vez em 1945 em missão cultural do Ministério da Educação Nacional da França, como curador de uma exposição sobre a pintura francesa contemporânea montada no Rio de Janeiro, conforme relata no prefácio do primeiro volume de sua obra. Encanta-se com o Brasil e descobre a arte barroca que até então não o tinha interessado enquanto estudioso e pesquisador, sensibilizando-se pela “existência misteriosa de toda uma escola de arte, ainda desconhecida no Ocidente e dispersa sobre a extensão de um enorme território” que o atraiu “de forma vertiginosa”. Interessado especialmente pela arte de Alejandrinho, promete a si mesmo consagrar um livro àquele que considerou “o último dos grandes escultores barrocos”. Nos anos seguintes Bazin realiza três viagens ao Brasil, viajando para descobrir com entusiasmo obras que “nunca antes alguém havia fotografado”. O primeiro resultado são os dois volumes de um estudo extenso, e em muitos aspectos

pioneiro, que traça o desenvolvimento da arquitetura religiosa no Brasil do final do século XVI ao começo do século XIX.

Interessa salientar o depoimento do autor quanto às dificuldades encontradas para a realização de um trabalho de pesquisa sobre arte e arquitetura, segundo os moldes acadêmicos e científicos europeus, trabalhando em meados dos anos 1940 no Brasil, até porque esse era o meio do SPHAN visto pelo “estrangeiro”, em toda sua argúcia e intensidade. Desculpa-se o autor, por exemplo, por ter utilizado desenhos aproximativos, alguns deles fruto de levantamentos métricos sumários, sem escala, que ele próprio realizara durante suas viagens, e acrescenta: “tanto em Portugal como no Brasil seria desejável fazer os estudantes de arquitetura desenhar as plantas exatas dos edifícios, material indispensável aos historiadores da arte. A tese notável defendida na Faculdade de Arquitetura do Rio pelo Sr. Paulo F. Santos sobre arquitetura religiosa em Ouro Preto traz o levantamento métrico de alguns dentre os mais belos monumentos do Brasil e que foram de grande ajuda ao autor dessa obra; agradecemos ao autor por permitir que fossem utilizados como desenhos para ilustrar o primeiro volume”.

Mais adiante, na mesma introdução, Germain Bazin continua a explicar em que contexto realiza sua pesquisa, confirmando o lugar ocupado pelo SPHAN na produção de conhecimento sobre a arquitetura brasileira: “O centro do meu trabalho de pesquisa foi o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional fundado em 1937 por um ilustre estudioso ao qual o Brasil deve a conservação de suas obras primas: Rodrigo Melo Franco de Andrade. Dando prova de um notável espírito de cooperação científica, ele me concedeu vários esclarecimentos com base em sua experiência e me abriu, com total liberdade, os arquivos de seu serviço constituídos de cópias de desenhos executados em diversos locais pelos correspondentes do Patrimônio. Quer tenham ou não publicado seus textos, o reconhecimento dos historiadores deve se dirigir a estes valorosos pioneiros da pesquisa (...). Em cada distrito do Patrimônio, os arquitetos que os dirigem me acolheram com grande cortesia e me acompanharam na descoberta das maravilhas da arte barroca, feitas à pena de expedições estafantes, às vezes mesmo aventureiras, que são para mim inesquecíveis ‘souvenirs’ de ardentes momentos de busca intelectual, passados em companhia de Luis Saia em São Paulo, de Sylvio de Vasconcellos em Minas Gerais, de Ayrton Carvalho em Pernambuco, de Godofredo Filho na Bahia”; todos os citados eram diretores regionais do SPHAN, mobilizados por Rodrigo Melo Franco para dar apoio à equipe americana.

Além de reconhecer, implícita e explicitamente, a importância do SPHAN no cenário da cultura nacional, o historiador e pesquisador da arte francês explica e endossa no prefácio de sua obra, alguns dos princípios que vinham norteando o trabalho da Instituição. Como quando justifica, a partir da sua formação de historiador da arte e como curador do Museu do Louvre na década de 1930 / 40: “no Brasil, até a segunda metade do século XVIII a arte (grifo nosso) foi quase exclusivamente religiosa”. Em seguida, contextualizando o significado dessa arte na colônia portuguesa na época em que foi produzida, continua “a igreja representa o único universo mental onde podem se alimentar todos aqueles homens desenraizados: os Brancos de sua pátria, os Negros da África, os Índios de seu modo de vida tradicional”. Momento em que compactua com as idéias dos intelectuais do SPHAN, não só justificando a importância da arte barroca no cenário de um patrimônio cultural do Brasil a proteger, como também reconhecendo o hibridismo da cultura local e a importância da presença dos três elementos étnicos na constituição da nacionalidade brasileira bem como na sua expressão cultural. Em seguida preocupa-se em esclarecer algumas escolhas de seu trabalho que poderiam ser alvos de “estranhamento”, como de fato têm sido pelo menos em relação ao trabalho do SPHAN: a “preponderância da arte religiosa barroca e erudita mineira”. Muito simplesmente, o autor explica que, se os monumentos barrocos de Minas Gerais estão em evidência em seu livro, isso não se deu apenas por sua “efetiva originalidade” no contexto da arte colonial, mas principalmente porque em Minas Gerais foi possível “seguir a evolução das formas e a filiação dos edifícios com certo detalhe, graças a datação e precisões de atribuição que oferece a documentação conservada”. Ou seja, para o bom desenvolvimento do seu trabalho de pesquisa ele dependia do estado de conservação dos arquivos e do fato de já terem começado a ser decifrados e estudados, segundo sua avaliação, trabalho bastante adiantado em Minas Gerais, bom no Rio de Janeiro, apenas suficiente em Pernambuco e Bahia e precário em Sergipe, Pará, Paraíba e São Paulo (27).

Os estudos e inventários realizados pelo SPHAN eram situados pelos seus técnicos não só no quadro das reflexões no âmbito internacional sobre arte e preservação. Desde o início das atividades, foram freqüentes os estudos comparativos, tornado-se às vezes necessário situar o patrimônio local na escala dos valores patrimoniais internacionais, para em seguida defender seu valor identitário e artístico; na época, ocorria ser o barroco colonial brasileiro desprezado pelo seu “gosto impuro”. Nesse contexto, mesmo tendo que

reconhecer que “os valores históricos e artísticos do Brasil (eram) menos consideráveis que os que possuem a Grécia, a Itália e a Espanha”, Rodrigo Melo Franco afirmava que este fato não deveria desaconselhar a preservação do patrimônio nacional. Ao contrário, defendia que prevalecesse a valorização daquilo que fosse característico da história e da arte de cada país, arrematando: “A poesia de uma igreja brasileira do período colonial é, para nós, mais comovente do que o Partenon” (28). Aceita-se e se valoriza, portanto, como “original” e “brasileira” uma arte colonial mestiça, com suas raízes fincadas mais na arte popular do que na arte erudita portuguesa, valorizada do ponto de vista artístico - para além do valor histórico e sociológico indiscutível - pela simplicidade e até pela ingenuidade de suas linhas, de suas cores e de suas composições.

Estas considerações sobre as origens populares e “bastardas” da nossa arte e da nossa arquitetura, mesmo as mais oficiais, desde o início alargaram o campo de interesse do SPHAN, flexibilizando critérios de trabalho e juízos históricos e artísticos, sem que isso significasse menor afincamento ou seriedade durante as pesquisas e na elaboração de textos e relatórios. Procedimento que foi paradigmático em Mario de Andrade, conforme o poeta Carlos Drummond de Andrade observa em seu diário, um mês depois da morte do amigo: “Debulho a correspondência de Mario de Andrade com Rodrigo (M. F. de Andrade) para resumir tudo que se refere à elaboração da monografia sobre Frei Jesuíno do Monte Carmelo. Admiro mais uma vez a aguda consciência intelectual de Mario. Levou quatro anos para escrever este trabalho sobre um pintor religioso do século XVIII em São Paulo, de reduzida importância na história geral da pintura brasileira. Fez pesquisas que um Rafael mereceria, gastou dias e dias no confronto de fotos, desesperou muitas vezes e, ao morrer, ainda não estava satisfeito com o livro encomendado pelo PHAN” (29).

A análise do segundo tomo da obra de Germain Bazin, que traz uma relação de monumentos distribuídos pelos Estados brasileiros e 179 páginas com fotografias, as “pranches”, mostra que o historiador da arte francês, ao ilustrar seus estudos sobre o barroco no Brasil, coloca lado a lado os monumentos da arquitetura barroca colonial brasileira construídos com a técnica de pedra e cal, valorizados na sua autenticidade e simplicidade mestiça segundo as categorias da arte nas quais era especialista, e as pequenas e singelas capelas como a de São Miguel em São Paulo; a de São João do Genipapo em Castro Alves, Bahia; ou a de São Sebastião em Igarassú, Pernambuco. A prancha que abre o caderno de iconografia contém quatro fotografias da arquitetura mais pobre que se poderia encontrar

no Brasil, com legendas que ressaltam as respectivas técnicas construtivas: a) cabana de palha perto de Cabedelo, Paraíba; b) casa de adobe, Pernambuco; c) casa de pau a pique arruinada (sic) São Paulo; d) esqueleto de uma casa de pau a pique em construção, Olinda (30). Ainda, na relação das obras selecionadas em São Paulo (31), o autor enumera os monumentos inventariados pela regional do SPHAN, incluindo na listagem a Aldeia de Carapicuíba, da qual trataremos adiante mais detidamente.

Rodrigo Melo Franco de Andrade passou a presidir o IPHAN desde a sua criação, em 1936, e durante seus primeiros 30 anos de existência. Manteve um padrão ético de gestão, responsável pelo perfil de Instituição, mas que não resistiu muitos anos depois de sua saída. Sob sua direção, o trabalho obedecia a rigorosos critérios científicos, contando com a adesão de técnicos e colaboradores escolhidos cuidadosamente, entre eles Mario de Andrade. Criou a imagem de uma Instituição coesa, vinculada a um Ministério - primeiro o Ministério da Educação e Saúde e depois o Ministério da Educação e Cultura - porém atuando independentemente de interesses políticos partidários, totalmente voltada para o interesse público, e defendendo incondicionalmente o Decreto-lei n. 25, visto sobretudo como “uma fórmula realista de compromisso entre o direito individual à propriedade e a defesa do interesse público relativamente a preservação de valores culturais” (32).

No SPHAN, trabalhava-se de acordo com uma **ética do saber** - compromisso irrestrito com a autenticidade dos objetos e a verdade do conhecimento produzido sobre eles - aliada a uma **ética do fazer** - defesa do interesse público acima de interesses particulares e mesmo de um governo, na mais absoluta honestidade e transparência na gestão dos recursos públicos, e na devoção completa e desinteressada de uma equipe ao trabalho na instituição (33). Momento em que é possível afirmar que, o fato de citar a Carta de Atenas de 1931 - primeiro documento internacional de compromisso para a restauração dos bens patrimoniais, que não discutia critérios de valorização -, apenas cinco anos após a sua assinatura, deveria ser considerado menos como “uma atitude ideológica de compromisso com as elites européias e seu patrimônio deixado no Brasil”, e mais como uma demonstração da atualização de Rodrigo Melo Franco de Andrade e sua preocupação com o rigor técnico do trabalho do SPHAN: “Recentemente se reuniu uma conferência internacional para assentar, na órbita mundial, as mesmas e oportunas medidas que o nosso serviço objetiva e sob o alto e inspirado sentido de que os patrimônios históricos e artísticos nacionais transcendem e são de interesse da comunidade universal” (34).

A publicação de documentos constantes do Arquivo Central do IPHAN vem colaborando para fornecer novos argumentos a favor da relevância de uma discussão sobre o posicionamento da Instituição em relação a critérios de valorização da arte e da arquitetura patrimoniais brasileiras, aquelas a proteger. O arquiteto José Pessoa, na introdução do livro “Lucio Costa: documentos de trabalho”, refletindo sobre essa importante iniciativa - organizar e divulgar os pareceres e estudos de tombamento elaborados pelo arquiteto Lucio Costa durante os quase 40 anos em que ocupou a direção da Divisão de Estudos e Tombamento do SPHAN - confirma que “o inventário significa o registro das informações sobre determinado bem no Arquivo Central, que por isso dispõe de um variado panorama fotográfico da arte popular e arquitetura vernacular ainda existentes nos anos iniciais do SPHAN. Isto, contudo, não invalidava a preocupação com a preservação daquelas obras menores, que fugiam da definição de obra de arte excepcional constante da legislação, mas que eram testemunhos da evolução arquitetônica brasileira, sendo, em muitos casos, a sua parte mais significativa. O interesse histórico, isto é, o interesse para a história da nossa arquitetura civil, era o artifício usado para proteger os elementos regionais ameaçados de desaparecimento”(35).

Nesse ponto da argumentação, depois de discorrer sobre a abrangência dessa ação patrimonial, acreditamos poder afirmar que Mario de Andrade e Rodrigo Melo Franco de Andrade não seriam as duas faces opostas do patrimônio no Brasil, separadas ideologicamente a partir dos textos de seus projetos para o patrimônio, mas as duas faces solidárias da mesma ação patrimonial, unidas por um ideal e, sobretudo, por um compromisso de trabalho. Antes de contrapor concepções diversas de patrimônio, eles trabalharam solidariamente, pensando e agindo de forma dialética, complementar e até contraditória, como soe acontecer em qualquer processo de construção de conhecimento. Situar estes dois protagonistas no seu momento histórico é reconhecer que participavam de um debate que extrapolava em muito o limite das cartilhas do Estado Novo ou a projeção da sede do MEC sobre a área de pilotis para incluir todos os interlocutores, inclusive aqueles que se recusaram a frequentar as salas do edifício moderno onde se discutia a história e a tradição.

Caso tivesse de fato prevalecido a priorização da arquitetura de pedra e cal no processo de preservação, toda a arquitetura colonial de terra disseminada pelo Brasil,

exatamente aquela arquitetura que foi minuciosamente estudada, protegida e restaurada desde os primeiros anos pela Instituição, particularmente em São Paulo, teria sido deixada em segundo plano, como bem esclarece Lucio Costa: “esse complexo de inferioridade dos antigos de certo período, obrigados pelas circunstâncias, a ainda servirem de uma técnica reputada menos nobre, já não tem sentido. Importa é a maneira franca e pura pela qual cada uma das diferentes técnicas se traduz” (36). Assim, estudar alguns aspectos da história e do trabalho da representação regional paulista do SPHAN no seu início, ela que está entre as quatro primeiras unidades desconcentradas surgidas quando da criação do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, pode ser uma forma de esclarecer e confirmar, no particular, essa prática que foi disseminada a partir da direção central.

Revedo vários tipos de documentos internos procuramos identificar alguns episódios ou algum aspecto da prática cotidiana da Repartição em São Paulo que pudessem ilustrar sua postura em relação ao trabalho, os critérios adotados para tombamento no Estado, a ação permanente de proteger sem necessariamente tomar. O objetivo é confirmar que, desde a sua origem, desde a “fase heróica”, o SPHAN se preocupava com os “saberes e fazeres populares”, ou seja, na prática cotidiana da Instituição o anteprojeto sempre esteve vigente. Em São Paulo prevaleceu a ação do SPHAN na forma preconizada por Mario de Andrade, em que pesem os entraves da burocracia e os revezes sofridos pela Instituição ao longo dos anos: levando em conta a indissociabilidade entre patrimônio material e patrimônio imaterial; valorizando a cultura de raiz popular (ou etnográfica, ou folclórica), patrimônio às vezes de caráter efêmero, considerado no seu dinamismo; não discriminando saberes eruditos e populares; defendendo a necessidade de proteger sem necessariamente tomar.

Relendo a história da Instituição, que se confunde com sua história em São Paulo, notamos que a partir da elaboração do anteprojeto de Lei para a criação do SPHAN, em 1936, Mario de Andrade começa a trabalhar no Serviço que passa a funcionar precariamente no ano seguinte como uma comissão constituída junto ao Ministério da Educação e Saúde. Atendendo à solicitação de Rodrigo Melo Franco de Andrade que lhe escreve: “você precisa aceitar de qualquer maneira as funções de delegado do SPHAN porque é única solução para o nosso problema em São Paulo”(37), Mario de Andrade assume o cargo de assistente técnico devendo “inventariar tão completamente quanto possível as obras de arquitetura com interesse artístico e histórico existentes nem São Paulo”(38).

Entre o patrimônio nacional e a cultura municipal

As preocupações de Mario de Andrade com as manifestações de caráter popular são anteriores à sua colaboração com o SPHAN. Desde o momento em que se faz aprendiz de turista e empreende viagens de observação e descoberta pelo Brasil (1924 / Minas Gerais; 1927 / Nordeste e Amazônia; 1928 e 1929 / Pernambuco, Rio Grande do Norte e Paraíba), produzindo crônicas e fotografias, visitando obras de arquitetura, coletando documentação musical, observando as danças dramáticas e ensaiando estudos sobre a religiosidade popular; desde o momento em que se lança ao trabalho apaixonado de reconhecimento e valorização das manifestações da arte popular, Mario de Andrade começa a reconhecer a necessidade de prever o estudo, o reconhecimento e até a “proteção” dessas mesmas manifestações. Esta ação é primeiro formalizada no texto do anteprojeto para o SPHAN, mas é de fato “institucionalizada” em 1937 com a criação, no âmbito Departamento de Cultura da Prefeitura de São Paulo, da Sociedade de Etnografia e Folclore, que trabalhou para orientar, promover e divulgar os estudos etnográficos e folclóricos, promovendo um curso e patrocinando excursões de coleta de material.

Na elaboração do anteprojeto para criação do Serviço do Patrimônio Artístico Nacional, Mario de Andrade destina o Livro de Tombo de nº 3 à inscrição da **arte popular** (cic), que define como: “todas as manifestações de arte pura ou aplicada, tanto nacional como estrangeira, que de alguma forma interessem à etnografia, com exclusão da ameríndia. Essas manifestações podem ser:

- a) Objetos: fetiches, cerâmica em geral, indumentária, etc;
- b) Monumentos: arquitetura popular, cruzeiros, capelas e cruzes mortuárias de beira-estrada, jardins, etc;
- c) Paisagens: determinados lugares agenciados de forma definitiva pela indústria popular, como vilarejos lacustres vivos da Amazônia, tal morro do Rio de Janeiro, tal agrupamento de Mocambos do Recife, etc;
- d) Folclore: música popular, contos, histórias, lendas, superstições, medicina, receitas culinárias, ditos, danças dramáticas. etc;” (39).

No mesmo documento, quando trata da organização do Serviço (capítulo III, Chefia de Tombamento), explicita quais são os elementos necessários ao tombamento de **obra folclórica** (cic) : “a sua reprodução cientificamente exata (quadrinhas, provérbios, receitas culinárias, etc). No caso de ser obra musical folclórica acompanhar a proposta de uma descrição geral de como é executada; se possível a reprodução da musica por meios manuscritos; de descrição das danças e instrumentos que a acompanham , datas em que essas cerimônias se realizam, para a Chefia de Tombamento, de concerto com o Museu Etnográfico e Etnológico, mandar discar ou filmar a obra designada. No caso da arte aplicada popular também deverá propor-se a filmagem científica da sua manufatura (fabricação de rendas, cuias, redes, etc)”(40).

Depois de assinar o anteprojeto, Mario de Andrade passa a dar sugestões de encaminhamento, e no item VII - Filmotecas e Discotecas - começa por sublinhar a importância de se adquirir aparelhamento da melhor qualidade já que para ele “a fonografia como a filmagem sonora fazem parte absoluta do tombamento, pois que são elementos recolhedores (grifo nosso). Da mesma forma que a inscrição num dos livros de tombamento de tal escultura, de tal quadro histórico, dum Debret como dum sambaqui, impede a destruição ou dispersão deles, a fonografia gravando uma canção popular cientificamente ou o filme sonoro gravando tal versão baiana do bumba meu boi, impedem a perda destas criações, que o progresso, o rádio, o cinema estão matando com violenta rapidez”(41). A ação traduzida por Mario de Andrade em termos de **proteção**, aqui e em diversas oportunidades, não será o **tombamento** mas a ação de **registro**. O *poeta modernista*, entrosado na era da mecanização, reconhece nas técnicas propostas pelo cinema, um novo horizonte para o registro e estudo das mesmas manifestações nas quais o *estudioso*, entrosado nas pesquisas sobre tradição, reconhece não só valor intrínseco desta última como as ameaças à que estaria sujeita, representadas pelos meios de comunicação, o próprio cinema entre eles: a recuperação da tradição através da sua superação, nas palavras de Antonio Cândido (42).

Mais adiante Mario de Andrade situa-se mais claramente face à inevitabilidade da perda de muitas dessas manifestações que se preocupava em inventariar e estudar, admitindo seu caráter dinâmico, efêmero até, e a impossibilidade de imobilizá-las, chegando a definir seu **tombamento** como as próprias atividades de **inventário** e **registro**: “feito esse trabalho, ‘tombadas’ (aspas do autor) as obras folclóricas que dependem de realização no tempo, então poderá se pensar em fotografar os monumentos plásticos, os edifícios, as

paisagens, os quadros, os objetos de arte que o tombamento (sem aspas pelo autor) já preservara anteriormente da morte ou da fuga. E então pensar-se também, ou ainda mais tarde, na reprodução por meios gráficos de tudo isso”(43). Se, no projeto de lei definitivo não foi incluído um livro do tomo para as artes populares, compareceu o “Livro Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico”. E se considerarmos a definição de etnografia de Mario de Andrade, este livro poderia acolher, como de fato o fez, as expressões materiais das artes populares, se conceitualmente se justificasse.

Durante o ano de 1936, paralelamente aos trabalhos que realiza para o SPHAN, Mario de Andrade continua à frente do Departamento de Cultura do Município de São Paulo, incluindo entre suas estratégias de trabalho o registro científico de cantos e melodias populares, reconhecendo que estavam cada vez mais ameaçados de desaparecimento. De um lado, tratava-se de criar normas científicas para o trabalho, deixando de lado as coletas de material até então realizadas de forma “anticientífica” e deficiente. Por outro, acentuava um certo caráter pedagógico da pesquisa, sublinhando a importância da divulgação do material tanto para a população em geral como para um público mais especializado, ao qual se oferecia os documentos como suporte para elaboração de composições musicais eruditas.

Em 1938 a Discoteca Municipal, que fazia parte da estrutura do Departamento de Cultura, patrocina a Missão de Pesquisas Folclóricas. Mário de Andrade colabora no estabelecimento do roteiro por seis estados do Norte e Nordeste; na escolha dos membros da equipe composta por Luiz Saia, Martin Braunwieser, Benedito Pacheco Antonio Ladeira; na definição dos métodos de coleta que privilegia a utilização do instrumental mais sofisticado então disponível, fazendo apelo ao filme, à fotografia e aos textos descritivos e desenhos. Importa aqui relacionar o material recolhido durante cinco meses de trabalho, menos pela quantificação do que pela sua abrangência e diversidade: 1500 melodias registradas em 169 discos, 6 rolos de filmes documentando 12 manifestações folclórico-musicais, 1060 fotografias sobre arquitetura popular e religiosa, cruzeiros e outros, cerca de 700 páginas com anotações de letras de melodias, de poética popular, arquitetura, anotações gerais de viagem, 600 objetos entre instrumentos musicais, ex-votos, milagres e objetos de ritos de feitiçaria (44).

Mario de Andrade vai justificar este oneroso empreendimento **federal** por parte de um município, São Paulo, como parte de um projeto maior de **abrasileiramento** da região que julgava uma das mais afastadas da **essencialidade nacional**, com maior influência de diversas correntes migratórias, e que só teria a crescer com o “estudo do folclore regional de maior interesse”, aquele do Norte e Nordeste (45). Realiza-se assim, por iniciativa de Mario de Andrade, e graças ao trabalho de uma equipe paulista, a primeira expedição científica de registro das manifestações de arte popular no país. Ao mesmo tempo em que sistematiza os estudos e indicações do turista aprendiz, a Missão introduz definitivamente o jovem “engenheiro” Luiz Saia no universo cultural de Mario de Andrade, fato que irá marcar profundamente o trabalho do IPHAN em São Paulo.

Simultaneamente ao planejamento da Missão de Pesquisas Folclóricas, a pedido de Rodrigo Melo Franco de Andrade, Mario de Andrade , já acompanhado por Luiz Saia, empreende viagens exploratórias por São Paulo, trabalhando na identificação dos bens que deveriam representar o Estado na primeira relação dos Monumentos Nacionais a serem tombados pelo SPHAN. Em que pese os critérios de “salvamento de urgência” que prevaleciam nos outros Estados, e as determinações do chefe do Serviço, quando estabelecia como de interesse do SPHAN “os bens, móveis ou imóveis que se possam considerar particularmente expressivos e característicos dos aspectos e das etapas principais da formação social do Brasil e da evolução peculiar dos diversos elementos que constituíram a população brasileira” (46), criou-se em terras paulistas um “embarço”, transformado por Mario de Andrade em estimulante debate.

Ao iniciar suas pesquisas, reconhecendo que “a obra mais urgente do Serviço (...) é justamente tomar” (47), guiado pelo impacto do patrimônio arquitetônico colonial que conhecera no Norte, Nordeste, Minas Gerais e Rio de Janeiro, e em sintonia com o trabalho de identificação que as Regionais do SPHAN lá estavam desenvolvendo, Mario de Andrade se angustia: “Vagar assim, pelos mil caminhos de São Paulo, em busca de grandezas passadas, é trabalho de fome e de muita, muita amargura. Procura-se demais e encontra-se quase nada. Vai subindo no ser uma ambição de achar, uma esperança de descobrimentos admiráveis, quem sabe se em tal capela denunciada vai-se topar com alguma São Francisco, já não digo tão inédita como a de São João d’el Rei, mas pelo menos tão linda como a de João Pessoa...E encontramos ruínas, tosquidões. Vem a amargura. Uma desilusão zangada que, de novo, a gente precisa tomar cuidado para que não crie, como a fome criara, nova e oposta miragem.

”(48). E desabafa com Rodrigo Melo Franco: “você verá assim que as fotos forem chegando ai, o que é esta miséria de arte tradicional paulista, paciência. Irão talvez alguns altares bonitos”(49).

O impacto do encontro com este “passado pobre” paulista - já que o “passado rico”, recente como a riqueza advinda com o café, tinha uma expressão eclética estrangeira que não podia ser aceita por esses modernos nacionalistas (50) - acaba por remeter o estudioso e erudito Mario de Andrade aos termos do seu anteprojeto para o SPHAN. Reconhece como merecedoras da tutela oficial aquelas obras que denominou **monumentos da arte popular**: os cruzeiros, capelas, cruzes mortuárias, enfim todas aquelas demais manifestações do espírito humano que, segundo suas palavras, “sob o ponto de vista de arte pura não são dignas de admiração, não orgulham a um país nem celebrizam o autor delas”. Concluindo que, em São Paulo, o critério de tombamento deveria ser diferente daquele que vinha sendo construído para o Rio Janeiro, Minas Gerais e para o Nordeste: “O critério para um trabalho proveitoso de defesa e tombamento do que o passado nos legou tem de se pautar, no Estado de São Paulo, quasi exclusivamente pelo ângulo histórico. No período que deixou no Brasil as nossas mais belas grandezas coloniais, os séculos XVIII e XIX até fins do Primeiro Império, São Paulo estava abatido, ou ainda desensarado dos reveses que sofrera. Não pôde criar monumentos de arte. (...) O critério tem que ser outro. Tem de ser histórico, e em vez de se preocupar muito com a beleza, há de se reverenciar e defender especialmente as capelinhas toscas, as velhices dum tempo de luta e os restos de luxo esburacado que o acaso esqueceu de destruir” (51). E acrescenta: “(...) sob o ponto de vista estético, mais que a beleza propriamente dita (esta quase não existe) tombar os problemas, as soluções arquitetônicas mais características ou originais” (52).

Ao enviar a Rodrigo Melo Franco de Andrade, em 16 de outubro de 1937, o Primeiro Relatório de bens de interesse para tombamento no Estado de São Paulo resultado de suas viagens exploratórias, o assistente técnico da sexta região do SPHAN resume sua avaliação do patrimônio de São Paulo: “Não é possível esperar de S. Paulo grande coisa com valor artístico tradicional. As condições históricas e econômicas deste meu Estado, a contínua evasão de Paulistas empreendedores para outras partes do Brasil nos sécs. XVII e XVIII, o vertiginoso progresso ocasionado pelo café, são as causas principais da nossa miséria artística tradicional. Ou ruínas de quanto o progresso rastaquera não cuidou de conservar, ou precariedades de uma gente dura e ambiciosa, que menos cuidava de delícias do que aventura.

Se é sempre certo que sobram aos Paulistas mil meios de se consolar de sua pobreza artística tradicional: consolação não modifica a verdade. E esta é a que V.Exa. surpreenderá da enumeração que segue”(53).

Em outras palavras, logo nos primeiros anos de trabalho do SPHAN, mesmo em relação àquela que seria sua missão prioritária - definida como o tombamento - e por iniciativa de seu idealizador Mario de Andrade, obras rústicas e severas, devidamente legitimadas, passam a representar o caráter da cultura de São Paulo, sendo admitidas nos livros do tomo, lado a lado com o patrimônio valorizado pela Instituição pelo Brasil “a arquitetura e estatuária mineira, (...) as pinturas, os entalhes e os interiores completos do Rio, de Pernambuco e da Bahia” (54). Durante esse processo é fundamental destacar o movimento de Mario de Andrade, confrontando princípios e ampliando o debate. Por um lado reconhece os critérios oficiais e diretrizes de tombamento de um SPHAN em construção – como o da “arte tradicional” e do “valor artístico” -, referências fundadas em um campo teórico da preservação que vinha se consolidando na Europa desde meados do século XIX e no qual era preciso se inserir. Por outro lado, mergulha no arcabouço conceitual do seu anteprojeto para o SPHAN e nas pesquisas que vinha conduzindo sobre os elementos constitutivos da brasilidade, buscando referências no universo de trabalho do Departamento de Cultura de São Paulo. Momento em que amplia a definição de arte - “a habilidade com que o engenho humano se utiliza da ciência, das coisas e dos fatos” - passando a aquilatar como contraponto e estratégia de abordagem também a “arte popular” e o “valor histórico”, elegendo-os como critérios válidos para definir o patrimônio nacional .

O Anteprojeto na prática

Tratar cientificamente as obras eleitas como “ monumentos paulistas”, devolvendo-lhes seu lugar na história e revelando-lhes a importância e até a singela beleza, passa a ser o novo desafio da equipe sediada em São Paulo, um trabalho que caberá principalmente a Luiz Saia, através de inventários, pesquisas e obras de restauração. Uma das suas obras mais importantes, aquela que irá definir a tipologia da casa bandeirista, a primeira morada paulista (55), foi desenvolvida paralelamente ao trabalho de uma série de autores que, desde a década de 1920, vinham elaborando em São Paulo a colagem dos termos

“bandeirante” e “paulista” enquanto construíam o mito das bandeiras – “a conquista do Brasil pelos brasileiros”, segundo Affonso de Taunay – mito que acaba por ser absorvido pelo SPHAN e pelo governo de Getúlio Vargas, como uma das dimensões constitutivas da nacionalidade (56).

O reconhecimento da identidade regional paulista no seio de uma Instituição cuja tarefa principal era definir os contornos da brasilidade foi tarefa delicada, da qual não se eximiu Luiz Saia: “a arquitetura do litoral é muito sensível e acolhedora ao que fazia nas outras partes do Brasil litorâneo, enquanto a arquitetura do planalto, condicionado pelo uso generalizado da taipa de pilão é mais individualizada num quadro restrito de evolução regional”(57). O processo de construção de uma tese sobre a genuína arquitetura tradicional de São Paulo, que pudesse dignificar aqueles pobres testemunhos da arte paulista que, segundo postulava Mario de Andrade, “ não são dignas de admiração, não orgulham a um país nem celebrizam o autor delas”, acabou por impor também um procedimento técnico para as obras de restauração. Devidamente justificadas por pesquisas histórico- documentais, essas obras passaram a perseguir a severidade, a limpeza, a simplicidade, a pobreza rústica, os “valores bandeirantes” da arquitetura paulista. Não foram poucos os edifícios que sofreram processos de “limpeza” das fachadas para remover estilemas e marcas de períodos posteriores, ecléticos principalmente, ou que passaram por intervenções na sua organização espacial para que pudessem se enquadrar nessa categoria principalmente histórica mas também artística construída para São Paulo. No ano de 1955, ao discutir as controvertidas obras de restauração da Casa de Câmara e Cadeia de Atibaia, em São Paulo, obras que levaram esse procedimento às últimas conseqüências, Lucio Costa tenta argumentar e esclarecer quais seriam os critérios a prevalecer na valorização dos monumentos: “ Falta significação como obra de arte, mas lhe sobre sentido como documento histórico, porque ilustra objetivamente determinada fase de nossa história social, podendo mesmo ser considerado, na espécie, exemplar excepcional do período em causa” (58).

Ainda, e para que o problema da identificação dos valores históricos e artístico paulistas dignos de acautelamento federal ficasse ainda mais complexo - mais rico e mais difícil - Mario de Andrade acrescenta no relatório que encaminha a Rodrigo Melo Franco de Andrade contendo a lista de bens de interesse para tombamento em São Paulo: “Em Ubatuba haveria que tombar, o sentimento da cidade”(59); mais uma tentativa de apreensão da imaterialidade do patrimônio paulista que Mario de Andrade buscava reconhecer. Observe-se

que São Paulo nunca inscreveu centros históricos ou conjuntos urbanos nos livros do Tombo do IPHAN; há de se pesquisar onde foi tombado o sentimento de nossas cidades.... Mas, se não existem conjuntos urbanos tombados pelo IPHAN em São Paulo, já em 1940 foi protegido o “Conjunto Arquitetônico e Urbanístico da Aldeia de Carapicuíba”: aldeia jesuítica, inscrição de número 07 no Livro do Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico (e não no Livro Histórico ou das Belas Artes). A Capela de São João Batista, parte do mesmo conjunto, foi inscrita no Livro de Tombo Histórico um ano depois.

A aldeia é especialmente importante por ter sido tema de uma longa monografia elaborada por Luiz Saia, que mais tarde lhe facultou assumir a chefia do SPHAN em São Paulo. Por encomenda de Mario de Andrade, Saia escreve este trabalho durante no ano de 1938, na seqüência de sua viagem como chefe da Missão de Pesquisas Folclóricas. Trata-se de monografia exaustiva, iniciada com uma pesquisa histórica que descreve a aldeia desde a sua origem, fazendo o levantamento e diagnóstico não só da sua organização físico-espacial - conjunto de pequenas casas e uma igreja em volta de uma praça -, como também da organização do espaço físico das casas, relacionando-o com as formas de viver e as técnicas construtivas utilizadas. Fortemente marcado pela sua recente experiência na chefia da Missão, Luiz Saia contempla ainda no seu trabalho o registro dos anexos às construções como galinheiros e depósitos, dos utensílios domésticos, dos engenhos da indústria de subsistência, dos móveis, das festas, das danças e músicas, das rezas e superstições, sempre fazendo acompanhar seu texto minucioso de desenhos de observação. Na conclusão esclarece: “o estudo e especificações dos fenômenos que incidiram na estrutura da aldeia, e das transformações que eles determinaram na arquitetura, permite que se levante uma hipótese muito provável de como se teria mestiçado a habitação tradicional do caipira paulista, distinguindo-se daí a procedência dos diversos detalhes que a freqüentam” (60).

O tombamento do IPHAN recaiu, como deve ser, sobre a “coisa”, ou seja, sobre o conjunto representado pela igreja, pela praça, e pelas casas que definem e circundam esse espaço. Um conjunto de origem jesuítica, estudado historicamente enquanto tal por Luiz Saia, como esclarece a nota histórica publicada por Germain Bazin, claramente tributária de diálogos com o técnico do SPHAN em São Paulo: “Em 1615, no dia 9 de julho, Afonso Sardinha e Maria Gonçalves, para construir uma capela dedicada a Nossa Senhora da graça no Colégio de São Paulo, doam ao Colégio a fazenda de Carapicuíba. Modificações e ampliações acontecem em 1727. Em 1736 a igreja, arruinada, é substituída por uma nova dedicada a São

João Batista. Este edifício, uma típica igreja rural de grande simplicidade, subsiste até hoje intacta com a cruz queorna seu adro”(61).

Porém o fator que mereceu maior atenção de Luiz Saia na sua monografia, sendo por ele valorizado inclusive do ponto de vista das técnicas construtivas, foi a presença de traços caipiras, mestiços de influência africana, indígena, além da portuguesa / jesuítica no conjunto da aldeia. Ou seja, Luiz Saia valorizou a herança cultural paulista, destacando todos os seus elementos étnicos constitutivos, os mesmos fundadores da nacionalidade, endossando a tese que Mario de Andrade vinha procurando comprovar cientificamente, inclusive através da Missão Artística e Folclórica. Se não foram tombados os utensílios, as rezas ou os rituais, apesar de terem sido minuciosamente inventariados e registrados, a Aldeia de Carapicuíba hoje é reconhecida não só pelo suporte físico protegido - constituído pela praça, igreja e conjunto de casas – como também e principalmente pela festa anual da Santa Cruz, a mesma festa descrita detalhadamente por Luiz Saia em seu trabalho. Hoje, acredito que é possível até mesmo afirmar que essa manifestação da cultura popular paulista, patrimônio hoje batizado de imaterial, só tenha sobrevivido graças à garantia do seu tradicional palco de evolução, a praça, e de algumas relações de vizinhança entre famílias tradicionais do lugar, que continuaram ocupando as casas protegidas.

Importante salientar ainda que foi este trabalho, versando sobre o que Mario de Andrade definiria como um **monumento da arte popular**, e não qualquer outro que tratasse de algum monumento que poderia ser classificado como de caráter erudito – uma igreja, um mosteiro ou uma fortificação, construídos em pedra e cal, muitos dos quais ainda de prontidão nas costas paulistas -, foi um trabalho sobre as “velhas esfinges caipiras”, nas palavras de Carlos Lemos, que abriu oficialmente as portas do IPHAN para um dos de seus principais colaboradores, o arquiteto Luiz Saia, anunciando a marca da sua trajetória profissional na Instituição.

Pode-se assim concluir, através do testemunho do trabalho na Regional do IPHAN em São Paulo, que paralelamente ao trabalho prioritário desenvolvido nacionalmente - inventário de conhecimento, pesquisa histórica, elaboração e síntese conceitual, estabelecimento de uma prática de restauração de monumentos no Brasil - sempre foram propostos estudos sistemáticos de identificação da arquitetura vernacular e seu contexto mais amplo, a rural em particular, um trabalho de recuperação da inteligência das manifestações

culturais sem preconceito quanto ao suporte ou origem. Em São Paulo especialmente, por força de sua história e tradição locais, o IPHAN teve a sabedoria de aprender a lidar com a simplicidade da arquitetura feita de terra, valorizando-a enquanto ampliava o tratamento das questões ligadas ao patrimônio, em que pesem embaraços e contradições, que devem ser compreendidos no contexto da construção de um campo novo do conhecimento.

Notas

- (1) Nomes pelos quais é conhecida a instituição: SPHAN - Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (1937 – 1946); DPHAN - Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (1946 – 1970); IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (1970 – 1979); SPHAN - Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (1979 – 1990); IBPC - Instituto Brasileiro do Patrimônio Cultural (1990 – 1994); IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (desde 1994). Nas correspondências aparece também PHAN - Patrimônio Artístico Nacional.
- (2) A noção de campo, assim como outras utilizadas, serão tratadas nos primeiros capítulos.
- (3) Para esses estudos, as idéias de Mario de Andrade só teriam sido retomadas, segundo este ponto de vista, em 1975, por Aluisio Magalhães, quando cria o Centro Nacional de Referência Cultural - CNRC, sendo depois fixadas pela Constituição de 1988, artigos 215 e 216 que abarcam “os saberes e fazeres” no seu texto. Esse patrimônio seria contemplado com um instrumento legal de proteção por ocasião da promulgação do Decreto n. 3551, de 04 / 08 / 2000, que institui o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial que constituem patrimônio cultural brasileiro.
- (4) ANDRADE, Antonio Luiz Dias de. *Um estado completo que pode jamais ter existido*. Tese de doutorado, CPG – FAUUSP, 1993, p. 4 - 5.
- (5) CAMPOFIORITO, Ítalo. As primeiras árvores. *Revista do Patrimônio*, Rio de Janeiro, n.26, p.18, 1997.
- (6) NOGUEIRA, Antonio Gilberto Ramos. *Por um inventário dos sentidos*. Tese de doutorado em história, PUC-SP, 2002, p. 190 – 200.
- (7) RUBINO, Silvana. O mapa do Brasil passado a limpo. *Revista do Patrimônio*, Rio de Janeiro, n. 24, p. 97 – 105, 1996. Artigo escrito a partir da dissertação de mestrado *As fachadas da história: os antecedentes, a criação e os trabalhos do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, apresentada no Departamento de Antropologia do IFCH-UNICAMP em 1991.
- (8) SANTOS, Mariza Veloso Motta. Nasce a Academia SPHAN. *Revista do Patrimônio*, Rio de Janeiro, n.24, p. 94 – 95. Artigo escrito a partir da tese de doutorado *O tecido do tempo: a idéia de patrimônio cultural no Brasil*, apresentada no Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília em 1992.
- (9) CAVALCANTI, Lauro (org.). *Modernistas na Repartição*. Rio de Janeiro, UFRJ / MinC-IPHAN, 2000, p.23.
- (10) Carta de RMFA a MA, 11/06/1937, in: *Rodrigo e o SPHAN, coletânea de textos sobre patrimônio cultural*. Rio de Janeiro, MinC/SPHAN/Pró-Memória, 1987, p. 129.
- (11) CAVALCANTI, Lauro (org.). Op. cit., p.21.
- (12) SANTOS, Mariza Veloso Motta. Op. cit., p.86.
- (13) Cf. FONSECA, Maria Cecília Londres, *O patrimônio em processo: trajetória da política federal de preservação no Brasil*, Rio de Janeiro, UFRJ/IPHAN, 1997, p. 116 e p. 18. Tese de doutorado em Sociologia da Cultura pela Universidade de Brasília.
- (14) Carta de MA a RMFA de 29/07/1936 in: *Mario de Andrade: cartas de trabalho*. Brasília, MEC /SPHAN / Pró-Memória, 1981, p.60.
- (15) Carta de RMFA à MA de 25/09/1936 in : *Rodrigo e o SPHAN, coletânea de textos sobre patrimônio cultural*. Rio de Janeiro, MinC /SPHAN / Pró-Memória, 1987, p.121.
- (16) *Rodrigo e o SPHAN, coletânea de textos sobre patrimônio cultural*. Rio de Janeiro, MinC / SPHAN / Pró-Memória, 1987, p. 24.
- (17) SANTOS, Mariza Veloso Motta. Op. cit. p.86.

- (18) Sobre os conceitos como instrumentos operativos ver: SYNDER, James; CATANESE, Anthony (org.). *Introdução à arquitetura*. Rio de Janeiro, Editora Campus, 1984.
- (19) Entrevista com José Silva Quintas - que teve importante participação no CNRC e da Fundação Pró-Memória - realizada em 1988. In: *IPHAN – Memória Oral*. Rio de Janeiro, n. 6, 1994.
- (20) *Plano de trabalho para a Divisão de Estudos de Tombamento do DPHAN*, in: PESSOA, José (org.). *Lucio Costa: Documentos de trabalho*. Rio de Janeiro, IPHAN, 1998, p. 83 - 91,
- (21) Sobre o Departamento de Cultura, ver: RAFFAINI, Patrícia Tavares. *Esculpindo a Cultura na Forma Brasil*. São Paulo, Humanitas, 2001.
- (22) LEMOS, Carlos. *O que é patrimônio?* São Paulo, Brasilense, 1981, p.43.
- (23) Cf.: FONSECA, Maria Cecília Londres. Op. cit., p. 114.
- (24) GOODWIN, Philip L.; KIDDER SMITH, G.E. *Brazil Builds – Architecture New and Old 1652-1942*. New York, The Museum of Modern Art, 1943, p.7.
- (25) Idem, ps. 19; 57; 68-69; 75.
- (26) Ibidem, p.7.
- (27) Todas as citações de Germain Bazin foram extraídas do prefácio do livro: BAZIN, Germain. *L'Architecture religieuse baroque au Brésil*. Paris / São Paulo, Librairie Plon / Museu de Arte – São Paulo, 1956, tomo I, ps. I - IX.)
- (28) *Rodrigo e o SPHAN, coletânea de textos sobre patrimônio cultural*. Rio de Janeiro, MinC/SPHAN/Pró-Memória, 1987, p. 120.
- (29) ANDRADE, Carlos Drummond. *O observador no escritório*. Rio de Janeiro, Record, 1985, p. 27.
- (30)) BAZIN, Germain. *L'Architecture religieuse baroque au Brésil*. Paris / São Paulo, Librairie Plon / Museu de Arte – São Paulo, 1956, tomo II, pranchas 1, 20 e 21.
- (31) Idem, ps. 158 a 170.
- (32) FONSECA. Op.cit. p.114.
- (33) Idem ps.115 - 141.
- (34) Depoimento ao jornal Diário da Noite, em 19 / 05 / 1936, in: *Rodrigo e o SPHAN, coletânea de textos sobre patrimônio cultural*. Rio de Janeiro, MinC/SPHAN/Pró-Memória, 1987, p. 25. A *Carta de Atenas*, a primeira carta internacional de princípios para a restauração de monumentos, foi publicada após reunião ocorrida em Atenas em 1931, promovida pelo Escritório Internacional dos Museus / Sociedade das Nações.
- (35) PESSOA, José (org.). Op. cit., p. 17.
- (36) Parecer de Lucio Costa a propósito da restauração da Casa de Câmara e Cadeia de Atibaia, reproduzido in: ANDRADE, Antonio Luiz Dias de. *Um estado completo que pode jamais ter existido*. Tese de doutorado, CPG – FAUUSP, 1993.
- (37) Carta de RMFA à MA de 15/04/1937, in : *Rodrigo e o SPHAN, coletânea de textos sobre patrimônio cultural*. Rio de Janeiro, Ministério da Cultura/SPHAN/Pró-Memória, 1987, p.123.
- (38) Carta de RMFA à MA de 17/05/1937, in: *Rodrigo e o SPHAN, coletânea de textos sobre patrimônio cultural*. Rio de Janeiro, Ministério da Cultura/SPHAN/Pró-Memória, 1987, p.125.
- (39) ANDRADE, Mario. Anteprojeto de Criação do Serviço do Patrimônio Artístico Nacional. In: *Mario de Andrade: cartas de trabalho*. Brasília, MEC/SPHAN/Pró-Memória, 1981, p.40.
- (40) Idem, p. 47.
- (41) Ibidem, p. 53.
- (42) CÂNDIDO, Antonio. O poeta itinerante. in: *O discurso e a cidade*. São Paulo, Livraria Duas Cidades, 1993.

- (43) ANDRADE, Mario, “Anteprojeto de Criação do Serviço do Patrimônio Artístico Nacional”, in: “Mario de Andrade: cartas de trabalho”, Brasília, MEC/SPHAN/Pró-Memória, 1981, p.53.
- (44) CARLINI, Álvaro. *Cachimbo e Maracá: o Catimbó da Missão*. São Paulo, Centro Cultural de São Paulo, 1993.
- (45) SANTOS, Cecília Rodrigues dos. A outra Missão de Mário de Andrade. Brasília, *Jornal do IPHAN*, n. 3, 1995.
- (46) *Rodrigo e o SPHAN, coletânea de textos sobre patrimônio cultural*. Rio de Janeiro, Ministério da Cultura/SPHAN/Pró-Memória, 1987, p. 28.
- (47) Carta de MA à RMFA de 22/01/1938 in: *Mario de Andrade: cartas de trabalho*. Brasília, MEC/SPHAN/Pró-Memória, 1981, p.129.
- (48) ANDRADE, Mário. A Capela de Santo Antonio. In: *Revista do SPHAN*, nº 1, Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Saúde, 1937.
- (49) Carta de MA a RMFA de 07/09/1937, in: *Mario de Andrade: cartas de trabalho*. Brasília, MEC/SPHAN/Pró-Memória, 1981, p.69.
- (50) Situadas as reflexões do homem, intelectual modernista, Mario de Andrade, esclarecidos seus juízos e suas hesitações no momento em que os vivia, fica mais difícil estranhar que “*apesar* (grifo nosso) *de ser reconhecido unanimemente como um intelectual extremamente aberto e atento a todas às manifestações culturais, mostrara um interesse muito mais acentuado pelo século XVIII do que pelo século XIX*”, como pontua Mariza Velozo Motta Santos (op. cit.), concordando com Antonio Augusto Arantes.
- (51) ANDRADE, Mario. A Capela de Santo Antonio. In: *Revista do SPHAN*, nº 1, Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Saúde, 1937.
- (52) Carta de MA a RMFA de 23/05/1937, in: *Mário de Andrade: cartas de trabalho*. Brasília, MEC/SPHAN/Pró-Memória, 1981, p.69.
- (53) Cf. *Primeiro Relatório* do assistente técnico do SPHAN em São Paulo. In: *Mario de Andrade: cartas de trabalho*. Brasília, MEC/SPHAN/Pró-Memória, 1981, p.80.
- (54) ANDRADE, Mario. A Capela de Santo Antonio. In: *Revista do SPHAN*, nº 1, Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Saúde, 1937.
- (55) As reflexões de Luiz Saia sobre a arquitetura residencial paulista estão publicadas no seu livro *Morada Paulista*, São Paulo, Perspectiva, 1972.
- (56) Ver: BREFE, Ana Claudia Fonseca. *O Museu Paulista – Affonso de Taunay e a memória nacional*. São Paulo, UNESP / Museu Paulista, 2003, especialmente ps. 198 - 199.
- (57) Cf. Ofício de Luiz Saia ao Diretor do DPHAN, Rodrigo M. F. de Andrade, em 17/05/1961. In: ANDRADE, Antonio Luiz Dias de. *Um estado completo que pode jamais ter existido*. Tese de doutorado, CPG – FAUUSP, 1993, p. 147.
- (58) Antonio Luiz Dias de. *Um estado completo que pode jamais ter existido*. Tese de doutorado, CPG – FAUUSP, 1993, p. 142.
- (59) *Relatório São Paulo e seus arredores*, in : *Mario de Andrade: cartas de trabalho*. Brasília, MEC/SPHAN/Pró-Memória, 1981, p. 91.
- (60) Este trabalho nunca foi publicado, por determinação do autor. A 9ªCR do IPHAN guarda uma antiga cópia datilografada em seus arquivos.
- (61) BAZIN, Germain. *L’Architecture religieuse baroque au Brésil*. Paris / São Paulo, Librairie Plon / Museu de Arte – São Paulo, 1956, tomo II, p. 158.

Capítulo IV

O estado da questão: origem e desenvolvimento da idéia de preservação dos legados do passado

O estudo da origem e desenvolvimento da idéia de preservação dos legados do passado - que recebeu na França a denominação de "patrimônio" - provocou a construção do estado da questão da sua área de pesquisa, na forma de um quadro de referências, a Cronologia Histórica. No início do trabalho, tratava-se de uma tentativa de somar e articular referências bibliográficas sobre o tema e os dados de pesquisa recolhidos, identificar lacunas e fatos, facilitando a localização, no tempo e no espaço, das diferentes idéias e ações patrimoniais ocorridas no Brasil. O eixo que estruturou a Cronologia desde o início, o mesmo do trabalho, foi o documento fundador do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN o Anteprojeto elaborado por Mario de Andrade em 1936, a pedido do ministro da Educação e Saúde, Gustavo Capanema.

As dúvidas em relação ao enfoque sócio-econômico ou político-ideológico predominante nos trabalhos que têm se debruçado sobre a análise da preservação do patrimônio no Brasil - conhecimento relacionado às origens e ao desenvolvimento do pensamento da preservação, bem como às ações correlatas de inventariar, restaurar e proteger - foram importantes para discutir aspectos da hegemonia e da coerência que pareciam configurar o bloco construído tanto pelos historiadores do IPHAN, mais ou menos oficiais, como pelos seus críticos. Ao dialogar com essas posturas, nos aproximamos de uma abordagem que valoriza a especificidade da cultura material como objeto de estudo, reconhecendo o trabalho de arqueólogos, arquitetos, historiadores da arte, entre outros, que há muito vêm pesquisando, descrevendo e analisando seus respectivos objetos de interesse científico, colaborando para construir uma história que é chamada de "nova", história que trata do homem no tempo, e que trabalha de forma interdisciplinar e mais abrangente; refiro-me à Nova História Cultural dos anglo-saxões, ou à Nova História das Mentalidades dos franceses, que se dedica, desde a década de 1980, a abrir a área de interesse e as abordagens dos estudos da história.

O processo de montagem da Cronologia, portanto, mais do que organizar os fatos da história da preservação do patrimônio no Brasil foi se revelando um instrumento de

"desconstrução" da história tal como ela vem sendo apresentada, e até de como vem sendo criticada. Na medida em que criava uma nova espacialidade para dados e fatos, personagens e idéias, incluindo elementos até então alienados dos enredos tradicionais, a Cronologia crescia em complexidade, passando a dialogar de maneira cada vez mais ativa com o trabalho, sugerindo novas relações e re-situando ações e idéias presentes na criação do Serviço do Patrimônio. Ao localizar a origem e as diferentes fases de transformação e expansão da noção de patrimônio e sua prática no Brasil, esse quadro exaustivo colocou ainda em evidência a complexidade inerente à operações de contextualização e interpretação de fontes, características de qualquer trabalho de pesquisa.

O desenrolar do trabalho acabou por colocar a necessidade de também situar a criação do SPHAN no âmbito internacional, identificando antecedentes, assim como parâmetros conceituais e legais. A Cronologia Histórica foi expandida, no tempo e no espaço, se tornando um quadro de referência para localizar as diferentes fases de evolução da idéia de patrimônio, explicando os fatores determinantes de cada etapa de mudança, e as implicações dessas mudanças; acabou se tornando o próprio estado da arte. Como a formação dos Estado-nação e as discussões sobre o caráter da nacionalidade, inclusive no Brasil, são um dos pontos de partida para o entendimento da noção de patrimônio (que nem sempre pode ser historiada - como tão bem o fizeram André Chastel, Pierre Nora ou Françoise Choay na França - a partir de referências predominantemente "nacionais") considerou-se fatores como as mudanças e transformações ocorridas na Europa, principalmente entre 1830 e 1880, quando sua geografia é redesenhada em função de conflitos bélicos. Além de se assinalar a emergência de dois grandes poderes - a Itália e a Alemanha unificadas -, a multiplicação de demandas pelo reconhecimento de povos nacionalmente fundados - Bélgica e Grécia, entre outros -, assim como as mudanças geradas pelos dois conflitos mundiais.

No Brasil, é forçoso reconhecer que o patrimônio - a doutrina, a prática, a estrutura administrativa e o modelo legislativo - teve importantes referências européias, principalmente da administração centralizada francesa. Afinal, desde a criação da "Comission des Monuments Historiques" na França, em 1837, até a promulgação no Brasil do Decreto-lei n. 25 de 1937 que organiza a proteção do patrimônio histórico e artístico nacional, exatos

100 anos se passaram, anos de muito trabalho, de inventários de reconhecimento, de trabalhos de restauração e conservação de monumentos, de publicações e debates, enfim, anos de articulação de saberes e experiências, consolidados em um conhecimento específico. Intelectuais como Rodrigo Melo Franco de Andrade e Mario de Andrade não poderiam ter ignorado essa experiência européia no momento de organizar o primeiro serviço de patrimônio da América do Sul, estabelecendo contatos e trocas. Mas era preciso investigar que contatos e que trocas.

Evidentemente, foram consideradas as diferenças e especificidades da circulação e da troca de informações no tempo considerado, as dificuldades e retardamentos principalmente no momento de criação do IPHAN em 1937, às vésperas da eclosão da Segunda Guerra Mundial. Nos seus primeiros dez anos de funcionamento a inteligência patrimonial brasileira se viu isolada do principal centro de debates sobre patrimônio e do principal território de combate, a Europa, onde se destruía em escala nunca antes vista. A preocupação principal era com a preservação da vida, antes dos monumentos, apesar de eles também serem reféns de invasores; "Paris brûle-t-il?", título de um filme, e frase de A. Hitler em 1944 que teria cobrado do comando alemão em retirada de Paris a destruição dos seus monumentos, tentativa desesperada de compensar a humilhação da derrota, com a aniquilação dos principais símbolos da história francesa e da nacionalidade resistente. Importante ainda ressaltar o fato de ter havido um hiato na reflexão e na circulação de idéias sobre a preservação, a partir de 1945. No pós-guerra, tratava-se de reconstruir e restaurar em escala também nunca vista, quando era preciso escolher o que lembrar e o que esquecer entre destroços e novos monumentos do dominador em retirada ou do novo poder constituído; as teorias foram atropeladas por questões novas, nem todas da ordem conceitual da preservação e do patrimônio, mas que se impuseram, sem resistência, em várias situações, como na Polônia.

Por outro lado, Mario de Andrade e Rodrigo Melo Franco de Andrade eram personagens atuantes no Brasil dos anos 1930, preocupados também em definir e afirmar a nacionalidade brasileira através de suas criações e do seu trabalho. Rapidamente foram geradas adaptações e soluções criativas que, sem abrir mão da referência patrimonial de raiz européia, foram tentando encontrar as soluções mais adequadas à realidade local. Ao alcançar outro propósito central do trabalho - identificar as referências externas e estabelecer a especificidade brasileira - a Cronologia Histórica cresceu em complexidade e em extensão,

exigindo consubstancial ampliação da pesquisa originalmente proposta. Assim como cresceu seu compromisso com a proposta do trabalho, criando novas relações e associações, e acabando por se configurar como o próprio estado da questão ao qual, no início, deveria apenas servir de apoio.

O próprio andamento do trabalho confirmou, portanto, que a opção por um recorte cronológico não quer necessariamente dizer que se esteja assumindo uma visão evolutiva da história. O fato de se preterir uma operação de Periodização enquanto ferramenta de recorte temporal, a favor da Cronologia, justifica-se pela decisão de não assumir a divisão da preservação do patrimônio em blocos correspondendo a fases, épocas, períodos, fato que nos levaria, ou a assumir padrões de referência já consolidados (que poderiam ser os mesmos que interessava questionar), ou a antecipar novos padrões, que assim se adiantariam à análise proposta pelo exercício. O recorte temporal "ano a ano", subdividido geograficamente por países (identificados pela sua configuração administrativa atual) e organizado na forma de Cronologia, também não pretende necessariamente "colar" datas com idéias ou conceitos, mas sobretudo associar personagens, publicações e fatos, organizando as ações em função do tempo, esclarecendo melhor simultaneidades, deslocamentos, trocas. Essa operação veio ao encontro da noção de temporalidade que desejamos resgatar desde o início no trabalho, quando nos propusemos a distinguir o "tempo presente da reflexão" do "tempo de cada ação", tentando situar "quem pensa" e a partir "de onde pensa", para então tentar compreender "como pensa".

O marco temporal que define o início da Cronologia é a metade do século XVIII, momento do aparecimento da idéia cultural de preservação assim como da constituição de patrimônios nacionais na Europa Ocidental, particularmente na França, país que terá uma presença especial no quadro, não só pelo papel preponderante desempenhado nessa história como por ter sido o grande parâmetro para a organização do serviço e da doutrina patrimonial no Brasil; ela aparece em primeiro lugar. Os outros países que entraram na Cronologia sucedem-na em ordem alfabética: Áustria (pela importância dos estudos teóricos); Alemanha (eventualmente, mas de forma menos sistemática pela unificação mais tardia); Itália e Grécia (tumultuadas por movimentos de unificação e independência, mas sempre berços da Antiguidade e de reflexão sobre o passado); Grã-Bretanha (sede do movimento anti-restauração e do questionamento às posturas preservacionistas francesas); Bélgica (por sua menção expressa como referência para a organização do IPHAN); Portugal e Espanha (para

verificação da permanência de ou não de diálogos e trocas); Argentina, Estados Unidos da América - EUA e México (países americanos, que possibilitassem comparações, verificando a existência de trocas e entendimentos). O eixo que estruturou o trabalho como um todo - o Anteprojeto para a criação do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional elaborado por Mario de Andrade em 1936 - introduz cronologicamente o Brasil no quadro geral a partir de meados do século XIX; o fato de aparecer no final não reflete, evidentemente, um juízo de valor, mas somente uma opção de clareza e facilidade. No outro extremo, escolhemos como data limite da Cronologia os anos 1960, considerando o marco representado pela Carta de Veneza, 1964, e pela saída de Rodrigo Melo Franco de Andrade da direção do IPHAN em 1967, depois de 40 anos de trabalho.

Os parâmetros eleitos para nortear a montagem da Cronologia, foram aqueles relevados pela própria conformação do campo de conhecimento relativo à preservação do patrimônio, assim como pelos pontos de questionamento que definiram as hipóteses de trabalho. Eles assinalam a atuação de personagens, a criação de leis e instituições, a ocorrência de eventos sócio-econômicos ou culturais marcantes, as idéias e a maneira como circulavam, o enunciado de novas posturas teóricas face a restauração e a conservação. No nível internacional, procuramos contemplar principalmente o aparecimento da noção de patrimônio e de preservação na Europa Ocidental: a formação de uma doutrina; a criação das instituições que oficializaram o estudo e a proteção legal desse patrimônio; as sociedades de eruditos, os eventos internacionais importantes para o recorte histórico proposto. No Brasil, a partir da biografia de Mario de Andrade tentamos identificar e situar protagonistas que, através da ação e da produção intelectual, tenham contribuído para conformar este campo de debate específico, privilegiando: círculos de relações e circulação de idéias; eventos relacionados à questão de “construção da nacionalidade brasileira”; criação de leis e instituições voltadas à proteção. Sempre esteve presente, a tentativa de aproximar o Brasil da Europa, e dos países organizados ou em vias de organização quanto à preservação do patrimônio cultural, estabelecendo relações, referências, identificando temporalidades, ou seja, marcando a diferença, a criatividade e até o descompasso brasileiros.

A especificidade do eixo estrutural do trabalho - o conteúdo do Anteprojeto de Mario de Andrade para o SPHAN e a formação do campo de conhecimento do patrimônio e da preservação na Europa e no Brasil - colocou ainda a necessidade de se tentar identificar e incluir ações que pudessem vincular patrimônio e museus, patrimônio e restauração,

patrimônio e legislação, patrimônio e arqueologia, patrimônio e história, patrimônio e arquitetura, patrimônio e história da arte, da forma como se apresentavam na época em estudo, historiando as origens e os primeiros anos da definição das diferentes dimensões da preservação; preferimos buscar vínculos associativos e de conhecimento, em detrimento dos adjetivos que têm prevalecido como motivação dos debates - como imaterial, industrial, cultural, entre outros - por não considerá-los, por si, explicativos da complexidade que envolve a noção de patrimônio. Da mesma forma que se tornou imperativo incluir um aspecto normalmente marginalizado dos estudos sobre esse campo, principalmente pelos estudos europeus, que são etnologia e folclore deliberadamente associados como quis Mario de Andrade na elaboração do anteprojeto para o SPHAN e em grande parte da sua obra. Se a partir dos anos 1980, em tempos de globalização, a etnologia passou a integrar as áreas de trabalho e investigação de praticamente todas as instituições que se ocupam da preservação, considerada como a nova dimensão do patrimônio cultural e operada como meio afirmativo de identidade, no âmbito desse trabalho foi fundamental tentar compreender se de fato este interesse foi antecipado no Brasil, no ante-projeto de Mario de Andrade para o SPHAN, e que lugar ocupava na área patrimonial internacional na época.

Finalmente, a Cronologia veio colaborar para reforçar a hipótese de que patrimônio e preservação, solidários, teriam construído um campo de conhecimento, ajudando a definir o processo de conformação desse campo, bem como seus mecanismos, seus limites, suas fronteiras. A extensão e complexidade desse estado da arte, fez da Cronologia um trabalho de pesquisa a parte, que não estava previsto no plano de tese inicial.

Referências bibliográficas para a Cronologia Histórica / Brasil

- AMARAL, Aracy (org.). *Arquitectura Neocolonial*. São Paulo, Memorial, 1994.
- BREFFE, Ana Claudia Fonseca. *O Museu Paulista*. São Paulo, UNESP, 2003.
- CALIL, Carlos Augusto (org.). *A aventura brasileira de Blaise Cendrars*. São Paulo, Edusp/PAPESP/Imprensa Oficial, 2001.
- CAVALCANTI, Lauro (org.). *Modernistas na Repartição*. Rio de Janeiro, UFRJ / MinC – IPHAN, 2000.
- COSTA, Maria Elisa (org.). *Com a palavra Lucio Costa*. Rio de Janeiro, Aeroplano, 2001
- DUARTE, Paulo. *Mário de Andrade por ele mesmo*. São Paulo, HUCITEC, 1985.
- FONSECA, Maria Cecília Londres, *O patrimônio em processo: trajetória da política federal de preservação no Brasil*, Rio de Janeiro, UFRJ/IPHAN, 1997.
- GRUPIONI, Luís Donisete Benzi. 1998. *Coleções e Expedições Vigeadas: Os Etnólogos no Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas no Brasil*. São Paulo: Hucitec/Anpocs.
- LAFETÁ, João Luis. *Mário de Andrade*. São Paulo, Abril Cultural, 1982.
- LOPEZ, Telê Ancona (org.). *A imagem de Mário*. Rio de Janeiro, Edições Alumbramento / Livroarte Editora, 1994.
- LOURENÇO, Maria Cecília França. Referências Cronológicas / 1930 – 1960. Material didático para o curso da CPG FAUUSP, “Memória Artística, 1997.
- Lucio Costa: sobre arquitetura*. Porto Alegre, Centro dos estudantes universitários de Arquitetura, 1962.
- <http://www.historiaecultura.pro.br/modernosdescobrimentos/>
- <http://www.carlosdrummonddeandrade.com.br>
- <http://www.klepsidra.net/>
- <http://lobato.globo.com/>
- <http://www.radiomec.com.br/roquettepinto/>
- <http://www.mulher500.org.br/biografia/>

<http://www.ufmg.br/boletim/>

<http://www.artedata.com/>

<http://www.artedata.com/>

<http://www.letras.puc-rio.br/catedra/revista/>

<http://www.cpdoc.fgv.br/>

www.laced.mn.ufrj.br/produtos/textos/textos_online/heloisa.htm

Referências bibliográficas para a Cronologia Histórica / Geral

AUDUC, Arlette. La loi de 1905 et le patrimoine. Revista « Hommes et Migrations », Paris, 2006. Consultado em : www.freeweb.1901.net/laicite-educateurs/IMG/pdf/auduc_patrimoine.pdf

BABELON, Jean-Pierre, CHASTEL, André. La notion de patrimoine. Paris, Ed. Liana Levi, 1994 (1ª edição 1980, Revue de l'Art).

BOITO, Camillo. Os restauradores. São Paulo, Ateliê Editorial, 2002.

"Chronologie des Sociétés d'antiquaires XVIe-XXIe siècles". Consultado no sítio: "Société des antiquaires de Normandie",

http://www.antiquaires-de-normandie.org/article.php3?id_article=135#top

DEGLI, Marine & MAUZE, Marie. Arts Premiers – Le temps de la reconnaissance. Paris, Gallimard, 2000.

EHM, Christine (org.). l'ABCdaire de tous les Savoirs du monde. Paris, Flammarion, 1997.

GAMBLE, Cynthia. "Adrien Proust et John Ruskin : la mort inspiratrice du travail proustien". Bulletin Marcel Proust, 2004. Consultado em : <http://perso.orange.fr/marcelproust/litterature>

HELLMANN, Marie-Cristine. "Envois de Rome et archéologie grecque". In: Catálogo da exposição: Paris - Rome - Athenes - le voyage en Grèce des architectes français aux XIX et XX siècles (catálogo). Paris, Ecole Nationale Supérieure des Beaux-Arts, 1982.

JACQUES, Annie. "Rétrospective". Paris, Revue Monuments Historiques, n. 123, 1982.

JOKILEHTO, Jukka. A History os Architecture Conservation. Kent, Butterworth Heinemann, 1999.

KUHL, Beatriz. "Os Restauradores e o Pensamento de Camillo Boito sobre Restauração". In: BOITO, Camillo. Os restauradores. São Paulo, Ateliê Editorial, 2002.

LEBEL, Aube, TAYEB, Martine, FONZI, Antonia (org.). Prosper Mérimée, l'inspecteur des Monuments Historiques. França, Ministère de la Culture et de la Communication. Consultado em : <http://www.merimee.culture.fr/fr/html/annexes/credits.html>

LENIAUD, Jean-Michel. "Répertoire des architectes diocésains du XIXe siècle", anexo do livro do mesmo autor *Les Cathédrales aux XIXe siècle* (Economica, 1993), disponibilizado em versão eletrônica pela Éditions en ligne de l'École des chartes, no endereço: <http://elec.enc.sorbonne.fr/>

LIERNUR, João Francisco & ALIATA, Fernando (org.). *Diccionario de Arquitectura en la Argentina*. Buenos Aires, Clarín, 2004.

"Linnean Society of London". Consultado em : <http://www.linnean.org/index.php?id=45>

MATHIEU-ARTH, Françoise. "Sculpture and the Royal Academy Exhibitions (1780-1836): a fruitful Paradox". Consultado em : <http://www.univ-nancy2.fr/CEAA/CRESAB/DossierConcours/RoyalAcademy.doc>.

MATOS, Olga. "Notas soltas sobre a 'descoberta' da Arqueologia no século XIX". *Praxis Archaeologica - Revista Eletrônica de Teoria, Metodologia e Política da Arqueologia*, Associação Profissional de Arqueólogos, 2007. Consultado em: http://www.praxisarchaeologica.org/issues/2007_7596.html

"Mémoires explicatifs de Restauration des architecte-pensionnaires de l'Académie de France à Rome". In: *Catálogo da exposição: Paris - Rome - Athenes - le voyage en Grèce des architectes français aux XIX et XX siècles*. Paris, Ecole Nationale Supérieure des Beaux-Arts, 1982. pp. 351 a 404.

"Museums and anthropology in the nineteenth century". Consultado em: <http://www.anthropology.co.uk/PRM/prmroot/musantob/histmus3.html>

"National Trust". Consultado em: http://www.nationaltrust.org.uk/main/w-trust/w-thecharity/w-history_trust.htm

NORA, Pierre (org.). *Les lieux de mémoire*. Paris, Gallimard, 1997 (vol.1, vol.2, vol.3).

PAPADAKIS, A.C. (org.). *Eugène Emmanuel Viollet-le-Duc - 1814-1879*. Paris, Profis d'Architecture / Academy Editions, 1980.

PEVSNER, Nikolaus. *Os pioneiros do desenho moderno*. Rio de Janeiro, Ulisseia, s.d.

PINON, Pierre. "Les leçons de Rome". Paris, *Revue Monuments Historiques*, n.123, 1982.

RODIN, Auguste. *Grandes Catedrais*. São Paulo, Martins Fontes, 2002.

RUSKIN, John. *Les pierres de Venise*. Paris, Hermann, 1983.

RUSKIN, John. *La Bible d'Amiens*. Paris, Mercure de France, 1904 (traduction, préface et notes de Marcel Proust). Consultado em :

http://perso.orange.fr/marcelproust/litterature_architecture.htm

"Salisbury and South Wiltshire Museum". Consultado em:
<http://www.salisburymuseum.org.uk/galleries/index.php?Action=3&obID=43&prevID=10>

SIRE, Marie-Anne. *La France du Patrimoine – Les choix de la mémoire*. Paris, Gallimard, 1996.

"Society for the Protection of Ancient Buildings - SPAB". Consultado em:
<http://www.spab.org.uk/html/what-is-spab/history-of-the-spab/>

SOUSA, Antonieta Vera. "A evolução do conceito de Patrimônio e das Normas Legais". Consultado em: http://www.adepa-alcobaca.org/patrimonio_1.html

MARQUES, Ana Maria Santos. "Alexandre Herculano". Consultado em:
 Centro Virtual Camões, Instituto Camões,
<http://www.instituto-camoes.pt/cvc/figuras/aherculano.html>

"The Pugin Society". Consultado em:
<http://www.pugin-society.1to1.org/index.html>

"The Geographical Society of London". Consultado em :
<http://www.rgs.org/AboutUs/History.htm>

The William Morris Internet Archive
<http://www.marxists.org/archive/morris/works/index.htm>

VAN MENSCH, Peter. *Towards a methodology of museology*. PhD thesis, University of Zagreb, 1992, capítulo 20, Conservation. Consultado em :
http://www.muuseum.ee/et/erialane_areng/museoloogiaalane_ki/ingliskeelne_kirjand/p_van_mensch_towar/mensch20

NOTA sobre os sítios da Internet

Entre as referências bibliográficas para a Cronologia estão alguns sítios da Internet que possibilitam consulta on-line a documentos de acervos e livros raros. Na França foram especialmente úteis, a *Bibliothèque numérique GALLICA*, da *Bibliothèque Nationale* (www.gallica.bnf.fr/) e a base de dados do *Centre historique des Archives Nationales*, que localiza documentos em seus arquivos correspondendo à história da França da época merovíngia até 1958 (www.archivesnationales.culture.gouv.fr/an/fr/recherche/). Além das pesquisas por assunto e por palavras efetuadas nos sítios de procura, foram consultados sítios institucionais de órgãos de preservação, de universidades, e enciclopédias.

Os sítios de enciclopédias on-line mais utilizados foram a UNIVERSALIS (www.universalis.fr/), BRITANNICA (<http://www.britannica.com/>) e a controversa WIKIPEDIA, especialmente nas suas versões em francês, inglês, italiano, espanhol e português (www.it.wikipedia.org/; www.fr.wikipedia.org/; www.en.wikipedia.org/; www.pt.wikipedia.org/), escolhidas de acordo com o tema da pesquisa, uma vez que o conteúdo varia bastante de acordo com o idioma, e é o idioma e não o país que rege o conteúdo (dependendo do tema procurado, é preciso procurar o conteúdo, por exemplo, de Portugal e não do Brasil). Por se tratar de uma enciclopédia livre e aberta, que aceita contribuições voluntárias mesmo que seguindo alguns cuidados, para que seja uma ferramenta útil, tomei o cuidado de verificar os dados disponibilizados. A versão em inglês da WIKIPEDIA ao mesmo tempo que discute a validade de utilizá-la como referência bibliográfica no meio Acadêmico, relaciona trabalhos em nível Phd em instituições de credibilidade, no mundo, em que a sua referência é aceita. Também dispõe da página "how to evaluate a WIKIPEDIA article" que confirma alguns dos cuidados básicos a adotar em uma pesquisa: prestar atenção à notificação que pode aparecer em azul (na versão em inglês principalmente) que diz "não cita referência da fonte"; verificar a página "history" de cada verbete, que fornece o histórico das mudanças e discussões suscitadas desde a divulgação do verbete; nunca considerar a WIKIPEDIA como fonte única e incontestável. As vantagens que a WIKIPEDIA pode oferecer é a abrangência, a dinamização e agilização de uma pesquisa, confirmando datas e eventos de referência, sugerindo relações facilmente acessíveis e de fácil verificação pela própria Internet através de links e bibliografia. A versão em português, elaborada em Portugal, da WIKIPEDIA esclarece:

"Wikipedia:Verificabilidade

O limiar mínimo para inclusão de material na Wikipédia rege-se pelo conceito da verificabilidade e não pelo conceito de veracidade.

Material verificável, neste contexto, significa que qualquer leitor deverá poder aferir que tal material foi já publicado por uma fonte fiável, isto porque a Wikipédia não publica pesquisas inéditas.

O princípio da verificabilidade é uma das três diretrizes de conteúdo da Wikipédia. As outras duas são o princípio da imparcialidade e o princípio de não incorporação de pesquisas inéditas.

Conjuntamente, estas diretrizes determinam o tipo e a qualidade do material que é passível de publicação no domínio principal da Wikipédia. Considerando que estas três diretrizes são mutuamente complementares, elas não devem ser interpretadas isoladamente e os editores devem, portanto, familiarizar-se com todas as três.

Os princípios em que estas três diretrizes estão fundamentadas não são negociáveis ao nível da Wikipédia lusófona e não podem ser alterados por outras recomendações, votações ou consenso da comunidade de editores. Apenas são negociáveis ao nível da Fundação Wikimedia.

Política de verificabilidade:

1. Os artigos deverão conter somente material que tenha sido publicado em fonte reputada.
2. Os usuários que adicionem novo material deverão citar uma fonte reputada. Se tal não acontecer, qualquer editor poderá remover o material introduzido.
3. A obrigação de providenciar uma fonte reputada cabe ao editor que deseje introduzir novo material e não aos editores que desejem remover esse mesmo material.

Os itens tratados nessa página são:

- 1 Política de verificabilidade
- 2 Verificabilidade, e não veracidade
- 3 Fontes

3.1 O ónus da prova

3.2 O ónus da prova em artigos sobre pessoas vivas

3.3 Fontes de confiabilidade duvidosa

3.4 Fontes publicadas pelo próprio (on-line e em registro papel)

3.5 Fontes publicadas pelo próprio e fontes duvidosas em artigos sobre o próprio

4 Outros comentários

5 Referências "

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Wikipedia:Verificabilidade>

Cronologia Histórica: século XVIII

1707

Grã Bretanha

-fundação da "Society of Antiquaries of London", com o objetivo "encorajar, aprofundar e promover o estudo e o conhecimento das Antiguidades (*Antiquities*) e da História, desse e de outros países";

1721

Portugal

-através do Alvará de 20 de Agosto, o rei D. João V determina que a "Academia Real de História" inventarie e conserve "*os monumentos antigos que havia e se podia descobrir no Reino dos Tempos em nelle dominaram os Phenices, Gregos, Persas, Romanos, Godos e Arábios*" e ordena que nenhuma pessoa de qualquer estado, qualidade e condição que seja, desfaça ou destrua, em todo nem em parte, qualquer edifício "que mostre ser daqueles tempos" - primeiro documento legal que se refere ao patrimônio em Portugal;

1734

Grã-Bretanha

-fundação da "Society of Dilettanti", formada por nobres e "gentlemen" companheiros do "Grand Tour" (roteiro de viagem de iniciação cultural pela Europa percorrido pelos jovens ingleses bem nascidos, a partir de 1660 até por volta de 1820, quando começam a circular os trens) com o objetivo de patrocinar o estudo da antiguidade grego-romana, das criações modernas "em estilo", expedições arqueológicas, publicações;

1738

Itália

-início das escavações das ruínas de Herculano;

1748

Itália

-início das escavações das ruínas de Pompéia;

1749

França

- Georges-Louis Leclerc, comte de Buffon (1707 -1788), naturalista, biólogo, matemático e "intendant du Jardin du roi" (hoje "Jardin des Plantes"), inicia a publicação da sua obra monumental "*Histoire naturelle, générale et particulière, avec la description du Cabinet du Roy*" (36 volumes até 1789) com os volumes: *De la manière d'étudier l'histoire naturelle* ; *Théorie de la Terre* ; *Histoire général des animaux* e *Histoire naturelle de l'homme* , este último considerado o primeiro tratado sistemático de antropologia, explorando as relações do homem com o mundo, através da comparação homem/animal e homem/homem;

1753

Grã-Bretanha

-criação do "British Museum" por um ato do Parlamento (abertura para o público seis anos depois);

1755

Itália

-o arquiteto suíço Carlo Weber, que trabalha em Herculano a partir de 1764, publica *Le Antichità di Ercolano esposti* (até 1792), obra que registra as descobertas de Herculano e que goz de enorme interesse;

1756

Itália

-Giambattista Piranesi (1720-1778) publica sua obra de grande sucesso *Antichità romane*, com gravuras dos monumentos da Antiguidade romana; ilustra o relato preocupado de viajantes com o estado dos monumentos de Roma;

1759

Grã-Bretanha

-abertura do "British Museum", para acolher a grande e diversificada coleção doada à nação por Sir Hans Sloane; outras coleções particulares se somaram em doação, como a dos manuscritos de Sir Robert Cotton; o museu cresce e é desmembrado no século seguinte em um Museu de História Natural e um Museu de antiguidades e etnografia, este último conservando o nome de "British Museum" ; a entrada é restrita, não recebe subvenção para o bom funcionamento nem para expansão do acervo (algumas exceções: os vasos gregos e romanos de Sir William Hamilton, e os famosos "Elgin Marbles", compradas para serem expostas no Museu);

1761

Itália

-G. Piranesi publica *Delle Magnificenza ed Architettura dei Romani e Parere sul'Architettura*;

1762

Grã-Bretanha

-os arquitetos James Stuart (1713-1788) e Nicholas Revett (1720-1804) publicam o primeiro volume de *The Antiquities of Athens*, com desenhos realizados durante viagem à Grécia financiada pela "Society of Dilettanti" (o segundo volume sai em 1789 e o terceiro em 1816);

1764

Itália

-Johann Joachim Winckelmann (1717-1768) - alemão que trabalhou como bibliotecário e conservador da coleção de Antiguidades do Cardeal Albini, e ocupou o cargo de "prefeito das Antiguidades do Vaticano" (a partir de 1763) - publica *História das Artes da Antigüidade*, que recebe os adendos *Observações* (1767) e *Observações sobre a arquitetura* (1768) em outras edições; visita Paestum e Herculano, ressalta os valores da arte grega, desenvolve o método histórico para a História da Arte;

1768

Grã-Bretanha

-o marinheiro, engenheiro, astrônomo, cartógrafo James Cook (1728-1779) é encarregado pela "Royal Geographical Society" da primeira de várias expedições científicas que realiza para observar costumes no "países novos"; sua equipe - da qual faz parte o naturalista e botânico Joseph Banks (1743-1820) - observa, descreve, registra e coleta objetos compondo um rico depoimento da vida nas sociedades então ditas "primitivas" - parte considerável do acervo assim constituído irá para o British Museum;

1778

Alemanha

-Johann Gottfried von Herder (1744-1803), poeta prussiano e filósofo crítico do Iluminismo, um dos fundadores do relativismo cultural, publica o livro de poesias e canções populares *Voz dos povos*; segundo Goethe: "*Herder nos ensinou a pensar na poesia como patrimônio comum de toda a humanidade, não como propriedade particular de alguns indivíduos refinados e cultos*";

Grã-Bretanha

-V. Knox publica *Essays Moral and Literary*, que reúne uma seleção de baladas populares; início de um movimento observado principalmente na Alemanha, Itália e Grã-Bretanha resgate do popular para incluí-lo nas coleções do homem de gosto, admirados pela simplicidade natural que já fora sinônimo de vulgaridade;

1780

Grã-Bretanha

-criação da "Society of Antiquaries of Scotland", que definiu como objetivo "estudar as Antiguidades e a História da Escócia principalmente através da arqueologia";

1782

França

-Charles-Joseph Panckoucke (1736 -1798), lança a subscrição da sua *L'Encyclopédie méthodique ou par ordre de matières par une société de gens de lettres, de savants et d'artistes ; précédée d'un Vocabulaire universel, servant de Table pour tout l'Ouvrage, ornée des Portraits de MM. Diderot et d'Alembert, premiers Éditeurs de l'Encyclopédie* - Quatremère de Quincy será responsável pela rubrica "Arquitetura"; os 216 volumes serão lançados ao longo de quase 50 anos;

1788

Grã-Bretanha

-fundação da "Linnean Society of London" - nome tomado do naturalista sueco Carl Linnaeus (1707-1778), cujas coleções e biblioteca estão sob a guarda da sociedade desde 1829; destinada aos estudos de história natural, biologia, história das plantas e taxonomia (primeiro presidente: Sir James Edward Smith, 1759-1828);

1789

França**Revolução Francesa**

-durante dez anos, uma verdadeira onda de destruição contra edifícios civis e religiosos, estátuas, objetos de arte, túmulos, objetos de culto e obras de arte, tudo que pudesse ser identificado com o poder opressor ou que representasse o antigo poder destituído - paralelamente começam a se esboçar as primeiras medidas de proteção por parte do Estado;

-antes do evento revolucionário já se registrara várias iniciativas, a maior parte isoladas, contra a demolição de edifícios e monumentos significativos da Antiguidade, ou edifícios considerados como bens coletivos (como a Fonte dos Inocentes e Porte de Sante-Antoine, por exemplo), sintomas de uma nova sensibilidade em relação à história;

-a Revolução confisca os bens da Igreja;

Grã-Bretanha

-o arquiteto James Wyatt (1746-1813), um dos responsáveis "por reviver as belezas esquecidas da arquitetura Gótica", inicia a restauração da Salisbury Cathedral, primeira de uma série de restaurações que realiza em catedrais (Durham, Hereford, Lichfield) - criticado por perseguir a unidade estilística nas suas restaurações;

1790

França

-o arqueólogo Aubin-Louis Millin (1759-1818) - erudito e naturalista, interessado em arqueologia e história da arte - chama a atenção dos membros da Assembléia Constituinte para os **monumentos históricos** (*monuments historiques*), introduzindo esta expressão na linguagem corrente. A expressão aparece pela primeira vez no seu prospecto *Antiquités Nationales*: define como monumentos históricos, edifícios, túmulos, estátuas, vitrais, e tudo que puder "fixar, ilustrar, precisar a história nacional";

-criação da "Comission Témoraire des Arts" e da "Comission des Monuments", que reúnem especialistas e eruditos (*savants*) para elaborar as primeiras instruções para o inventário e para a conservação de obras de arte;

-a "Comission Témoraire des Arts", através do pintor de história Gabriel-François Doyen (1726-1806), escolhe o convento dos Petits-Augustins em Paris, como o mais importante dos nove depósitos destinados a acolher e conservar objetos de arte confiscados pela Revolução; Alexandre Lenoir (1761-1839) é nomeado zelador (*garde*) do "Dépot des Petits-Augustin", e encarregado do inventário das pinturas, esculturas e fragmentos sob a sua guarda;

Grã-Bretanha

-fundação da sociedade científica "Derby Philosophical Society", por Erasmus Darwin, avô de Charles Darwin;

1791

França

-criado o "Conseil général des bâtiments civils et palais nationaux", ou "service des Bâtiments civils" (herda os serviços de "Voiries", "Ponts et Chaussées" e "surintendance des Bâtiments du Roi"), órgão mais administrativo e financeiro do que técnico, composto pelos arquitetos encarregados da manutenção e construção dos monumentos públicos e da conservação dos palácios nacionais (antigos palácios reais) além dos edifícios religiosos; assessorado pelo "Conseil des Bâtiments civils" e pela "Comission des Monuments", que faz as restaurações mais importantes;

- Quatremère de Quincy (Antoine Chrysostome Quatremère, 1755-1849), arqueólogo e crítico de arte defensor do classicismo, publica *Considérations sur les arts du dessin en France, suivies d'un plan d'Académie ou d'École publique et d'un système d'encouragement* ;

1792

França

-A Assembléia Legislativa decide, por decreto, medidas de conservação provisória para as obras primas da arte ameaçadas pela Revolução, para enfrentar a intensificação das destruições e saques;

-confiscados os bens da Coroa e dos nobres que haviam emigrado;

1793

França

-Decretos sucessivos da Convenção Nacional determinam uma série de modificações nas instituições;

-por sugestão do pintor David, todas as Academias são extintas;

-a Grande Galeria do Louvre é aberta ao público com o nome de "Muséum Central des Arts", criado no ano anterior;

-extinta a "Comission des Monuments", substituída pela "Comission Téméraire des Arts", destinada a "inventariar os objetos pertencentes à Nação";

-abertura à visita do acervo recolhido, organizado e instalado no convento dos Petits Augustins por Alexandre Lenoir, composto de "monumentos transportáveis que tivessem interesse artístico e histórico para a Nação";

-transformação do "Jardin royal des plantes médicinales" ou "Jardin du Roi", em uma prestigiosa instituição de ensino e pesquisa que será o "Muséum national d'histoire naturelle";

- criação do "Conservatoire des Arts et Métiers", que abrirá suas portas no ano seguinte, como uma instituição de ensino voltada à ciência, e ao "emprego das ferramentas e máquinas úteis às artes e ofícios";

1794

França

-três relatórios sucessivos do abade Henri Grégoire (1750-1831)- *Destruições operadas pelo Vandalismo e sobre os meios de reprimi-las* - denunciam ante a Convenção a "febre de destruição dos objetos nacionais"; pela primeira vez estes atos são chamados de **vandalismo**: "criei a palavra para matar a coisa", explica Grégoire em suas memórias, acrescentando: "o respeito público deve abranger os objetos nacionais que, em não sendo de ninguém são propriedade de todos"; desta maneira sublinha a existência de um patrimônio coletivo, cuja salvaguarda é de responsabilidade pública, de interesse para a educação e para a memória nacional;

1795

França

-lei orgânica do Diretório restabelece as Academias (extintas dois anos antes);

-criação do "Institut de France", que assume a "Académie des Inscriptions et Belles-Lettres" (criada em 1663 por Colbert para recuperar inscrições em monumentos e medalhas, se ocupa também do estudo da história e da arqueologia, sucede os beneditinos de Saint-Maur na publicação de fontes da história da França);

- criação do "Institut national des sciences et des arts", instalado no palácio do Louvre;
- a "Comission Temporaire des Arts" publica "*Instructions sur la manière d'inventorier et de conserver dans toute l'étendue de la République tous les objets qui peuvent servir aux arts, aux sciences, à l'enseignement*"; criada uma rede de correspondentes regionais para executar a árdua tarefa de inventariar e conservar;
- Charles-Joseph Panckoucke confia a Quatremère de Quincy a redação do volume *Architecture* da *Encyclopédie méthodique* (até 1825);

1796

França

- Quatremère de Quincy publica *Lettres sur les préjudices qu'occasionnerait aux arts et à la science le déplacement des monuments de l'art de l'Italie* ou *Lettres à Miranda* ;
- Alexandre Lenoir passa de "garde" a "conservateur" do "Dépot des Petits Augustin" que recebe o nome de "Musée des antiquités et monuments français", é exaltado por alguns – como o historiador Jules Michelet que o considera local de inspiração para historiadores e estudiosos de seu tempo - e criticado por outros - como Quatremère de Quincy, que combate os deslocamentos de peças de arte e fragmentos de monumentos dos sítios originais, tanto no interior do país como no estrangeiro (Roma especialmente), para serem remontados "arbitrariamente" em museus;

1797

França

- o "Muséum central des arts" (1793) passa a ser denominado "Musée central des arts";

1799

França

- fundação da "Société des observateurs de l'homme" (fechada por Napoleão em 1804) pelos "Idéologues", grupo de eruditos ligados à Revolução, com objetivos políticos, religiosos e científicos; fica conhecida por ter estudado e cuidado do "menino selvagem Victor", e pela organização da expedição Baudin às terras austrais - foi considerada "a mais antiga sociedade de antropologia do mundo , assinalando a entrada da etnologia na modernidade" ;
- Jean-Marie ou Jean-Joseph Degérando (1772 -1824) publica para a "Société des observateurs de l'homme" o livro *Considérations sur les diverses méthodes à suivre dans l'observation des peuples sauvages* , primeira obra a propor uma metodologia de trabalho para a etnologia, a "observação participante" dos povos primitivos: "*a melhor maneira de conhecer bem os Selvagens é se tornar um entre eles; e é aprendendo sua língua é que nos tornamos concidadãos*";

1800

França

- o naturalista Georges Cuvier (1769-1832) publica uma de suas obras mais importante *Leçons d'anatomie comparée* (cinco volumes até 1805);

Cronologia Histórica: século XIX

1801

França

- assinatura do "Concordat" - reconciliação entre Igreja Católica e Estado e reforço ao pluralismo confessional;
- Decreto do Ministério do Interior funda quinze museus nos mais importantes centros regionais, provinciais, enviando representativas coleções de arte para cada um deles, em nome de uma descentralização política mas também civilizatória;

Grécia

- Lord Elgin consegue autorização para retirar as esculturas de mármore do friso da Acrópole e levá-las para Londres;

Itália

- Carlo Fea (1753-1836), advogado e arqueólogo, é nomeado "Comissário delle Antichità" do Estado Papal, papa Pio VII;

1802

França

- publicação do livro *Le Génie du Christianisme* de François-René Chateaubriand (1768 – 1848); exaltação do cristianismo e da cultura da Idade Média - "*devemos ao cristianismo esta maravilha: a catedral*" –, chama a atenção para o estado de ruína em que se encontram os monumentos religiosos franceses;
- como consequência do "Concordat", é promulgada a lei sobre os cultos, e o "service des cultes", determinando que o Estado deveria devolver aos bispos os locais próprios aos cultos (igrejas e catedrais), para a residência (palácios episcopais) e para a formação dos padres da diocese (seminários), edifícios que ficaram sob a dupla tutela de bispos e "préfets" (poder local), e sob o controle e administração do "service des Bâtiments civils"; para cada uma das igrejas menos representativas, foram criados "conseils de fabrique", encarregados de zelar pela conservação do edifício;
- Jean-Dominique Vivant Denon (1747-1825) publica *Voyage dans la Basse et Haute-Égypte pendant les campagnes du général Bonaparte*;

Itália

- o escultor Antonio Canova (1757-1822) é nomeado "Inspettore delle Belle Arti", encarregado da inspeção e avaliação das antiguidades e obras de arte do Estado Papal;
- Édito do papa Pio VII, elaborado por Carlo Fea, Comissário das Antiguidades, estabelece a proteção dos bens culturais da Antiguidade romana - proíbe escavação e exportação de objetos de arte sem autorização papal, determina que os particulares tenham um inventário das suas coleções - reconhecendo o caráter público dos edifícios e objetos da Antiguidade, e sua importância por serem "*belos, sublimes, raros*"; monumentos são consolidados com mínima intervenção, e escavados para recuperar o antigo nivelamento;

Portugal

- as competências no âmbito da inspeção dos Monumentos e Antiguidades são transferidas da "Academia Real da História" para a "Biblioteca Maior da Real Biblioteca de Lisboa" (até 1870);

1803**França**

- criada a "Direction générale des musées nationaux";
- o "Muséum", depois "Musée Central des Arts", que desde o ano anterior sob a direção de Jean-Dominique Vivant Denon (que já abria eventualmente ao público desde 1775) é batizado de "Musée Napoleon", passando a receber as obras de arte pilhadas por Napoleão durante as guerras;
- Quatremère de Quincy publica *De l'Architecture égyptienne considérée dans son origine, ses principes et son goût, et comparée sous les mêmes rapports à l'architecture grecque* ;

1804**França**

- fundação da "Académie celtique", sociedade parisiense de arqueologia e história, dedicada ao estudo das origens celtas da França, com sede no Museu do Louvre (em 1813 torna-se a "Société des Antiquaires de France");

EUA

- fundação da "The New-York Historical Society" para documentar a história dos EUA através de uma biblioteca e de coleções de artefatos, objetos de arte e documentos textuais;

1806**Itália**

- início das primeiras obras de consolidação do Coliseu de Roma realizadas por Raffaele Stern (1774-1820) - obra de referência para o desenvolvimento das teorias de restauração na Itália no final do século XIX;

1807**França**

- as escolas das diferentes Academias Reais, extintas em 1793, são reagrupadas para formar a "Ecole Impériale et Spéciale des Beaux-Arts" - a partir desse momento, Academia e escola passam a funcionar separadamente;

1808**França**

- Georges Cuvier é nomeado diretor do "Muséum d'Histoire Naturelle"; publica *Rapport historique sur les progrès des sciences naturelles depuis 1789*;

México

- criada a "Junta de Antigüedades", voltada para a proteção da cultura maia;

1809**França**

- início da publicação da obra *Description de l'Égypte ou Recueil des observations et des recherches qui ont été faites en Égypte pendant l'expédition de l'armée française* (até 1822) que relata a expedição de Napoleão ao Egito e a ocupação francesa (1798-1799) através do trabalho de mais de 150 cientistas, artistas, "savants" franceses (descoberta da pedra da Rosetta) - esta publicação será considerada, ela mesma, um "museu" pela riqueza de informações e ilustrações;

Itália

-o Estado Papal é anexado ao Império Francês, ficando subordinado à sua administração; criada a "Comission des monuments et bâtiments civils", que respondia ao Ministro do Interior da França;

1810

França

-lançado o "Inventaire Général", iniciativa do conde de Montalivet, Ministro do Interior, que solicita novamente a todos os "préfets" (autoridades locais) listagens de castelos, igrejas e abadias dignos de atenção, recomendando vigilância e conservação;

-início da demolição da abadia de Cluny para abertura de uma rua (destruição concluída em 1828);

-o escultor A. Canova visita Paris para defender a "mínima intervenção" em relação a planos de embelezamento previstos pelos franceses para Roma, defendendo a consolidação dos monumentos da Antiguidade;

Inglaterra

-o poeta romântico, estudioso das culturas portuguesa e hispânica, tendo traduzido várias obras para o inglês, Robert Southey (1774-1843) publica o primeiro volume do livro *History of Brazil*, que deveria fazer parte de uma grande História de Portugal, nunca concluída;

Itália

-criação da "Academia Romana", composta por arqueólogos, artistas, clérigos e aficionados por antiguidades - organiza banquetes e visitas às ruínas;

1811

Itália

-criada pelos franceses a "Comission des embellissements de la ville de Rome" que substitui a "Comission des monuments et bâtiments civils" (1809) - escavações e intervenções conservativas em vários monumentos romanos;

1812

França

-Georges Cuvier publica *Recherches sur les ossements fossiles de quadrupèdes, où l'on rétablit les caractères de plusieurs espèces d'animaux que les révolutions du globe paroissent avoir détruites* (em 4 volumes), onde estabelece a "loi de corrélation des formes", um novo paradigma na ciência que terá repercussões em várias áreas do conhecimento, inclusive nas teorias da restauração;

EUA

-fundação da "American Antiquarian Society", atendendo petição de Isaiah Thomas, com o objetivo de encorajar o colecionismo e a preservação das antiguidades do país, para que fossem utilizadas para o progresso da ciência e para "perpetuar a historia, a moral e a prosperidade";

Grã-Bretanha

-chegam em Londres as peças dos monumentos da Acrópole de Atenas, retiradas por Lord Elgin;

1813**França**

-a "Académie Celtique", torna-se "Société des Antiquaires de France" (antes trecebe os nomes de Societé : Royale , Nationale, Impériale - conforme os regimes políticos);

Itália

-o arquiteto francês Guy de Gisors (1762-1835), membro do "Conseil des Bâtiments de Paris", é enviado a Roma para avaliar a situação da cidade; entre projetos e sugestões, indica que o Arco de Tito, em mal estado de conservação, seja cuidadosamente desmontado e refeito, utilizando as antigas peças e completando as partes faltantes para dar uma idéia do todo;

1815**França**

-Quatremère de Quincy, nomeado "Intendant général des arts et monuments publics", grande opositor do museu de Lenoir , critica-o abertamente na sua obra do mesmo ano

Considérations morales sur la destination des ouvrages de l'art, ou de l'influence de leur emploi sur le génie et le goût de ceux qui les produisent ou qui les jugent;

-o escultor italiano Antonio Canova, em Paris no momento da derrota da França, empenha-se diplomaticamente, inclusive junto a Vivant Denon, diretor do Louvre, para que a França restitua as obras de arte italianas saqueadas pelos exércitos franceses e levadas para Paris por ordem de Napoleão;

-graças ao empenho de Quatremère de Quincy, parte dos objetos de arte saqueados durante as guerras napoleônicas depositados no Louvre são devolvidos por ordem do Rei; ordena-se ainda que os objetos e fragmentos de arquitetura depositados no Museu dos Monumentos ou coletados por Lenoir, sejam devolvidos aos locais e edifícios de onde haviam sido retirados;

1816**França**

-início da publicação da obra *Les Monuments de la France classés chronologiquement et considérés sous le rapport des faits historiques et de l'étude des arts* (até 1836), do arqueólogo Alexandre Laborde (1773-1842);

-Quatremère de Quincy assume o posto de "secrétaire perpétuel" da "Académie des Beaux-Arts" (até 1839);

Alemanha

-início da construção da "Glyptotheca de Munique", projeto do arquiteto Leo von Klenze, para acolher as coleções de esculturas gregas e romanas do rei Luis I da Baviera;

1817**Itália**

-obras de consolidação e complementação do Arco de Tito, por Raffaele Stern (1774-1820) e Giuseppe Valadier (1762-1839) - obra que se tornará exemplar para o desenvolvimento das teorias de restauro na Itália, no final do século XIX (concluídas em 1824);

1818**França**

-Quatremère de Quincy é nomeado professor de arqueologia no "cabinet des antiques" da "Bibliothèque Nationale";

Grã-Bretanha

-em uma reunião conduzida por Charles Manners-Sutton, Archbishop of Canterbury, o Duke of Northumberland propôs a formação da "Church Building Society - CBS", que consegue a aprovação pelo Parlamento de um fundo para programa de construção e restauração de igrejas; em seguida é votado o "Church Building Act " aprovando a doação de £1,000,000 para a causa - a sociedade também podia receber doações;

1819

França

-criação da "Ecole des Beaux-Arts de Paris";

Grã Bretanha

- o escocês Walter Scott (1771-1832) - um dos introdutores do romance histórico situado na Idade Média, gênero que fez sucesso em toda Europa durante o século XIX - lança seu primeiro romance *Ivanhoé*; é Viollet-le-Duc quem afirma: "*mais ainda que a Restauração (da monarquia), a leitura de W. Scott faria respeitar a arte da Idade Média*";

1820

França

-início da publicação da obra *Voyages Pittoresques et Romantiques dans l'Ancienne France* (21 volumes até 1878), dos autores Charles Nodier (escritor), Alphonse de Cailleux (pintor) e Barão Isidore Taylor (amante das artes e da arqueologia) - primeira publicação a usar litografia para representar monumentos, considerada pelos autores como "último registro dos monumentos da França" em via de desaparecimento; colaboração de Viollet-le-Duc;
-o marques de La Rivière, embaixador da França em Constantinopla, compra a escultura Vénus de Milo;

Itália

-o papa Pio VII manda cercar a Praça de Trajano - uma das primeiras medidas de proteção desse tipo às ruínas romanas;

1821

França

-fundação da "Ecole de Chartes", para formar arquivistas e bibliotecários e "ensinar todas as ciências auxiliares da história, da paleografia e da diplomacia a numismática" - sob o patronato da "Académie des Inscriptions et Belles Lettres"(1663);

1823

Itália

-novas obras de consolidação do Coliseu, concluídas em 1826, projeto de G. Valadier (as primeiras foram realizadas por R. Stern em 1806/1820); com o Arco de Tito, torna-se obra de referência para o desenvolvimento das teorias de restauração na Itália no final do século XIX;

1824

França

-Arcisse de Caumont (1801-1873) e Auguste Le Prévost (1789-1857) fundam a "Société des Antiquaires de Normandie" e a "Société linnéenne de Normandie", dedicadas a estudos históricos e arqueológicos; Caumont é um dos primeiros arqueólogos a analisar e estudar a

arquitetura da Idade Média na França e se lançar na defesa dos seus monumentos, publicando nesse mesmo ano "*Essai sur l'architecture du Moyen Age*";

1825

França

-Victor Hugo, lança um panfleto de grande repercussão *Guerre aux démolisseurs*, onde denuncia a destruição dos monumentos com o objetivo de fazer parar "o martelo que mutilava a face do país";

México

-criado o "Museu Nacional";

1826

França

-criado o "Département des antiquités égyptiennes" do "Musée central des arts", no Louvre;

1827

Itália

-criado em Palermo a "Commissione di Antichità e Belle Arti", dedicada a pesquisa arqueológica e a tutela dos monumentos, válida para todo o Reino das Duas Sicílias;

1828

França

-François Guizot (1787-1874) publica *Histoire de la civilisation en Europe*;

1829

França

-Quatremère de Quincy publica *Monuments et ouvrages d'art antiques restitués d'après les descriptions des écrivains grecs et latins* (2 vol.);

Grã-Bretanha

-a primeira locomotiva a vapor circula entre Manchester e Liverpool, atingindo até 25 km/h e levando 40 ton de carga;

1830

França

-François Guizot publica *Histoire de la civilisation en France* ;

-relatório de François Guizot, então Ministro do Interior, cria a "Inspection générale des monuments historiques", e o posto de "Inspecteur général des Monuments Historiques" cuja função principal será elaborar "um catálogo exato e completo dos edifícios ou monumentos isolados que merecessem uma atenção séria por parte do governo"; os elementos deste catálogo deveriam ser "classés et consultés au besoin" (classificados e consultados conforme a necessidade) - trata-se do primeiro significado da palavra "classement" que, com a promulgação de legislação específica, passará a significar proteção (tombamento no Brasil); -criação do "service des Édifices diocesains";

-Ludovic Vitet (1802-1873), historiador e crítico de arte, é o primeiro "Inspecteur" nomeado, iniciando uma série de viagens de reconhecimento pela França para organizar o que foi chamado de "*inventário da memória nacional*" - reclama da falta de estrutura jurídica e

administrativa, e preconiza a criação de "sociétés savantes", à exemplo da iniciativa de A. de Caumont;

- Eugène-Emmanuel Viollet-le-Duc (1814 -1879) faz estágios com os arquitetos Jean-Jacques Huvé e Achille Leclère - rejeita a formação da Escola de Belas Artes;

Grã-Bretanha

-fundação da "Royal Geographical Society of London", considerada uma "British learned society" dedicada aos estudos da geografia, patrocinando expedições exploratórias sob o patronato do rei William IV - absorve a "Association for Promoting the Discovery of the Interior Parts of Africa", o "Raleigh Club" e a "Palestine Association";

1831

França

-Victor Hugo publica *Notre-Dame de Paris* - romance histórico, baseado em pesquisas e farta documentação recolhida - exaltando a arquitetura da Idade Média através da Catedral de Notre-Dame de Paris, uma arquitetura nacional, opondo-se a todas às formas de destruição da arquitetura gótica, inclusive às obras de conservação em curso na França;

-Arcisse de Cumont inicia a publicação de *Cours d'Antiquités Monumentales* (doze volumes publicados até 1843)

-Viollet-le-Duc realiza sua primeira grande viagem de estudos pela França com seu tio Delècluze, aumentando o interesse pela arquitetura medieval;

-Vitet começa a organizar o "service de Conservation des Monuments Historiques";

-o arqueólogo e erudito Alexandre Du Mège (1780 -1862) cria em Toulouse a "Société Archeologique du Midi de la France", que funciona nos moldes da sociedade criada por Arcisse de Caumont na Normandia;

-criação da "Société Française d'Archeologie";

-no primeiro relatório, Vitet define sua função como Inspecteur: "*Constatar a existência e fazer a descrição crítica de todos os edifícios do reino que - seja pela data, seja pelo caráter da sua arquitetura, seja pelos acontecimentos que testemunharam - mereçam a atenção do arqueólogo, do historiador; este é o primeiro objetivo da função que me foi confiada. Em segundo lugar, devo zelar pela conservação desses edifícios indicando ao Governo e às autoridades locais os meios seja para prevenir, seja para interromper sua degradação*";

-Edme-François Jomard (1777-1862), geógrafo da expedição de Napoleão ao Egito, arquivista da "Bibliothèque Royale", publica seu estudo *Sur le but d'une collection ethnographique*;

-o escritor português Alexandre Herculano de Carvalho e Araújo (1810-1877), exilado político na França, dedica-se ao estudo das obras de Thierry, Guizot, Victor Hugo e Lamennais, autores que influenciarão profundamente a sua obra;

1832

França

-François Guizot é nomeado "Ministre de l'Instruction publique", cria o "Comité Historique des Arts et Monuments" - a atenção começa a se voltar para a restauração dos edifícios medievais que recebem dinheiro para serem restaurados com a igreja de Saint-Paul de Lyon ou Saint-Jacques de Dieppe;

- nova edição do romance *Notre Dame de Paris*, incluindo o capítulo "*Ceci tuera cela*" ("Isto matará aquilo", ou, "o livro matará o edifício"), onde Victor Hugo faz considerações sobre a urgência da preservação e valorização da arquitetura da Idade Média, e sobre restaurações destruidoras, criticando a arquitetura de seu tempo; publica na "Revue des deux mondes" o texto "*Guerre aux démolisseurs*";

-Quatremère de Quincy publica *Dictionnaire historique d'architecture, contenant dans son plan les notions historiques, descriptives, archéologiques, biographiques, théoriques, didactiques et pratiques de cet art* (2 vols.) - retomada da sua colaboração ao *Dictionnaire Méthodique*;

Suíça

-fundação da "Antiquarische Gesellschaft" (Sociedade dos Antiquários), em Zurique;

1833

França

-criada a "Société de l'Histoire de France", por iniciativa de François Guizot, destinada a "popularizar o estudo e o gosto da história nacional (...) através da pesquisa e do emprego de documentos originais";

-realização do primeiro "Congrès archeologique et scientifique", iniciativa de Arcisse de Caumont;

-o historiador Jules Michelet (1798- 1874) inicia a publicação de sua obra em seis volumes *Histoire de France* (termina em 1844);

Áustria

-Eduard Melly (1814-1854), consulta Didron na França, e funda a "Sociedade de Antiquidades", para obter proteção estatal para edifícios históricos;

Grécia

-os turcos saem da Grécia, o filho do rei da Baviera, Otto I, assume o poder com apoio da Baviera, da Inglaterra, da França e da Rússia; restauração, "*anastylosis*" em grego, dos monumentos da antiguidade como afirmação cultural do país que se tornara independente;

1834

França

-Vitet demite-se do cargo de "Inspecteur" e Prosper Mérimée (1803-1870) assume em seu lugar;

-criação da "Société française pour la conservation des Monuments", futura "Société Française d'Archéologie", pelo arqueólogo normando Arcisse de Caumont com o objetivo de "*promover e conservar monumentos históricos*", principalmente aqueles da Idade Média;

-Mérimée escreve a Caumont: "*O senhor sabe melhor do que ninguém a quantos inimigos nossas antiguidades estão expostas. Os reparadores são talvez tão perigosos quanto os destruidores*";

- criação do "Comité Historique des Arts et des Monuments" ;

- Viollet-le-Duc assume o posto de professor suplente na Escola de Desenho, depois Escola de Artes Decorativas;

Grã-Bretanha

-incêndio do Parlamento, Palácio de Westminster; início de uma discussão de três anos conhecida como "batalha dos estilos" (sobre reconstruí-lo em estilo neo-gótico ou neo-clássico);

Grécia

-o reino da Grécia recebe do rei de Baviera uma lei de proteção dos monumentos, elaborada com a assistência do professor Ludwig Maurer (1789-1878) - uma das mais antigas legislações de proteção da Europa Ocidental;

- Leo Von Klenze (1784-1864), arquiteto do rei da Baviera, Ludwig I, chega na Grécia em missão diplomática, inaugura o início das escavações e das restaurações na Acrópole; ao deixar Atenas o arquiteto deixa orientações gerais para a continuidade dos trabalhos;

1835

França

-Viollet-le-Duc faz sua quinta excursão pela França, pela Normandia, desta vez com o gravurista Leon Gaucherel - descoberta de Chartre, do Mont Saint Michel entre outros monumentos da arquitetura gótica da região;

-Guizot, "Ministre de l'Instruction Publique" cria o "Comité des Monuments Inédits de la littérature, de la philodophie, des sciences et des arts considerés dans leurs rapports avec l'histoire générale de la France", "Comité historique des Arts et Monuments" cuja função é procurar documentos que tenham relação com a história do país ;

- Ernest Grille de Beuzelin (1808-1879), descreve o trabalho de Mérimée e seus inspetores: *"Cada um dos inspetores deveria ser capaz de fazer medições e montar plantas como um arquiteto, desenhar fragmentos como um pintor, ler os antigos mapas com um arquivista, correr a cavalo e a pé, e ainda, para conferir unidade ao trabalho, todos os elementos deveriam obedecer aos mesmos princípios em arqueologia e ao mesmo sistema em historia da arte"*;

Bélgica

-o rei Leopold I cria a "Comission Royale des Monuments", composta de nove membros encarregados de dar parecer ao Ministro do Interior sobre: *"as reparações que exigam os monumentos do país, extraordinários pela sua antiguidade, pelas lembranças que provocam ou pela sua importância em relação à arte"* ;

1836

França

-início dos trabalhos de restauração da Sainte- Chapelle em Paris, pelos arquitetos Felix Duban (1798-1870) e Jean-Baptiste Lassus (1807-1857), um "laboratório de restauro" onde se procurou ser fiel aos documentos e indícios existentes;

- Viollet-le-Duc inicia sua viagem pela Itália (até 1837) passando por Gênova, Nápoles, Sicília (visita Pompéia e Paestum), Livorno, Pisa, Florença, Siena, Roma, Assis, Pádua e Veneza;

Grã-Bretanha

-o arquiteto Augustus Welby Northmore Pugin (1812-1852) publica *Contrasts*, defendendo que *"a arquitetura gótica é a verdadeira arquitetura do cristianismo"* ;

1837

França

-o Ministro do Interior, em substituição do antigo Comitê, cria a "Comission des Monuments Historiques", cuja missão principal é distribuir o fundo destinado pelo Estado à salvaguarda dos monumentos, introduzindo a noção de "*classement*" como critério de hierarquização entre os edifícios (no momento trata-se apenas de um termo destinado a facilitar o trabalho da administração);

-composição da "Comission des Monuments Historiques", com sete membros : presidido por Jean Vatout (1792-1848), também presidente do "Conseil des bâtiments civils", três deputados (o arqueólogo Auguste Leprévost -1787/1859, o conde Montesquieu da família do rei Luis-Philippe, e Ludovic Vitet); o barão Taylor (Isidore Justin Séverin Taylor, 1789 - 1879) que será nomeado Inspecteur des Beaux-Arts em 1838; dois arquitetos (Augustin Caristie - 1783/1862- responsável pela restauração do Arc d'Orange, e Jacques Félix Duban - 1798/1870, responsável pela restauração do castelo de Blois e da Sainte-Chapelle); o

secretário é Prosper Mérimée (substituído em 1839 por Ernest Louis Hippolyte Theodore Grille De Beuzelin);

-Prosper Mérimée, através dos seus inúmeros relatórios para a "Comissão", lança as bases de uma reflexão sobre hierarquização e critérios de trabalho, inclusive de restauração. Apóia-se em uma rede de correspondentes designados pela "Comissão" entre os membros das "sociétés savantes", que passam a informar descobertas, edifícios em perigo e obras realizadas em condições desfavoráveis; os projetos e orçamentos recebidos são "classificados" por ordem de urgência, e Mérimée passa a selecionar os arquitetos para dirigir as obras de restauração dos monumentos nacionais;

Grã-Bretanha

-fundação da "Aborigines' Protection Society" (até 1909 quando é fundida com a "Anti-Slavery Society"), criada para defender os direitos das populações indígenas, após pesquisa executada por comissão governamental, a pedido do abolicionista Sir Thomas Fowell Buxton (1786-1845) que revelara as desastrosas consequências de colonização britânica para os indígenas das áreas ocupadas; a sociedade divulga informações etnográficas, entre outras, em várias publicações e em um jornal "The Aborigines's Friend" ou "Colonial Intelligencer";
-decide-se o debate de três anos pela reconstrução "Palace of Westminster", ou "Houses of Parliament", destruído por incêndio, com a escolha do projeto "neo-gótico Tudor" do arquiteto Sir Charles Barry (1795-1860), que vai trabalhar com Augustus Pugin para a decoração interna e externa;

-John Ruskin (1819-1900) publica uma série de artigos na revista "Architectural Magazine" (até 1838) com o nome de *The Poetry of Architecture: Cottage, Villa, etc* ou *The Architecture of the Nations of Europe considered in its Association with Natural Scenery* - elogios à arquitetura rural da Inglaterra, lamentando sua destruição pelo progresso e desenvolvimento industrial;

Grécia

-fundação da "Sociedade de Arqueologia de Atenas";

Portugal

-Alexandre Herculano publica em artigo da revista Panorama: *"em nosso paiz os monumentos do estylo gothico tem sido assaz desprezados, e até a barbaridade e ignorancia lhes tem feito uma guerra crue(l..) Para salvar o que ainda resta, cumpria que o governo e as municipalidades vigiassem pela conservação d'estes monumentos, e podessem cohibir essas mesmas barbaras demolições"*;

1838

França

-Viollet-le-Duc assume o cargo de auditor no "Conseil des Bâtiments Civils";
-primeira circular regulamentando as escavações arqueológicas;

Grã-Bretanha

-fundação da "Camden Society" (nome do historiador William Cande), para publicar documentos históricos e literários antigos, assim como providenciar re-edições de livros raros (em 1896 funde-se à "Royal Historical Society");

Brasil

-fundação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

1839**França**

-criação em Paris do "Institut de Provinces", com o objetivo de reunir e centralizar a ação das inúmeras "sociétés savantes" que se multiplicavam nas regiões provinciais (instituições que reuniam eruditos, ligadas ao passado histórico das regiões, defendendo seu patrimônio e a educação) ;

-publicação das *Instructions du Comité historique des arts et monuments* (com os artigos: "Architecture antique gallo-romaine", por A.Lenoir, "Voies et camps", por P. Mérimée e "Monuments meubles et monuments chrétiens", por C. Lenormant);

-Viollet-le-Duc viaja pela França;

Itália

-Carlo Cattaneo (1801-1869) funda o jornal "Il Politécnico", veículo para defesa contra a destruição das cidades históricas; protesta contra o projeto de uma grande praça em frente da catedral de Milão, e contra a abertura de avenidas de trânsito rápido nas cidades históricas;

Grã-Bretanha

-fundação da "Oxford Society for promoting the study of Gothic architecture";

1840**França**

-estabelecida a primeira lista de edifícios de interesse para a proteção na França, composta por mais de 1000 monumentos, entre objetos e edifícios, indicados pelos prefeitos, pelas "sociétés savantes" e pelos inventários de viagem de Mérimée e Vitet; a lista contém alguns monumentos megalíticos, mas a grande maioria dos bens nomeados pertencem à Idade Média e à Antiguidade clássica - não consta nenhum monumento posterior ao século XVI, nem constam catedrais, administradas pelo "service des Cultes et Bâtiments Civils"; o termo "classement"! ainda é utilizado apenas para facilitar um trabalho administrativo;

-Viollet-le-Duc é encarregado, por indicação de Mérimée, da restauração da igreja de Sainte Madeleine, em Vézelay (até 1859), sua primeira experiência em restauração de edifícios;

-Didron aîné (irmão de Adolphe-Napoléon Didron) inicia a publicação do *Bulletin archéologique du comité des Arts et des Monuments* (até 1847) ;

Portugal

- Alexandre Herculano cria a "Sociedade Conservadora dos Monumentos" "*associação de voluntários na defesa dos valores nacionais*";

1841**Grã-Bretanha**

-o arquiteto Augustus W. N. Pugin publica *The True Principles of Pointed or Christian Architecture*, referindo-se à idade Média e a arquitetura gótica: "*somente uma sociedade boa pode erguer edifícios verdadeiramente honestos e belos*";

-no livro *Remarks on church architecture*, o reverendo John Louis Petit (1801-1868), critica as restaurações "excessivas" de G. G. Scott como "*ignorantes e presunçosas*";

1842**França**

-publicação da *Monographie de Notre-Dame de Brou*, que segundo Adolphe-Napoléon Didron, é a primeira monografia completa sobre "um monumento cristão" publicada, depois "*daquela sobre a Catedral de Colônia, cujo trabalho arqueológico não foi concluído*", e explica: "*para compreender e amar Notre-Dame de Reims ou Notre-Dame de Paris, é quase*

indispensável conhecer Notre-Dame de Brou"; ainda segundo Didron, outras monografias estavam sendo preparadas;

Portugal

-artigo publicado em "O Panorama" sobre a cidade de Lisboa manifesta preocupação pela conservação e recuperação dos edifícios, referindo-se particularmente à Sé: "(...) devia [o architecto] conservar quanto lhe fosse possível o resto do edificio antigo, na conformidade do aviso regio, que lhe foi expedido: porem não se ocupou senão em o enfeitar para ser agradável à vista, e decora-lo com apparatusos estuques: erro gravissimo em meu entender, porquanto esses estuques em uma localidade visinha ao mar, passados alguns annos havia de esbroar-se, e abrir-se em fendas, como já se conhece em algumas partes".

1843

França

-criação do "Musée des thermes et de l'hôtel de Cluny", aberto no ano seguinte, e instalado no hotel de Cluny, obra do século XV, construída pelos abades de Cluny sobre as ruínas das termas romanas, confiscado e vendido como bem nacional após a Revolução. Desde 1832 o hotel era ocupado pelo arqueólogo e colecionador Alexandre Du Sommerard (1779-1842), autor dos cinco volumes da obra *Arts du Moyen Age*, um dos primeiros colecionadores da arte desse período, grande amigo de Viollet-le-Duc, que nele havia se instalado com sua coleção. Por ocasião de sua morte, o governo francês compra a propriedade e a coleção. Edmond Du Sommerard, filho do colecionador, foi nomeado conservador e Albert Lenoir, filho de Alexandre Lenoir, arquiteto do museu;

-Viollet-le-Duc começa a restauração da Igreja de Caussade (termina em 1859);

Áustria

-o arquiteto Friedrich Von Schmidt (1825-1891), principal arquiteto restaurador do Império Austro-Húngaro, referência do neo-gótico austríaco, trabalha na restauração da Catedral de Colônia; realiza um grande número de restaurações de edifícios históricos no Norte da Itália, em Praga, em Viena;

Grã-Bretanha

-fundação da "Ethnological Society of London", uma facção da "Aborigines's Protection Society - APS", que reuniu etnólogos e arqueólogos interessados nas sociedades pré-históricas; no início seus membros eram oficiais militares servidores civis, e membros do clero, depois foi abrindo para cientistas; entre seus membros estão o biólogo darwinista Thomas Henry Huxley (1825-1895), o arqueólogo e primeiro "Inspector of Ancients Monuments", Augustus H. L. F. Pitt Rivers (1827-1900), o antropólogo do evolucionismo cultural Edward Burnett Tylor (1832-1917), entre outros;

- termina a primeira etapa das obras de reconstrução do edifício do Parlamento;

- Augustus Pugin publica *Apology for the Revival of Christian Architecture in England*;

-o historiador escocês Thomas Carlyle (1795-1881) publica *Past and Present*, onde faz considerações sobre a desumanização da sociedade da época - importante referência para J. Ruskin e W. Morris;

1844

França

-Viollet-le-Duc e Lassus ganham o concurso para restauração da Catedral de Notre-Dame de Paris - a obra começa no ano seguinte e termina em 1864;

-abertura do "Musée des thermes et de l'hôtel de Cluny";

-Adolphe-Napoléon Didron (1806-1868), ativo na proteção e restauração dos monumentos históricos, referência confessa de Camillo Boito para elaboração de sua teoria, inicia a

publicação dos *Annales Archéologiques* (publicado até 1881), considerado uma "verdadeira enciclopédia da arte da Idade Média", que conta com a colaboração, entre outros, de Viollet-le-Duc;

Espanha

-criação da "Comision Central de Monumentos" e das "Comisiones Provinciales de Monumentos" com a função de preparar inventários e avaliar o patrimônio espanhol; o interesse maior era pelas catedrais góticas e pelos monumentos islâmicos;

1845

França

-Viollet-le-Duc dá início aos trabalhos de restauração das igrejas de Notre-Dame de Paris; de Belloy, no Val d'Oise (até 1851); de Saint Nazaire, em Carcassone (até 1867); além do Hôtel de Ville de Saint-Antonin (até 1848);

-Didron abre em Paris uma livraria especializada em arqueologia, gerida pelo seu irmão Didron aîné;

1846

França

-Viollet-le-Duc é nomeado arquiteto responsável pela abadia de Saint-Denis; inicia a restauração da igreja de Poissy (até 1869);

-criação da "École Française d'Athènes", instituição francesa de pesquisa na Grécia; a Academia de Belas Artes de Paris, admite que os alunos da "Academie de France" em Roma escolham os monumentos da Grécia para seu trabalho de "Restauração" (*restauration*);

EUA

-abertura do "Smithsonian Institution", com a doação em dinheiro do cientista britânico James Smithson, para promover e difundir o conhecimento entre os homens;

Grã-Bretanha

-o historiador de Oxford, Edward Augustus Freeman (1823-1892) publica *Principles of church restoration*, criticando a restauração estilística, que perseguia uma forma idealizada;

-a revista "The Atheneun", de Londres, publica uma carta do arqueólogo inglês William John Thoms (1803-1885), escrevendo sob o pseudônimo de Ambrose Merton, propondo a a criação da palavra *Folk*(povo) - *lore*(saber), folclore, para designar "as antigüidades literárias, a literatura popular, os estudos dos usos, costumes, cerimônias, crenças, romances, refrões, superstições, etc.", ou seja, o saber do povo que conhecia a escrita, europeus.

1847

França

-criado o "Département des antiquités assyriennes" do "Musée central des arts", Louvre, que será enriquecido pelas escavações do consul France Paul-Émile Botta em Ninive, e pelas missões de exploração arqueológica de Victor Place em Khorsabad (1852-1854), de levou a conhecida escultura "Taureaux ailés de Khorsabad";

Portugal

-na cidade de Tomar, "onde se encontram vestígios e relíquias de velhas construções apagadas, lages afeiçoadas, tijolos, moedas", confirma-se a existência de cultos, com oferendas e sacrifícios de cordeiros, ao deus Endovelico e a outros como Proserpina e Marte;

Grã-Bretanha

-Sir George Gilbert Scott (1811-1878) restaura a Ely Cathedral;

1848**França**

- reorganização da "Direction des Cultes", especialmente o "service des Bâtiments diocésains", criação da "Commission des édifices religieux" e do corpo estável dos "architectes diocésains"; esta Comissão logo será substituída pela "Commission des arts et édifices religieux", iniciando um controle científico e técnico das obras realizadas nos edifícios diocesanos, sob a direção dos principais fundadores do service de Monuments historiques : Duban, Mérimée, Labrousse. A partir desse ano o "service des Cultes" passa a contar com arquitetos restauradores como Viollet-le-Duc, Lassus, Questel ou Ruprich-Robert, que trabalhavam também para os "Monuments Historiques";
- Mérimée et Viollet-le-Duc redigem, circulares com diretrizes para a conservação e restauração dos edifícios diocesanos, particularmente as catedrais, aos arquitetos diocesanos, como o "Corpus des prescriptions archéologiques et techniques pour respecter les monuments" ou as "Instructions pour la conservation".
- Viollet-le-Duc é nomeado "Inspetor Geral dos Monumentos Diocesanos";
- o "Musée central des arts" recebe o nome de "Musée du Louvre";

Grã-Bretanha

- Marx and Engel publicam o "*Communist Manifesto*";
- fundação da "The Pre-Raphaelite Brotherhood", por John Millais, William Holman Hunt e Dante Gabriel Rossetti, depois incluindo James Collinson, F. G. Stephens, Thomas Woolmer e William Michael Rossetti;

1849**-França**

- Viollet-le-Duc inicia os trabalhos de restauração da catedral de Amiens e publica, em parceria com Merimée, "*Instrução Técnica*", documento que orienta a restauração dos edifícios diocesanos;

Grã-Bretanha

- Sir George Gilbert Scott torna-se supervisor da abadia de Westminster;

1850**Áustria**

- fundação da "Commission für die Erforschung und Erhaltung der Baudenkmale" (Comissão Central para pesquisa e conservação de edifícios históricos) sob a direção de Karl F. Czoernig Von Czernhausen (1804-1889), sucedido em 1863 por Josef A. Von Helfer (até 1810); trabalha num sistema de voluntariado com conservadores honorários escolhidos entre os nobres, sem apoio de legislação;

Itália

- Camillo Boito (1836-1914) entra para a Academia de Belas Artes de Veneza; adota as idéias de Pietro Salvatico Estense (1803-1880), que conhecia J. Ruskin, e difundia o estudo da arte medieval na Itália; preside a "Commissione imperiale istituita per la descrizione e la conservazione dei Monumenti artistici e storici delle provincie venete";

Grã-Bretanha

- fundação da "Royal Society of Antiquaries of Ireland", em Kilkenny, com o objetivo de "*preservar, examinar e registrar todos os monumentos antigos e memoriais das artes, maneiras e costumes do passado, que tenham relação com as antiguidades (antiquities), língua, literatura e história da Irlanda*";

-John Ruskin publica "*The Seven Lamps of Architecture*", que inclui o capítulo "*The lamp of memory*": "*pode-se viver sem a arquitetura; mas não se pode lembrar sem ela*"; lança as idéias do "anti-restoration movement": "*não vamos falar de restauração. A coisa é uma mentira do começo ao fim. Fazer a cópia de um edifício é como fazer a cópia de um cadáver*"; inicia uma série de longas estadias em Veneza, desenhando e estudando arte e arquitetura;

-o arquiteto Sir George Gilbert Scott (1811-1878), responsável pelo restauro estilístico de um grande número de igrejas em seu país, publica *A Plea for the Faithful Restoration of Ancient Churches e Remarks on Secular and Domestic Architecture*, conjunto de princípios para a restauração, onde assume "posição pragmática";

- Viollet-le-Duc e Mérimée viajam juntos para a Inglaterra, visitando várias cidades;

-conta-se, espalhados pela Grã-Bretanha, 50 museus;

Portugal

-criação da "Sociedade Archeologica Lusitana" (até 1857), principal mentor é o padre Gama Xaro;

1851

França

-Viollet-le-Duc começa a restauração da abadia de Saint-Denis (que continua até sua morte);

Grã Bretanha

-inaugurada a "Great Exhibition", em Londres; o Crystal Palace - edifício de ferro e vidro projetado pelo arquiteto e "gardner" Joseph Paxton (1803-1865) - é criticado por J. Ruskin como "*a maior estufa já construída*"; na exposição Augustus Pugin organiza o "Medieval Court", mostra dedicada aos séculos XII a XIV, que incluía arte, design, objetos artesanais e utilitários, tudo com inspiração medieval; grande parte dos objetos expostos foram reunidos para constituir o "Victoria and Albert Museum";

- John Ruskin publica o primeiro tomo de *The Stones of Venice*, denominado "*The Foundations*";

Brasil

-nasce Romero (1851 – 1914)

(crítico, ensaísta, folclorista, polemista, professor e historiador da literatura brasileira)

1852

França

-Viollet-le-Duc começa os trabalhos de restauração da cidade fortificada de Carcassone (que continuará até sua morte);

1853

França

-Viollet-le-Duc é nomeado "Inspection général des édifices diocésains";

- Georges Eugène Haussmann (1809 -1891), conhecido como Barão Haussmann, é nomeado pelo Imperador Napoléon III, "préfet de la Seine" (até 1870), passando a dirigir as obras de modernização de Paris, cujos planos executara; tratava-se de transformar uma cidade praticamente medieval em cidade moderna, de acordo com a teorias higienistas da época, facilitando a circulação e dificultando levantes populares como os de 1830 e 1848; as obras causam enorme impacto e geram protestos pois não havia nenhuma preocupação com os monumentos antigos, nem mesmo em relação às restaurações em curso, como confirma Mérimée a Viollet-le-Duc, relatando o pouco caso do imperador: "*ele me disse rindo:*

'Parece que você e Viollet-le-Duc vão destruir Notre-Dame?' Garanti que deixaríamos lá alguma coisa. Ele me pareceu completamente indiferente a toda essa confusão";

Áustria

-determinação das funções da "Comissão Central" para realizar pesquisa e conservação de edifícios históricos: inventário, documentação, proteção legal e aprovação dos projetos de restauração para edifícios históricos; realizados os primeiros trabalhos de restauração: Catedral de Sibenik e Palácio de Diocleciano;

EUA

-movimento de mulheres, conduzidas por Miss Ann Pamela Cunningham, a favor do salvamento da residência do presidente George Washington, em Mont Vernon; o governo resolve pela proteção - primeira iniciativa preservacionista nos EUA;

Grã Bretanha

- John Ruskin publica o segundo e o terceiro tomos da obra *"The stones of Venice"*, denominados *"The Sea-Stories"* (que inclui o capítulo *"The Nature of Gothic"*, importante referência para William Morris) e *"The Fall"*;

Brasil

-nasce em Maranguape / Ceará, João **Capistrano Honório de Abreu (1853 – 1927)** (dedicou-se ao estudo da história colonial brasileira, elaborando uma teoria da literatura nacional, tendo por base os conceitos de clima, terra e raça).

1854

França

-Viollet-le-Duc restaura a igreja d'Eu; recusa-se a suceder Visconti como arquiteto do Imperador; inicia em Paris a publicação do seu *Dictionnaire Raisonée de l'Architecture Française du XIe au XVIIe siècles* (dez volumes, publicados até 1868); o verbete

Restauração pertence a este dicionário: *"A palavra e o assunto são modernos. Restaurar um edifício não é mantê-lo, repará-lo ou refazê-lo, é restabelecê-lo em um estado completo que pode não ter existido nunca em um dado momento";*

Grã Bretanha

-re-inaugurado o Crystal Palace, reconstruído em maior escala em Sydenham, nos arredores de Londres;

- John Ruskin, convidado a fazer o discurso de abertura do novo Crystal Palace lê o texto *"The opening of the Crystal Palace considered in some of its relations to the prospects of art"*, com apelos pelos edifícios históricos, contra as *"restaurações irresponsáveis"* em curso na Europa, fazendo apelo à identificação e proteção do patrimônio; lança o livro *"Edinburgh Lectures"* de

-William Morris viaja pela França, visita o "Musée des thermes et de l'hôtel de Cluny" e o museu do Louvre;

-Viollet-le-Duc é nomeado membro honorário do RIBA;

Portugal

-Alexandre Herculano publica *Apontamentos de Viagem*, impressões de viagens realizadas por Portugal para recolher documentos antigos para a coletânea *Portugaliae Monumenta Histórica*;

1855

França

-inaugurada em Paris a "Exposition Universelle des Arts et de l'Industrie";

-William Morris viaja para a França para a Exposição, e faz um roteiro de visitas a igrejas românicas e catedrais no Norte da França e arredores de Paris; conhece o Mont Saint-Michel;

Grã-Bretanha

-Viollet-le-Duc é nomeado correspondente honorário do Instituto dos Arquitetos Britânicos;

1856

EUA

-o movimento liderado por Miss Ann Pamela Cunningham, que resultou na proteção governamental da residência do presidente George Washington, levou à fundação da "Mount Vernon Ladies Association of the Union"; várias outras associações de senhoras começam a aparecer com o objetivo de salvar monumentos significativos para a história americana;

Grã Bretanha

- William Morris publica o ensaio "*The Churches of North France: shadows of Amiens*", na revista "Oxford and Cambridge Magazine";

Itália

-Camillo Boito inicia viagens de estudo a Roma e Florença;

Portugal

-Alexandre Herculano inicia a publicação de *Portugaliae Monumenta Historica* (até 1873), obra composta por documentos que ele recolhe, por encomenda da "Academia Real das Ciências", viajando por todo o país; organizada segundo o modelo da *Monumenta Germaniae Historica* (publicada na Alemanha) em três seções: "Scriptores" (monumentos narrativos); "Leges et Consuetudines" (documentos legislativos e de jurisprudência); "Diplomata et Chartae" (diplomas e atos públicos ou privados), reunindo documentos datados entre os séculos VIII a XV;

1857

França

-Viollet-le-Duc é nomeado "architecte des édifices diocésains"; inicia a restauração da catedral de Saint-Michel, Carcassone, que sofrera um incêndio (até 1869); com a morte de Lassus assume sozinho a obra de restauração da catedral de Notre-Dame de Paris;

Áustria

-Adalbert Stifter (1805-1867), "Conservador Honorário da Comissão Central", pintor, escritor e naturalista, publica sua novela *Der Nachsommer*, que tem a restauração como tema; primeiro a chamar a atenção do grande público para a restauração e proteção da arte e dos edifícios históricos;

1858

França

-Viollet-le-Duc inicia os trabalhos de restauração do Castelo de Pierrefonds (concluídos em 1870); publica "*Dictionnaire Résonné du mobilier français de l'époque carolingienne à la Renaissance*";

Itália

-Camillo Boito é encarregado da restauração da Basílica dos Santos Maria e Donato, em Murano;

1859

França

-Viollet-le-Duc é encarregado da restauração das muralhas de Avignon (até 1868);
-William Morris viaja em lua de mel pela França, chegando até Paris;

-fundação da "Société d'Anthropologie de Paris" ;

Alemanha

-Adolf Bastian (1826 -1905), médico e biólogo publica os três volumes de *Man in History*, obra de referência para a etnologia alemã; organiza viagens de estudo, publica e coleciona objetos que vão constituir o acervo do "Museum of Folkart", participa da organização da "Ethnological Society of Berlin";

Grã Bretanha

- Charles Darwin (1809-1882) publica *On the Origin of the Species*;
-John Ruskin publica *The Elements of Perspective*;

1860

França

-Viollet-le-Duc é nomeado "architecte diocésain de Reims" - inicia a restauração da catedral no ano seguinte; e recebe várias homenagens: membro da "Socité savoienne d'Histoire et d'Archéologie", do Instituto dos Arquitetos Americanos, da Academia de Belas Artes de Florença, da Academia Real das Belas Artes de Milão, e "Membre de la Commission des Monuments Historiques";

Bélgica

-primeira modificação na "Commission royale", cria os Comités de correspondentes provinciais (do interior) , sob a presidência dos governadores, para: recolher dados e dar pareceres à Comissão; acompanhar trabalhos aprovados; propor medidas de conservação;

Espanha

-o *Dictionnaire Raisonée* de Viollet-le-Duc é traduzido para o espanhol;

Itália

-Camillo Boito estabelece-se em Milão, como professor da Academia de Belas Artes de Brera;

Suíça

- Jacob Burckhardt (1818-1897), historiador da arte e da cultura suíço, publica em alemão seu livro que se tornará a referência inaugural da História Cultural *A cultura do Renascimento na Itália* (tradução da primeira edição brasileira);

1861

Bélgica

-a "Commission Royale" é encarregada do "Inventaire général des objets d'art et d'antiquité" destinado a arrolar "*objets de arte e antiguidades que pertençam a estabelecimentos públicos e cuja conservação seja de interesse para a história da arte e para a arqueologia nacionais*"; à título indicativo os bens eram divididos em "classes": edifícios monumentais de culto, edifícios civis públicos, edifícios civis privados, sítios, árvores - a decisão de classificar era comunicada pela Comissão, que publicava periodicamente a lista de bens classificados;

Grã-Bretanha

-Willian Morris funda a firma "Marshall&Faulkner , Operários das Belas-Artes em Pintura, Gravura, Móveis e Metais";

-Sir Edward Burnett Tylor publica *Anahuac: Or Mexico and the Mexicans, Ancient and Modern*, relatando suas observações das "sociedades primitivas" da América Central;

Itália

-Camillo Boito faz intervenção na Porta Ticinese, em Milão;

1862**França**

-um decreto de Napoleão III cria no castelo de Saint-Germain-en-Laye, o "Musée d'antiquités celtiques et gallo-romaines", que deveria reunir "as peças indicativas da história nacional". A restauração do castelo, em mal estado, é confiada a um aluno de Viollet-le-Duc, arquiteto Eugène Millet (1819-1879), que apresenta dois projetos: conservar o castelo com todos os anexos limitando-se a consolidar as partes em mau estado, ou suprimir os anexos (pesados pavilhões de ângulo) e restituir o castelo ao estado em que se encontrava no reinado de François I; o último projeto é escolhido. O "Musée des antiquités celtiques et gallo-romaines" depois "Musée des Antiquités nationales", hoje "Musée d'archéologie nationale", é o museu de arqueologia da França. As primeiras sete salas de exposição foram abertas em 1867;

Itália

-Carlo Cattaneo propõe a fundação de uma associação para a proteção dos monumentos nacionais, "Patrii Monumenti", seguindo orientação teórica de J. Ruskin;

1863**França**

-reorganização da Ecole des Beaux-Arts de Paris - Viollet-le-Duc nomeado professor de história da arte e de estética;

-Viollet-le-Duc inicia a publicação de *Entretiens sur l'Architecture* (termina a publicação em 1872); recebe homenagens como membro da Sociedade de Arquitetura de Amsterdam, da Academia Real de Belas Artes de Lisboa, da Academia Real de Ciências, Letras e Belas Artes da Bélgica;

Grã-Bretanha

-fundação da "Anthropological Society of London" pelo capitão do exército, explorador, etnólogo, diplomata, poliglota Richard Francis Burton (1821-1890) e pelo Dr. James Hunt - dissidência da "Ethnological Society of London" (1842) que se propõe a "coleccionar fatos e identificar as leis naturais que explicam a diversidade da humanidade";

Portugal

-o arquiteto Possidónio da Silva (1806-1896), incansável nas suas campanhas pelo país, cria a "Associação dos Architectos Civis Portuguezes", substituída em 1879 pela "Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes" que passa a desempenhar ação pioneira na defesa e estudo do património nacional: ações de defesa, preservação e intervenção no património edificado e móvel; ações para o estudo do património arqueológico; esforço de análise científica e produção de conhecimento teórico; ações pedagógicas; proposta de elaboração de um mapa de identificação dos edifícios públicos nacionais; abertura de concursos para memórias descritivas sobre edifícios portugueses e monumentos megalíticos; campanhas de sensibilização pública e institucional para o valor e a necessidade de salvaguarda dos legados patrimoniais da Nação;

Brasil

-nasce no Rio de Janeiro Luís Gonzaga **Duque Estrada (1863 – 1911)**.

(ficcionalista, crítico de arte, historiador, ressalta o papel do negro na constituição da cultura)

1864**França**

-fracassado o projeto de reorganização da Ecole des Beaux-Arts de Paris -Viollet-le-Duc demissionário; o arquiteto é nomeado membro da Academia de Saint-Ferdinand, na Espanha;
 -o historiador da Idade Média na Sorbonne e na École Normale Supérieure, Fustel de Coulanges (1830-1889), publica *La Cité Antique* ;

Grã-Bretanha

-o filósofo Herbert Spencer (1820 -1903), lança seu livro *Principles of Biology*, no qual, após a leitura de *The Origin of Species*, de Charles Darwin (1859), estende os conceitos do evolucionismo para a as áreas da psicologia e dos estudos sociais, desenvolvendo a teoria da divisão da sociedade em sociedades simples (estruturadas por relações de hierarquia e obediência) que naturalmente deveriam "evoluir" para sociedades complexas, estruturadas por contratos voluntários que administram as obrigações sociais;

Itália

-concurso para o desenho de uma nova fachada para o Duomo de Florença, (1588), tendo como critério a concordância com o campanário ao lado e com a estrutura original de Arnolfo di Cambio; vence o desenho em painéis policrômicos de Emilio De Fabris (a obra é concluída em 1887);

Portugal

-a "Associação dos Architectos Civis Portuguezes" cria um curso noturno de Arqueologia Pré-Histórica e o "Museu Arqueológico do Carmo";

1865**França**

-o filósofo e historiador Hippolyte Adolphe Taine (1828-1893) publica *Philosophie de l'art e Nouveaux essais de critique et d'histoire*;
 -Viollet-le-Duc declarado membro da Academia de Viena;

Grã-Bretanha

-Jonh Lubbock (1834-1913), primeiro Baron Avebury, arqueólogo, político e naturalista, publica um dos livros mais influentes sobre arqueologia do século XIX, *Pre-historic Times, as Illustrated by Ancient Remains, and the Manners and Customs of Modern Savages*, responsável por introduzir as denominações como Paleolítico, Neolítico e Antiga e Nova Idade da Pedra;

-publicação do resultado do trabalho de um comitê nomeado pelo "RIBA Council", *Conservation of Ancients Monuments and Remains*, com regras e sugestões para o tratamento dos edifícios antigos;

Portugal

-Possidónio da Silva, à frente da "Associação dos Architectos Civis Portuguezes", dá início à publicação do "Jornal da Associação dos Architectos Portuguezes"(editado até 1867, retomado em 1874 como "Boletim da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes", passa a chamar "Boletim da Associação dos Archeologos Portuguezes" entre 1910 e 1921 quando a Associação passa a ser só de arqueólogos, a partir de 1922 passa a chamar-se "Arqueologia e História, Publicações da Associação dos Archeologos Portuguezes");

-Vilhena Barbosa, em artigo publicado no "Archivo Pittoresco", elenca monumentos romanos, da região de Évora, fala da sua riqueza e importância, manifesta indignação pelos maus-tratos e descuido com que são tratados, espanta-se pelo fato do templo romano de Évora ainda estar de pé, apesar de ter sido utilizado como local de culto de árabes e de cristãos, e depois adaptado para uso de celeiro e matadouro público até 1836 ;

1866**Itália**

-proibição de ampliações e adições em edifícios com valores arquitetônico, artístico ou histórico;

1867**Portugal**

-Joaquim Teófilo Fernandes Braga (1843 -1924), escritor e pesquisador da cultura portuguesa, positivista e anticlerical, publica *Antologias: Cancioneiro Popular*;

1868**Brasil**

-nasce em São Luis, Maranhão, José Pereira da **Graça Aranha (1868 – 1931)**. (escritor, diplomata, autor de Canaã, única adesão da geração anterior ao modernismo ao Movimento, inaugura a Semana de 22 com a conferencia "A emoção estética").

1869**Grã-Bretanha**

-John Ruskin é nomeado professor de História da Arte em Oxford (demitido em 1878);

Brasil

-nasce em São Paulo, São Paulo, **Paulo Prado (1869 – 1943)**.

1870**Itália****Final do processo de unificação da Itália (1860-1870)**

-a Itália unificada conta com várias iniciativas locais, de antigos reinos e cidades, para proteção dos monumentos antigos e obras de arte;

-o Ministério da Educação começa a inventariar edifícios com valor histórico ou artístico e "classificá-los" em nível local ou nacional;

1871**França**

-Viollet-le-Duc foge de Paris, condenado a morte pela Commune; viagem à Itália;

Grã-Bretanha

-Sir Edward Burnett Tylor (1832-1917) publica *Primitive Culture* onde, pela primeira vez, define o vocábulo inglês "culture";

-Charles Darwin publica *The Descent of Man, and Selection in Relation to Sex*, livro em que aplica as idéias evolucionistas (*The Origin of Species* - 1859) a uma teoria da evolução do homem, originando estudos sobre evolucionismo psicológico, étnico e sobre diferenças entre raças e gêneros;

1872**EUA**

-criação do "Metropolitan Museum", de Nova Iorque;

Itália

-o Ministro da Educação cria a "Direzione generale degli scavi e musei";

Suíça

-a cidade de Lausanne confia a Viollet-le-Duc a restauração de sua catedral;

1873**França**

-Viollet-le-Duc publica *Histoire d'une Maison*;

Alemanha

-fundado em Berlim o "Museum für Volkerkunde", por iniciativa do médico Rudolf Virchow e de Adolf Bastian; dois anos depois já contava com um acervo de perto de 10 000 objetos etnográficos;

Áustria

-Exposição Universal de Viena;

-a França apresenta retrospectiva dos trabalhos do "service des Monuments Historique", projetos de Viollet-le-Duc;

Itália

-Viollet-le-Duc viaja pela Itália e visita Pompéia;

Portugal

-criação da "Secção de Arqueologia do Instituto de Coimbra", que desempenhou papel significativo na exploração das ruínas romanas de Conímbriga;

Suíça

-Viollet-le-Duc inicia a restauração da Catedral de Lausanne;

1874**França**

-Viollet-le-Duc pede demissão de suas funções oficiais junto ao "service des Monuments Historiques", mas continua escrevendo e fazendo trabalhos de restauração; publica *Histoire d'une forteresse*;

Grã-Bretanha

-J. Ruskin recusa a medalha de ouro, homenagem do RIBA;

Portugal

-descoberto o primeiro mosaico no sítio arqueológico de Conímbriga; escavações mais cuidadosas com o apoio do "Instituto de Coimbra";

1875**França**

-Viollet-le-Duc publica *Histoire de l'habitation humaine depuis les temps préhistoriques jusqu'à nos jours*;

-Hippolyte A. Taine inicia a publicação de sua obra *Histoire des origines de la France contemporaine* (até 1893);

Grã-Bretanha

-o general Pitt Rivers publica *On the Evolution of Culture* - o desenvolvimento da cultura material é tratado de forma análoga à evolução natural descrita por Darwin;

Portugal

-o Governo, preocupado com a situação dos monumentos, solicita o estudo "Observações sobre o Actual Estado do Ensino das Artes em Portugal" à "Organização dos Museus e o

Serviço dos Monumentos Históricos e da Archeologia", criando-se uma Comissão, dirigida por Francisco B. P. M. A. de Sousa Holstein (1838-1878), "Vice-Inspector da Academia Real de Bellas Artes de Lisboa" que: defende a criação de um Museu Central em Lisboa, de um Museu de Arqueologia e de uma Biblioteca de Belas Artes e Arqueologia; faz o diagnóstico científico nas escavações e a retirada de peças por locais e estrangeiros; cita poucos monumentos dignos de atenção (como o templo de Évora e a Batalha), constatando que " *estão em ameaça de ruína e esta destruição seria voluntária, porque deixou-se o tempo actuar e destruir, para dar lugar a construções modernas e, ao restaurá-los, faziam-se desaparecer aspectos que os caracterizavam*", e critica as " *bárbaras restaurações*" que sofrem as pinturas das igrejas;

1876

França

-William Morris visita Paris ;

-Viollet-le-Duc publica *Histoire d'un hôtel de ville et d'une cathédral* ;

Itália

-J. Ruskin visita em Veneza a Basílica de São Marcos em restauração: " *o fantasma de tudo que amei*"; contrata o arquiteto e arqueólogo Giacomo Boni (1859-1925) para medir e desenhar edifícios históricos, o qual passa a manter correspondência com os ingleses sobre São Marcos; G. Boni vai se tornar um profissional ativo executando várias obras e escavações, e um grande defensor dos monumentos na linha de J. Ruskin e W. Morris;

-criação em Roma do "Museu Pigorini", a partir das coleções do padre jesuíta Atanásio Kircher, que tratava da pré-história e etnografia;

Brasil

--nasce em Nossa Senhora do Desterro, hoje Florianópolis, Santa Catarina, **Affonso d'Escragnolle Taunay (1876 – 1958)**.

-fundada no Rio de Janeiro a "Revista Ilustrada".

1877

França

-Viollet-le-Duc é nomeado membro titular da "Société d'anthropologie de Paris" - doação testamentária de seu corpo para estudos dessa sociedade ;

EUA

-Lewis Henry Morgan (1818 -1881), etnólogo, antropólogo e escritor, publica *Ancient Society* , onde desenvolve sua teoria dos três estágios da evolução e progresso humano: Savageria, Barbárie e Civilização;

Grã Bretanha

-Sidney Colvin (1845-1927), professor de artes em Cambridge, publica *Restoration and Anti-Restoration*, onde considera o edifício como uma obra de arte que deve conservar as marcas do tempo como valor histórico, acompanhando as teorias de J. Ruskin;

-William Morris e outros membros notáveis do movimento "Pre Raphaelite" participam da reunião inaugural da "Society for the Protection of Ancient Buildings - SPAB", apelidada por Morris de "Anti-Scrape Society"; Morris escreve para Ruskin pedindo autorização para usar trechos do seu livro *The Seven Lamps of Architecture* no *Manifesto* da SPAB (divulgado no mesmo ano) cuja principal reivindicação é: " *protection in place of restoration*", na luta contra " *essa estranha e fatal idéia de restaurar os edifícios antigos*" roubando-lhes a história e a vida :

-William Morris publica duas cartas no Athenaeum contra a restauração de Tewkesbury Minster, conduzida por Sir Gilbert Scott (1811-1878); escreve aos amigos pedindo apoio à SPAB; contata autoridades contra a restauração das igrejas em Cherry Hinton, Ormskirk e Halifax; o Dean de Canterbury escreve no Times: *"A Sociedade de Mr. Morris olha para a nossa catedral como um lugar para pesquisa de antiquários ou para ensinar arquitetos. Nós precisamos dela para os serviços diários de Deus"*; publica duas cartas sobre a restauração da catedral de Canterbury, no Times e no Athenaeum;

Itália

-o conde Alvise Piero Zorzi (1846-1922), morador de Veneza e amigo de J. Ruskin, publica *Osservazioni intorno ai resturi interni ed esterni della basilica di San Marco*, com prefácio de J. Ruskin; a basílica é tratada como um "museu de arquitetura", merecendo tratamento especial, tanto do ponto de vista da arte como da arqueologia - recomenda consolidação, em vez de renovação e demolição, e aponta erros cometidos nas restaurações;

1878

França

-inauguração do "Palais du Trocadéro" em Paris, arquitetura de inspirações mourisca, para a "Exposition Universelle" desse mesmo ano;

-inauguração do "Musée d'Ethnographie du Trocadéro", em Paris, criado por Ernest Théodore Hamy (1842-1908) - reúne coleções etnográficas até então dispersas entre o Louvre, Museu de História Natural e várias bibliotecas, além de herdar o acervo que começara a ser reunido no "Musée de Marine et d'Ethnographie" (1827), ou "Musée Dauphin";

Grã Bretanha

-morte de Sir Gilbert Scott ;

-William Morris propõe na reunião da SPAB que a organização amplie suas atividades para incluir edifícios fora da Inglaterra: *"a Society tem estado ansiosa para estender suas operações para o Continente; especialmente para a Itália onde existem mais valores históricos e artísticos do que em qualquer outro lugar, e onde as mais bárbaras e estúpidas destruições, sob o pretexto de restauro, têm ganhado grande vigor ultimamente"* ; no *Annual Report* da SPAB chama a atenção para a destruição em curso das igrejas localizadas na "City of London" , lê carta de apoio a SPAB do historiador Thomas Carlyle e publica várias cartas na imprensa contra a destruição; cartas, Times e The Architect, criticando e protestando contra a destruição das igrejas da "City London", contra a restauração planejada para a igreja de Collegiate de Southwell Minster, contra a restauração do telhado da abadia de St Albans , e a restauração de Southwell Minster;

-W. Morris publica no "The Builder", o artigo " The Restoration of Ancient Buildings", onde define *"preservar os edifícios significa conservá-los no mesmo estado em que o recebemos, reconhecíveis, por um lado, como relíquias históricas, e não como cópias deles mesmos; por outro, como obras de arte executadas por artistas que tinham toda a liberdade de trabalhar de outra forma, se assim o quisessem"*;

-fundada em Londres a "Sociedade de Folclore" com o objetivo de *" conservar e publicar as tradições populares, baladas lendárias , provérbios locais, ditos vulgares, superstições e antigos costumes e demais matérias concernentes"*;

1879

França

-Jules Ferry cria o "Musée Pédagogique", considerado como o primeiro museu a fazer uso pedagógico da fotografia, através de projeções luminosas a partir de placas fotográficas de vidro criadas por Lucien Herr (1864-1926) - secretário geral do museu e bibliotecário da

École normale supérieure - cujos temas são patrimônio mundial, os grandes sítios arqueológicos, a história das belas artes;

Suíça

-Viollet-le-Duc morre em Lausanne ;

Grã Bretanha

- formação de um sub-comitê da SPAB para o estrangeiro; "The Architect" publica carta de William Morris reiterando os objetivos da Associação;

-com a recusa de J. Ruskin, W. Morris e a SPAB tomam a frente de uma campanha internacional para salvar a Basílica de São Marcos, em Veneza, opondo-se às obras de restauração conduzidas pelo governo italiano; W. Morris publica cartas no The Times, The Daily News, The Architect; profere palestras e conferências, com o apoio da SPAB, em Londres, Oxford, Birmingham; no relatório anual da SPAB condena a restauração de Willis Rooms, em Londres;

Itália

-os arquitetos George Edmund Street e John James Stevenson são enviados a Veneza pela SPAB para inspecionar pessoalmente as intervenções na Basílica de São Marcos - reação negativa do governo italiano;

Portugal

-a "Associação dos Architectos Civis Portuguezes"(1863) criada por Possidónio da Silva, é substituída pela "Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes" continuando suas ações;

1880

França

-Ernest-Théodore Hamy (1842-1908) - médico, membro da "Société d'anthropologie de Paris", trabalhando no "Muséum national d'histoire naturelle" desde 1872 - consegue de Jules Ferry apoio para criar o "Musée d'Ethnographie du Trocadéro", para o qual é nomeado conservador ; o novo museu será abrigado no palais du Trocadéro, projeto de Davioud para a "Exposition universelle" de 1878, juntamente com o "Musée indochinois" (desde 1874 no "château de Compiègne") e o "Musée de Sculpture comparée" , iniciativa de Viollet-le-Duc;

Alemanha

-terminada a obra da Catedral de Colônia, na época o mais alto edifício do mundo - arquitetura gótica no auge do seu prestígio; .

Grã-Bretanha

-John Ruskin recobra ânimo e saúde para empreender viagem ao Norte da França (Abbeville; Amiens; Beauvais; Chartres; Rouen) visitando as principais catedrais, e iniciando a redação do livro *The Bible of Amiens*", o primeiro tomo de uma trilogia sobre a história do cristianismo na Europa, nunca concluída, *Our fathers told us*; no prefácio da tradução dessa obra para o francês (1904), Marcel Proust (1871 – 1922) pontifica: " *Ruskin escreveu um novo livro, "The Bible of Amiens", destinado a ser para "Seven Lamps" o que "Saint-Marks Rest" é para "Stones of Venice"*;

- Willian Morris faz conferência propondo a criação de um comitê internacional da SPAB pela preservação da Basílica de São Marcos, em Veneza; escreve a Luigi Menabrea protestando contra a destruição do Batistério de Ravena e publica a carta no "The Times" ; "The Architect" publica um resumo do relatório anual da SPAB que já conta com 372 membros;

-publicação do catálogo *Morris Exhibit at the Foreign Fair: Boston 1883-84*;

Itália

-Camillo Boito escreve a introdução da obra *Architettura del Medio Evo in Italia*;

Portugal

-a pedido do Ministro das obras Públicas, a "Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portugueses - RAAAP" apresenta a primeira relação de monumentos a classificar, divididos em tipologias, que deixam de lado as Antiguidades para tentar "identificar a Nação" : 1- "Monumentos históricos e artísticos e os edifícios que somente se recomendam pela grandeza da sua construção, pela sua magnificência, ou por encerrarem primores de arte" (Batalha, Alcobaça, Jerónimos, templo de Évora); 2- "Edifícios importantes para o estudo da historia das artes em Portugal, ou somente históricos, mas não grandiosos, ou simplesmente recomendáveis por qualquer excelência da arte" (arco de Aramenha, cipoç romanos em Santarém, sepulcros romanos de Panóias); 3- "Monumentos da arte militar antiga. Castellos e Torres" (não há referência anterior ao período medieval; referem-se 36 locais). 4- "Monumentos levantados em logares públicos pela gratidão nacional, em honra de homens que bem mereceram da Patria" (estátua eqüestre de D. José, arco da Rua Augusta e estátuas régias decorativas); 5- "Padrões de mui diferentes gêneros importantes para a historia e para as artes" (onde se incluíam monumentos anteriores à monarquia, tais como Cetóbriga e Ossonoba); 6- "Monumentos pré-históricos" especificando que se tratava de "dolmens ou antas, menhirs, mamunhas, etc". (enumeram-se 33 antas, três menires e duas mamoaas);

Suíça

-fundação da "Société pour la conservation des monuments historiques", que deverá realizar inventários, restaurações e aquisções , tendo como presidentes: Théodore de Saussure (1880-1888), Johann Christoph Kunkler (1889-1894), Karl Stehlin (1895-1896), Josef Zemp (1897-1904), Albert Naef (1905-1915);

1881

França

-a partir dessa data os objetos recebem um estatuto especial ; constituído um serviço de documentação (plantas; levantamentos métricos e desenhos; fotografias) - "Mission Héliographique" ;

- Willian Morris encontra sua família em Paris e visita a manufatura de Gobelins;

Grã-Bretanha

-William Morris publica suas palestras "*The Prospects of Architecture in Civilisation*" e "*The Condition and Prospects of Art*"; relatório anual da SPAB; participa de um encontro da "Commons Preservation Society" ; manifesta-se publicamente contra a destruição da Magdalen Bridge, em Oxford;

-Sir Edward Burnett Tylor publica *Anthropology* ;

Itália

-a "Direzione generale degli scavi e musei" se torna "Direzione Generale delle Antichità e Belle Arti";

Brasil

-nasce em Recife , Pernambuco, **José Marianno Filho (1881 – 1942)**.
(médico e crítico de arte).

1882

França

-abertura das primeiras salas do "Musée de Sculpture Comparée", no Palais du Trocadéro; o ministro Jules Ferry, acatando sugestão de Viollet-le-Duc feita em 1879, destina o prédio

construído para a Exposição de 1878, então vazio, para a exposição de um acervo constituído de moldes de esculturas e fragmentos de arquitetura medieval em escala real; essencial para a formação artística e intelectual de historiadores, artistas plásticos, artesãos e grande público; em 1937 torna-se "Musée des Monuments Français";
 -decidida a demolição o Palácio das Tulherias, que sofrera um incêndio em 1871, depois de onze anos de discussões sobre seu valor e seu significado, e apesar de parecer contrário de Viollet-le-Duc, emitido em 1876, assegurando que era possível recuperá-lo;
 -abertura do "Musée d'Ethnographie du Trocadéro", criado em 1880, no mesmo Palais du Trocadéro;

Grã-Bretanha

-o antropólogo e parlamentar John Lubbock, encaminha e consegue a promulgação do "Ancient Monuments Protection Act"; nomeado como primeiro "Inspector of Ancient Monuments" o General Augustus Pitt-Rivers, etnólogo e arqueólogo (sogra do parlamentar), cuja missão principal será estabelecer um catálogo de sítios arqueológicos; 43 monumentos, quase todos sítios de interesse pré-histórico localizados na Escócia e na Inglaterra, foram protegidos até o ano de 1890;
 - William Morris escreve uma circular sobre as restaurações na Itália que é traduzida e distribuída naquele país; publica carta no "The Times", *Vandalisme in Italy*, utilizando-se de informações do correspondente da SPAB em Milão, Tito Vespasiano Paravicini (1832-1899); publica *The History of Pattern Designing*; e *The Progress of Decorative Art in England*; e *Art a Serious Thing*;
 - a SPAB comemora seu quinto encontro anual;

Itália

-Giacomo Boni envia uma carta ao Governo da Itália, assinada por 50 artistas, alertando sobre os riscos das restaurações dos monumentos de Veneza;

Portugal

-como consequência das ações de Possidónio da Silva, o Governo constitui oficialmente a "Comissão dos Monumentos Nacionais", vinculado ao Ministério das Obras Públicas com a função de fazer o inventário e classificação dos monumentos nacionais; Possidónio da Silva é sucedido na direção pelo Conde de Almedina (1890) e por Luciano Cordeiro (1893);

Brasil

-nasce em Taubaté, São Paulo, José Renato/Bento **Monteiro Lobato (1882 – 1948)**. as antologias "Contos" e "Contos do Brasil".

1883

Grã-Bretanha

- William Morris viaja a Paris com Mr. Armstrong, do The South Kensington Museum, visitando "Musée des thermes et de l'hôtel de Cluny" e o novo "Musée de Sculpture Comparée", instalado no Palais du Trocadero;

Itália

-Camillo Boito apresenta trabalho no "III Congresso degli Ingegneri e degli Architetti", Roma, onde estabelece critérios para intervenção, principal referência para a "restauração filológica" (publicado em 1893);

Portugal

-Teófilo Braga publica *Contos Tradicionais do Povo Português*;

1884**Grã-Bretanha**

- John Ruskin publica *St Mark's Rest* com o sub-título: *História de Veneza para os poucos viajantes que ainda se preocupam com seus monumentos*; faz uma conferência em Londres *A nuvem negra do século XIX* - apesar de sua grande notoriedade, não consegue mais manter cursos nem escrever, vítima de freqüentes crises de depressão e desvario;
- William Morris promove vários lançamentos do seu livro *Gothic Revival*; "The Architect" publica sua conferência *Architecture and History*;
- fundação da "Home Arts and Industries Association", tributária do movimento "Arts and Crafts" e das idéias de John Ruskin, organiza escolas e cooperativas com o objetivo de preservar e estimular o artesanato tradicional rural;
- o general Pitt Rivers funda o "Pitt Rivers Museum" de arqueologia e antropologia na Universidade de Oxford, doando sua coleção de quase 20 000 peças; organiza tipologicamente as peças expostas, segundo a utilização, deixando de priorizar origem ou datação, com o objetivo de demonstrar a "evolução da cultura do homem" ;

Itália

- Camillo Boito publica o texto de uma conferência proferida na exposição de Torino neste mesmo ano, *"Os Restauradores"*;

Brasil

- nasce no Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Edgar R.-P. **Roquette-Pinto** (1884 – 1954). (médico legista, professor, antropólogo, etnólogo e ensaísta)

1885**Grã-Bretanha**

- John Ruskin publica *The Bible of Amiens*;
- William Morris discursa contra a demolição das igrejas de York em reunião convocada pela SPAB na cidade de York;
- abertura do "Rural Museum", em Farnham, Cranborne Chase, pelo general Pitt Rivers; em uma sede de fazenda adaptada ele organiza objetos que havia coletado e o resultado de suas escavações arqueológicas ; o "museum" abria diariamente, era gratuito, e visitado por milhares de pessoas durante todo o ano;

México

- criado o cargo de "Conservador de Monumentos Arqueológicos e Históricos";

1886**Áustria**

- o historiador da arte Alois Riegl (1858 -1905) começa a trabalhar no "Österreichisches Museum für Kunst und Industrie" (Museu Austríaco das Artes e da Indústria), onde trabalha por onze anos como conservador e diretor do Departamento de tecidos, estudando objetos pertencentes às artes ditas menores (até 1897): *" todo objeto de arte é digno de conhecimento científico, quer ele agrade ou não ao observador"*;

Itália

- Camilo Boito escreve o artigo *"I nostri vecchi monumenti. Conservare o Restaurare"*, publicado em *Nuova Antologia*;

Brasil

- nasce em Recife, Pernambuco, **Manuel** de Souza Carneiro **Bandeira Filho** (1886 – 1968).
- Duque Estrada publica "A Arte Brasileira: Pintura e Escultura".

1887**França**

-criação no Palais de Chaillot, no Trocadero, do "Centre d'étude et de conservation des monuments anciens" e da "Ecole de Chaillot", pelo discípulo de Viollet-le-Duc Anatole de Baudot (1834-1915), com o objetivo de formar os arquitetos para trabalhar no "service du Patrimoine";

-votada a primeira lei que dá bases jurídicas para a proteção do patrimônio histórico: monumentos cuja conservação possa ter, do ponto de vista da história ou da arte, um "interesse nacional", podem ser "classés" (ou tombados : a partir da promulgação de uma lei que estabelece a proteção, pode-se traduzir "classement" como tombamento) inteiros ou em parte, ficando sob os cuidados do ministro da "Instruction Publique et des Beaux-Arts"; a partir dessa lei, o imóvel "classé" não poderá ser destruído ou mutilado, nem ser objeto de qualquer obra de restauração sem o consentimento do ministro; são previstas sanções civis no caso de haver desrespeito à regra e no caso das coletividades recusarem o "classement" de seus bens, foi previsto o "classement d'office", por decreto do Conselho de Estado; imóveis e objetos recebem a denominação de "monumentos históricos";

Áustria

-o Instituto de Arqueologia confia a Alois Riegl o inventário do fundo austro-húngaro de objetos de arte romana tardia;

Itália

-novo código reforça a proteção dos edifícios históricos inventariados ou "listados";

Brasil

-Silvio Romero publica "Poesia Popular do Brasil" e "História da Literatura Brasileira".

1888**EUA**

-Thomas Greenwood publica *Museums and Art Galleries*, com uma relação e crítica aos museus existentes, e regras úteis para visitar um museu;

Grã-Bretanha

-primeira exposição de "Arts and Crafts", New Gallery, Regents Street, Londres; fundação da "Arts and Crafts Exhibition Society"; T. Cobden Sanderson é o primeiro a usar o termo "Arts and Crafts";

-criação da "Associação inglesa de Museus";

Dinamarca

-abertura do museu estatal Ny Carlsberg, para abrigar coleções egípcias, greco-romanas, de arte oriental, pinturas e esculturas de quase todos os períodos da arte européia, doação do colecionador Carl Jacopson (1842-1914);

-o etnógrafo Kristian Bahson, publica obra relacionando todos os museus etnográficos então em funcionamento, defendendo sua importância;

Itália

-Giacomo Boni deixa Veneza para ir a Roma, chamado para regulamentar conservação das antiguidades;

1889**França**

-na Exposição Universal montada em Paris, são reconstituídas aldeias da África e Oceania, com a apresentação de artesanato, confecção de alimentos típicos, apresentação de danças e cantos - objetivo pedagógico;

-Edouard Jules Corroyer (1853-1904), discípulo de Vilollet-le-Duc e responsável pela restauração de vários monumentos inclusive o Mont Saint-Michel (1878-1888), publica *L'Architecture Gothique*;

EUA

-o Congresso dos Estados Unidos empreendeu a primeira ação com objetivo de criar uma reserva arqueológica federal, protegendo as terras em torno da ruína pré-histórica chamada Casa Grande, no Arizona;

Grã-Bretanha

-William Morris publica o artigo "Westminster Abbey and its Monuments" no "Nineteenth Century"; publica cartas criticando as restaurações da abadia de Westminster no "Daily News", e a carta "The Preservation of Peterborough Cathedral" no "Pall Mall Gazette"; organiza lançamento de *Gothic Architecture* em evento patrocinado por "Arts and Crafts Exhibition Society", na abertura da sua segunda exposição em Londres;

Itália

-criados e espalhados pelo território, doze "Comissariados Gerais de Belas Artes";

1890

França

-publicação de *Les Origines du Musée d'Ethnographie. Histoire et documents* de Ernest-Théodore Hamy: justifica a reunião das coleções de etnografia, pré-história e antropologia no mesmo local e explica a disposição das peças de forma a recuperar o meio original: "o objeto apreendido como uma espécie de prolongamento do organismo humano, em vez de opor os fatos biológicos aos fatos culturais";

EUA

-atendendo ao empenho dos veteranos da Guerra Civil de 1860, um ato do Congresso proclamou os campos de batalha dessa guerra como "national military parks" - outros parques se seguiram;

Grã-Bretanha

-William Morris faz vários lançamentos de sua obra *Gothic Architecture*, e palestra sobre a proteção de edifícios antigos no Trinity College, Cambridge;
-o antropólogo Sir James George Frazer (1854 -1941), publica *The Golden Bough; a Study in Magic and Religion*, onde desenvolve seus estudos sobre mitologia e religião compara;

Itália

-criada associação em Roma para a proteção dos edifícios históricos, nos moldes da SPAB inglesa, "Associazione artistica fra i cultori di architettura"; a proteção legal era proposta para edifícios com valor histórico ou artístico, os outros ficavam sob a proteção das autoridades locais;

Brasil

-nasce em São Paulo, São Paulo, José Oswald de Sousa Andrade (1869 – 1954).

1891

França

-William Morris viaja com sua filha pela França, visitando igrejas, catedrais, vilarejos;

Itália

-criação do "Uffici Regionali per la Conservazione dei Monumenti", órgão governamental responsável edifícios históricos, galerias de arte, escavações e museus;

Brasil

-nasce em São Paulo, São Paulo, José Washt Rodrigues (1891 – 1957).

-nasce em Aracaju, Sergipe, Jackson de Figueiredo Martins (1891 – 1928)

1892

Grã-Bretanha

-publicado em Londres *The Nature of Gothic*, de John Ruskin;

Itália

-G. Boni, com L. Beltrami e G. Sacconi estudam o Panteon de Roma, e decidem pela retirada das duas torres sineiras, projeto de Bernini, para que o monumento recupere a unidade estilística;

Brasil

-nasce em São Paulo, São Paulo, Paulo Menotti Del Picchia (1892 – 1988).

1893

Itália

-Camillo Boito publica *Questioni Pratiche di Belle Arti*, onde afirma: "*No que tange aos monumentos antigos, é melhor consolidar do que reparar, reparar do que restaurar, restaurar do que refazer, refazer do que embelezar; em nenhum caso se deve acrescentar e, sobretudo, nada suprimir*" (referindo-se a A. Didron em *Bulletin Archéologique*, 1839);

Portugal

-criação do "Museu Ethnographico Português", por empenho de Bernardino Machado, Ministro das Obras Públicas, ficando sob a alçada do "Ministério das Obras Públicas", mais precisamente dos "Serviços Technicos de Minas e da Indústria";

Brasil

-nasce em São Paulo, São Paulo, Mario Raul de Moraes de Andrade (1893 – 1945).

-nasce em Petrópolis, Rio de Janeiro, Alceu Amoroso Lima (1893 – 1983); adotou o pseudônimo de *Tristão de Ataíde*.

1894

Áustria

-Alois Riegl publica *A arte popular, a arte doméstica e a indústria da arte*; pela primeira vez as artes menores são tratadas como tema de importância para a história da arte;

Grã-Bretanha

-William Morris é eleito "Fellow" da "Society of Antiquaries";

Portugal

-a "Comissão dos Monumentos Nacionais", depois de várias transformações, ganha um regulamento elaborado por Frederico Augusto Pimentel, Diretor do Serviço de Obras Públicas;

Brasil

-criação da Escola Politécnica em São Paulo; primeiro diretor, engenheiro Antonio Francisco de Paula Souza (1843 – 1917).

-criação do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo.

1895**Grã-Bretanha**

-fundação do "National Trust" por três filantropos - Miss Octavia Hill, Sir Robert Hunter e Canon Hardwicke Rawnsley -, preocupados com o desenvolvimento e a industrialização - reuniram-se para agir como "*guardiões da nação*", adquirindo e protegendo edifícios e áreas na linha costeira e no interior do país - adota os princípios conservativos da SPAB com quem passa a atuar solidariamente;

Itália

G. Boni diretor do "Ufficio Regionale dei monumenti di Roma";

Brasil

-nasce em Palmares, Pernambuco, **Ascenso Carneiro Gonçalves Ferreira (1895 – 1962)**. (poeta modernista)

-nasce em Itaboraí, Rio de Janeiro, **Heloísa Alberto Torres (1895-1977)**. (museóloga, trabalha no Museu Nacional)

-nasce em São Bento do Sapucaí, São Paulo, **Plínio Salgado (1895 – 1975)**.

-nasce em São José dos Campos, São Paulo, **Cassiano Ricardo C. R. Leite (1895 – 1974)**.

-Alexandre José de Melo Moraes Filho publica "*Festas e tradições populares do Brasil*".

1896**Grã-Bretanha**

-morre William Morris;

-a SPAB promove uma conferência, junto com o "London County Council", sobre a preservação dos edifícios antigos em Londres, propondo um inventário dos edifícios de valor para ajudar a evitar sua destruição;

1897**França**

-Robert de la Sizeranne (1866-1932) publica *John Ruskin et la religion de la beauté*;

Portugal

-morre Possidónio da Silva;

-criação, por Elvino de Brito, do "Conselho Superior dos Monumentos Nacionais" - substitui a "Comissão dos Monumentos Nacionais" (1882) - para tratar da classificação dos bens e do estudo e aprovação dos projetos de conservação e restauro dos edifícios; juntamente com o regulamento de 1894, primeiro ato legislativo sobre os monumentos nacionais;

- criada a "Sociedade Archeológica da Figueira" por António Santos Rocha;

-uma circular do Bispo de Bragança dirigida aos párocos, cita o Alvará de 1721 de D. João V para: exigir colaboração com o Museu de Arqueologia a ser criado em Braga; lamentar o desprezo pelos objetos da Antiguidade e pelos monumentos em Portugal; defender rigorosas pesquisas e solicitar ajuda dos párocos também na conservação de sítios e monumentos; observar regras de intervenção no restauro de qualquer igreja (conservar-lhe "a traça", entre outras) e na substituição de quaisquer objetos sacros por paróquias ou confrarias (avaliação prévia por uma comissão do Paço);

Brasil

-fundação da Academia Brasileira de Letras, presidida por Machado de Assis.

-nasce em Cataguases, Minas Gerais, **Humberto Mauro (1897 – 1983)**.

-nasce em São Paulo, São Paulo, **Candido Mota Filho (1897 – 1977)**.

-Luiz Gonzaga Duque Estrada publica "*A Arte Brasileira: Pintura e Escultura*"

1898**França**

-Joris-Karl Huysmans (1848-1907) escritor francês de ascendência flamenga, lança o livro *La cathédrale*;

Itália

-G. Boni encarregado das escavações no Fórum Romanum;

Brasil

-nasce em São Paulo, São Paulo, **Sérgio Milliet da Costa e Silva (1898 – 1966)**.

-nasce em Tupanciretã, Rio Grande do Sul, **Raul Bopp (1898 – 1984)**.

-nasce em Belo Horizonte, MG, **Rodrigo Melo Franco de Andrade (1898 – 1969)**.

1899**França**

- Anatole France (Jacques Anatole François Thibault - 1844-1924) publica o livro *Pierre Nozière* onde defende a tese de que pedras e edifícios representam a memória de um povo: "*De fato, há pedras novas demais em Pierrefonds. Eu estou convencido de que a restauração iniciada em 1858 por Viollet-le-Duc e terminada de acordo com seu projeto, foi suficientemente estudada. Estou persuadido de que o torreão, o castelo e todas as defesas externas recuperaram seu aspecto primitivo. Mas, enfim, as velhas pedras, os velhos testemunhos, não estão mais lá, não é mais o castelo de Louis d'Orleans; trata-se da representação em relevo e em escala natural dessa mansão. E as ruínas foram destruídas, o que é uma forma de vandalismo*";

-primeira tradução de *The seven lamps of architecture*;

-Robert de la Sizeranne publica sua análise da obra de J. Ruskin *L'Esthétique anglaise : étude sur M. John Ruskin*;

Brasil

-nasce em Araraquara, São Paulo, **Rubens Alves Borba de Moraes (1899 – 1986)**.

-nasce em São Paulo, São Paulo, **Paulo Alfeu Junqueira Duarte (1899 – 1984)**.

1900**França**

-realização da Exposição Universal;

Áustria

-Sigmund Freud (1856 – 1939) publica *A interpretação dos sonhos*;

Grã-Bretanha

-John Ruskin, atormentado e debilitado por sucessivas crises, morre em Brantwood de gripe espanhola;

Itália

-Marcel Proust chega em Veneza e hospeda-se com sua mãe no hotel Danieli, Palácio Nani-Mocenico que, segundo Ruskin, é uma "*bela obra do gótico - supera a Casa Foscari ou a Casa Bernardo como pureza arquitetônica*"; visita a cidade tendo o livro "*As pedras de Veneza*" como guia, uma homenagem em forma de "*pèlerinage ruskinien*", nas palavras do escritor francês;

Brasil

-nasce em Recife, Pernambuco, **Gilberto de Mello Freyre (1900 – 1987)**.

-nasce em Pitangui, Minas Gerais, **Gustavo Capanema Filho (1900 – 1985)**.

-Raimundo Nina Rodrigues publica "*O animismo fetichista dos negros baianos*".

Cronologia Histórica: século XX

1901

França

Austria

-Alois Riegl publica o livro "Spätromische Kunstindustrie" (Late Roman art industry), estabelece relações entre estilos artísticos e a historia cultural, através da análise de monumentos;

Grã-Bretanha

-início da publicação da revista "Museums Journal" da "Associação dos Museus" criada em 1888;

Portugal

-instituído por Decreto o "Conselho dos Monumentos Nacionais", para definir "as bases para a classificação dos imóveis que devem ser considerados Monumentos Nacional";

1902

Áustria

-Alois Riegl é nomeado presidente da Comissão de Monumentos Históricos, encarregado de esboçar uma nova lei para a conservação dos monumentos;

Itália

-aprovada a primeira legislação nacional de proteção de proteção do patrimônio (modificada em 1904, 1906, 1909);

-desmorona o Campanário da praça de São Marcos, obra iniciada no século XII em Veneza, desencadeando uma grande polêmica entre aqueles que achavam que não deveria ser reconstruído e aqueles que achavam que deveria ser reconstruído "*dov'era e com'era*"; dada sua importância na paisagem de Veneza foi reconstruído em concreto armado, com base em documentação, usando os fragmentos disponíveis, por Luca Beltrami (1854-1933), discípulo de C. Boito, representante do "restauro storico"; inaugurada em 1912;

Brasil

-nasce em Toulon, França, **Lucio Costa (1902 – 1998)**.

-nasce em Itabira, Minas Gerais, **Carlos Drummond de Andrade (1902 - 1987)**.

-nasce em São Paulo, São Paulo, **Sérgio Buarque de Hollanda (1902 – 1982)**.

-Euclides da Cunha publica "Os sertões".

-Graça Aranha publica "Canaã".

-Alexandre José de Melo Moraes publica "Serenatas e Saraus".

1903

Áustria

-Alois Riegl publica *O culto moderno dos monumentos: sua natureza, sua origem*, ensaio introdutório ao projeto de lei para a proteção dos monumentos na Áustria que, segundo o autor, tem relação estreita com a missão que lhe fora confiada: "*minha primeira atribuição foi definir claramente o culto moderno dos monumentos levando em conta suas transformações, e descrever sua relação de origem com as fases anteriores desse culto*"; estabelece a distinção entre monumentos e monumentos históricos;

Grã-Bretanha

-primeira publicação técnica da SPAB, *Notes on the Repair of Ancient Buildings*, elaborada por A. R. Powys, secretário da SPAB, orienta as intervenções para serem fieis aos princípios fundamentais da Sociedade: "reparações conservativas" e "evitar a decadência com cuidados diários";

Brasil

-chega ao Brasil o alemão Curte Unkel, que se autodenomina **Curt Nimuendaju**, e que até sua morte, em 1945 no Pará, vai realizar inúmeras expedições, escavações e estudos sobre tribos indígenas brasileiras, tornando-se um dos mais importantes etnólogos de sua época; importantes contribuições para o acervo do Museu Nacional, autor de inúmeras publicações.

-nasce em Juiz de Fora, Rio de Janeiro, **Pedro da Silva Nava (1903 – 1984)**. (médico, escritor, faz parte do círculo de RMFA e dos modernistas no Rio de Janeiro)

1904

França

-a preservação dos edifícios religiosos estavam sob a autoridade de duas autoridades diferentes, dependendo de seu estatuto:

1- "service des édifices paroissiaux" : edifícios que eram propriedades das comunas e das "fabriques" (instituídas para zelar principalmente à manutenção e conservação dos templos - após a Revolução propriedade do Estado, e após o "Concordat", à disposição dos bispos e dos "préfets", autoridades locais);

2- "Direction des Cultes", "service des édifices diocésains" : ligado ao Ministère de l'Intérieur, cuida da conservação dos edifícios religiosos pertencentes ao Estado. Os arquitetos diocesanos eram responsáveis pelas catedrais, arquiobispados e bispados, e seminários, além de todos os templos pertencentes ao Estado, com seus mobiliários. Supervisiona a conservação e a reparação das catedrais, dos palácios episcopais e dos seminários, edifícios que são propriedade do Estado desde a Revolução. Esse serviço possui seu próprio orçamento, pessoal científico e técnico que dirige os trabalhos de conservação e de restauração - um "Comité des Inspecteur généraux des édifices diocésains" – que examina os projetos, autoriza e supervisiona os trabalhos efetuados pelos "architectes diocésains" que primeiro são recrutados pelas autoridades locais, depois passam a ser recrutados por concurso, a partir de 1888. Desta maneira o Estado exerce um certo controle sobre a arquitetura dos edifícios diocesanos.

- publicado na França o livro "*La Bible d'Amiens*", de John Ruskin, tradução para o francês e introdução de Marcel Proust ;

Espanha

-o "Congresso Internacional dos arquitetos americanos e europeus", em Madri, faz recomendações para a "restauração e a preservação dos monumentos arquitetônicos", distinguindo "os monumentos vivos" dos "monumentos mortos", com diferentes encaminhamentos quanto à restauração;

Brasil

-nasce no Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, **Prudente de Moraes Neto (1904 – 1977)**. (pseudônimo: Pedro Dantas; advogado, pertence ao círculo de RMFA e ao círculo dos modernistas no RJ))

1905

França

-lei de separação entre Igreja e Estado, transtorna e confunde o ritmo das "classificações" - o "service des Monuments Historiques" fica responsável pela gestão das catedrais

1906**Áustria**

- Hans Tietze (1880-1954) historiador da arte da Escola de Viena, é nomeado secretário executivo da "Comissão para a Preservação dos Monumentos de Arte da Áustria" ; neste cargo produz treze volumes de textos documentando os trabalhos artísticos da Áustria, *Oesterreichische Kunsttopographie* onde fornece os fundamentos para o estudo da arte barroca e gótica do país;

EUA

- "American Antiquities Act", autoriza o presidente a proclamar como monumentos nacionais "paisagens históricas, estruturas históricas e pré-históricas e outros objetos de interesse histórico e científico".

1907**França**

- decreto institui a função de "architecte en chef des monuments historiques" ;

Áustria

- Max Dvorak (1874-1921), responsável pela elaboração e publicação do inventário do patrimônio artístico e arquitetônico da Áustria, elaborado como base legal para a proteção, publica o primeiro volume do Inventário;

Portugal

- documento marca o início da fase das "classificações", com a proteção dos monumentos portugueses mais emblemáticos como o Mosteiro da Batalha, o Mosteiro dos Jerônimos, o Mosteiro de Alcobaça, o Convento de Cristo, a Torre de Belém; para efeito de "classificação" os monumentos são divididos em: gerais, militares, e religiosos;

1908**Brasil**

- fundada no Rio de Janeiro a Associação Brasileira de Imprensa - ABI.
 - Exposição Nacional comemorativa do Centenário da Abertura dos Portos do Brasil.
 - Francisco Augusto Pereira da Costa publica "Folclore Pernambucano".

1909**Itália**

- divulgado o *Manifesto Futurista* de Filippo T. Marinetti (1876-1944) que contém um item intitulado "demolir os museus" que ele define como "*cemitérios idênticos pela sinistra promiscuidade de tantos corpos que não se conhecem*";

Portugal

- publicação de *A Arquitectura Religiosa na Edade-Média*, de Augusto Fuschini;
 - primeira intervenção de restauro no Mosteiro de Santa Maria de Alcobaça, sob a responsabilidade do arquiteto Augusto Fuschini, director dos Monumentos Nacionais ;

1910**Portugal**

- o Governo publica outra lista de imóveis "classificados como monumentos nacionais", dessa vez privilegiando a arqueologia: "monumentos pré-históricos, "monumentos lusitanos e monumentos lusitano-romanos", além de ser criada uma categoria que contemplava tipologias diversas como paços, hospitais, pelourinhos e conjuntos arquitetônicos;

Brasil

-criado o "Serviço de Proteção aos Índios", primeiro órgão governamental a tratar da questão indígena (que dá origem à FUNAI em 1967), ainda no governo de Nilo Peçanha, cuja direção é entregue ao **Marechal Cândido Mariano da Silva Rondon (1865 – 1958)**.
 -Rodrigo M F de Andrade vai para Paris estudar; em casa de seu tio Afonso Arinos conhece Graça Aranha, Tobias Monteiro, Alcei Amoroso Lima, Flavio de Carvalho.

1911

França

-criação na Sorbonne dos "Archives de la Parole", que irá se fundir em 1931 ao "Musée de la Parole et du Geste";

Brasil

-Curt Nimuendaju ingressa como colaborador no "Serviço de Proteção ao Índio", partindo de São Paulo para o Pará.
 -Mario de Andrade entra para o Conservatório Dramático e Musical de São Paulo.
 -Monteiro Lobato publica a primeira versão de "Urupês".

1912

França

-o escritor Maurice Barrès (1862-1923), faz eco a Michelet na publicação de *La grande pitié des églises de France*, onde considera que "as igrejas são o canto da terra, a voz do tempo em que foram construídas e do povo que as desejou";

Itália

-publicação da primeira lista de bens inventariados;

Brasil

-o escritor Oswald de Andrade regressa de Paris trazendo o Manifesto Futurista de Marinetti.
 -o pintor Lasar Segall faz sua primeira exposição em São Paulo.

1913

-França

- promulgação de nova lei dos monumentos históricos da França que não exige mais um interesse nacional, mas sim um interesse público para o tombamento, considerado do ponto de vista da arte e da história; o campo para o tombamento é ampliado; prevê sanções civis e penais em caso de obras realizadas sem autorização; pela primeira vez prevê o tombamento de propriedades privadas; trata também de bens móveis além daqueles pertencentes ao Estado; nesse momento o patrimônio "classée" é composto de 4800 monumentos (em 1840 foram listados 1090 monumentos);

Argentina

-a Lei n. 9 080 (regulamentada em 1921) declara de "propriedade da Nação" as "ruínas e yacimientos" arqueológicos e paleontológicos sob a tutela da "Dirección del Museo Nacional de Historia Nacional" (depois "Museo de Ciencias Naturales") e do "Museo Etnográfico"; iniciam-se trabalhos de conservação em sítios como Púcara de Tilcara (descoberto em 1908);

Grã-Bretanha

-Lord Crawford of Balcarrs, membro da SPAB, leva ao Parlamento, em nome da SPAB e do "National Trust", a primeira lei efetiva para proteção dos edifícios históricos, o "Ancient Monuments Consolidation and Amendment Act", base de toda legislação britânica de proteção subsequente;

-criação dos "Diocesan Advisory Committees - DACs", resultado de um acordo da SPAB com a "Church of England", que se compromete, com o apoio da SPAB, a orientar os trabalhos de modernização e adaptação das igrejas, de maneira a preservar a integridade dessas edifícios históricos;

Itália

-Gustavo Giavannoni (1873-1947) publica dois artigos importantes "*Vecchie città ed edilizia nuova*" e "*Il diradamento edilizio dei vecchi centri*"; primeira vez em que se valoriza o contexto, o tecido urbano histórico e pensa-se formas de intervenção;

1914

Início da I Guerra Mundial

França

-criação da "Caisse Nationale des Monuments et des Sites" - CNMH ;
 -publicação de *Les Cathédrales de France*, livro do escultor Auguste Rodin (1840-1926): "*As catedrais são a França (...) a síntese do país (...) o pacto de civilização (...) Ninguém defende nossas catedrais. O peso da velhice as acabrunha e, a pretexto de curá-las, de "restaurar", o arquiteto, que deveria apenas dar a elas sustentação, muda-lhes a face (...) não podemos rezar diante dessas abjetas pedras repostas. Substitui-se as pedras vivas, por coisas mortas (...) Uma arte que tem vida não restaura as obras do passado, mas dá a elas continuidade*";

Grã-Bretanha

-conta-se, em todo território, 345 museus em funcionamento;

México

-aprovada a primeira lei para proteção de sítios históricos;

Brasil

-Monteiro Lobato publica, no jornal O Estado de S. Paulo, a segunda versão de "Urupês".
 -Anita Malfatti faz sua primeira exposição em São Paulo.
 -Ricardo Severo faz conferência em São Paulo, na Sociedade de Cultura Artística, "A arte tradicional no Brasil: a casa e o templo".

1915

Suíça

- criada a "Commission fédérale des monuments historiques", numa tentativa de subvencionar e supervisionar o trabalho de preservação que era conduzido e pago pela iniciativa privada;

Brasil

-Mario de Andrade publica seu primeiro texto na imprensa, a crítica musical "No Conservatório Dramático e Musical: Sociedade de Concertos Clássicos", Jornal do Commercio, 11 de setembro, assinado M.

1916

Áustria

-Max Dvorak publica *Katechismus der Denkmalpflege*, defendendo que a conservação deve ser estendida a todos os estilos do passado valorizando as características de cada local, e os seus monumentos, mesmo os mais modestos (inclui os planos de cidade e a natureza); crítico da restauração estilística e do neo-gótico;

EUA

-o Congresso vota legislação criando o "National Park Service", vinculado ao Ministério do Interior, tendo Stephen Mather como diretor;

Brasil

-viagem de Rodrigo M F de Andrade a Ouro Preto com o senador Virgílio de Melo Franco, seu avô, e com o filho dele Afonso Arinos, seu tio, e Alceu Amoroso Lima; “queixas amargas do abandono em que jaziam as velhas relíquias arquitetônicas dessas cidades mortas”.

-fundação da “Revista do Brasil”, de caráter literário e cultural, por iniciativa de Julio de Mesquita, presidente do jornal “O Estado de São Paulo”.

-Alceu Amoroso Lima publica na Revista do Brasil o artigo “Pelo passado nacional”, em que relata viagem realizada a MG com Rodrigo MFA.

-Carlos Góis publica “Mil quadras populares brasileiras”;

1917

Alemanha

-o etnólogo Theodor Koch-Grünberg (1872-1924) inicia a publicação da sua obra *Vom Roroima zum Orinoco* (cinco volumes, até 1924), registrando as observações de sua viagem ao norte do Brasil e Venezuela, de 1911 a 1913, a pé ou em canoas, percorrendo região de difícil acesso, visitando várias aldeias para fazer observações e registros inclusive utilizando do então moderno recurso do fonógrafo para gravações; os relatos míticos transcritos foram utilizados por Mário de Andrade na composição do seu livro *Macunaíma* (1928);

Brasil

-Mário de Andrade conhece Oswald de Andrade; encontra-se com Anita Malfatti de quem se torna amigo, defendendo sua arte das críticas de Monteiro Lobato; frequenta Oswald de Andrade, Guilherme de Almeida, Ribeiro Couto, Di Cavalcanti.

-Afonso d’Escragnolle Taunay torna-se diretor do Museu Paulista, cargo que ocupará até 1945.

-Monteiro Lobato publica no jornal “O Estado de S. Paulo” o artigo “A criação do estilo”, em que sugere que se incorporem elementos do folclore brasileiro nos cursos de arte, especialmente no Liceu de Artes e Ofícios. Sob o título “Mitologia brasileira”, dá início a uma pesquisa de opinião pública sobre o saci, no mesmo jornal.

-Menotti Del Picchia publica o poema “Juca Mulato”, “gênio triste da nossa raça”.

-Mário de Andrade publica os primeiros ensaios de crítica de arte na imprensa e seu primeiro livro, “Há Uma Gota de Sangue em Cada Poema”.

-inaugurada em dezembro a segunda exposição de Anita Malfatti em São Paulo; crítica demolidora de Monteiro Lobato publicada no Estadinho, “À propósito da exposição Malfatti”, mais tarde, incluída, sob o título “Paranóia ou mistificação?”, no seu livro *Idéias de Jeca Tatu*, lançado em 1919.

-o prefeito de São Paulo, Washington Luís, abre concurso público para criação de um escudo para a cidade. Guilherme de Almeida vence, juntamente com Wash Rodrigues (contém a inscrição: *Non duco ducor*).

-aberta exposição com desenhos sobre o saci, promovida pelo jornal “O Estado de São Paulo”; comissão julgadora composta por Amadeu Amaral, Wash Rodrigues e Monteiro Lobato.

1918

Fim da I Guerra Mundial

França

-a Primeira Guerra Mundial revolucionou o serviço dos Monumentos Históricos da França, assim como de toda Europa: primeiro proteger os edifícios, salvar obras de arte e mobiliário,

e depois reconstruir os edifícios protegidos, idênticos, fazendo uso de novas tecnologias como o concreto armado; discussões sobre técnicas, critérios e entorno dos monumentos;

Austria

-Max Dvorak (1874-1921) publica *Katechismus der Denkmalpflege* (Catecismo para a proteção dos monumentos históricos) : como proteger e restaurar o patrimônio, inclusive as ruínas;

Brasil

-primeira viagem de José Washt Rodrigues às cidades históricas de Minas Gerais para inventário e documentação de arte e da arquitetura coloniais, por encomenda de Otto Weiszflog (os irmãos Otto e Alfried Weiszflog emigraram de Hamburgo, Alemanha, no ano de 1890 e fundaram a Editora Weiszflog Irmãos & Cia. que, em 1920, comprou o fornecedor de papel Melhoramentos, constituindo a editora de mesmo nome; este trabalho só será publicado em 1955).

-Heloisa Alberto Torres ingressa no Museu Nacional como auxiliar de Raquete Pinto.

-Monteiro Lobato organiza o material de pesquisa do jornal e publica seu livro de estréia “O Saci-Pererê: resultado de um inquérito”. Lança em seguida o livro de contos “Urupês” e compra a “Revista do Brasil”.

1919

Brasil

-Mario de Andrade realiza a primeira viagem a Minas Gerais, passando pelas cidades históricas. Em Mariana, visita o poeta simbolista **Alphonsus de Guimaraens** (Afonso Henriques da Costa Guimaraens / 1870 - 1921).

-Formado em Direito, Rodrigo M FA começa a trabalhar no RJ como oficial de gabinete do diretor da Inspeção de Obras contra as Secas, ao lado de Mendes Dinis e depois de Miguel Arrojado Lisboa.

-Monteiro Lobato publica os livros “Cidades Mortas” e “Idéias de Jeca Tatu”.

-Assis Chateaubriand compra “O Jornal”, no Rio de Janeiro.

-O prefeito de São Paulo, Washington Luiz, encarregou Victor Dubugras da elaboração de um projeto para o novo Largo da Memória, integrado ao Parque do Anhangabaú; considerado o primeiro monumento neocolonial.

1920

Brasil

-criação da primeira universidade brasileira no Rio de Janeiro, a Universidade do Rio de Janeiro, depois Universidade do Brasil, hoje, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

-Mario de Andrade lê obras de Walt Whitman e dos autores das principais vanguardas modernistas européias e inicia a coleta de documentos musicais do folclore e da cultura popular. Compra o bronze de Brecheret, Cabeça de Cristo. Colabora com “Papel e Tinta”, revista modernizante paulista; publica contos, esquetes, críticas e uma carta-aberta ao presidente do Estado, defendendo o nacionalismo na estatuária pública, assinando como Saci Pererê. Colabora na “Ilustração Brasileira” e na “Revista do Brasil”, ambas cariocas. Escreve os poemas “Paulicéia desvairada”. Integra o grupo vanguardista de São Paulo com Oswald de Andrade, Menotti del Picchia, Guilherme e Tácito de Almeida, Rubens Borba de Moraes, Di Cavalcanti. Frequentemente o estúdio de Brecheret e relaciona-se com Haarberg

-Alberto Childe, conservador de antiguidades clássicas do Museu Nacional, é encarregado pelo professor Bruno Lobo, presidente da Sociedade Brasileira de Belas Artes, da elaboração de um anteprojeto de lei em defesa do patrimônio artístico nacional, voltada especialmente para a arqueologia e os sítios arqueológicos.

-Monteiro Lobato lança o seu primeiro livro infantil, "A menina do narizinho arrebitado", com desenhos coloridos de Voltolino.

-Mario de Andrade publica na Revista do Brasil artigo relatando impressões de sua viagem a MG realizada no ano anterior.

-Morre no Rio de Janeiro o arquiteto Heitor de Mello, autor do primeiro projeto neocolonial do Estado do Rio de Janeiro: a Escola D. Pedro II em Petrópolis.

1921

França

-durante o "Congresso Internacional de História da Arte", levanta-se a necessidade de tratar das questões da restauração dos monumentos e obras de arte;

-fundação da associação "Sauvegarde de l'art français" pelo duque de Trévise, sensibilizado pelo estado de abandono do castelo de Larresingle, a "petite Carcassonne du Gers", cidade fortificada sede de uma antiga abadia na Gasconha, abandonada em 1789 e desde então se arruinando. O objetivo da associação era salvar monumentos em perigo, fornecendo ajuda financeira para restaurar igrejas "non classées monument historique", construídas antes de 1800;

Brasil

-Humberto Mauro realiza seu primeiro filme em Cataguases, "Valadião".

-Mário de Andrade muda-se com a família para a rua Lopes Chaves, na Barra Funda.

Participa do Banquete de Trianon, quando Oswald de Andrade oficializa o modernismo.

Participa do Segundo Ciclo de Conferências na Vila Kyrial, do mecenas Freitas Valle, apresentando "Debussy e o Impressionismo". Em resposta ao artigo "Meu amigo futurista", publicado por Oswald de Andrade no Jornal do Comércio, Mário de Andrade publica a resposta "Futurista?", repudiando rótulos estéticos e firmando sua própria pesquisa da modernidade. Escreve para o Jornal do Comércio a série "Mestres do passado", contra o parnasianismo. Escreve o "Prefácio interessantíssimo", do livro "Paulicéia Desvairada". Viaja ao Rio de Janeiro onde encontra Manuel Bandeira. Faz leitura de "Paulicéia Desvairada" em casa de Ronald de Carvalho.

-Rodrigo M F de Andrade inicia sua atividade jornalística colaborando principalmente como crítico literário com o jornal "O Dia", dirigido por Azevedo do Amaral, Virgílio de Melo Franco, seu avô, e Gastão da Cunha.

-Monteiro Lobato recusa-se a editar "Paulicéia Desvairada", livro de Mario de Andrade.

-inicia-se a publicação, no Rio de Janeiro, da revista "Arquitetura no Brasil", veículo de difusão do neocolonial.

-Gustavo Barroso publica "Ao som da viola folclore".

-lançado no Rio de Janeiro, por iniciativa de José Mariano Filho, o Concurso Heitor de Mello "visando a criação de um tipo de arquitetura nacional inspirada diretamente no estilo das construções sacras e civis feitas no Brasil durante o período colonial" que vai premiar o projeto de "Casa Brasileira" em "estilo tradicional".

-fundação no Rio de Janeiro do "Instituto Brasileiro de Arquitetos" e da "Sociedade Central dos Arquitetos", propostas por José Mariano Filho que passou a presidir as duas.

1922

Suíça

-a "Sociedade das Nações" -, criada em Genebra no âmbito do Tratado de Versalhes e que tinha como objetivo promover a cooperação entre as nações e promover a paz, cria a "Comissão Intelectual de Cooperação Internacional" - CICI, órgão consultivo composto por 19 pessoas eleitas, com o objetivo de representar seus interesses na área cultural;

Brasil

- inaugurada em setembro a Exposição Internacional Comemorativa do Centenário da Independência do Brasil, no Rio de Janeiro (permanece até abril do ano seguinte);
- "Semana de Arte Moderna", realizada no Teatro Municipal de São Paulo (de 13 a 18 de fevereiro).
- criação do Rotary Club do Rio de Janeiro.
- Lucio Costa forma-se arquiteto pela Academia de Belas Artes do Rio de Janeiro.
- Mário de Andrade participa da Semana de Arte Moderna lendo na escadaria do Teatro Municipal, um texto teórico, provável primeira versão de "A escrava que não é Isaura". Como conseqüência da Semana na sociedade paulista, perde seus alunos particulares. Participa de rodas literárias, de passeios e do chá das cinco na Confeitaria Vienense, com os amigos da Revista Klaxon. Publica, pela Casa Mayença, "Paulicéia Desvairada", livro que inclui o "Prefácio Interessantíssimo. Faz parte do grupo da revista Klaxon, colaborando em todos os números; defende o cinema nacional. No terceiro Ciclo de conferências da Vila Kyrial, fala sobre a poesia modernista. Escreve "Losango cáqui", depois de participar de manobras militares para reservistas. Com a volta de Tarsila do Amaral da Europa, forma com ela, e Anita Malfatti, Oswald de Andrade, Menotti del Picchia, o Grupo dos Cinco.
- Rodrigo M F de Andrade viaja para o Chile, para a 5ª Conferência Pan-Americana, como secretário do chefe da delegação brasileira, Afrânio de Melo Franco.
- criação do Museu Histórico Nacional - MHN, dirigido por Gustavo Barroso.
- "Revista Ordem", criada por Jackson de Figueiredo e intelectuais ligados ao pensamento católico.
- Affonso d'Escagnolle Taunay providencia a reedição da obra do "historiador das bandeiras paulistas", **Pedro Taques (1714 – 1777)**, "Nobiliarquia paulistana".
- "Revista Klaxon", a primeira revista modernista brasileira (1922 -1923).
- publicação do livro "Uniformes do Exército Brasileiro 1730 -1922", Paris, F. Ferroud, com aquarelas e documentação de José Wash Rodrigues e texto de Gustavo Barroso; publicação oficial do Ministério da Guerra comemorativa do Centenário da Independência do Brasil, o album contém 112 pranchas aquareladas com o desenho dos uniformes do exército brasileiro.
- predomina a arquitetura neocolonial nos pavilhões nacionais da Exposição Internacional Comemorativa do Centenário da Independência do Brasil, no Rio de Janeiro. Principais edifícios: Pequenas Indústrias, de Nestor Figueiredo e C. San Juan; Caça e Pesca, de Armando de Oliveira; Grande Indústrias (atual sede do MHN) de Arquimedes Memória e F. Cuchet.

1923

Brasil

- fundada por Roquette Pinto a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, primeira emissora de radiodifusão do Brasil.
- Mario de Andrade estuda alemão e faz suas primeiras leituras sobre psicanálise e marxismo. Freqüenta a Vila Fortunata e no Quarto Ciclo de conferências da Vila Kyrial, apresenta "Paralelo entre Dante e Bethoven". Oswald de Andrade e Sérgio Milliet, em viagem à Paris, põem Mario de Andrade em contato com Blaise Cendrars, Ivan Goll e Marinetti: trocam livros com dedicatórias.
- inaugurado em Itu, São Paulo, o Museu Republicano Convenção de Itu, organizado pelo Museu Paulista, tendo à frente Affonso Taunay.
- O deputado pernambucano Luiz Cedro apresenta projeto de lei para organizar a proteção dos monumentos históricos (03/12).
- Paulo Prado torna-se co-editor da "Revista do Brasil"

-novo concurso para um “Solar Brasileiro”, no Rio de Janeiro, sob o patrocínio de José Mariano Filho.

1924

Grã-Bretanha

-fundação da "The Ancient Monuments Society" para "o estudo e a conservação dos monumentos antigos, edifícios históricos e fine old craftsmanship";
 -abertura em Wembley, Londres, da "British Empire Exhibition", a maior exposição internacional até então organizada, destinada a afirmar o poder britânico em relação ao seu império colonial de 58 possessões, estreitando laços e estimulando trocas; Maxwell Ayrton (1874-1960) foi o arquiteto do conjunto e dos três edifícios mais importantes, os palácios da Indústria, da Engenharia e das Artes - uma estrada de ferro ligava os diferentes pavilhões com transporte contínuo;

Brasil

-Blaise Cendrars desembarca no Rio de Janeiro.
 -Ascêncio Ferreira encontra com Joaquim Cardozo (que com Benedito Monteiro e Câmara Cascudo, teriam influenciado a orientação moderna do poeta). Aproximação com Gouveia de Barros e Aníbal Fernandes.
 -Guilherme de Almeida passa por Recife e aprecia os trabalhos de Ascêncio Ferreira.
 -Lucio Costa viaja para Diamantina, Minas Gerais, comissionado pela Escola de Belas Artes do Rio de Janeiro e pela Sociedade Brasileira de Belas Artes, por iniciativa de José Mariano Filho; primeiro contato do arquiteto com a arquitetura e arte coloniais.
 -Carlos Drummond de Andrade encontra com Mário de Andrade, Tarsila do Amaral, Blaise Cendrars e Oswald de Andrade, em Belo Horizonte.
 -Mário de Andrade faz sua primeira viagem a Minas Gerais, a histórica "Viagem da Descoberta do Brasil". Durante a Semana Santa, visita Belo Horizonte, Congonhas do Campo, Sabará, Ouro Preto e Mariana, em companhia de Oswald e seu filho Noné, Tarsila do Amaral, Dna. Olívia Guedes Penteado, René Thiollier e Godofredo da Silva Teles, ciceroneando o poeta Blaise Cendrars. Compra a sua máquina de escrever Remington, apelidada de Manuela em homenagem ao amigo Manuel Bandeira. Participa do Quarto Ciclo de conferências da Vila Kyrial, com "O cubismo". Envia textos para a revista Estética, do Rio de Janeiro. Conhece jovens escritores mineiros, entre eles, Carlos Drummond de Andrade. Inicia correspondência com o escritor norte-rio-grandense Luis da Câmara Cascudo.
 -o poeta mineiro Augusto de Lima apresenta ao Congresso Nacional projeto para criar um mecanismo legal de proteção ao patrimônio.
 -"Revista Estética", iniciativa de Sérgio Buarque de Holanda e Prudente de Moraes Neto, inicia sua publicação no Rio de Janeiro (até 1925).
 -Oswald de Andrade publica o "Manifesto do Pau-Brasil" no jornal carioca Correio da Manhã (e no ano seguinte no seu livro "Pau-brasil").
 -Affonso d'Escagnolle Taunay inicia a publicação de "História Geral das Bandeiras Paulistas", que completará 11 volumes em 1950.
 -fusão do Instituto Brasileiro de Arquitetos e da Sociedade Central dos Arquitetos, ambas criadas em 1921, para formar o Instituto Central de Arquitetos, origem do Instituto dos Arquitetos do Brasil - IAB.
 -os jovens arquitetos Lucio Costa, Nestor de Figueiredo e Nereu Sampaio partem para Minas Gerais, sob os auspícios de José Mariano Filho, para realizar um inventário documentado da arquitetura e da arte coloniais.
 -ciclo de conferências da Vila Kyrial, com "O cubismo". Envia textos para a revista Estética, do Rio de Janeiro. Conhece jovens escritores mineiros, entre eles, Carlos Drummond de Andrade. Inicia correspondência com o escritor norte-rio-grandense Luis da Câmara Cascudo.

- o poeta mineiro Augusto de Lima apresenta ao Congresso Nacional projeto para criar um mecanismo legal de proteção ao patrimônio.
- “Revista Estética”, iniciativa de Sérgio Buarque de Holanda e Prudente de Moraes Neto, inicia sua publicação no Rio de Janeiro (até 1925).
- Oswald de Andrade publica o “Manifesto do Pau-Brasil” no jornal carioca Correio da Manhã (e no ano seguinte no seu livro “Pau-brasil”).
- Affonso d’Escragnolle Taunay inicia a publicação de “História Geral das Bandeiras Paulistas”, que completará 11 volumes em 1950.
- fusão do Instituto Brasileiro de Arquitetos e da Sociedade Central dos Arquitetos, ambas criadas em 1921, para formar o Instituto Central de Arquitetos, origem do Instituto dos Arquitetos do Brasil – IAB.
- os jovens arquitetos Lucio Costa, Nestor de Figueiredo e Nereu Sampaio partem para Minas Gerais, sob os auspícios de José Mariano Filho, para realizar um inventário documentado da arquitetura e da arte coloniais.

1925

França

- atendendo a um apelo da "Sociedade das Nações", o governo francês cria o "Instituto Internacional de Cooperação Intelectual" - IICI, para funcionar como uma agência executiva especializada da CICI;
- fundação do "Institut d'ethnologie de l'Université de Paris", pelos etnólogos Paul Rivet (1876-1958) e Marcel Mauss (1872-1950), e pelo antropólogo Lucien Lévy (1857-1939), com o objetivo de treinar e formar pesquisadores de campo profissionais e publicar estudos etnográficos;
- a "Revue Nègre", apresentando jazz e a dança de Josephine Baker, faz enorme sucesso no Théâtre des Champs-Élysées, em Paris;
- Le Corbusier apresenta o seu "Plan Voisin de Paris" na "Exposition Internationale des Arts Décoratifs Modernes", no "Pavillon de l'Esprit Nouveau"; explica que, se consultado sobre o dilema "cirurgia ou medicina" como forma de transformar o centro de Paris, o "passado" responderia: "cirurgia e medicina", justificando assim as medidas higienizadoras e de facilitação de fluxo, conseguidas às custas de arrasar as velhas construções, mas mantendo alguns monumentos pontuais significativos como o Louvre, o Palais-Royal, a Place Vendôme, entre outros;

Brasil

- Heloisa Alberto Torres é aprovada em primeiro lugar no concurso para professor substituto da Divisão de Antropologia, Etnografia e Arqueologia do Museu Nacional.
- Mario de Andrade colabora com “A Revista”, de Belo Horizonte; é um dos escritores convidados pelo jornal carioca “A Noite” para “O mês modernista”.
- o jurista mineiro Jair Lins elabora anteprojeto para proteção legal do patrimônio de interesse histórico; base legal para elaboração do decreto lei n. 25 / 37, na redação de Rodrigo Melo Franco de Andrade.
- realiza-se no Rio de Janeiro a assembléia de constituição da Companhia Editora Nacional, com nove sócios, entre eles Octalles Marcondes Ferreira; transferida no ano seguinte para São Paulo. Primeiro livro editado: “Meu cativo entre os selvagens do Brasil”, com as narrativas de Hans Staden.
- Paulo Prado publica “Paulística”.
- último número da “Revista do Brasil” depois de 113 edições mensais ininterruptas; adquirida por Assis Chateaubriand, a revista só voltaria a circular em setembro do ano seguinte.

- José Maria C. de Albuquerque Mello inicia a publicação da “Revista do Norte”, em Recife, Pernambuco.
- revista modernista mineira “A Revista” (até 1926).
- o arquiteto russo Gregori Warchavchik publica no jornal “O Estado de São Paulo” o artigo “Acerca da Arquitetura Moderna”.

1926

França

- criação do "Office Internationale des Musées";

Brasil

- Primeiro Congresso Regionalista, em Recife, Pernambuco; Manifesto Regionalista, de Gilberto Freyre.
- entra no ar a Rádio Mayrink Veiga, campeã de audiência carioca durante toda a década de 1930.
- segunda viagem de Blaise Cendrars ao Brasil.
- Viagem de Lucio Costa para Europa, onde permanece por um ano.
- no artigo “Acerca da valorização do preto”, publicado no Diário de Pernambuco, Gilberto Freyre comenta ter passado uma noite a ouvir Pixinguinha, Donga e Patricio: “Grande noite cariocamente brasileira”. Entre as causas de “um movimento de valorização do negro”, aponta a “influência de Blaise Cendrars.
- Ascêncio Ferreira faz contatos com o Grupo Modernista de Joaquim Inojosa e com o Grupo Independente da Revista do Norte.
- Filippo Tommaso Marinetti desembarca no Brasil pela primeira vez; faz conferências no Rio de Janeiro e em São Paulo, onde se encontra com Blaise Cendrars e Yan de Almeida Prado.
- através de suas leituras de literatura popular e de etnografia, Mario de Andrade encontra o anti-herói Macunaíma na mitologia indígena recolhido por Koch-Gruenberg em “Von Roraima zum Orinoco. Inicia experiência de fotógrafo. Encontro com Marinetti “num chá no salão moderno de Dona Olivia Penteado”. Colabora na Revista de Antropofagia, na Revista do Brasil e em Terra Roxa e Outras Terras. A convite de Oswald de Andrade, torna-se crítico de A Manhã, suplemento paulista.
- Rodrigo M F de Andrade torna-se redator-chefe da “Revista do Brasil” adquirida por Assis Chateaubriand, aproximando-a dos modernistas.
- criada uma Inspetoria Estadual de Monumentos Históricos em Minas Gerais.
- Revista “Terra Roxa e outras Terras” inicia e termina sua publicação em São Paulo.
- “Revista do Brasil” inicia sua fase carioca (dez números) com Rodrigo Melo Franco de Andrade como redator-chefe, Prudente de Moraes Neto como secretário e Sergio Buarque de Holanda na redação.
- Fernando de Azevedo lança pelo jornal O Estado de São Paulo, inquérito sobre a arquitetura colonial.
- José Mariano Filho é nomeado diretor da Escola Nacional de Belas Artes.

1927

França

- o "Office Internationale des Musées" começa a editar a revista "Museiom";

Brasil

- Monteiro Lobato viaja aos EUA como adido comercial do governo brasileiro.
- Ascêncio Ferreira encontra com Manuel Bandeira que vai a Recife.
- Mario de Andrade parte para o Norte e o Nordeste, em viagem de estudos e pesquisas, empenhado em definir-se no âmbito do nacionalismo crítico, e desejando conhecer o Brasil e

o povo brasileiro através da cultura popular. Entre maio e agosto realiza a primeira "Viagem Etnográfica", percorrendo parte da Amazônia e chegando até Iquitos, no Peru, sua única saída do país. Viaja em companhia de Dna. Olívia Guedes Penteadó, sua sobrinha Mag e a filha de Tarsila, Dolour. Filia-se ao Partido Democrático. Escreve um diário de viagem, a primeira parte de "O turista aprendiz", preparando uma edição apenas em 1943, que deixa inédita. Viaja para Santa Tereza do Alto, fazenda de Tarsila do Amaral, em companhia de L. Segall, Souza Lima, Oswald de Andrade e o palhaço Piolim. Entra para o recém-fundado Diário Nacional (até 1932), órgão do Partido Democrático, onde deixa sua maior produção de textos jornalísticos. Colabora com o jornal do Movimento Verde, de Cataguases. Conhece pessoalmente, em Natal, Luis da Câmara Cascudo e outros escritores e artistas nordestinos vinculados ao modernismo.

-sob a presidência estadual de Francisco M. Gois Calmon, é criada uma Inspeção Estadual de Monumentos Históricos na Bahia, pela lei estadual ns. 2031 e 2032, de 08/08, regulamentadas pelo decreto n. 53398, de 06 / 06.

-Ascêncio Ferreira publica "Catimbó", pelo Grupo da Revista do Norte, com ilustração de Joaquim Cardozo.

-Gustavo Barroso publica "Através do folclore".

-“Revista Verde” (1927-1928), lançada em Cataguases, Minas Gerais.

-Felisberto Ranzini publica "Estilo colonial Brasileiro: composições arquitetônicas de estilos originais".

-Gregori Warchavchik constrói no bairro de Vila Mariana, São Paulo, aquela que foi considerada a primeira casa modernista, com jardins de Mina Klabin.

1928

França

-Paul Rivet oficializa a ligação do "Musée d'Ethnographie" à sua cadeira de antropologia do Museu de História Natural, que receberá o nome de cadeira de "Ethnologie des hommes actuels et des hommes fossiles" com o objetivo de desenvolver uma ciência de síntese dos estudos das características físicas dos povos ou antropologia, do estudo das características materiais das civilizações pré-históricas e sub-atuais (pré-história, arqueologia, etnografia), do estudo dos fenômenos sociais ou sociológicos e do estudo dos caracteres lingüísticos; com a colaboração de Georges-Henri Rivière (1897-1985) cria os departamentos geográfico e temático, melhora a infra-estrutura de pesquisa do museu e organiza missões de coleta, pretendendo mudar a imagem do etnólogo cúmplice da empresa colonial, para o a do etnólogo salvador dos testemunhos culturais em vias de desaparecimento;

EUA

-início do primeiro grande projeto de restauração, "Colonial Williamsburg", capital do Estado da Virgínia (1699-1780), recuperada com as feições de época com base em pesquisa e documentação, com o patrocínio de associações e mecenas, arquitetos Willian Percy, Fiske Kimball e Lawrence Kocher; modelo para outras intervenções nos EUA;

-face ao rápido desaparecimento da arquitetura do século XIX, Henry Russel Hitchcock, a revista "Architectural Record" e a "American Society of Architectural Historians", iniciam campanha pela sua preservação;

Suíça

-Le Corbusier (1887-1965) define pela primeira vez a idéia do "Musée à croissance illimitée", ao desenhar o "Musée Mondial", parte do projeto para o "Mundaneum", em Genebra;

1929

França

-início da publicação da revista *Documents* (15 números, até 1931), plataforma cultural contra o idealismo e o esteticismo predominantes na época, define sua área de atuação - "*doctrines, archéologie, beaux-arts, ethnographie*" - e se apresenta como uma "revista ilustrada"; iniciativa de Georges-Henri Rivière, Georges Bataille e Carl Einstein;

Portugal

-novas obras de restauração do Mosteiro de Alcobaça; a primeira fase conta com a participação de António Vieira Natividade e de Ernesto Korrodi, que eliminam as estruturas barrocas do templo em busca de uma "pureza inicial", com mutilações e adições;

Brasil

-Mario de Andrade rompe sua amizade com Oswald de Andrade. Assina, como cronista, a coluna "Táxi" no Diário Nacional. Planeja organizar, com o material coletado nas viagens ao Norte e ao Nordeste, a obra "Na pancada do gonzá", que deixa inédita. Os livros que compõem essa obra - "Danças dramáticas do Brasil", "Música de feitiçaria no Brasil", "Melodias do boi e outras peças" e "Os cocos" - recebem publicação póstuma, graças ao trabalho de Olneyda Alvarenga. Inicia pesquisas para o "Dicionário musical brasileiro", também não concluído. Publica "Compendio da História da Musica". Projeta viagem ao Sul, mas não chega a ir.

-Lucio Costa publica em O Jornal, do Rio de Janeiro, "O Aleijadinho e a Arquitetura Tradicional".

-Affonso d'Escagnolle Taunay inicia a publicação de "História do café no Brasil", que completará 11 volumes em 1941.

-publicação do manifesto "Nhengaçu Verde-amarelo – Manifesto do Verde-amarelismo ou a Escola da Anta", pelo grupo verde-amarelista (Plínio Salgado, Menotti Del Picchia, Guilherme de Almeida, Cassiano Ricardo).

-inaugurado o edifício A Noite, no Rio de Janeiro, na Praça Mauá.

-inaugurado do prédio Martinelli, na ladeira de São João, junto à Praça Antonio Prado, considerado o primeiro arranha-céu de São Paulo.

-primeira viagem do arquiteto Le Corbusier ao Brasil.

1930

EUA

-lei relativa à proteção de monumentos naturais e de sítios de caráter artístico, histórico, científico, legendário ou pitoresco;

Itália

-o "Escritório Internacional de Museus da Liga das Nações" reúne em Roma quase 200 diretores de Museus, historiadores de arte e cientistas para uma conferência internacional com o objetivo de estudar métodos de preservação das obras de arte;

Brasil

-Lucio Costa assume a direção da Escola de Belas Artes do Rio de Janeiro com a responsabilidade de reformular o ensino; convida Warchavchik, Leo Putz e Celso Antonio para dar aulas (08/12/30 a 10/09/31).

-Carlos Drummond de Andrade trabalha como auxiliar de gabinete de Cristiano Machado, secretário do interior, no início da Revolução de Outubro. Depois, passa a oficial-de-gabinete, quando seu amigo Gustavo Capanema substitui Cristiano Machado.

-Monteiro Lobato volta para o Brasil; antes, em carta "*vinda dalém túmulo*", manifesta a Mario de Andrade seu interesse em intermediar a tradução e o lançamento de Macunaíma nos EUA.

- Heloisa Alberto Torres realiza trabalhos de arqueologia na ilha de Marajó.
- Rodrigo Melo Franco de Andrade é convidado pelo Ministro do MES, Francisco Campos, para ser seu chefe de gabinete (fica no cargo 5 meses), quando indica o nome de Lucio Costa para diretor da Escola Nacional de Belas Artes.
- Mário de Andrade apóia a Revolução de 30. Participa da Comissão Reformadora da Escola Nacional de Música do Ministério da Educação. Defende o nacionalismo musical. Publica, na revista Ilustração Brasileira, o ensaio "Origens do fado". Publica "Modinhas e Lundus Imperiais", antologia de peças do século XIX.
- o deputado baiano José Wanderley de Araujo apresenta à Câmara um projeto para a proteção dos monumentos históricos o qual, com a revolução de outubro do mesmo ano, fica sem efeito.
- Lucio Costa escreve "Razões da Nova Arquitetura" (publicado em 1936).
- Exposição da Cada Modernista da rua Itápolis, em São Paulo, projeto de Gregori Warchavchik
- IV Congresso Pan-Americano de Arquitetura do Rio de Janeiro, onde é aprovada a proposta de José Mariano Filho de que todas as escolas, em todos os países da América, fossem construídas em "estilo tradicional"; festa no Solar Monjope(projeto de José Mariano Filho, em estilo neocolonial).
- inaugurada a Escola Normal do Rio de Janeiro, atual Instituto de Educação, projeto de Ângelo Bruhns e José Cortez, importante edifício neocolonial, inspirado nos antigos colégios jesuítas espanhóis e no frontispício de conventos pernambucanos.
- fundação da Escola de Arquitetura de Belo Horizonte, a primeira escola da América do Sul desvinculada das Escolas Politécnicas e de Belas Artes.

1931

França

- partida da "Mission ethnographique et linguistique Dakar-Djibouti" (que dura três anos), organizada pelo "Instituto de Etnologia da Universidade de Paris" e "Museu Nacional de História Natural", composta de arquivistas, musicólogos lingüistas, etnólogos (Marcel Mauss entre eles) com o objetivo de conhecer melhor as línguas, as religiões, e o contexto social dos povos indígenas das colônias; recolhidos objetos, feitas fotografias e gravações sonoras para o "Museu de Etnografia do Trocadero", além da produção textual que ficam sob a guarda da Biblioteca Nacional;
- abertura da "Exposition coloniale internationale", no Bois de Vincennes, em Paris, com o objetivo de : "*dar aos franceses a consciência de seu império*" apresentado como um grande espetáculo, com reconstituição de templos, apresentação de estaculos, expsições; as peças que fizeram parte das exposições vieram a constituir o "Musée des Arts Africains et Océaniens", com acervo proveniente em grande parte das colônias francesas na África e Oceania, transferido para o recém organizado "Musée des Arts Premiers" de Paris;
- abertura do "Musée de la Parole et du Geste" da Universidade de Paris, na Exposição Colonial Internacional, com o propósito de "*aproveitar a reunião de um grande número de indígenas das colônias para fixar em discos as músicas e as falas coloniais*"; o conjunto de gravações e fotos assim constituído formou a coleção "anthologie musicale de l'Exposition coloniale";

Bélgica

- votada lei que pela primeira vez regulamenta a classificação e conservação dos monumentos e sítios, coroando anos de trabalho da "Commission royale", que se torna o órgão responsável pela análise das demandas de obras em bens tombados e parecer sobre pedidos de tombamento;

México

-Decreto que declara de interesse público a proteção e conservação do aspecto típico da Plaza de la Constitución, baseado na lei sobre a "Protección y Conservación de Monumentos y Bellezas Naturales" : "*no se considerarán como monumentos las obras de artistas vivos, ni las que tengan menos de cincuenta años de ejecución*";

Grécia

-"I Congresso Internacional de Arquitetos e Técnicos de Monumentos Históricos", organizado pelo "International Museums Office" da "Sociedade das Nações" em Atenas , adota carta de princípios para as práticas internacionais da conservação e da restauração , a "Carta de Atenas";

1-Doutrinas. Princípios Gerais: recomenda abandonar as restituições integrais e evitar os seus riscos, pela instituição de uma manutenção regular e permanente adequada a assegurar a conservação dos edifícios; recomenda o respeito pela obra histórica e artística do passado sem banir o estilo de nenhuma época; recomenda que se mantenha a ocupação dos monumentos, que se assegure a continuidade da sua vida consagrando-os contudo a utilização que respeite o seu caráter histórico ou artístico.

2-Administração e Legislação dos Monumentos Históricos: direito da coletividade perante a propriedade privada; legislações devem ser apropriadas às circunstâncias locais e ao estado da opinião publica;

3-A valorização dos monumentos: respeito na construção dos edifícios, pelo caráter e a fisionomia das cidades, sobretudo na vizinhança de monumentos antigos cuja envolvente deve ser objeto de cuidados particulares; conjuntos e certas perspectivas particularmente pitorescas, devem ser preservadas; estudar as plantações e ornamentações vegetais adequadas a certos monumentos ou conjuntos de monumentos para lhes conservar o seu caráter antigo; supressão da publicidade, da presença abusiva de postes ou fios, de toda a indústria ruidosa, mesmo as chaminés altas, na vizinhança dos monumentos artísticos ou históricos.

4-Os materiais do restauro: emprego dos materiais modernos para a conciliação dos edifícios antigos; emprego sensato de todos os recursos da técnica moderna e muito especialmente do concreto armado; elementos resistentes devem ser dissimulados, salvo impossibilidade total, a fim de não alterar o aspecto e o caráter do edifício a restaurar; evitar os riscos de desmontagem e remontagem dos elementos a conservar.

5-As degradações dos monumentos: colaboração entre conservadores de monumentos; evitar deslocamento das obras do sitio original;

6-A técnica de conservação: quando se trata de ruínas impõe-se uma conservação escrupulosa, recolocando no seu lugar os elementos originais encontrados (anastilose) cada vez que o caso o permita os materiais novos necessários a este efeito deverão ser sempre identificáveis; quando a conservação de ruínas, trazidas à luz do dia no decurso de uma escavação for reconhecida como impossível, é aconselhado enterrá-las de novo, depois de, bem entendido, terem sido feitos levantamentos rigorosos; a técnica e a conservação de uma escavação impõem a colaboração estreita do arqueólogo e do arquiteto; outros monumentos, antes de qualquer consolidação ou restauro parcial, análise escrupulosa das patologias, cada caso constituía um caso específico;

7-A conservação dos monumentos e a colaboração internacional: cooperação técnica e moral; o papel da educação no respeito pelos monumentos; criar uma documentação internacional;

Brasil

- Fernando de Azevedo inicia a organização da Coleção Brasileira (da qual se afasta só em 1951), editada pela Companhia Editora Nacional, da qual era um dos diretores, e que vai revelar importantes textos sobre o Brasil de autoria de viajantes, escritores, historiadores, especialistas, muitos inéditos ou esgotados.

- Mario de Andrade dirige com Paulo Prado e Antônio de Alcântara Machado a "Revista Nova".
- Raul Bopp publica seu poema "Cobra Norato", lenda do folclore.
- Primeiro Salão Oficial de Belas Artes a expor artistas de vanguarda como Portinari, Guignard, Tarsila do Amaral, Cicero Dias, Di Cavalcanti; no Rio de Janeiro e por iniciativa de Lucio Costa.
- Lucio Costa e Gregori Warchavchik abrem escritório de arquitetura no Rio de Janeiro; casa Schwartz, cujo terraço jardim é o primeiro projeto de paisagismo de Roberto Burle Marx
- Inaugurado o Cristo Redentor, no morro do Corcovado, Rio de Janeiro.
- Anísio Teixeira, Secretário da Educação do Distrito Federal, lança um projeto educacional e um plano de construção de edifícios escolares com projeto de Enéas Silva, tendo a arquitetura moderna de matriz corbusiana como referência.

1932

Itália

- realização do "Consiglio Superiore per le Antichità e Belle Arti", que publica "Norme per il restauro dei monumenti" e "Carta Italiana del restauro" no "Boletim de Arte" do Ministério da Educação Nacional;

Portugal

- o Decreto n.º 20985, do Ministério da Instrução Pública, institui o "Conselho Superior de Belas Artes" - normas sobre belas-artes, arqueologia, proteção e conservação de monumentos;

Brasil

- Mario de Andrade adere à reação paulista e apóia o movimento constitucionalista. Publica uma série de crônicas no Diário Nacional, sob os pseudônimos de Luis Antônio Marques e Luis Pinho. Colabora no Boletim de Ariel e na Revista Nova.

1933

EUA

- criado o "Historic American Buildings Survey - HABS", patrocinado pelo "American Institute of Architects", pela "Library of Congress" e pelo "Park Service", este último se torna responsável por várias cidades históricas;

Grécia

- "II Congresso Internacional de Arquitetura Moderna - CIAM" - com objetivo de promover uma nova arquitetura e um novo urbanismo, faz várias proposições entre elas a "tabula rasa" em relação ao passado; o manifesto com a resumo das decisões tomadas - Carta de Atenas - será publicado em Paris, pela primeira vez, em 1942 por Le Corbusier (em edição anônima);

México

- aprovada a lei sobre "Protección y Conservación de Monumentos Arqueológicos e Históricos, Poblaciones Típicas y Lugares de Belleza Natural";

Brasil

- Humberto Mauro filma "Ganga Bruta".
- fundada em São Paulo, por um grupo de empresários, a Escola Livre de Sociologia e Política - ELSP, tendo como modelo a sociologia norte-americana.
- para comemorar o centenário das descobertas em Lagoa Santa, MG - arqueologia ameríndia e pinturas rupestres - do pesquisador dinamarquês Peter Lund, os professores da então Universidade de Minas Gerais - UMG, Aníbal Mattos (fundador da Escola de Arquitetura) e Arnaldo Athoud (da antiga Escola de Farmácia e Odontologia), com Harold Walter, cônsul

- da Inglaterra na capital mineira, fundaram a “Academia de Ciências de Minas Gerais”; os membros da Academia publicaram cerca de 50 artigos em revistas nacionais e estrangeiras, contribuindo decisivamente para a discussão da origem e destinos do homem americano.
- criado, pelo governo Vargas, o “Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas no Brasil” - CFEACB, para inspecionar, controlar e fiscalizar todas as expedições científicas realizadas no Brasil, seja por iniciativas de estrangeiros, seja de brasileiros.
 - Mario de Andrade torna-se crítico do Diário de São Paulo (até 1935).
 - O decreto n. 22.928, de 12/07, eleva Ouro Preto a categoria de monumento nacional; primeira lei federal que trata do assunto.
 - Gilberto Freyre lança, pela Editora Maia & Schmidt, “Casa-grande & Senzala”.
 - Caio Prado Junior lança o livro “Evolução Política do Brasil”.
 - Jorge Amado publica seu primeiro livro, “Cacau”.
 - Lucio Costa escreve “Razões da Nova Arquitetura”.

1934

México

- regulamentada a lei de "Protección y Conservación de Monumentos" do ano anterior, assim como o decreto que declarava como zonas típicas e pitorescas as cidades de Villa Álvaro Obregón, Coyoacán e Xochimilco, que deveriam ser objeto de proteção legal;

Suíça

- a "Société pour la conservation des monuments historiques" (1880) torna-se "Société d'histoire de l'art en Suisse";

Brasil

- Getúlio Vargas, eleito presidente da República pela Assembléia Constituinte, oferece a Monteiro Lobato a direção do recém criado Departamento Nacional de Propaganda e Difusão Cultural, que ele recusa.
- Gustavo Capanema assume o Ministério da Educação e Saúde - MES, tendo Carlos Drummond de Andrade como chefe de gabinete. No âmbito do MES foram criados: o Instituto Nacional do Livro, dirigido por Augusto Meyer; o Serviço Nacional de Teatro, dirigido por Thiers Martins Moreira; o Instituto Nacional de Cinema Educativo e o Serviço de Radiodifusão Educativa dirigidos por Edgar Roquette Pinto; o SPHAN dirigido por Rodrigo Melo Franco de Andrade, além do Conselho Nacional de Cultura e do Conselho Consultivo do SPHAN.
- Armando Salles de Oliveira - interventor nomeado por Getulio Vargas para governar o Estado de São Paulo -, Julio de Mesquita Filho do jornal O Estado de São Paulo e Fernando Azevedo, fundam a Universidade de São Paulo; contratação de uma Missão Universitária Francesa composta por Roger Bastide, Claude Lévi-Strauss (e sua mulher Dinah, que vai trabalhar com Mario de Andrade); Paul Arbousse-Bastide; Fernand Braudel.
- I Congresso Católico da Educação, no Rio de Janeiro.
- Gilberto freire organiza o "Congresso Afro-brasileiro" em Recife.
- Carlos Drummond de Andrade passa a residir no Rio de Janeiro, onde trabalha como chefe de gabinete de Gustavo Capanema, ministro da Educação e Saúde Pública, até 1945.
- Ascencio Ferreira participa do Congresso Afro-Brasileiro.
- Heloisa Alberto Torres toma assento no “Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas no Brasil” (até 1939).
- Mario de Andrade faz conferência sobre danças folclóricas na Sociedade Felipe de Oliveira, no Rio de Janeiro. Cria e dirige a Coleção Cultura Musical, das Edições Cultura Brasileira, de São Paulo. Colabora com Festa e Boletim de Ariel. É convidado por Fábio Prado, prefeito de São Paulo, para participar do Departamento de Cultura.

- a nova Constituição do Brasil, promulgada nesse ano, pela primeira vez estabelece, no art. 10: "compete concorrentemente à União e aos Estados: (...) III. Proteger as belezas naturais e os monumentos de valor histórico ou artístico, podendo impedir a evasão de obras de arte".
- Decreto presidencial altera a estrutura do Museu Histórico Nacional que passa a ter como função - além das atividades museológicas - a proteção e a conservação dos monumentos nacionais e a guarda e fiscalização dos objetos históricos e artísticos; a "Inspetoria dos Monumentos Nacionais" foi iniciativa do Ministro da Educação Washington Pires e de Gustavo Barroso, mas com a mudança do ministro teve uma atuação restrita a alguns trabalhos em Ouro Preto. O novo regulamento do MHN é aprovado pelo decreto n. 24735, de 14/07.
- Luciano Gallet publica "Estudos e Folclore".
- Lucio Costa projeta a Vila de Monlevade para Companhia Siderurgica Belgo-mineira.

1935

França

- o Museu Etnográfico do Trocadero fecha suas portas para demolição da sua sede e construção de uma nova;

EUA

- o "Historic Sites Act" esclarece sobre legislação e responsabilidades na preservação, e cria o "Advisory Board on National Parks, Historic Sites, Buildings and Monuments";

Brasil

- Criada a Universidade do Distrito Federal, no Rio de Janeiro.
- Mario de Andrade escreve a introdução aos "Estudos de Folclore", de Luciano Gallet. Colabora em Festa e no Boletim de Ariel. No mês de maio é nomeado chefe da Divisão de Expansão Cultural e diretor do Departamento de Cultura. Publica "O Aleijadinho". Colabora na Revista Brasileira de Música.
- Artur Ramos de Pereira Araújo publica "O folclore negro do Brasil".
- durante a realização do I Congresso Brasileiro de Preservação, no Rio de Janeiro, toma-se a decisão de criar um serviço técnico especial de monumentos nacionais.

1936

Portugal

- criada a "Missão Arqueológica de Moçambique", chefiada pelo Prof. Santos Júnior; durante 20 anos e seis campanhas de trabalho, cobrindo quase todo o território de Moçambique, recolhe imenso e variado conjunto de materiais arqueológicos e etnográficos, documentação escrita, cartográfica e fotográfica ;

Brasil

Mario de Andrade elabora o anteprojeto para a criação do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - SPHAN, a convite do ministro da Educação e Saúde, Gustavo Capanema.

- criada no Rio de Janeiro a emissora de rádio Radio Nacional do Rio de Janeiro, que passa a funcionar no edifício A Noite, na Praça Mauá; a primeira estação a integrar todo o país com uma programação transmitida, nas décadas de 1940/50, por meio de ondas curtas.
- Mario de Andrade elabora o anteprojeto para a criação do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - SPHAN. Como diretor do Departamento de Cultura, convida o casal Claude e Dinah Lévi-Strauss para ministrar um Curso de Etnografia e cria, com Dinah Lévi-Strauss, a "Sociedade de Etnografia e Folclore"; inicia o Arquivo de Etnografia e Folclore da Revista do Arquivo Publica "A Música e a Canção Populares no Brasil". Colabora na Revista do Arquivo Municipal.

- segunda viagem do arquiteto Le Corbusier ao Brasil.
- o ministro da Educação e Saúde, Gustavo Capanema, anula o concurso público para o projeto da nova sede Minsitério, do qual tinha saído vencedor o arquiteto Arquimedes Memória com seu projeto "marajoara", e convida Lucio Costa para elaborar outro projeto. A partir de uma consultoria de Le Corbuseir, Lucio Costa constitui a equipe de arquitetos (Affonso Eduardo Reidy, Carlos Leão, Jorge Moreira, Ernani Vasconcellos, Oscar Niemeyer) que irá elaborar o projeto do Palácio Gustavo Capanema, inaugurado em 1942.
- o Ministro Gustavo Capanema, com a colaboração do historiador Luis Camilo de Oliveira Neto, e tendo como referência a legislação francesa sobre preservação e o projeto do deputado José Wanderley de Araujo Pinho, encarrega Mario de Andrade da elaboração de um anteprojeto para a criação de um serviço de proteção ao patrimônio; por indicação de Mario de Andrade e Manuel Bandeira, convida Rodrigo M F de Andrade para organizar o SPHAN.
- o presidente Getulio Vargas aprova a inicitiva do Ministro da Educação e Saúde, Gustavo Capanema, que solicita a contratação de técnicos para a constituição de um Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional que começasse a funcionar imdiatamente, ainda que em caráter provisório.
- Mario de Andrade elabora o anteprojeto para a criação do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - SPHAN, a convite do ministro da Educação e Saúde, Gustavo Capanema.
- Monteiro Lobato publica "O escândalo do petróleo", com críticas à política do governo Vargas.
- Sérgio Buarque de Holanda publica "Raízes do Brasil".
- Gilberto Freyre publica, pela Companhia Editora Nacional, "Sobrados e Mucambos".
- publicação de "Razões da Nova Arquitetura", de Lucio Costa, na Revista da Diretoria de Engenharia da prefeitura do Distrito Federal.
- Rodrigo M F de Andrade publica seu livro de contos, única obra de ficção de sua autoria, "Velórios".

1937

França

- inaugurado o "Palais de Chaillot" para a "Exposition internationale des arts et des techniques"; construído no mesmo local do antigo Trocadéro, projeto dos arquitetos Azema, Carlu e Boileau, passará a brigar vários museus;
- realização do "Congresso Internacional de Folclore" (participação do Departamento de Cultura de São Paulo);
- Paul Deschamps transforma o "Musée de la sculpture comparée" em "Musée des Monuments français", em novas instalações no "Palais de Chaillot";
- criação do "Musée National des Arts et Traditions Populaires" por Georges-Henri Rivière, a partir das coleções da seção francesa do "Musée d'ethnographie du Trocadéro" e do resultado de uma pesquisa de informações e coleta de objetos realizada no interior da França - considerado na época como o museu de identidade nacional (ou do folclore);

Argentina

- criada a "Superintendencia de Museus y Lugares Historicos", aceitando as conclusões do "II Congresso de Historia Internacional de América", que teve lugar em Buenos Aires neste mesmo ano; começa a funcionar no ano seguinte;

Brasil

- criada a Universidade do Brasil, que dá continuidade à Universidade do Rio de Janeiro.
- Mario de Andrade posiciona-se contra o Estado Novo. Através do Departamento de Cultura de São Paulo é um dos organizadores do I Congresso da Língua Nacional Cantada. Apresenta o trabalho "Anteprojeto da língua nacional cantada".

-o Decreto-lei n. 25 cria o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – SPHAN, cria o instrumento do tombamento, instituindo a proteção oficial do patrimônio no Brasil.

-início da colaboração de Lucio Costa com o SPHAN, quando é enviado aos Sete Povos das Missões, no RGS, para verificar o estado das ruínas; projeto do museu nas Missões Jesuíticas do Rio Grande do Sul.

-Gilberto Freire organiza o "II Congresso Afro-brasileiro", na cidade de Salvador.

-primeiro número da Revista do SPHAN

(ANDRADE, Mário de. *A capela de Santo Antônio*; ANDRADE, Rodrigo Melo Franco de. *Programa*; BARRETO, Paulo Thedim. *Uma casa de fazenda em Jurujuba*; COSTA, Lúcio. *Documentação necessária*; FERNANDES, Aníbal. *A igreja dos Montes Guararapes*; FREIRE, Gilberto. *Sugestões para o estudo da arte brasileira em relação com a de Portugal e a das Colônias*; GODOFREDO FILHO. *Seminário de Belém da Cachoeira*; LOPES, Raimundo. *A natureza e os monumentos culturais*; MACEDO, Epaminondas de. *A capela de Nossa Senhora de Santana*; ROQUETE-PINTO, Edgar. *Estilização*; SANTANA, Nuto. *A igreja dos Remédios*; SANTOS, Francisco Marques dos. *A litografia no Rio de Janeiro*; SANTOS, Francisco Agenor Noronha. *A igreja de São Francisco Xavier*; TAUNAY, Afonso d'Escragolle. *O forte de São Tiago da Bertioga*; TORRES, Heloísa Alberto. *Contribuição para o estudo da proteção ao material arqueológico e etnográfico no Brasil*. Sem indicação de autoria: *Alguns monumentos de arquitetura religiosa do Brasil*; *Igreja do antigo Colégio dos Jesuítas em São Pedro d'Aldeia*; *Louis Vauthier e o seu diário inédito de uma viagem ao Brasil*; *Mobiliário nacional*; *Museu Coronel David Carneiro em Curitiba*; *Museu Mariano Procópio em Juiz de Fora*; *Museu Regional de Olinda*; *Planta da igreja do Carmo de Ouro Preto*; *Alguns monumentos de arquitetura religiosa do Brasil*; *Igreja do antigo Colégio dos Jesuítas em São Pedro*)

1938

França

-reabertura do Museu Etnográfico, agora batizado de "Musée de l'Homme" em novas instalações no "Palais de Chaillot", incorporando ao acervo dos laboratórios técnicos do "Musée d'Histoire Naturelle" e do "Institut d'Ethnologie", apresentação do "homem total", começando pela evolução biológica, passando pelas relíquias arqueológicas das civilizações antigas e terminado com as alternativas culturais reais, um perfil voltado para a educação, pesquisa e ensino;

-entre em vigor o "Acte International concernant la coopération intellectuelle", do IICI; o Instituto será fechado em 1940 e só reabrirá depois do fim da guerra;

Bélgica

-o professor da Universidade de Louvain, Canon Raymond Lemaire publica: *La Restauration des Monuments*;

Brasil

-Heloisa Alberto Torres torna-se diretora do Museu Nacional, instituição onde havia ingressado em 1918, permanecendo no cargo até 1955.

-Mário de Andrade concebe e lança a Missão Artística e Folclórica, no Departamento de Cultura. Destituído do Departamento de Cultura, parte para o Rio de Janeiro onde assume os cargos de diretor do Instituto de Artes, e de catedrático de Filosofia e História da Arte, da Universidade do Distrito Federal. Sua aula inaugural é o ensaio "O artista e o artesão". No Rio, mora na Rua Santo Amaro, 5, Glória. A saída do Departamento de Cultura e a frustração de ver seu trabalho interrompido, lançam Mário em crise. Torna-se paciente de Pedro Nava. Contratado como assistente técnico do SPHAN para a região de São Paulo e Mato Grosso.

Colabora na Revista Acadêmica, do Rio de Janeiro. Escreve para o jornal O Estado de São Paulo e faz crítica literária para Diário de Notícias.

-Rodrigo M F de Andrade visita Ouro Preto com Vinicius de Moraes e o arquiteto José de Sousa Reis e do fotógrafo Erich Hess.

-Manuel Bandeira passa a atuar como consultor do SPHAN (até 1943).

-Lucio Costa elabora para o SPHAN os trabalhos "Documentação Necessária" e "Notas sobre o Mobiliário Luso-brasileiro"; colabora para a definição de critérios para tombamento e gestão do patrimônio.

-o arquiteto Lucas Mayerhofer trabalha no projeto e obra de restauração das ruínas das Missões de São Miguel (até 1940).

-Revista do SPHAN n. 2

(ALMEIDA, Rômulo Barreto de. *A capela de São José do Genipapo*; ANDRADE, Rodrigo Melo Franco de. *Contribuição para o estudo da obra do Aleijadinho*; BANDEIRA, Manuel. *Manuel da Costa Ataíde, dourador*; BARRETO, Paulo Thedim. *O Piauí e sua arquitetura*; ESTEVÃO, Carlos. *Resumo histórico do Museu Paraense Emílio Goeldi*; FERRAZ, A. L. Pereira. *Real Forte do Príncipe da Beira*; LACOMBE, Lourenço Luiz. *A mais velha casa de Corréas*; LAMEGO, Alberto Ribeiro. *O Solar do Colégio*; LIMA JÚNIOR, Augusto de. *Ligeiras notas sobre arte religiosa no Brasil*; LOPES, Raimundo. *Pesquisa etnológica sobre a pesca brasileira no Maranhão*; PINTO, Estevão. *Alguns aspectos da cultura artística dos Pancarus de Tacaratu*; SANTOS, Francisco Marques dos. José Joaquim Viegas de Menezes).

1939

Início da II Guerra Mundial

Itália

-aprovada nova legislação de proteção do patrimônio, que substitui a primeira de 1902;

-G. C. Argan cria em Roma o "Istituto Centrale di Restauro", que vai ser dirigido por Cesare Brandi (1906-1988) até 1960;

México

-publicada a lei que criara um ano antes o "Instituto Nacional de Antropologia e Historia", ainda hoje a autoridade de proteção do patrimônio cultural - instituição nacionalista, dedicada à pesquisa, conservação, proteção, e difusão do patrimônio antropológico, arqueológico e histórico do México; primeiro diretor, arqueólogo Alfonso Caso;

Brasil

-criado por Getulio Vargas o "Departamento de Imprensa e Propaganda" - DIP, encarregado da censura aos meios de comunicação e da propaganda oficial do Estado Novo.

-criado o "Conselho Nacional de Proteção ao Índio" - CNPI; Marechal Rondon é seu primeiro diretor.

-Mario de Andrade torna-se consultor técnico do Instituto Nacional do Livro, onde elabora o anteprojeto de uma Enciclopédia Brasileira. Colabora na programação cultural do Ministério Capanema. Viaja para Belo Horizonte para pronunciar as conferências "Música de feitiçaria no Brasil" e "Seqüestro da Dona Ausente". Publica "Namoros com a Medicina", estudos sobre o folclore, os ensaios "Cândido Portinari" e a "A expressão musical nos Estados Unidos". Publica "A música e a canção populares no Brasil", pelo Institut de Coopération Intellectuelle. . Frequenta grupo de jovens escritores: Murilo Miranda, Carlos Lacerda, Moacir Werneck de Castro, da Revista Acadêmica.

-Rodrigo M F de Andrade realiza uma primeira viagem de inspeção aos monumentos históricos e artísticos do Nordeste (Bahia, Sergipe, Pernambuco e Paraíba), acompanhado do arquiteto José de Souza Reis e do fotógrafo Erich Joaquim Reis

-Prudente de Moraes Neto, torna-se assistente jurídico do SPHAN (até 1943).

-Gilberto Freyre publica, pela Editora José Olympio, "Assucar".
 -Revista do SPHAN n. 3

(FRANCO, Afonso Arinos de Melo. *O primeiro depoimento estrangeiro sobre o Aleijadinho; preparatório para a Libertação de São Pedro, obra da Escola de Rafael, na Biblioteca Pernambuco*; JARDIM, Luiz. *A pintura decorativa em algumas igrejas antigas de Minas*; BATISTA, Nair. *Pintores do Rio de Janeiro colonial (notas bibliográficas)*; SANTOS, Francisco Marques dos. *Dois artistas franceses no Rio de Janeiro - Armand Julien Pallière e Louis Alexis Boulanger*; DIAS, Hércia. *O mobiliário dos inconfidentes*; MARTINS, Judite. *Apontamentos para a bibliografia de Antônio Francisco Lisboa*; REIS, José de Souza. *O adro do Santuário de Congonhas*; VASCONCELOS, Salomão de. *Um velho solar de Mariana*; SAIA, Luiz. *O alpendre nas capelas brasileiras*; GODOFREDO FILHO. *A Torre e o Castelo de Garcia d'Ávila*; OLIVEIRA NETO, Luiz Camilo de. *Do Rio de Janeiro à Vila Rica*; COSTA, Lúcio. *Notas sobre a evolução do mobiliário luso-brasileiro*)

1940

Argentina

-criada a "Comisión Nacional de Monumentos, Sitios y Lugares Históricos", com a função de "*classificar, proteger e conservar os bens comuns da Nação*", voltada para os problemas dos museus históricos espalhados pelo país (quase "gabinetes de curiosidades"), nomenclatura de ruas, sinalização com placas de lugares históricos, participação na organização de cerimônias e festejos pátrios e comemorativos; resultado de discussões e iniciativas de proteção instauradas desde 1916, por ocasião do centenário da independência, foi dirigida até 1946 por Gustavo Gabriel Levene (1905-1987), historiador e escritor ;

Portugal

-o Brasil é o único país convidado a participar da "Exposição do Mundo Português", exposição de grandes proporções promovida pelo Estado salazarista, destinada a comemorar o 8º Centenário da Nacionalidade. Organizada em Lisboa, teve como arquiteto chefe Cottinelli Telmo e como arquiteto do pavilhão do Brasil, Raul Lino (o evento expressa a reinvidicação oficial por uma arquitetura que expressasse os valores nacionais; o Estado passa a rejeitar a arquitetura do MoMo).

Brasil

-Mario de Andrade mantém intercâmbio com a Argentina, através de Newton Freitas e Lydia Besouchet. Ainda no Rio de Janeiro, muda-se para Santa Teresa. Trabalha no SPHAN.

-Revista do SPHAN n. 4

(TA, Nair. *Valentim da Fonseca e Silva*; CARDOSO, Joaquim. *Observações em torno da história da cidade do Recife no período holandês*; CARNEIRO, David D. da Silva. *Colégio dos jesuítas em Paranaguá*. JARDIM, Luiz. *A pintura do guarda-mór José Soares de Araújo em Diamantina*. LAMEGO, Alberto Ribeiro. *Os sete povos das missões*; LEVY, Hannah. *Valor artístico e valor histórico: importante problema da História da Arte*. MARTINS, Judite. *Subsídios para a biografia de Manuel Francisco Lisboa*; OLIVEIRA NETO, Luiz Camilo de. *João Gomes Batista*. PONTUAL, Maria de Lourdes. *A sacristia da catedral da Bahia e a posição da igreja primitiva*. SANTOS, Francisco Agenor Noronha. *Aqueduto da Carioca*. SMITH, Robert C. *Alguns desenhos de arquitetura existentes no Arquivo Histórico Colonial Português*. VASCONCELOS, Salomão de. *Ofícios mecânicos em Vila Rica durante o século XVIII*. W. P. *Mobiliário, vestuário, jóias e alfaias dos tempos coloniais.*)

1941**Brasil**

- abertura dos primeiros cursos da Faculdade Católica, no Rio de Janeiro; em 1946 torna-se Universidade – PUC.
- fundada no Rio de Janeiro, pelo prof. Artur Ramos, a "Sociedade Brasileira de Sociologia e Antropologia".
- Luis da Câmara Cascudo funda no Rio Grande do Norte, a "Sociedade Brasileira de Folclore".
- realização da "Exposição de Folclore do Distrito Federal", cujo material ficou como acervo para um museu de tradições populares.
- Mario de Andrade volta para São Paulo. Permanece no SPHAN, como técnico da seção paulista. Inicia a pesquisa sobre o pintor e padre Jesuíno de Monte Carmelo.
- Revista "Cultura Política", oficial do governo Vargas, dirigida por Almir de Andrade, divulga as tradições brasileiras (até 1945).
- Revista do SPHAN n. 5

(ANDRADE, Mário de. *Uma carta do padre Jesuíno do Monte Carmelo*; BATISTA, Nair. *Caetano da Costa Coelho e a pintura da Ordem Terceira de São Francisco da Penitência*; COSTA, Lúcio. *A arquitetura jesuítica no Brasil*; CRULS, Gastão. *Decoração das malocas indígenas*; HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Capelas antigas de São Paulo*; LEVY, Hannah. *A propósito de três teorias sobre o barroco*; NIGRA, dom Clemente Maria da Silva. *Os dois grandes lampadários do mosteiro de São Bento no Rio de Janeiro*; OROSCO, E. *As avarias nas esculturas do período colonial de Minas Gerais*; REIS, Artur César Ferreira. *Vestígios artísticos da dominação lusitana na Amazônia*; SANTOS, Francisco Marques dos. *O ambiente artístico fluminense à chegada da Missão Francesa em 1816*; SMITH, Robert C. *O códice de frei Cristóvão de Lisboa*; VASCONCELOS, Salomão de. *Os primeiros aforamentos e os primeiros ranchos de Ouro Preto*.)

1942**França**

- Le Corbusier (em edição anônima) publica a *Carta de Atenas*, manifesto por uma nova arquitetura e um novo urbanismo, resultado do "II Congresso Internacional de Arquitetura Moderna - CIAM" ocorrido em 1933, em Atenas;

Brasil

- Mario de Andrade reassume em São Paulo a cátedra de História da Música. Sócio-fundador da Sociedade dos Escritores Brasileiros. Sócio correspondente da Sociedade de Etnologia e Antropologia.. Realiza conferência, no Rio de Janeiro, a convite da Casa do Estudante do Brasil, "O movimento modernista." . Recusa convites de viagem, entre eles do governo norte-americano para participar do Congresso Afro-Brasileiro no Haiti.
- fundação no Rio de Janeiro, pelo prof. Basílio de Magalhães, do "Instituto Brasileiro de Folclore".
- Ascêncio Ferreira faz trabalhos e pesquisas folclóricas, estimulado por Souza Barros, para a revista Arquivos, da Prefeitura do Recife.

-Revista do SPHAN n. 6
 (BANDEIRA, Manuel. *Dom Sebastião Leme*; CARVALHO, Airton. *Algumas notas sobre o uso da pedra na arquitetura religiosa do Nordeste*; CRULS, Gastão. *Arqueologia Amazônica*; LEITE, Serafim. *O colégio de Santo Alexandre e a igreja de São Francisco Xavier, de Belém do Grão Pará*; LEVY, Hannah. *A pintura colonial no Rio de Janeiro*, p.7NIGRA, dom Clemente Maria da Silva. *A prataria seiscentista do Mosteiro de São Bento*; RANGEL, Alberto. *O álbum de Highcliffe - The Landseer Sketchbook*; REIS, Artur César Ferreira.

Roteiro histórico das fortificações no Amazonas; SANTOS, José de Almeida. O estilo brasileiro Dona Maria ou Colonial Brasileiro; SANTOS, Francisco Agenor Noronha. Um litígio entre marceneiros e entalhadores no Rio de Janeiro).

1943

França

-lei instituindo o entorno de 500 metros em torno dos monumentos "classés et inscrits";
-Le Corbusier publica a "Carta de Atenas", documento do IV CIAM, ocorrido na Grécia em 1931;

Brasil

-Mario de Andrade inicia a publicação das sua "Obras Completas".
-criada, em São Paulo, a Editora Brasiliense por Caio da Silva Prado, Leandro Dupré, Hermes Lima, Artur Neves e Caio Prado Júnior.
-Revista do SPHAN n. 7
(BENISOVICH, Michel. *Frans Post e Albert Eckhout, pintores holandeses do Brasil, e as Tapeçarias das Índias dos Gobelins*; CARDOSO, Joaquim. *Um tipo de casa rural do Distrito Federal e Estado do Rio*; FREIRE, Gilberto. *Casas de residência no Brasil*; NIGRA, dom Clemente Maria da Silva. *A antiga fazenda de São Bento em Iguaçú*; OTT, Carlos F. *Os azulejos do convento de São Francisco da Bahia*; PINTO, Estevão. *Muxarabis e balcões*; REIS, Artur César Ferreira. *Das condições defensivas da Capitania do Pará ao findar o século XVIII*; RODRIGUES, José Wasth. *Móveis antigos de Minas Gerais*; TRINDADE, cônego Raimundo. *A igreja de São Francisco de Assis de Mariana*; VAUTHIER, Louis L. *Casas de residência no Brasil.*).

1944

Brasil

-Mario de Andrade torna público seu repúdio ao nazismo. Compra o Sítio Santo Antônio, em São Roque. Viaja a Belo Horizonte. Escreve para a Folha de São Paulo "Mundo musical" e "O banquete".
-Revista do SPHAN n. 8
(LACOMBE, Lourenço Luiz. *A fazenda de Santo Antônio em Petrópolis*. LEITE, Serafim. *Aldeia dos Reis Magos*; LEVY, Hannah. *Modelos europeus na pintura colonial*; NIGRA, dom Clemente Maria da Silva. *Temas pastoris na arte tradicional brasileira*; NIMUENDAJU, Curt. *A habitação dos Timbira*; REIS, Artur César Ferreira. *Aspectos da Amazônia na sexta década do século XVIII*; SAIA, Luiz. *Notas sobre a arquitetura rural paulista do segundo século*; SANTOS, Francisco Agenor Noronha. *O parque da praça da República, antigo da Aclamação*; TRINDADE, cônego Raimundo. *A casa de São Francisco em Mariana*).

1945

Final da II Guerra Mundial

A Organização das Nações Unidas - ONU, cria a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura - UNESCO, com sede em Paris e com o objetivo de garantir universalmente a justiça, a lei e os direitos do homem, entre todas as Nações, promovendo a educação, a ciência e a cultura; define-se o conceito de patrimônio e são estabelecidas convenções e recomendações para a sua salvaguarda;

França

- criação por decreto, no âmbito do Ministério da Educação Nacional, de uma direção geral de arquitetura encarregada dos monumentos históricos e dos sítios, com a tutela da CNMH, dos

edifícios civis e Palácios Nacionais, das pesquisas arqueológicas bem como da arquitetura (o ensino continua sob a direção geral de Artes e Letras);

Brasil

-Mario de Andrade participa do Primeiro Congresso Brasileiro de Escritores, em São Paulo, de 22 a 26 de janeiro. Publicados "Lira Paulista" e, em edição póstuma do SPHAN, seu estudo "Padre Jesuíno do Monte Carmelo". Morre de enfarte, no dia 25 de fevereiro, na sua casa na Rua Lopes Chaves.

-Inauguração do Museu Republicano Convenção de Itu, em Itu, São Paulo, fundado e organizado por Afonso de Escragnole Taunay.

-Revista "Cruzeiro" é reformulada.

-Lucio Costa publica na revista do Diretório Acadêmico da Escola nacional de Belas-Artes, "Considerações sobre o ensino da arquitetura".

-Revista do SPHAN n. 9

(ALMEIDA, Aluísio de. *Casas dos séculos XVIII e XIX em Sorocaba*; FRANÇA, Mário Ferreira. *A fortaleza de Villegaignon*; FREIRE, Mário A. *O convento da Penha*; LEVY, Hannah. *Retratos coloniais*; LIMA JÚNIOR, Augusto de. *A Congregação do Oratório e suas igrejas em Pernambuco*; NIGRA, dom Clemente Maria da Silva. *Francisco de Frias da Mesquita, engenheiro-mór do Brasil*; RODRIGUES, José Wash. *A casa de moradia no Brasil antigo*; SMITH, Robert C. *Documentos baianos*; SOUZA-LEÃO FILHO, Joaquim de. *Theatrum Rerum Naturalium Brasiliae*; TRINDADE, cônego Raimundo. *A Casa Capitular de Mariana*; VASCONCELOS, Salomão de. *Como nasceu Sabará*.)

1946

Brasil

-o Museu Nacional, criado por D.João VI em 1818 com a denominação de Museu Real, de caráter enciclopédico e universal, é incorporado à Universidade do Brasil, como Instituição Nacional, com responsabilidade pela preservação do patrimônio representado pelas coleções de materiais e dados concernentes ao conhecimento dos reinos mineral, vegetal e animal, bem como do homem.

-a Nova Constituição do Brasil, no seu artigo n. 178, determina que os bens culturais da nação deveriam ficar sob a proteção do poder público.

-Guimarães Rosa publica seu primeiro livro, "Sagarana".

-Revista do SPHAN n. 10

(FERREZ, Gilberto. *A fotografia no Brasil e um de seus mais dedicados servidores: Marc Ferrez (1843-1923)*; REIS, Artur César Ferreira. *O palácio Velho de Belém*; SANTOS, Francisco Agenor Noronha. *Fontes e chafarizes do Rio de Janeiro*; SOUZA-LEÃO FILHO, Joaquim de. *Palácio das Torres*.)

-A revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional rebeu o prêmio de honra na Segunda Exposição Internacional de Publicações Periódicas, ocorrida em Cuba, concorrendo com 1711 publicações.

1947

EUA

-criação do "National Council for Historic Sites and Buildings", na linha do "National Trust" inglês, com o objetivo de mobilizar a opinião, informar sobre necessidades e métodos da preservação, examinar e apoiar projetos específicos, inspecionar e pesquisar; um ato do Congresso do mesmo ano transforma a instituição no "National Trust for Historic Preservation" que mantém contato com Inglaterra, França, Alemanha e Suécia;

Brasil

- Rodrigo M F de Andrade é indicado para a presidência do Conselho de Organização do Salão Nacional de Belas Artes, em razão da disputa entre acadêmicos e modernos; integra a diretoria provisória fundadora do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, nas funções de vice-diretor-executivo.

-Revista do SPHAN n. 10

(BARRETO, Paulo Thedim. *Casas de câmara e cadeia*; OTT, Carlos F. *Noções sobre a procedência da arte de pintura na província da Bahia - manuscrito da Biblioteca Nacional*; REIS, Artur César Ferreira. *Guia Histórico dos Municípios do Pará*; SANTOS, Francisco Agenor Noronha. *Vestígios de fortim colonial no Engenho Novo.*); a Revista do IPHAN, que manteve a publicação de um número anual desde o ano de 1937, ano de criação do SPHAN, vai interromper a publicação durante sete anos (1948 – 1954).

1949

França

-"Primeiro Encontro de Especialistas em Sítios Históricos e Monumentos Antigos", para discutir restauração face à destruição da guerra;

Portugal

-a Presidência da República, através da Lei n.º 2032, promulga disposições sobre proteção e conservação de todos os elementos ou conjuntos de valor arqueológico, histórico, artístico ou paisagístico;

1950

Brasil

-Publicação em quatro volumes do livro "Documentário Arquitetônico: relativo à antiga construção civil no Brasil", de José Washt Rodrigues; a partir de desenhos executados durante viagem a Minas Gerais em 1918.

1952

Brasil

-O Marechal Rondon apresenta ao presidente Getulio Vargas o projeto de criação do Parque do Xingu (só vai ser criado em 1961 por Janio Quadros).

-Publicado no Rio de Janeiro o primeiro número da revista "Manchete", de Adolpho Bloch, revista semanal de entretenimento e fatos diversos, concorrente do "Cruzeiro"; "Brasília e Manchete cresceram juntas".

-"Primeiro Congresso Brasileiro de Antropologia", iniciativa de Heloisa Alberto Torres, com Roquete Pinto, Luiz de Castro Faria, Pedro Estevam de Lima e Tarcísio Torres Messias; proposta de criação da Associação Brasileira de Antropologia, efetivada em 1955.

1954

Holanda

- a "Convenção de Haia" ou "Convenção para a Proteção de Bens Culturais em caso de Conflito Armado", organizada pela UNESCO, reconhece o efeito devastador das guerras e proclama a necessidade de estabelecer medidas em tempo de paz, defende a execução de um inventário internacional dos bens culturais de maior importância, e a proteção, além do monumento, também da zona urbana e da paisagem rural;

Brasil

-Rodrigo M F de Andrade representa do Brasil no "Congresso Internacional de História da Arte e Museologia", promovido pelo The Metropolitan Museum of Art e pela Columbia University, realizado em Nova Iorque.

-“Dicionário do Folclore Brasileiro”, de Câmara Cascudo, recebe sua primeira edição. -publicado, no Jornal Correio da Manhã o trabalho de Lucio Costa “Depoimento de um arquiteto carioca – muita construção, alguma arquitetura e um milagre”.

1955

Portugal

-tem início o “Inquérito à Arquitetura Regional”, organizado por Francisco Keil Amaral; amplo levantamento fotográfico e tipológico da arquitetura popular portuguesa que é concluído e publicado em 1961, com o título de “Arquitectura Popular em Portugal”;

Brasil

-Heloisa Alberto Torres substitui Marechal Rondon na diretoria da “Conselho Nacional de Proteção ao Índio” - CNPI (até 1967).

-Depois de uma interrupção de sete anos (1948 – 1954) o SPHAN retoma a publicação da sua revista de forma irregular (sete números, nos anos de: 1955; 1956; 1959; 1961; 1967; 1969; 1978). Interrompida em 1978, a publicação é retomada em 1984, com novo formato e nova proposta editorial. Após quatro anos de publicação e outros quatro anos de interrupção, a revista é retomada em 1994, novamente reformulada do ponto de vista gráfico e editorial. Revista do SPHAN n. 12

(JAMES, David. *Um pintor inglês no Brasil do Primeiro Reinado*. JANSEN, dom Bonifácio. *Livro do gasto da sacristia do mosteiro de São Bento de Olinda, 1756-1802*; REIS, José de Souza. *Arcos da Carioca*; TRINDADE, cónego Raimundo. *Ourives de Minas Gerais nos séculos XVIII e XIX*; VASCONCELOS, Salomão de. *Como nasceu Ouro Preto: sua formação cadastral desde 1712.*)

1956

Brasil

-SPHAN completa 20 anos com Rodrigo M F de Andrade na direção.

-Revista do SPHAN n. 13

(GALVÃO, Alfredo. *Almeida Júnior: sua técnica e sua obra*; JAMES, David. *Rugendas no Brasil: obras inéditas*; OTT, Carlos F. *O forte do Mar na Bahia*; REIS, Artur César Ferreira. *O estado das fortificações da Amazônia na quinta década do século XVIII*; RUGENDAS, Johann Moritz. *Imagens e notas do Brasil*; SOUZA-LEÃO, Joaquim de. *Dois engenhos pernambucanos*; TRINDADE, cónego Raimundo. *A igreja de São José em Ouro Preto*; WILLEKE, frei Venâncio. *Convento de Santo Antônio de Ipojuca.*)

1957

-I Congresso Internacional de Arquitetos e Técnicos de Monumentos Históricos -proposta a criação de organismos nos diversos países para assegurar a proteção dos monumentos e de uma assembléia internacional de técnicos especializados na conservação de monumentos históricos;

1958

Brasil

-Primeira edição de “Visão do Paraíso”, de Sérgio Buarque de Holanda.

1959**Brasil**

- Rodrigo M F de Andrade faz viagem de inspeção à Bahia, viajando até Cacheira com o diretor do 4 Distrito do DPHAN, Godofredo Filho.
- Rodrigo M F de Andrade vai a Portugal participar do Congresso da História do Descobrimento, uma comemoração das comemorações henriquinas; visita as cidades de Porto e Évora e participa em Viseu de um colóquio de diretores de museus.
- Revista do SPHAN n. 14
- (BARATA, Mário. *Manuscrito inédito de Lebreton sobre o estabelecimento de dupla Escola de Artes no Rio de Janeiro em 1816*; GALVÃO, Alfredo. *Manuel de Araújo Porto Alegre: sua influência na Academia Imperial das Belas Artes e no meio artístico do Rio de Janeiro*; OTT, Carlos F. *O forte de Santo Antônio da Barra*; SIMÕES, João Miguel dos Santos. *Azulejaria no Brasil - comunicação destinada ao Colóquio de Estudos Luso-Brasileiros, Bahia, 1959*; TRINDADE, cónego Raimundo. *Igreja das Mercês de Ouro Preto: documentos do seu arquivo*; VASCONCELOS, Sílvio de. *Formação urbana do arraial do Tejuco.*).

1960**Brasil**

- Inaugurada Brasília, a nova capital do Brasil.
- Rodrigo M F de Andrade viaja com o arquiteto Paulo Tedim Barreto, então chefe da Seção de Arte da Divisão de Restauração do DPHAN, viaja para Portugal, visitando Aveiro.

1961**Brasil**

- o presidente Janio Quadros cria o Parque Nacional do Xingu.
- Rodrigo M F de Andrade recusa-se a encaminhar ordens do presidente Janio Quadros – destombamento da Santa Casa de Campos e construções irregulares em entorno de bens tombados – e coloca seu cargo à disposição; não é aceita sua demissão.
- Revista do SPHAN n. 115
- (BRAGANÇA, dom Carlos Tasso de Saxe-Coburgo e. *A formação artística da Imperatriz Dona Leopoldina*; FERRER, Anêmona Xavier de Basto. *Monumentos construídos pelos portugueses no Brasil*; GALVÃO, Alfredo. *Obras no antigo edifício da Academia Imperial de Belas Artes*; MARTINS, Judite. *Novos subsídios acerca de Manuel Francisco Lisboa*; MELO, José Antônio Gonçalves de. *Cristóvão Álvares: engenheiro em Pernambuco*; MENEZES, Ivo Porto de. *O palácio dos Governadores de Cachoeira do Campo*; OTT, Carlos F. José Joaquim da Rocha).

1962**Brasil**

- Carlos Drummond de Andrade aposenta-se como chefe de seção do DPHAN (Departamento do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), após 35 anos de serviço público.

1964**Itália**

- realização em Veneza do II Congresso de Arquitetos e Técnicos de Monumentos Históricos realizado em Veneza; redação e adoção pelo ICOMOS - Conseil international des monuments et des sites - da "Carta internacional sobre a conservação e a restauração de monumentos e sítios", a Carta de Veneza; pontos mais importantes: (a) ampliação do conceito

de monumento, valorizando não só os monumentos históricos isolados, mas também conjuntos urbanos e rurais com significado especial, obras modestas com valor cultural; ares envoltória, sítio de implantação ;(b) respeito aos materiais e as diferente fases de transformação do edifício, que não devem ser adulteradas ou destruídas; (c) preceder o trabalho de restauração de investigação arqueológica e histórica do monumento, utilizando meios inter-disciplinares avançados: levantamentos arqueológicos, sondagens estratigráficas, técnicas estáticas, procedimentos magnéticos, técnicas informáticas, fotogrametria e outros; (d) reversibilidade das intervenções estruturais e construtivas de restauração; (e) necessidade de manutenção periódica dos edifícios e uma destinação funcional socialmente útil.

1966

Brasil

-Rodrigo M F de Andrade viaja para a Bélgica para fazer contatos de trabalho com o Sr. Coremans, diretor do Institut Royal du Patrimoine Artistique. ; faz conferências nas Universidades de Louvain e Cand, na Escola de Arquitetura de Bruxelas e no Museu real de Bleas Artes. Em Paris, a convite de Lourival Gomes Macahdo, participa de reunião de peritos para discutir o intercambio de objetos pertencentes a museus.

1967

Brasil

-Rodrigo M F de Andrade aposenta-se e deixa a direção do SPHAN, encerrando 31 anos de "sofrida gestão adminsitrativa".

Conclusão

Esse trabalho partiu de duas provocações. A primeira, e mais importante, é uma herança deixada por Mario de Andrade em forma de Anteprojeto para a criação do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. A outra é a forma como essa herança vem sendo apropriada e os discursos e até leis que ela tem gerado. Refiro-me especialmente à dissociação entre a materialidade e a imaterialidade do patrimônio, que ignora o campo de saber específico da preservação do patrimônio, conforme procurei tratar nos primeiros dois capítulos desse trabalho.

De fato é um desafio tentar entender a concepção de patrimônio de Mario de Andrade, que abre mão do modelo francês, para propor um perfil híbrido, etnológico (e não imaterial) *avant la lettre*, mas sem fazer juízo moral ou discurso ideológico, só porque para ele a formação de uma cultura de expressão nacional sem base no folclore é "pedregulho na botina".

Desafio que me encaminhou para procurar definir também, sem dar conta de toda essa extensão e complexidade, para as concepções de Mario de Andrade sobre arte, patrimônio, nacionalidade e principalmente sobre cultura popular - que ele ia nomeando de folclore, de etnografia, de etnologia, alternadamente, enquanto confessava que não tinha clareza quanto à noção exata, até porque isso não tinha nenhuma importância, tratando de dar andamento ao trabalho pioneiro da Sociedade de Etnografia e Folclore do Departamento de Cultura de São Paulo. E, de novo, como pudemos descobrir ao longo do trabalho, ele vai ousar uma mistura que não era aceita pelos pesquisadores e militantes das respectivas áreas, ou seja, de folclore com etnologia. Muito esclarecedor foi seguir o raciocínio de Peter Burke quando ele lembra que a mentalidade que orientou os primeiros eruditos para a pesquisa do folclore foi a mesma que os tinha atraído para a etnologia, para o selvagem. Os arqueólogos, principalmente os ingleses, se fizeram etnólogos buscando, segundo E. Hobsbawm, conhecer-se melhor, conhecer o seu próprio passado selvagem remoto, espelhado na outra cultura viva, mas em estágio evolutivo anterior.

No momento em que P. Rivet inaugurava em Paris o Museu do Homem, reformulando completamente o antigo Museu de Etnografia com projeto de Rivière, este parte levando as coleções européias para fundar um outro museu, o de Artes e Tradições Populares. Apenas dois anos depois do áspero diálogo entre Heloisa Alberto Torres e Mario de Andrade sobre coleções de museus de etnografia e história natural, gerado pelo Anteprojeto. Sem esquecer que Dina Levi-Strauss, antes de vir para o Brasil em 1934, trabalhava com Rivet com quem matem correspondência.

Se etnologia não se misturava com folclore, muito menos com patrimônio. Ao longo da história da formação desses saberes, no século XIX, fica claro que o movimento era muito mais de autonomia para constituição de diferentes disciplinas. A questão levantada pelo Anteprojeto ficou latente até encontrar no ambiente globalizado o equilíbrio, ou desequilíbrio, que precisava para germinar. Ao longo da elaboração do trabalho foi se afirmando uma alternativa ao encaminhamento das proposições de Mario de Andrade, no âmbito do chamado "Patrimônio Etnológico", explicado por Isaac Chiva, da Missão do Patrimônio Etnológico que funcione no Ministério da Cultura da França, desde 1980: " O patrimônio etnológico de um país compreende os modos específicos de existência material e de organização social dos grupos que o compõem, seus saberes, suas representações do mundo, e, de maneira geral, os elementos que fundam a identidade de cada grupo social e o diferencia dos outros".

De qualquer forma, esse esforço para delimitar o campo de conhecimento da preservação do patrimônio, conduzida pela liberdade criativa de Mario de Andrade, tentando entender as origens da idéia e da prática do patrimônio no Brasil, longe de apontar para respostas, sugere uma necessidade de revisão de conceitos e de práticas adequadas à uma realidade incompatível com antigas concepções e com novas concepções impensadas. Face ao universo virtual e à modernidade líquida, Victor Hugo continua ecoando ao fundo: Isso matará aquilo !

Bibliografia

- ACERVO de Pesquisas Folclóricas de Mario de Andrade 1935 – 1938 (*Catálogo*). São Paulo, Prefeitura do Município de São Paulo / CCSP, 2000.
- ALVARENGA, Oneyda. *Catálogo Ilustrado do Museu Folclórico*. São Paulo, Prefeitura do Município de São Paulo, 1950.
- AMOROSO, Marta. “Sociedade de Etnografia e Folclore (1936-1939). Modernismo e Antropologia”. In: DAVIDOFF, Regina (org.). *Catálogo da Sociedade de Etnografia e Folclore*. São Paulo, Prefeitura do Município de São Paulo / CCSP, 2004.
- ANDRADE, Carlos Drummond *O observador no escritório*. Rio de Janeiro, Record, 1985.
- ANDRADE, Mario *O Turista Aprendiz*. São Paulo, Duas Cidades, 1976.
- ANDRADE, Mário de *A Enciclopédia Brasileira*. São Paulo, EDUSP, 1993.
- ANDRADE, Mario *A Capela de Santo Antonio*. In: *Revista do SPHAN*, nº 1, Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Saúde, 1937
- ANDRADE, Rodrigo Melo Franco. *Rodrigo e o SPHAN*. Rio de Janeiro, MinC/SPHAN/ Pró-Memória, 1987.
- ARANHA, Graça. *Espírito Moderno*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, s.d. (segunda edição).
- ARANTES, Antonio Augusto. *Cultura e Cidadania*. In: *Revista do Patrimônio*, n. 24, Rio de Janeiro, IPHAN, 1996.
- ARGAN, Giulio Carlo *A História da Arte como História da Cidade*. São Paulo, Martins Fontes, 1992.
- ARIZZOLI-CLEMENTEL, Pierre. "L'Académie de France à Rome". *Revue Monuments Historiques*, 123, 1982.
- BABELON, Jean-Pierre e CHASTEL, André *La notion de patrimoine*. Paris, Liana Levi, 1994.
- BATISTA, Marta Rossetti (org.). *Coleção Mário de Andrade. Religião e Magia / Música e Dança / Cotidiano*. São Paulo, EDUSP, 2004.
- BAUMAM, Zygmunt *Identidade*. Rio de Janeiro, ZAHAR, 2005.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro, Zahar, 2001.

- BAZIN, Germain. *L'Architecture religieuse baroque au Brésil*. Paris / São Paulo, Librairie Plon / Museu de Arte de São Paulo, 1956.
- BOSI, Alfredo *Dialética da Colonização*. São Paulo, Companhia das Letras, 1993.
- BOSI, Eclea *Memória e Sociedade*, São Paulo, T.A. Queiroz Editor, 1979.
- BREFFE, Ana Claudia Fonseca *O Museu Paulista*. São Paulo, UNESP, 2003.
- BURKE, Peter *Cultura popular na Idade Moderna*. São Paulo, Companhia das Letras, 1978.
- BURKE, Peter Gilberto Freyre e a Nova História. In: *Tempo Social*, São Paulo, v.9, n.2, p. 1-12, out. 1997.
- CADERNOS DA CULTURA, direção de José Simeão Leal. Coleção do Ministério da Educação e Saúde (a partir da década de 1950 MEC) – Serviço de Documentação.
- CAMPOFIORITO, Ítalo. As primeiras árvores. *Revista do Patrimônio*, n.26. Rio de Janeiro, 1997.
- CANDIDO, Antonio. *O discurso e a cidade*. São Paulo, Duas Cidades, 1993.
- CANDIDO, Antonio. *Iniciação à Literatura Brasileira*. São Paulo, Humanitas, 1999.
- CANDIDO, Antonio. *Uma palavra instável (nacionalismo)*. Jornal Folha de São Paulo, 27 de agosto de 1995.
- CARLINI, Álvaro. *Cachimbo e Maracá: o Catimbó da Missão*. São Paulo, Centro Cultural de São Paulo, 1993.
- CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. Rio de Janeiro, Edições de Ouro, 1982 .
- CASTRO, Sonia Rabello de. *O Estado na Preservação de Bens Culturais*. Rio de Janeiro, Renovar, 1991.
- CAVALCANTI, Lauro. Encontro Moderno: volta futura ao passado. In: *A invenção do Patrimônio*, Rio de Janeiro: MinC / IPHAN, 1995.
- CAVALCANTI, Lauro (org.). *Modernistas na repartição*. Rio de Janeiro, UFRJ / MinC – IPHAN, 2000.
- CHAUÍ, Marilena. *Cidadania cultural - O direito à cultura*. São Paulo, Fundação Perseu Abramo, 2006.
- CHOAY, Françoise. *A alegoria do patrimônio*. São Paulo, UNESP, 2001.
- CHOAY, Françoise (org.). *La Conférence d' Athènes*. Paris, Les éditions de l'imprimeur, 2002.

- CHOAY, Françoise. "Patrimoine et mondialisation". Texte de conférence, Université Cadi Ayad, Marrakech, 2004. Consultado em: www.ambafrance-ma.org/cjb/Textes_en_ligne/CONF/CONF_CHOAY_Pat.pdf -
- CHUVA, Márcia (org.). *A invenção do patrimônio*. Rio de Janeiro, Edições do Patrimônio / IPHAN, 1995.
- CLIFFORD, James. *A experiência etnográfica*. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 2002.
- CORREIA, Virgílio. *Etnografia Artística Portuguesa*. Barcelos, Editora do Minho, 1937.
- COSTA, Dante. *O sensualismo alimentar em Portugal e no Brasil*. Rio de Janeiro, Departamento de Imprensa Nacional / Ministério da Educação e Saúde, 1952.
- CUCHE, Denys. *A noção de cultura nas ciências sociais*. São Paulo, EDUSC, 2003.
- CURY, Isabelle (org.). *Cartas Patrimoniais*. Rio de Janeiro, IPHAN, 2000.
- DAVIDOFF, Maria Regina (org.). *Catálogo da Sociedade de Etnografia e Folclore*. São Paulo, Prefeitura do Município de São Paulo / CCSP, 2004.
- DE FUSCO, Renato. *La Idea de Arquitectura*. Barcelona, Gustavo Gili, 1976.
- DEGLI, Marine & MAUZE, Marie. *Arts Premiers – Le temps de la reconnaissance*. Paris, Gallimard, 2000.
- DIEGUES JUNIOR, Manuel. *Etnias e Culturas no Brasil*. Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Saúde, 1952.
- ECO, Humberto. "From Internet to Gutenberg". Consultado em: <http://www.hf.ntnu.no/anv/Finnbo/tekster/Eco/Internet.htm>, 15/set/2003 ; a lecture presented at The Italian Academy for Advanced Studies in America, 1996 ; http://www.giulio.camillo.org/txt_1.htm ;
- EPRON, Jean-Pierre. "De l'enseiment de l'art à la distinction de l'artiste", *Revue Monuments Historiques*, 123, 1982, pp.49 a 59.
- ETIENNE, Roland. "Quand les premiers archéologues découvrirent la Grèce". Consultado em www.clio.fr/BIBLIOTHEQUE/quand_les_premiers_archeologues_decouvrirent_la_grece.asp
- FARIA, Luiz de Castro. "Nacionalismo, nacionalismos – dualidade e polimorfia: à guisa de depoimento e reflexão". In: *A invenção do Patrimônio*, Rio de Janeiro, MinC / IPHAN, 1995.
- FERNANDES, Florestan. *O folclore em questão*. São Paulo, Hucitec, 1978.
- FONSECA, Maria Cecília Londres, *O patrimônio em processo: trajetória da política federal de preservação no Brasil*, Rio de Janeiro, UFRJ/IPHAN, 1997.
- FONSECA, Maria Cecília Londres. "Referências Culturais: base para novas políticas de patrimônio". In: *O Registro do Patrimônio Imaterial*, Brasília, IPHAN, 2000.

FRANCE, Anatole. *Pierre Nozière*. Consultado em Free eBook :
<http://manybooks.net/titles/francean1016010160-8.html>

FROTA, Leila Coelho (org.). *Mário de Andrade: cartas de trabalho*. Rio de Janeiro, SPHAN / Pró-Memória, 1981.

FREYRE, Gilberto. *Problemas Brasileiros de Antropologia*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1959.

FREYRE, Gilberto. *Manifesto Regionalista de 1926*. Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Cultura, 1955.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. "O templo e o fórum - Reflexões sobre museus, antropologia e cultura". In: *A invenção do patrimônio*. Rio de Janeiro, MinC - IPHAN, 1995.

GONÇALVES, Cláudio do Carmo. *Ficções do Patrimônio: Raízes da memória em Gustavo Barroso e Mario de Andrade*. Rio de Janeiro, Agora da Ilha, 2004.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. *A retórica da perda*. Rio de Janeiro, Editora UFRJ / MinC-IPHAN, 1996.

GOODWIN, Philip L.; KIDDER SMITH, G.E. *Brazil Buids – Architecture New and Old 1652-1942*. New York, The Museum of Modern Art, 1943.

GUEDES, Tarsila. *O lado doutor e o gavião de penacho*. São Paulo, AnnaBlume, 2000.

HALEVY, Jean-Pierre. *La crise du patrimoine em France et au Bresil - notes pour une conférence*, in-folio, 1996.

"History of ethnographic collections in Europe ; Nineteenth century anthropology and its effects on Pitt Rivers" . Consultado em:
<http://sapis.ukc.ac.uk/PRM/prmroot/misc/histcov.html>

HOBSBAWM, Eric J. *Nações e Nacionalismo*. São Paulo, Paz e Terra, 1990.

HOBSBAWM, Eric J; RANGER, Terese (org.). *A invenção das tradições*. São Paulo, Paz e Terra, 2002.

IPHAN – Memória Oral. Rio de Janeiro, n. 6, 1994.

JARRASSÉ, Dominique. "1831 ou la spéculation sur l'architecture pure". *Revue Monuments Historiques*, 123, 1982, pp.72 a 76.

JUNGE, Peter (org.). *Arte da África. Obras – Primas do Museu Etnológico de Berlim*. Catálogo de Exposição / Centro Cultural Banco do Brasil, 2003.

LARAIA, Roque de Barros. *Cultura, um conceito antropológico*. Rio de Janeiro, Zahar, 2002.

- LE GOFF, Jacques, *Histoire et mémoire*, Paris, Gallimard, 1981.
- LE GOFF, Jacques, Memória. In: *Enciclopédia Einaudi*, Lisboa: Casa da Moeda, 1997.
- LAENEN, Marc. Editorial in: *ICCROM CHRONIQUE*, no 24, Centre International d'Études por la Conservation et la Restauration des Biens Culturels, Roma, 1997.
- LAFETÁ, João Luis. *Mario de Andrade*. São Paulo, Editora Abril, 1982.
- LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. Rio de Janeiro, ZAHAR.
- LEFEBVRE, Henri. *Introdução à modernidade: prelúdios*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969.
- LEMOS, Carlos Alberto Cerqueira. *À procura da memória nacional*. In. Folio.
- LEMOS, Carlos Alberto Cerqueira. *O que é patrimônio histórico*. São Paulo, Brasiliense, 1984.
- LE VOYAGE d'Italie d'Eugène Viollet-le-Duc 1836-1837*. Paris, Ecole Nationale Supérieure des Beaux-Arts, 1987.
- LOPEZ, Telê Ancona. *Eu sou trezentos, eu sou trezentos-e-cincoenta*. São Paulo, CCSP, 1992.
- LOPEZ, Telê Ancona. *A imagem de Mario*. Rio de Janeiro, Alumbramento, 1998.
- LOURENÇO, Maria Cecília França. *Museus acolhem o Moderno*. São Paulo, EDUSP, 1999.
- LOURENÇO, Maria Cecília França. "Museus à grande". *Revista do Patrimônio* n.30, Rio de Janeiro, MinC /IPHAN, 2002.
- LOURENÇO, Maria Cecília França. *Operários da Modernidade*. São Paulo, Hucitec / EDUSP, 1995.
- MACK, John. "A percepção dos objetos culturais". In: *Culturas do Índico*. Catálogo de exposição da Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, 1998.
- MAGALHÃES, Aloísio. *E Triunfo?* Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1985.
- MALLIER, Jef, Patrimoine culturel et développement durable: em quoi sont-ils liés?, In: *ICCROM CHRONIQUE*, no 24, Centre International d'Études por la Conservation et la Restauration des Biens Culturels, Roma, 1997.
- MARIANNO FILHO, José. *Estudos de Arte Brasileira*. Rio de Janeiro, Mendes Junior, 1942 .
- MARIJISSEN, R. H. "Les marbres de lord Elgin". *Revue NUANCES*, 24, juin 2000.
Consultado em : <http://aripa.free.fr/Nuances24.pdf>.
- MARIO de Andrade: cartas de trabalho*. Brasília, MEC /SPHAN / Pró-Memória, 1981.

MARIO de Andrade Diretor do Departamento de Cultura. São Paulo, Imprensa Oficial / CCSP, 2003.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra. Do teatro da memória ao laboratório da História: a exposição museológica e o conhecimento histórico. In: *Anais do Museu Paulista*, vol. 2, jan. / dez. 1994.

MOHEN, Jean-Pierre, *Le Nouveau Musée de l'Homme*. Paris, Odile Jacob et MNHN, 2004.

MORAES, Rubens Borba; BERRIEN, Willian (org.). *Manual Bibliográfico de Estudos Brasileiros*. Senado Brasileiro, Biblioteca Básica Brasileira, 1998 (1ª edição 1949, dois volumes). Consultado em : <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/sf000048.pdf>

MORI, Victor Hugo. " Arqueologia e Restauração: anotações para o debate". In: Mori, V.H; SOUZA, M.C.; BASTOS, R.L.; GALLO, H.(org.). *PATRIMÔNIO: atualizando o debate*. São Paulo, IPHAN, 2007.

NORA, Pierre (org.). *Les Lieux de Mémoire*. Paris, Gallimar, 1997 (vol.1, vol. 2 , vol. 3)

PALLARES-BURKE, Maria Lucia Garcia. *Gilberto Freyre - Um vitoriano dos trópicos*. São Paulo, UNESP, 2006.

PARENT, Michel. "O futuro do patrimônio arquitetônico", In: *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, n. 19, Rio de Janeiro, MEC/SPHAN/Pró-Memória, 1984.

Patrimônio Imaterial - dossiê final da comissão e do grupo de trabalho Patrimônio Imaterial, in folio, Brasília, IPHAN / MinC, 2000.

PEIXOTO, Fernanda. "Mário e os primeiros tempos da USP". *Revista do Patrimônio* n.30, Rio de Janeiro, MinC / IPHAN, 2002.

PESSOA, José (org.). *Lucio Costa: Documentos de trabalho*. Rio de Janeiro, IPHAN, 1998.

PINON, Pierre. "Les 'Envois de Rome' ". *Pompéi- Travaux et envois des architectes français au XIX siècle* , Paris, Ecole Nationale Supérieure des Beaux-Arts, 1981.

Proteção e revitalização do patrimônio cultural no Brasil: uma trajetória, Publicações da Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, n. 31, Brasília, Ministério da Educação e Cultura/ Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/Fundação Pró-Memória, 1980.

POMIAN, Krzysztof. *Coleção*. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1997.

POULOT, Dominique. *Une histoire politique des musées*. Paris, Editions de la Découverte, 2005. Consultado em : <http://www.lahic.cnrs.fr/spip.php?article202> .

RAFFAINI, Patrícia Tavares. *Esculpindo a Cultura na Forma Brasil*. São Paulo, Humanitas, 2001.

- Revista do Patrimônio, n.31, Museus, RJ, 2006.
- RIBEIRO, Maria Aparecida Silva. *Mário de Andrade e a Cultura popular: bendito o fruto dessa leitura*. Curitiba, Secretaria da Cultura – Governo do Estado do Paraná, 1997.
- RIEGL, Alois. *Le Culte Moderne des Monuments sa nature, son origine*. Paris, In extenso, 1984.
- RICCEUR, Paul. *La mémoire, l'histoire, l'oubli*. Paris, Seuil, 2000.
- RODRIGO e o SPHAN, *coletânea de textos sobre patrimônio cultural*. Rio de Janeiro, MinC/SPHAN/Pró-Memória, 1987.
- RODRIGUES, Marly. *Imagens do passado*. São Paulo, Imprensa Oficial, 2000.
- RUBINO, Silvana "O mapa do Brasil passado", In: *Revista do Patrimônio*, n. 24 (org. Antonio Arantes), Rio de Janeiro, MinC/IPHAN 1996.
- RUBINO, Silvana "A memória de Mário". *Revista do Patrimônio* n.30, Rio de Janeiro, MinC / IPHAN, 2002.
- SAIA, Luiz *Morada Paulista*, São Paulo, Perspectiva, 1972.
- SANDRONI, Carlos. "Mário, Oneyda, Dina e Claude". *Revista do Patrimônio* n.30, Rio de Janeiro, MinC / IPHAN , 2002.
- SANTOS, Cecília Rodrigues dos. "A outra Missão de Mário de Andrade". *Jornal do IPHAN* n. 3, Brasília, IPHAN, 1995.
- SANTOS, Cecília Rodrigues dos. *Novas fronteiras e novos pactos para o patrimônio cultural*. In: *Revista São Paulo em Perspectiva*, vol.15, 2, abr/jun 2001.
- SANTOS, Cecilia Rodrigues dos. "Saberes e Fazer paulistas" . Comunicação no Seminário Internacional *Patrimônio Imaterial: estratégias e formas de proteção*, IPHAN, Fortaleza, 1997.
- SANTOS, Mariza Veloso Motta. "Nasce a Academia SPHAN". In: *Revista do Patrimônio* n. 24. Rio de Janeiro, IPHAN, 1996.
- SILVA, Maciel Henrique, SILVA, Kalina Vanderlei. *Dicionário de conceitos históricos*. São Paulo, Contexto, 2005
- SOARES, Lélia Gontijo. *Mário de Andrade e o Folclore*. Rio de Janeiro, FUNARTE, 1983.
- STAROBINSKI, Jean. *A invenção da liberdade*. São Paulo, UNESP, 1994 .
- SUANO, Marlene. *O que é museu*. São Paulo, Brasiliense, 1986.
- SYNDER, James; CATANESE, Anthony (org.). *Introdução à arquitetura*. Rio de Janeiro, Editora Campus, 1984.

TEJADA, Pilar Romero. "O objeto etnográfico como arte. Invenção ou realidade?" In: *Culturas do Índico*. Catálogo de exposição da Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1998.

VALLET, Fausto. "Les 'Restaurations' . *Pompéi- Travaux et envois des architectes français au XIX siècle* , Paris, Ecole Nationale Supérieure des Beaux-Arts, 1981, pp. 67 a 78.

VIOLLET-LE-DUC, Eugène Emmanuel. *Restauração*. São Paulo, Artes&Ofícios, 2000.

Adeus sala! adeus cadera!
Adeus piano de tocá!
Adeus tinta de escrevê!
Adeus papé de assentá!

Adeus, as moça sentada,
Adeus luiz de alumiá,
Adeus casa de alicerce,
E a honra desse lugá! *

** Improviso de Chico Antonio, recolhido por Mario de Andrade
Bom Jardim, 1929, in: "Mario de Andrade – O turista aprendiz"